UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS

FERNANDO BUSTAMANTE

Duas revoluções:
O percurso estético-político na literatura de John Reed.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos Literários em Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Puglia.

São Paulo

2014

Nome: BUSTAMANTE, Fernando

Título: Duas revoluções: O percurso estético-político na literatura de John Reed.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A Camila Radwanski (*in memoriam*).

Uma revolucionária que, como John Reed, partiu cedo demais.

Você vive em nossa luta.

Aos garis do Rio, que mostraram o caminho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Daniel, que não apenas me acolheu nessa empreitada, mas que foi fundamental em sua sugestão de tema para a dissertação.

À minha família que, mesmo não concordando, sempre me apoiou.

Aos meus camaradas, que estão lado a lado a cada dia naquilo que é mais fundamental.

Aos que me aguentaram nos momentos difíceis e decisivos e que me ajudaram a concluir esta dissertação.

À Helena, que foi fundamental para me incentivar e me ajudar a combater meus fantasmas interiores.

À CNPq que financiou esta pesquisa por meio de uma bolsa de mestrado e, principalmente, a todos os trabalhadores que a sustentam com seus impostos.

Ninguém nasce bolchevique. Deve-se aprender. E isso leva um longo tempo, por uma combinação de militância, luta, sacrifícios pessoais, provas, estudos e discussão. Fazer um bolchevique é um longo e penoso processo. Mas, em compensação, quando se obtém um bolchevique, consegue-se algo. Quando se obtém a quantidade suficiente deles, pode-se fazer o que se desejar, inclusive a revolução.

- James P. Cannon.

RESUMO

BUSTAMANTE, F. **Duas revoluções: O percurso estético-político na literatura de John Reed.** 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Estudo da evolução estética e política na obra de John Silas Reed (1897-1920) a partir de, fundamentalmente, duas de suas obras: seu primeiro livro, *Insurgent Mexico* (México Insurgente – 1914) e seu último livro publicado em vida, *Ten Days that Shook the World* (Dez dias que abalaram o mundo – 1919). A partir da crítica materialista-dialética a dissertação aborda o percurso de John Reed e procura demonstrar, numa leitura comparada entre as duas obras, como a transformação da visão política de seu autor se expressa na transformação estética de suas obras. Também se procura fazer uma leitura crítica da recepção de John Reed e a interpretação de sua obra nas décadas posteriores à sua morte.

Palavras-chave: John Reed. Revolução Russa. Revolução Mexicana. Bolchevismo. Literatura marxista. Materialismo dialético.

ABSTRACT

BUSTAMANTE, F. **Two revolutions: The aesthetical and political development in John Reed's literature.** 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

A study regarding the aesthetical and political development within the work of John Silar Reed (1897-1920) based upon, fundamentally, two of his books: his first one, *Insurgent Mexico* (1914), and the last one published in his lifetime, *Ten Days that Shook the World* (1919). From the dialectical-materialistic standpoint, the study approaches John Reed's life and tries to demonstrate, through a compared Reading between these two books, how the transformation in the author's political view is related to the aesthetical transformation in his writing and literary composition. John Reed work's reception and criticism is also critically regarded.

Keywords: John Reed. Russian Revolution. Mexican Revolution. Marxist literature. Bolshevism. Dialectical materialism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.2 John Reed – Um homem e sua época.....	10
1.2 O primeiro encontro entre arte e política – A greve em Paterson e o <i>Pageant</i>	13

2 ANÁLISE DAS OBRAS

2.1 México Insurgente.....	19
2.1.1 Descrições e paisagens.....	24
2.1.2 As contradições entre oficiais e soldados no campo constitucionalista.....	32
2.1.3 A relação de Reed com os camponeses e a defesa de sua causa revolucionária....	38
2.1.4 Madero, Carranza e a Revolução.....	54
2.1.5 Villa como dirigente e símbolo dos camponeses revolucionários.....	68
2.1.6 As mulheres e a Igreja no México.....	86
2.1.7 Reed e o México: uma visão subjetiva da revolução.....	96
2.2 Dez dias que abalaram o mundo.....	109
2.2.1 Antes dos dez dias.....	111
2.2.2 Um livro planejado para incendiar o mundo.....	118
2.2.3 O método de exposição.....	127
2.2.4 Descrições.....	142
2.2.5 A construção das personagens.....	158
2.2.6 Os órgãos da burguesia e dos socialistas “moderados”.....	166
2.2.7 A desmoralização, ridicularização e o desespero nas fileiras contrarrevolucionárias.....	169

2.2.8. Os dissensos entre os bolcheviques e sua relação com os trabalhadores.....	199
2.2.9 O exército como palco dos enfrentamentos de classe.....	207
3 CONCLUSÃO.....	219
3.1 Um caminho para a arte de um mundo novo.....	257
3.2 A liberdade da imprensa e do artista.....	237
3.3 Uma obra perigosa.....	245
REFERÊNCIAS.....	270

1 INTRODUÇÃO:

John Reed – um homem e sua época

*Os homens fazem a sua própria história,
mas não a fazem segundo a sua livre vontade,
em circunstâncias escolhidas por eles próprios,
e sim nas circunstâncias imediatamente encontradas,
dadas e transmitidas pelo passado.
A tradição de todas as gerações mortas
oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.
- Karl Marx, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.*

John Silas Reed (1887-1920) viveu uma vida extraordinária, breve e intensa, e estudar a sua obra – mais ainda do que a da maior parte dos autores – é algo que não pode ser realizado sem que compreendamos sua trajetória. Graduado na Universidade de Harvard, um lugar cujo propósito sempre foi o de formar a classe dominante dos Estados Unidos, Reed tornou-se uma célebre “ovelha negra” dessa tradição.

Deixou os bancos escolares com a ideia de escrever e viver intensamente a vida, indo viajar para a Europa trabalhando em um navio, e retornando para se estabelecer em Nova Iorque. Chegando lá, foi morar em Greenwich Village, um bairro famoso por abrigar intelectuais e artistas de esquerda, com ideias bastante progressistas para sua época. Foi então que começou a ter contato com a enorme miséria que atingia a maior parte da população que vivia na assim chamada “capital do mundo”, o que sensibilizou o jovem Reed imensamente, fazendo com que cada vez mais ele se sentisse impelido a fazer algo para mudar aquela situação. Como escreveu depois,

Nas minhas incursões pela cidade, não podia ajudar mas observava a feiúra da pobreza e todas as sequelas de seus males, a cruel desigualdade entre os ricos, com seus muitos carros, e os pobres, sem ter o suficiente para comer. Eu soube então, e não foi pelos livros, como os trabalhadores produzem toda

a riqueza do mundo, e que esta vai para aqueles que nada fazem para merecê-la.¹

Logo, Reed começa a ter contato com o movimento operário a partir da IWW (Industrial Workers of the World – uma central sindical que se opunha à burocrática e conservadora AFL – American Federation of Labor). O momento em que o sentimento vago de protesto social do jovem romântico passa a ganhar os contornos mais definidos de uma consciência de classe do ativista político, com uma compreensão mais nítida da luta entre duas classes irreconciliavelmente antagônicas, ocorreu na greve dos trabalhadores têxteis de Paterson, a qual Reed, tendo tomado contato como jornalista, rapidamente tomou para si como uma causa a ser defendida ativamente, levando à sua primeira prisão.

A partir de então se inicia um movimento lento e contínuo em que a afirmação de Reed como sujeito vai perdendo os contornos de uma afirmação enquanto indivíduo, pois ele passa a se perceber cada vez mais como parte de uma luta social e coletiva; assim, sua afirmação como sujeito não se completa na esfera individual e privada do artista, mas na esfera política e social do ativista e militante – e, mais do que isso, estas duas vão cada vez mais se fundindo em uma só. A ideia de arte como afirmação de sua subjetividade passa a ficar em segundo plano, dando lugar a ideia da intervenção política ao lado dos trabalhadores. É esta modificação que a forja da realidade material da luta de classes passa a operar na matéria-prima maleável de sua consciência. Sua escrita se modifica no passo destas transformações.

Depois disso, a trajetória de Reed ainda irá passar por algumas idas e vindas em busca de seu ideal político e artístico. Ele irá cobrir a revolução mexicana e a primeira guerra mundial como correspondente, e, por fim, ao acompanhar de perto a revolução russa, Reed descobre um projeto político que considera digno de que dedique sua vida integralmente a ele: no Partido Bolchevique o autor encontra uma força política capaz de expressar os desejos dos trabalhadores e acompanhar sua luta até as últimas consequências contra a burguesia e o capitalismo. Ao regressar aos Estados Unidos, em janeiro de 1918, John Reed retorna como um bolchevique e se dedicará a um intenso processo de luta política no interior do Partido Socialista, junto a milhares de outros militantes inspirados pela experiência da revolução russa, até a cisão com a ala direita

¹ REED, John. *Eu Vi Um Novo Mundo Nascer*. São Paulo: Boitempo, 2001, p.37.

deste partido e a fundação do Communist Labor Party (Partido Comunista dos Trabalhadores).

Apenas em 1919 ele consegue reaver do governo americano os documentos que havia trazido da Rússia e que lhe foram tomados, e então ele escreve em poucas semanas seu mais célebre livro, *Ten Days that Shook the World*, sobre a revolução. Ele retorna à Rússia para discutir a adesão de seu partido à Internacional Comunista recém-fundada e, em solo russo, continua se dedicando a difundir as ideias do comunismo por meio de intenso trabalho com os propagandistas do governo soviético. Antes do retorno para seu país, Reed contrai tifo, em uma epidemia que se espalhava na miserável Rússia e era muito agravada pelo bloqueio de medicamentos e alimentos imposto pelas potências imperialistas ao país para tentar sufocar a revolução. A doença será fatal, matando Reed algumas semanas antes que ele completasse 33 anos, e impedindo que ele continue sua obra artística e política.

Com este estudo queremos contribuir para compreender a obra de John Reed, um homem cujo destino pessoal esteve indissociavelmente ligado à luta da classe trabalhadora pelo socialismo. Sua obra é um exemplo importante de como a concepção política de um autor não pode ser vista de forma desvinculada de sua produção artística, pois as obras de arte não são feitas senão por seres humanos, que vivem em um contexto histórico e social, e cuja criação necessariamente expressará as influências que tais elementos desempenham sobre a criação artística, bem como as respostas que este indivíduo dá ao mundo no qual ele vive. Em Reed, que testemunhou e participou de eventos de imensa significação histórica, esta associação é muito nítida nos temas abordados.

Mas tampouco o conteúdo de uma obra artística pode ser compreendido sem entendermos a relação dialética e recíproca que estabelece com a forma pela qual o seu autor procura apresentá-lo. A intenção aqui é esta: procurar entender como a experiência de vida de Reed e sua trajetória política implicam em um amadurecimento de sua criação artística, entendendo como se desenha a evolução estético-política desse autor. É bastante comum que se aborde uma obra, tanto de Reed como de outros artistas cuja vida foi imersa em uma causa política à qual se dedicaram integralmente, de forma a tentar separar estas questões: uma coisa é sua obra, outra é sua vida. Tal visão não é apenas equivocada do ponto de vista metodológico, implicando em uma compreensão

extremamente fragmentada e incompleta da obra de arte. Ela é uma visão intencionalmente reducionista e ideologicamente motivada, pois procura dissociar a obra de arte da forma como ela pretendia intervir no mundo, incitar a transformação – ou a conservação – da sociedade.

Reed escreveu, cada vez mais, não para ser louvado por especialista e críticos. Escreveu para ser lido pelos trabalhadores, para ter sua obra tomada como uma arma nesta luta em que se envolveu dos pés à cabeça, chamada luta de classes. É neste contexto e desta forma que procuramos abordar e compreender a literatura militante de John Reed.

O primeiro encontro entre arte e política: A greve em Paterson e o *Pageant*

O primeiro momento em que a barreira entre a “arte” e a “política” começa a ser questionada na vida de Reed é em 1913, quando este decide ir à cidade de Paterson com o objetivo de cobrir uma greve dos trabalhadores da indústria têxtil. Foi então que Reed fez sua primeira realização artística de grande vulto – talvez pouco reconhecida pelo próprio autor enquanto tal – e também seu primeiro grande compromisso com a luta dos trabalhadores. Após sua viagem, em que conhece “Big” Bill Haywood, líder da greve em Paterson e da IWW, durante a qual Reed enfrenta seu primeiro encarceramento por “desacato à autoridade” e a partir da qual escreve os artigos “War in Paterson” e “Sheriff Radcliff’s Hotel”, publicados em *The Masses*, ele sente a urgência de se envolver mais ativamente para promover a greve e a luta dos trabalhadores em geral. O curto período de seu contato com os grevistas, ocorrido principalmente dentro da cela, foi determinante para a mudança decisiva em Reed:

(...) the silk-workers, (...) in their variety of languages, educated John Reed in the events of the strike. It was the second strike in two years, and it had been going on for more than two months (...). Within two weeks after the strike call, more than twenty-thousand men and women were out. The picket lines stood firm in the face of the organized terror. There were daily arrests; picket lines were charged and strikers clubbed. On April 19 Modestino was shot, and fifteen thousand strikers attended his funeral. Elizabeth Gurley Flynn, fresh from the victories of Lawrence, stirred the workers of Paterson to passionate loyalty and indomitable courage. Haywood’s calm, masterful leadership gave them confidence. When school-teachers spoke against the

strike, the children picketed the schools. The leaders were arrested again and again, but the picket lines stood firm.

Reed was in jail only four days. (...) He had been there long enough to learn a great deal. He really saw and felt what for a long time he had theoretically known: “that the manufacturers get all they can out of labor, pay as little as they must, and permit the existence of great masses of unemployed in order to keep wages down; that the forces of the state are on the side of property against the propertyless”. (...)

Most important of all, he discovered the gayety and courage and fineness of militant workers: “When it came time for me to go out,” he wrote, “I said good-bye to all those gentle, alert, brave men, ennobled by something greater than themselves. They were the strike – not Bill Haywood, not Gurley Flynn, not any other individual. And if they should lose all their leaders, other leaders would arise from the ranks, even as they rose, and the strike would go on! Think of it! Twelve years they have been losing strikes – twelve solid years of disappointments and incalculable suffering. They must not lose again.”²

Foi com esse ímpeto que Reed saiu da cadeia e passou a dedicar seu tempo a pensar como poderia ajudar a greve em Paterson a ser vitoriosa. Passou a discursar em reuniões em defesa da greve, se dirigiu aos próprios grevistas em comícios e até mesmo ensinou músicas a eles, canções que havia aprendido em Harvard e que preenchia com letras sobre a greve. Ele via que as notícias que saíam na imprensa mentiam a respeito

² HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 99-100. (...) Os tecelões, (...) em seus variados idiomas, educaram John Reed sobre os acontecimentos da greve. Era a segunda greve em dois anos e já durava mais de dois meses (...). Duas semanas após a convocação da greve, mais de vinte mil homens e mulheres haviam aderido. Os piquetes permaneceram firmes face ao terror organizado. Havia prisões diárias; os piquetes eram atacados e os grevistas agredidos. Em 19 de abril Modestino foi baleado, e quinze mil grevistas compareceram ao seu funeral. Elizabeth Gurley Flynn, recém saída das vitórias de Lawrence, incitava aos trabalhadores de Paterson lealdade apaixonada e coragem indomável. A calma de Haywood e sua liderança magistral lhes davam confiança. Quando os professores falavam contra a greve, as crianças organizavam piquetes nas escolas. Os líderes eram presos uma e outra vez, mas os piquetes permaneciam firmes.

Reed esteve na cadeia por apenas quatro dias. (...) Ele ficou lá o suficiente para aprender muito. Ele realmente viu e sentiu aquilo que por muito tempo soube teoricamente: “que os fabricantes extraem tudo o que podem do trabalho, pagam tão pouco quanto podem, e permitem a existência de grandes massas de desempregados com o fim de manter os salários baixos; que as forças do estado estão do lado da propriedade e contra os desprovidos”.

(...) Mais importante que tudo, ele descobriu a alegria, a coragem e o valor dos trabalhadores militantes: “Quando chegou minha hora de sair”, ele escreveu, “Eu disse adeus àqueles gentis, alertas e bravos homens, enobrecidos por algo maior do que eles próprios. Eles eram a greve – não Bill Haywood, nem Gurley Flynn, nem nenhum outro indivíduo. E se eles perdessem todos os seus líderes, outros líderes se ergueriam de suas fileiras, como eles se ergueram, e a greve continuaria! Pense nisso! Por doze anos eles foram derrotados em greves – doze anos sólidos de desapontamento e sofrimento incalculável. Eles não podem perder novamente.” (Tradução minha)

da greve e da união sindical que a dirigia, a Industrial Workers of the World (IWW), como relata Samuel Pepys a respeito de uma conversa com Reed: “he also told me that the Industrial Workers of the World are sorely misjudged and that the tayles [sic] in the publick [sic] prints of their blood-thirstiness are lies told by the scriveners.”³

Reed, então, sente a necessidade de dar um passo além em seu apoio à greve, e daí surge a ideia de encenar uma peça teatral (*pageant*) sobre a greve, para que todos pudessem saber o que realmente se passava em Paterson e também para ajudar o fundo de greve dos trabalhadores:

Reed could talk of nothing but the strike. (...) Reed wanted to do more than talk. Police terror was becoming fiercer. During a striker’s trial one girl in the audience was given sixty days for smiling, and another thirty days for gasping at the sentence. There were more and more heads battered, more and more arrests, longer and longer sentences. At last, in the middle of may, the idea of the Paterson pageant was born. Percy MacKaye, whose experience with pageants Reed respected, enthusiastically urged him to go ahead.⁴

O *Paterson Strike Pageant* foi uma montagem teatral realizada no Madison Square Garden que contou com a encenação de cerca de mil operários em greve e a participação, além de Reed, de nomes como Robert Edmond Jones, Hutchins Hapgood, Walter Lipmann e Ernest Poole. O público foi estimado em quinze mil pessoas. A milionária Mabel Dodge foi a articuladora da arrecadação de fundos e também avalista do aluguel do Madison Square Garden para a realização da peça. A encenação remontava os momentos fundamentais da greve, como o funeral do trabalhador Modestino, assassinado pela polícia. Seu programa dizia: “The Pageant represents a

³ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p.101. Ele também me contou que os Industrial Workers of the World (Trabalhadores Industriais do Mundo) são julgados de uma forma muito equivocada e que as histórias na imprensa pública de sua sede de sangue são mentiras contadas pelos escritores. (Tradução minha).

⁴ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 101. Reed não conseguia falar de outra coisa que não fosse a greve (...) Reed queria fazer mais do que falar. O terror policial estava se tornando mais feroz. Durante o julgamento de um grevista, uma garota na audiência foi condenada a sessenta dias de prisão por sorrir, e uma outra a trinta dias por suspirar com a sentença. Havia mais e mais cabeças sovas, mais e mais prisões, sentenças cada vez mais longas. Finalmente, no meio de maio, a ideia do *Paterson Pageant* nasceu. Percy MacKaye, cuja experiência com *pageants* Reed respeitava, entusiasticamente incitou-o a seguir adiante. (Tradução minha).

battle between the working class and the capitalist class conducted by the Industrial Workers of the World. (...) It is a conflict between two social forces.”⁵

A experiência da montagem do Pageant foi fundamental para a trajetória de Reed em mais de um sentido, mas também é um marco artístico na história do teatro moderno cuja importância é extremamente subvalorizada, como aponta Iná Camargo Costa:

Os historiadores ortodoxos do teatro americano não hesitariam em qualificar este acontecimento TEATRAL grandioso, capaz de matar de inveja até um Max Reinhardt – o diretor alemão do início do século mundialmente famoso por suas encenações de tragédias gregas e outros textos menos votados, *nessa mesma linguagem monumental* –, de simples ato político, indigno de figurar numa história do teatro feita por gente séria, que sabe do que está falando. E para demonstrar que eles não têm preconceitos quanto à forma, também não hesitam em colocar Max Reinhardt no panteão dos grandes criadores da linguagem do teatro moderno. John Reed, Robert E. Jones e seus companheiros não podem entrar nesta história porque suas finalidades eram estritamente políticas (já as de Max Reinhardt não eram e, para melhor assegurar a sua convicção, seus admiradores convenientemente se *esquecem* de sua militância no TEATRO LIVRE alemão – o *Freie Buhne*).⁶

Neste trecho, Iná Camargo afirma que a montagem da qual participou John Reed o coloca no mesmo patamar que um grande criador da linguagem do teatro moderno, questão que certamente nunca passou pela cabeça do próprio Reed. Não à toa, Iná Camargo escolhe esta peça como o ponto de partida para seu livro *Panorama do Rio Vermelho*, sua tese de livre docência que estuda a história do teatro moderno nos Estados Unidos. Fica claro que, para ela, os motivos para a exclusão do *pageant* das histórias do teatro se dá por critérios políticos e não estéticos, e a autora insiste neste ponto, no qual insistiremos também devido à sua grande relevância para a presente dissertação:

Um crítico teatral americano, mesmo cultivando fortes simpatias pelo teatro político, como é o caso de Eric Bentley, para tomar um dos nomes bem conhecidos no Brasil, dificilmente compreenderia um estudo sobre o teatro

⁵ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 102. O *Pageant* representa uma batalha entre a classe trabalhadora e a classe capitalista conduzida pelo Industrial Workers of the World (...) é um conflito entre duas forças sociais. (Tradução minha).

⁶ COSTA, Iná Camargo. *Panorama do Rio Vermelho*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001, p. 59.

moderno em seu país que começasse por um acontecimento político-teatral de 1913. Mais precisamente, um espetáculo criado para divulgar e dar apoio financeiro a uma greve. (...) Como sabemos, não há razão para supor que uma história do teatro escrita de acordo com os valores estéticos da classe dominante abra espaço para um episódio de militância revolucionária. Mas quando o historiador é claramente de esquerda e se comporta como o alegado adversário ideológico, ficamos autorizados a supor que alguma coisa de muito mais grave do que o *Red Scare*⁷ deve ter acontecido na vida americana. (...) Já o estudo de Michael Denning sobre as relações entre cultura e política propõe a seguinte explicação para o fenômeno: nos anos trinta a esquerda teve um impacto central na cultura americana. Embora esta esquerda exista desde o século XIX, teve pouca influência (cultural) até o início do século XX. Nos anos 10 houve alguma aproximação entre intelectuais, artistas e esquerda, sobretudo envolvendo a boêmia de Greenwich Village e os movimentos culturais do partido socialista e dos *wobblies*.⁸ Dessa aproximação resulta, por exemplo, o “*lendário pageant* de junho de 1913 que, além dos grevistas da indústria da seda de Paterson, reuniu escritores e artistas de Greenwich Village no Madison Square Garden, inaugurando uma nova relação entre a esquerda e os produtores de cultura”. O fato de até este autor afirmar a inexistência de *continuidade* entre esta experiência e as dos anos trinta, mesmo que amplamente justificado pelo critério do *impacto no mundo da cultura*, indica a necessidade de examinar muitos problemas, inclusive este critério. Apenas para adiantar uma objeção que aqui não cabe desenvolver: Elizabeth Gurley Flynn, dirigente wobbly que foi uma das “estrelas” do *pageant*, nos anos trinta fazia parte do Comitê Central do Partido Comunista Americano. Ela publicou o seu livro de memórias, no qual relata com inúmeros detalhes toda a história da greve em Paterson, nos anos cinquenta, quando se encontrava na prisão por conta da perseguição macarthista, assunto e período que interessam diretamente à pesquisa de Denning e não é sequer mencionada em seu livro. A pergunta é: se uma sobrevivente daquele “lendário” acontecimento continuou na luta, por que não pode haver continuidade, pelo menos no espírito (para não antecipar nada a respeito da forma) entre o *pageant* e a luta cultural dos anos trinta? Ou, formulando de outra maneira: sem subestimar os efeitos do *Red Scare* (não é

⁷ Perseguição aos comunistas que ocorreu nos EUA por parte do governo durante a década de 1920.

⁸ Termo usado para designar os militantes da IWW – Industrial Workers of the World.

demais insistir), por que tipo de ruptura na história cultural da classe trabalhadora americana a própria esquerda pode ter sido responsável?⁹

O *pageant* foi, assim, um marco na trajetória política e artística de Reed, ainda que certamente o próprio autor tenha subvalorizado enormemente seu valor artístico graças às concepções conservadoras que alimentava a respeito da criação artística (endossadas pela absoluta falta de repercussão no “mundo artístico” que teve o *pageant*), em que a política e a arte estavam separadas por um abismo. Do ponto de vista financeiro, o *pageant* havia sido um grande fracasso, pois a enorme lotação se deu graças ao público de trabalhadores, que lotou todos os assentos mais baratos. Os assentos caros ficaram esvaziados. A repercussão do evento foi imensa, estampando a manchete de diversos jornais, ainda que tenha havido consequências políticas desfavoráveis, conforme aponta Flynn em sua auto-biografia.¹⁰

⁹ COSTA, Iná Camargo. *Panorama do Rio Vermelho*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001, p.45-48.

¹⁰ COSTA, Iná Camargo. *Panorama do Rio Vermelho*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001. p.59.

2 ANÁLISE DAS OBRAS

México Insurgente

Quando atravessei pela primeira vez a linha de frente, o medo mais mortal se apoderou de mim. Tinha medo da morte, da mutilação. De uma terra estranha e de um povo estranho, do qual eu não entendia a língua nem o pensamento. Mas uma terrível curiosidade me instigava; sentia que precisava saber como agiria sob fogo cerrado, como conviveria na guerra com aquela gente primitiva.

- John Reed, *Quase Trinta (Almost Thirty)*.

Em 1913 John Reed consegue um contrato com a revista *Metropolitan* – por indicação de seu amigo e mentor, Lincoln Steffens – e com o jornal *World* para atuar como correspondente no México, onde o processo revolucionário desencadeado em 1910 que derrubou a ditadura de Porfírio Díaz havia levado à guerra civil e o exército de Victoriano Huerta (os chamados “federalistas”) se enfrentava com as tropas “constitucionalistas” ou “maderistas” (em referência a Francisco I. Madero, presidente assassinado reivindicado por este grupo) sob a liderança de Venustiano Carranza, governador do estado de Coahuila auto-proclamado “Primeiro Chefe da Revolução” e herdeiro do legado de Madero. Reed tem a missão de cobrir o conflito para as publicações americanas, mas, diferentemente do que faziam quase todos os jornalistas, que apenas ficavam na fronteira pegando informações a partir dali, ele decide ir mais a fundo e ver a batalha com seus próprios olhos.

Ao longo de quatro meses de estadia no México, Reed escreve uma série de artigos para as duas publicações citadas acima, além de para a revista *The Masses*, órgão socialista dirigido por seu amigo Max Eastman, na qual Reed foi um assíduo colaborador sem receber dinheiro por isto. Também realizou entrevistas com o líder camponês Francisco “Pancho” Villa, à época oficial que dirigia as tropas constitucionalistas ao norte, e com o presidente Venustiano Carranza. É a partir da compilação destes artigos, e de alguns outros trechos escritos posteriormente, que irá nascer o primeiro livro de John Reed: *Insurgent Mexico* (México Insurgente), que o

tornará – com apenas vinte e seis anos – o mais célebre correspondente de guerra em seu país natal.

Conforme aponta Daniel W. Lehman,

The structure of *Insurgent Mexico* is problematic: Reed presents scenes out of order, leaves vast gaps in the chronology of his travels, and shows up in widely different locations without any indication as to how he got there. Given that the book is nonsequential, one is tempted to assign great significance to the order in which Reed arranges the six major parts of *Insurgent Mexico*. The truth, however, is that for the most part *Insurgent Mexico* is structured as it originally appeared in *Metropolitan*.¹¹

Esta forma de organizar o livro é bastante significativa, pois mostra que o autor não atribuiu grande importância para a cronologia dos fatos na composição da obra, já que não se deu ao trabalho de alterar a ordem em que haviam sido publicados seus artigos na *Metropolitan*. Ou seja, a estrutura desta obra carece em grande medida de planejamento por parte do autor, sendo um mosaico de distintos retratos que compõem ao longo de sua passagem pelo país, agrupados tematicamente. Como veremos posteriormente, principalmente a partir da comparação com seu relato da revolução russa em *Ten Days that Shook the World*, esta forma de compor a obra está bastante relacionada ao modo como Reed não tinha uma visão própria e coesa da política mexicana que motivava a guerra civil no país; por mais que suas simpatias indubitavelmente estivessem ao lado de Villa e dos camponeses pobres que lutavam por terra, a contradição de serem liderados por ricos latifundiários – Madero e, depois, Carranza –, tendo este último inclusive despertado a antipatia de Reed, não é desenvolvida e pouco é abordada no livro.

Sua visão política, assim como a estruturação estética da obra, é fragmentária e parcial, com diversos lapsos que não se fecham ao longo da obra. A análise de Luiz Bernardo Pericás, responsável pela mais recente tradução da obra para o português, é convergente com esta opinião:

¹¹ LEHMAN, Daniel W. *John Reed & the writing of revolution*. Ohio: Ohio University Press, 2002. P. 98. A estrutura de *México Insurgente* é problemática: Reed apresenta as cenas fora de ordem, deixa grandes brechas na cronologia de suas viagens e aparece em locais completamente diferentes sem nenhuma indicação de como chegou lá. Dado que o livro não é sequencial, o leitor é tentado a atribuir um grande significado à ordem na qual Reed organiza as seis grandes partes de *México Insurgente*. A verdade, no entanto, é que a maior parte de *México Insurgente* é estruturada da forma como apareceu originalmente na *Metropolitan*. (Tradução minha).

Seu primeiro livro certamente não era uma análise política aprofundada da história mexicana, mas principalmente um retrato de suas paisagens, de seu povo e de seus combates; conseguiu dar cores e sons aos eventos com descrições quase poéticas.¹²

Ainda assim, o autor dá uma organização ao material dividindo o livro em seis partes a partir dos temas abordados. Pretendemos demonstrar que, se é verdade que não há uma análise política profunda, nem por isto o texto de Reed deixa de abordar e retratar de forma viva – e por vezes minuciosa – as principais questões políticas e sociais que estavam presentes na revolução e na sociedade mexicana, mostrando a relação dos camponeses e combatentes com tais temas. Entre elas procuramos destacar as que consideramos principais: o papel social das mulheres, a questão fundiária, a relação dos camponeses com a Igreja, as relações entre os combatentes e os oficiais do exército constitucionalista e as contradições sociais internas das frações que compõem o campo revolucionário (maderista/constitucionalista). Tudo isto, como aponta Pericás, é apresentado com uma composição textual bastante habilidosa, que constrói um relato forte, carregado de imagens e emoções que levam o leitor a criar uma grande empatia por Reed e seus companheiros.

Esperamos também demonstrar que o papel político fundamental que cumpre *Insurgent Mexico* é o de tentar influenciar a visão do grande público norte-americano a respeito de um conflito em que os interesses geopolíticos deste país são bastante grandes (particularmente do ponto de vista de uma política historicamente imperialista que os EUA adotaram e adotam até hoje em relação ao México), e assim procurar influir nas decisões políticas de um país cuja intervenção militar sobre o México era iminente – e era destacado o papel que a imprensa cumpria para ajudar a criar uma construção ideológica que convencesse o grande público sobre a necessidade de tal intervenção.

Reed pretendia, de fato, ir na contramão do que era a posição hegemônica da grande imprensa. Neste sentido, sem dúvida contribuiu muito para que conseguisse fazer isto o fato de que as principais publicações para as quais escreveu como correspondente no México – *Metropolitan* e *The Masses* – eram publicações que se autodenominavam socialistas (ainda que a linha político-editorial da revista *The Masses* fosse nitidamente mais à esquerda do que a de *Metropolitan*, como demonstraremos

¹² REED, John. *México Insurgente*. São Paulo: Boitempo, 2010. P.25.

mais à frente, por exemplo, a partir das distintas posições que estas publicações adotam frente à Primeira Guerra Mundial e que custaram o emprego de Reed na *Metropolitan*). Evidentemente, não podemos ignorar que este posicionamento – exceto no caso de *The Masses* – dificilmente seria possível se a conjuntura política não levasse a que circunstancialmente o governo americano estivesse em uma posição praticamente neutra no conflito – ainda que tivesse participado anteriormente, por meio de seu embaixador Henry Lane Wilson, da articulação do golpe de estado de Victoriano Huerta contra Francisco Madero.

A primeira parte do livro retrata o período que Reed passa com as tropas do general constitucionalista Tomás Urbina e sua fuga de uma batalha em que sofrem uma derrota. A segunda é inteiramente dedicada a traçar um perfil de Francisco “Pancho” Villa, personagem revolucionário que havia se tornado famoso por seus grandes êxitos militares na condução das tropas constitucionalistas, e que adquiriu o status de uma figura folclórica nos EUA, imagem que Reed sabe explorar e transformar, construindo para ele um conceito muito humano – bastante distinto do então já tradicional de “bandido” apresentado na imprensa americana – a partir do contato próximo que teve com o chefe militar camponês. A terceira e a sexta parte narram episódios que procuram retratar mais a vida e os costumes mexicanos do que a revolução em si, com narrativas que se passam longe dos campos de batalha. A quarta parte mostra Reed ao lado das tropas de Villa e seu testemunho da tomada de Gomez Palacio. E a quinta parte é um breve retrato feito por Reed do presidente constitucionalista Venustiano Carranza e a curta entrevista que Reed fez com este.

Neste seu primeiro livro, prima no relato de John Reed um tom subjetivo e um olhar pessoal, com longas cenas descritivas e uma trajetória narrativa que se pauta menos pela situação política e militar da guerra do que pela própria experiência pessoal de Reed em sua estadia no país. Claro que o autor procura entrevistar personagens importantes por sua atuação no conflito que ocorria, como Pancho Villa e Venustiano Carranza, mas mesmo em seu retrato destas personagens prima o seu contato pessoal e suas impressões subjetivas.

O público para quem escreveu suas matérias jornalísticas e o livro foram os próprios americanos, leitores contemporâneos aos fatos apresentados, cujo interesse econômico e político na guerra deste país – que sempre foi considerado por seus

governos como uma espécie de “pátio traseiro” a ser explorado – levava a que acompanhassem relativamente de perto o desenvolvimento do conflito bélico através da imprensa. Talvez por isto Reed prescindia em seu relato de fazer sequer uma mínima contextualização prévia para os leitores do cenário político no país, em uma revolução bastante complexa que já durava três anos e que se estenderia ainda até 1917. Isto torna, para o leitor leigo nos acontecimentos da revolução mexicana, o *Insurgent Mexico* um livro de difícil leitura no que concerne os acontecimentos da revolução e seus desdobramentos políticos. Reed fala, por exemplo, sobre os dois campos em guerra – federais e constitucionalistas – já no início do livro, sem apresentar nenhuma explicação a respeito de quem são e quais seus objetivos.

A falta de contextualização tende a aguçar ainda mais o caráter “anedótico” da leitura, tornando os acontecimentos políticos e os conflitos que se desenvolviam no país apenas um pano de fundo para o leitor brasileiro contemporâneo que, distanciado mais de um século dos acontecimentos ali narrados, muitas vezes acompanha muito mais atentamente a história a partir da perspectiva de Reed se formando como um correspondente de guerra e compartilhando aventuras com os combatentes do que como um livro que narra o mais importante episódio político da história de um país.

O autor conseguiu estabelecer uma relação relativamente íntima e de certa confiança com um dos mais célebres personagens da revolução – Pancho Villa. A forma como o retratou, questionando diversos estereótipos e preconceitos criados na imprensa americana, além do fato de ter ido aos campos de batalha para ver a revolução de perto, cobrindo o conflito de uma maneira completamente distinta de seus colegas, lhe rendeu uma enorme fama em seu país natal, o que fez com que sua carreira jornalística decolasse e o jovem de apenas vinte e seis anos ganhasse fama nacionalmente. Reed retorna aos EUA como uma celebridade e um dos jornalistas mais bem pagos de sua época.

Descrições e paisagens:

Aqueles quatro meses (...) foram talvez o período mais pleno de minha vida.

Fiz um bom papel com estes selvagens combatentes e comigo mesmo.

Eu os amo, como também amava aquela vida.

Encontrei-me novamente. Escrevi melhor do que nunca.

- John Reed, *Quase Trinta (Almost Thirty)*.

Já em sua introdução ao livro, no capítulo situado no pequeno vilarejo de Presídio, logo após a fronteira dos EUA com o México, podemos perceber o tom narrativo que primará ao longo de todo o livro. É nos pequenos detalhes da vida cotidiana do pobre campesinato mexicano que encontraremos o que há de mais político no livro de Reed; a obra compõe um autêntico e profundo retrato da vida desta camada pobre, de sua situação de miséria material, de suas crenças e seu modo de vida, dos motivos pelos quais lutavam e arriscavam suas vidas, conferindo uma dimensão humana à luta revolucionária que trazia uma perspectiva distinta da cobertura jornalística tradicional. A visão de Reed, que nutre pelos combatentes uma forte simpatia, também é antagônica à da maioria de seus compatriotas, ou, pelo menos, das posições veiculadas na grande imprensa do país, que alimentava uma visão estereotipada e preconceituosa do povo mexicano como generalizadamente rude, ignorante e desonesto.

O primeiro capítulo, um curto retrato da minúscula cidade Presídio em seis páginas, intitulado “On the border” (Na Fronteira), dá um primeiro panorama das áridas paisagens que Reed atravessará no México e começa a criar pequenos esboços da camada social que compõe o fundamental do livro: o povo mais pobre do México, os camponeses. As descrições dos cenários são bastante marcantes, procurando retratar as paisagens mexicanas de forma viva e detalhada para seus leitores, como, por exemplo, na seguinte passagem:

At presidio, on the american side of the river, one could climb to the flat mud roof of the Post Office and look across the mile or so of low scrub growing in the sand to the shallow, yellow stream; and beyond to the low *mesa*, where

the town was, sticking sharply up out of a scorched desert, ringed round with bare, savage mountains.

One could see the square, gray adobe houses of Ojinaga, with here and there the Oriental cupola of an old Spanish church. It was a desolate land, without trees. You expected minarets. By day, Federal soldiers in white shabby uniforms swarmed about the place desultorily digging trenches, for Villa and his victorious Constitutionals were rumored to be on the way. You got sudden glints, where the sun flashed on field guns; strange, thick clouds of smoke rose straight in the still air.

Toward evening, when the sun went down with the flare of a blast furnace, patrols of cavalry rode sharply across the skyline to the night outposts. And after dark, mysterious fires burned in the town.¹³

Descrições deste tipo são recorrentes, nas quais o cenário desértico e economicamente miserável do México revolucionário presenciado por Reed é magistralmente apresentado, reconstruído a partir de anotações feitas em pequenos cadernos que o autor carregava na viagem, compondo a paisagem numa mistura descritiva que envolve não apenas os espaços físicos, mas também as personagens que compõem o ambiente, o que é imprescindível para transmitir ao leitor a atmosfera da sociedade em que transcorre a narrativa. Este tipo de mescla entre as pessoas e as paisagens que se fundem na descrição ocorre muito em relação aos chamados “pacíficos”, aqueles camponeses que permaneciam sem pegar em armas durante a guerra, ainda que não necessariamente neutros em relação ao conflito – em geral eram

¹³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 7 Em Presídio, do lado norte-americano do rio, quem subisse no achatado telhado de barro da agência de correios e olhasse através de mais ou menos um quilômetro e meio de chaparraís, que cresciam na areia e chegavam até o regato raso e barrento, veria adiante, na parte baixa da *mesa* (nota da tradução: Em espanhol no original. Em português, “meseta”, “pequeno planalto”), a cidade despontando claramente no meio de um deserto abrasador, cercada por montanhas selvagens e sem vegetação.

Podiam-se ver as casas quadradas de adobe gris de Ojinga e, aqui e ali, a cúpula oriental de alguma velha igreja espanhola. Era uma zona desolada, sem árvores. Dava até para imaginar minaretes no local. Durante o dia, os soldados federais, de uniforme branco e esfarrapados, formigavam no lugar, cavando trincheiras preguiçosamente: corriam rumores de que Villa e seus vitoriosos constitucionalistas estavam a caminho. De súbito surgiam clarões, quando a luminosidade do sol batia nos canhões; estranhas e grossas nuvens de fumaça subiam no ar parado.

Ao entardecer, quando o sol se punha, com o brilho de uma fornalha, patrulhas de cavalaria passavam apressadas pela linha do horizonte, até os postos avançados noturnos. E, após o anoitecer, misteriosas fogueiras ardiam na cidade. Tradução: *México Insurgente*. São Paulo: Boitempo, 2010. P. 31-32. Todas as traduções são feitas a partir desta edição e será indicada apenas a página daqui em diante.

apoiadores dos constitucionalistas, vendo-se como parte de sua luta pela revolução, como fica evidente neste trecho em que Reed pergunta a um pacífico porque não lutam:

“Why don’t the *pacíficos* fight?”

He shrugged his shoulders. “Now they don’t need us. They have no rifles for us, or horses. They are winning. And who shall feed them if we do not plant corn? No, señor. But if the *Revolución* loses, then there will be no more *pacíficos*. Then we will rise, with our knives and our horsewhips.... The *Revolución* will not lose....”¹⁴

Frequentemente, as mulheres também são apresentadas confundindo-se com as descrições das paisagens, figurando com seus hábitos e gestos que representam a tradição e os modos de vida dos camponeses mexicanos, e ao longo de todo o livro são pouquíssimas as mulheres que aparecem de fato como personagens destacados, situação que ocorre devido à sociedade patriarcal em que estão, fazendo com que Reed tenha escasso contato direto com elas. Mais a frente, veremos como isto aparece no livro em seu conjunto, mas já vemos um pequeno exemplo já neste capítulo introdutório, com as mulheres dos soldados que rezam pela vitória sob o sol escaldante:

The White, dusty streets of the town, piled high with filth and fodder, the ancient windowless church with its three enormous Spanish bells hanging on a rack outside and a cloud of blue incense crawling out of the black doorway, where the women camp followers of the army prayed for victory day and night, lay in hot, breathless sun. Five times had Ojinaga been lost and taken. Hardly a house that had a roof, and all the walls gaped with cannon shot. In these bare, gutted rooms lived the soldiers, their women, their horses, their chickens and pigs, raided from the surrounding country. Guns were stacked in the corners, saddles piled in the dust. The soldiers were in rags; scarcely one possessed a complete uniform. They squatted around little fires in their doorways, boiling cornhusks and dried meat. They were almost starving.¹⁵

¹⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 21. – Por que os *pacíficos* não lutam?

Encolheu os ombros:

Eles não precisam de nós agora. Não têm rifles nem cavalos para nós. Estão vencendo. E quem os alimentará se não semearmos? Não, *señor*. Mas se a *Revolución* fracassar, então não haverá mais *pacíficos*. Então nos levantaremos com nossas facas e nossos chicotes... A *Revolución* não vai fracassar... (p. 46).

¹⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 8-9. As ruas claras e empoeiradas do vilarejo transbordavam sujeira e forragem; lá estava a antiga igreja sem janelas, com seus três enormes sinos espanhóis, pendurados numa estaca, do lado de fora. Uma nuvem azul de incenso saía pela porta

Nestas descrições em que as mulheres figuram como parte da paisagem descrita, elas quase sempre estão rezando, carregando água ou moendo o milho – tarefas às quais Reed frequentemente agrega o epíteto de “eterna” (p.30) ou “interminável”:

Three young girls crossed the square in single file, balancing *ollas* of water on their heads, shouting to each other in the raucous voice of Mexican women. At one house a woman crouched, nursing her baby; next door another kneeled to the interminable labor of grinding corn meal in a stone trough. The menfolk squatted before little corn-husk fires, bundled in their faded serapes, smoking their *hojas* as they watched the women work.¹⁶

Em suas longas passagens descritivas o autor transmite muito a respeito do país e do evento que retratava: mostra como a presença da religião e, particularmente, da Igreja católica trazida pela colonização espanhola, é marcante na vida do povo mexicano – este é também um tema forte no livro e um dos que mostra com mais vigor a mudança de mentalidade que trás a revolução para os camponeses, como mostraremos mais a frente; o livro também mostra a destruição causada pela guerra e a miséria material da vida dos camponeses; mostra a pobreza dos próprios combatentes de guerra, com seus uniformes rasgados e incompletos, afastando a narrativa de idealizações românticas da luta (ainda que seu retrato da bondade do povo mexicano muitas vezes tenha um forte componente de idealização, contribuindo para ganhar a empatia e adesão à causa dos mexicanos revolucionários); mostra o papel social que era reservado às mulheres, num país profundamente marcado pela tradição patriarcal.

Ao longo de *Insurgent Mexico* percebemos que é nestas descrições, nas paisagens e nos diálogos corriqueiros, que está o mais profundo da análise social de Reed: tal como nos textos mais comumente designados sob o rótulo de “literários”, o

negra, de onde as mulheres dos soldados rezavam pela vitória dia e noite, curvadas sob um sol abrasador. Ojinaga fora tomada e recuperada cinco vezes. Apenas uma ou outra casa tinha telhado, e todas as paredes apresentavam buracos de tiros de canhão. Naquelas habitações vazias, estreitas, viviam os soldados com suas mulheres, além de seus cavalos, galinhas e porcos, confiscados nos campos vizinhos. Os fuzis estavam empilhados nos cantos; as selas, sobre o pó. Os soldados, andrajosos: raramente havia um com uniforme completo. Agachados em volta de pequenas fogueiras perto das portas, eles cozinhavam na fervura casca de milho (nota da tradução: no original, *cornhusks*, literalmente “palha de milho”. Provavelmente John Reed se referia às *elotes*, espigas novas de milho cozidas, alimento muito popular no México.) e carne seca. Quase morriam de fome. (p. 33).

¹⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P.19. Três moças atravessavam a pracinha em fila, balançando *ollas* sobre a cabeça e gritando umas com as outras, com a rude voz das mulheres mexicanas. Numa das casas, uma mulher de cócoras amamentava o filho; na casa ao lado, outra se ajoelhava, na interminável tarefa de moer milho numa gamela de pedra. Os homens, agachados em torno de pequenas fogueiras de palha de milho, envoltos em seus mantos descoloridos, fumavam suas *hojas*, enquanto olhavam as mulheres trabalharem. (p. 43).

autor não procura tirar dos exemplos pontuais uma generalização explícita para compreender a sociedade em que estão inseridos, fazer uma análise social que submete à apreciação do leitor. As ricas imagens construídas na narrativa falam por si próprias, e cabe inteiramente ao leitor, portanto, derivar dos pequenos detalhes a representação de padrões sociais que se repetem, tentar entender nestas miudezas retratadas por Reed as causas e consequências econômicas, históricas e políticas. São imagens, e não interpretações que o autor apresenta a seus leitores. E, como Reed não está orientado por um fio condutor social e político que procure compreender causas e consequências gerais, vemos que nem todas as cenas contribuem para a compreensão desta sociedade em suas motivações mais profundas. Poderíamos até mesmo dizer que nem todas as cenas são necessárias na composição narrativa, ou seja, nem todas são peças que se encaixam de forma harmônica na composição do todo, constituindo assim o que poderíamos chamar de um livro desigual, com passagens que são “arestas”. Muitas possuem um caráter antes anedótico do que motivado pelo conjunto, conferindo à narrativa uma característica de mosaico, de “colcha de retalhos” de episódios não necessariamente concatenados por um fio condutor narrativo ou político.

Algumas das cenas a que se pode conferir este caráter mais anedótico aparecem já na introdução, tal como a passagem acerca de um vendedor alemão que tranca suas filhas em casa para evitar os pretendentes, ou trechos que relatam aventuras pessoais de Reed, retratadas em capítulos como a sua fuga de uma batalha em “Meester’s Flight” ou o risco de vida que corre em “Saved by a Wrist Watch”. Diferente de outros momentos, em que as passagens com personagens secundários contribuem para compreendermos a caracterização da sociedade mexicana em seu conjunto ou para despertar a empatia do leitor em relação aos camponeses e combatentes, capítulos como estes contribuem em grande medida para conferir ao livro um caráter mais centrado na experiência pessoal de Reed, como um romance de aventura ou de formação. Os motivos que podem ter levado Reed a escolher introduzir passagens assim em *Insurgent Mexico* podem ser muitos, como procurar prender a atenção de seu leitor com peripécias ou mesmo exaltar sua coragem pessoal e as dificuldades que passa para conseguir acompanhar a revolução de maneira tão próxima.

No primeiro capítulo da primeira parte, “Urbina’s Country”, o autor descreve sua chegada a um grande latifúndio, cena que ajuda a compor um retrato da problemática agrária do país, que foi o principal estopim para que as camadas mais

pobres da população decidissem entrar na revolução ao lado dos constitucionalistas, atraídas por promessas de reforma agrária que nunca foram cumpridas pelos líderes políticos – ainda que alguns dirigentes militares camponeses como Villa e Zapata tenham, de forma independente do governo central, repartido as terras nos territórios que ocuparam.

The sun hung for a moment on the crest of the red porphyry mountains, and dropped behind them; the turquoise cup of sky held an orange powder of clouds. Then all the rolling leagues of desert glowed and came near in the soft light. Ahead suddenly reared the solid fortress of a big rancho, such as one comes on once a day in that vast land – a might square of blank walls, with loop-holed towers at the corners, and an iron-studded gate. It stood grim and forbidding upon a little bare hill, like any castle, its adobe corrals around it; and below, in what had been a dry Arroyo, all day the sunken river came to the surface in a pool, and disappeared again in the sand. Thin lines of smoke from within rose straight into the high last Sunshine. From the river to the gate moved the tiny black figures of women with water-jars on their heads: and two wild horsemen galloped some cattle toward the corrals. Now the western mountains were blue velvet, and the pale sky a blood-stained canopy of watered silk. But by the time we reached the great gate of the rancho, above was only a shower of stars.¹⁷

Nesta longa passagem descritiva, pode-se contrastar a imensa opulência de uma das antigas casas do latifundiário – que Reed compara a um castelo – com a pobreza dos lares camponeses humildes com paredes de adobe que o autor descreve ao longo do livro. A frequência com que ele afirma que se encontra este tipo de construção na paisagem (uma vez por dia – termo traduzido duvidosamente por “raramente” por Pericás –, sendo que cada fazenda conta com vários ranchos dentro de si) atesta a enorme concentração fundiária do país. Conforme é contado a Reed, este rancho é um

¹⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 18 O sol ficou suspenso por um momento na crista vermelha das montanhas de pórfiro, baixando em seguida por detrás dos montes; a concavidade turquesa do céu apresentava nuvens alaranjadas. Depois, todas as ondulações conjuntas do deserto brilharam e se mesclaram à luz suave. Foi quando se esboçou diante de nós a sólida fortaleza de um grande rancho, como as que só raramente se encontram naquela vasta terra: um poderoso quadrado de paredes nuas, com torrões nos cantos e uma porta de ferro coberta de cravos de adorno. Erguia-se sombrio e intimidante sobre uma pequena colina desnuda, como um castelo, com seus currais de adobe ao redor. E abaixo, no que havia sido um arroio seco, todos os dias o rio subterrâneo vinha à superfície, formando uma piscina, e depois desaparecia novamente na areia. Delgados fios de fumaça subiam diretamente para o alto, ao final do pôr do sol. Do rio até o portão moviam-se pequeninas e negras silhuetas de mulheres com jarros de água na cabeça. E dois vaqueiros tangiam o escasso gado para os currais. Naquela hora, as montanhas do oeste tornavam-se azul veludo e o céu pálido parecia seda desbotada estriada de sangue. Quando chegamos ao grande portão do rancho, ao alto só havia, no firmamento, um mar de estrelas. (p. 42-43).

dos muitos que pertencem à fazenda (hacienda) de El Canotillo, de mais de dois milhões de acres, abandonada por seu proprietário, um rico espanhol, dois anos antes.

As mulheres, mais uma vez figurando como parte da paisagem em seus afazeres sociais – neste caso carregando jarras de água – desta vez aparecem como “pequenas figuras negras”, tendo sua diminuta estatura em comparação com o vasto cenário do rancho o efeito de aumentar o contraste entre a rica construção e a pobreza destas mulheres e dos vaqueiros que por ali levavam o gado. Os homens simples do povo mexicano configuram uma parte das propriedades dos grandes fazendeiros que dominam o país. Há ainda outro detalhe na descrição que reforça ao leitor o imenso tamanho da propriedade: quando o autor afirma que durante o período de sua travessia, até alcançarem o portão do rancho, é tão longa a distância que o sol se põe e saem as estrelas para cobrir o céu. Este trecho é mais um exemplo de como as questões sociais emergem nas entrelinhas das longas descrições de tom poético de Reed, com ricas imagens visuais.

Ainda neste capítulo Reed recorre a uma das simples casas dos habitantes do rancho para procurar alimento, e então podemos mais uma vez comparar sua pobreza à opulência apresentada anteriormente:

At one of the houses I negotiated for dinner. The woman spread out both of her hands. “We are all so poor now,” she said. “A little water, some beans, - *tortillas*. ... It is all we eat in this house. ...” Milk? No. Eggs? No. Meat? No. Coffee? *Valgame Dios*, no! I ventured that with this Money they might be purchased at one of the other houses. “*Quien sabe?*” replied she dreamily. At this moment arrived the husband and upbraided her for her lack of hospitality. “My house is at your orders,” he said magnificently, and begged a cigarette. The he squatted down while she brought forward the two Family chairs and bade us seat ourselves. The room was of good proportions, with a dirty floor and a ceiling of heavy beams, the adobe showing through. Walls and ceiling were whitewashed, and, to the naked eye, spotlessly clean. In one corner was a big iron bed, and in the other a Singer sewing machine, as in every other house I saw in Mexico. There was also a spindle-legged table, upon which stood a Picture postcard of Our Lady of Guadalupe, with a candle burning before it. Above this, on the wall, hung an indecent

illustration clipped from the pages of *Le Rire*, in a silver-gilt frame – evidently an object of the highest veneration.¹⁸

Nesta passagem, a descrição detalhada do interior da casa, como vemos em outros momentos do livro, permite não apenas ver a pobreza material, mas também ressaltar outros aspectos já mencionados anteriormente, como a forte presença religiosa e o papel predominante do homem, que chega em casa repreendendo a sua mulher, a qual imediatamente se submete à sua represália sem contestar. O papel submisso da esposa volta a aparecer na mesma cena, em pequenos detalhes:

At her husband's command, the woman brought a live coal in her fingers. We smoked. It grew late. There developed a lively argument as to who would go and buy provisions for our dinner. Finally they compromised on the woman; and soon Antonio and I sat in the kitchen, while she crouched upon the altar-like adobe platform in the corner, cooking over the open fire. The smoke developed up, pouring out the door. Occasionally a pig or a few hens would Wander in from the outside, or a sheep would make a dash for the *tortilla* meal, until the angry voice of the máster of the house reminded the woman that she was not doing five or six thing at once. And she would rise wearily and belabor the animal with a flaming brand.¹⁹

¹⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 20. Numa das casas, negociei um jantar. A mulher estendeu as mãos:

- Estamos tão pobres agora – ela disse. – um pouquinho de água, um pouquinho de feijão, *tortillas*... é só o que comemos nesta casa....

Leite? Não. Ovos? Não. Carne? Não. Café? *Válgame Dios*, não! Arrisquei-me a dizer que com aquele dinheiro eles poderiam comprar algo nas casas vizinhas.

- *Quién sabe?* – respondeu com ar sonhador.

Naquele momento chegou o marido, que lhe censurou a falta de hospitalidade.

- Minha casa está às suas ordens – disse enfaticamente e me pediu um cigarro.

Acomodou-se a seu modo, enquanto a esposa trazia duas cadeiras e nos convidava a sentar. A habitação era de boas proporções, com chão de terra batida e telhado de vigas fortes, o adobe aparente. A parede e o teto estavam desbotados, mas, à primeira vista, bem limpos, sem uma mancha sequer. Num canto havia uma grande cama de ferro e uma máquina de costura Singer, como em todas as casas que vi no México. Havia também uma mesinha sobre a qual estava um cartão-postal com a imagem da Virgem de Guadalupe, diante do qual ardia uma vela. Em cima, na parede, pendia uma ilustração indecente, recortada das páginas da *Le Rire* (nota da tradução: Revista satírica francesa fundada em Paris por Felix Juven e publicada entre 1894 e meados dos anos 1950. Seu principal colaborador foi Teóphile Steinlen. A revista se destacou ainda por suas ilustrações e caricaturas, feitas por vários artistas conhecidos), colocada num quadro com moldura prateada, evidentemente como objeto de veneração. (p.44)

¹⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 20. A uma ordem do marido, a mulher trouxe um carvão em brasa entre os dedos. Fumamos. Foi ficando tarde. Começou uma acalorada discussão sobre quem iria comprar a comida para o nosso jantar. Finalmente, concordaram que seria a mulher; e logo

Só podemos notar a crítica do autor ao tratamento dado à mulher em seu breve comentário sarcástico a respeito de “fazer cinco ou seis coisas ao mesmo tempo”.

As contradições entre oficiais e soldados no campo constitucionalista

Também a partir das descrições de Reed se pode perceber as contradições sociais que existiam na revolução conforme se desenvolvia a luta. O autor não aborda isto diretamente, ou seja, não expõe sua opinião a respeito da questão, mas, quando descreve a casa em que vivia o general Tomás Urbina fica claro que dirigentes militares do campo constitucionalista, inclusive alguns provenientes do próprio campesinato, utilizavam a luta revolucionária para seu enriquecimento pessoal. Assim descreve Reed a casa onde habitava Urbina:

The General's house, corrals and storerooms ran around all four sides of a space as big as a city block, swarming with pigs, chickens and half-naked children. Two goats and three magnificent peacocks gazed pensively down from the roof. In and out of the sitting room, whence came the phonographic strains of the “Dollar Princess,” stalked a train of hens. An old woman came from the kitchen and dumped a bucket of garbage on the ground; all the pigs made a squealing rush for it. In a corner of the house wall sat the General's baby daughter, chewing on a cartridge. A group of men stood or sprawled on the ground around a well in the center of the patio. The general himself sat in their midst, in a broken wicker armchair, feeding *tortillas* to a tame deer and a lame black sheep.²⁰

em seguida Antonio e eu sentamos na cozinha, enquanto ela se dobrava sobre a plataforma de adobe num canto – semelhante a um altar – onde cozinava diretamente sobre o fogo. A fumaça envolveu-a completamente, saindo pela porta. De vez em quando, um porco ou algumas galinhas entravam, ou uma ovelha irrompia atrás da refeição de *tortillas*, até que a voz irritada do dono da casa lembrava à mulher que ela não estava fazendo cinco ou seis coisas ao mesmo tempo, como ele queria. E ela, então, se levantava fatigada e afastava o animal com uma brasa ardente. (p.45)

²⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 23. A casa do general, os currais e o armazém estendiam-se pelos quatro lados de um espaço tão grande quanto um quarteirão de uma cidade, repleto de porcos, galinhas e meninos seminus. Dois bodes e três magníficos pavões, em cima do telhado, olhavam melancolicamente para baixo. Dentro e fora da sala, onde se ouvia “Dollar Princess” na vitrola, um bando de galinhas ciscava majestosamente. Uma velha saiu da cozinha e esvaziou uma lata de lixo no chão; todos os porcos se precipitaram sobre o monte, guinchando. Num canto da parede da casa, sentada, estava a filha do general, mascando um cartucho de balas. Um grupo de homens, de pé ou estirados no chão, rodeava um poço no centro do pátio. O próprio general encontrava-se sentado no meio deles, numa cadeira de vime de braços quebrados, dando *tortillas* a um veado domesticado e a uma ovelha negra e coxa. (p. 49).

Apenas o contraste entre o tamanho da casa, os diversos animais que Urbina possui, em contraste com a falta do que comer na casa dos peões, é suficiente para mostrar a diferença econômica entre alguns de seus líderes e os soldados guerrilheiros. Contudo, Reed também apresenta passagens em que se torna mais evidente a forma como Urbina utiliza a revolução para seu enriquecimento individual, e, ainda mais, como isto é aceito pelos próprios peões, invejado e visto como legítimo. Um de seus caprichos é, como aponta Reed, levar junto com sua tropa “Raphael Zalarzo, a tiny hunchback that Urbina carried in his train to amuse him, like any medieval italian duke.”²¹ E seus caprichos e privilégios incluem também rompantes de vaidade que o levam a pedir que Reed tire dezenas de fotos dele, bem como se sentir ofendido quando este deseja sair de Las Nieves para ir ao front de batalha:

When he [Urbina] noticed me he came up and shook hands, saying that he'd like to have me take some pictures of him. I said that that was my purpose in life, and asked him if he thought he would leave soon for the front. “In about ten days, I think,” he answered. I began to get uncomfortable.

“I appreciate yout hospitality, my General,” I told him, “but my work demands that I be where I can see the actual advance upon Torreon. If it is conveniente, I should like to go backto Chihuahua and join General Villa, who will soon go South.” Urbina's expression didn't change, but he shot at me: “What is it that you don't like here? You are in yout own house! Do you want cigarettes? Do you want *aguardente*, or *sotol*, or cognac? Do you want a woman to warm your bed at night? Everything you want I can give you! Do you want a pistol? A horse? Do you want Money?” He jerked a handful of silver dollars from his pocket and threw them jingling on the ground at my feet.

I said: “Nowhere in Mexico am I so happy and contented as in this house.” And I was prepared to go further.

For the next hour I took photographs of General Urbina: General Urbina on foot, with and without sword; General Urbina on three diferente horses; General Urbina with and without his Family; General Urbina's three children, on horseback and off; General Urbina's mother, and his mistress; the entire Family, armed with swords and revolvers, including the

²¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P.25. Raphael Zalarzo, um pequenino corcunda que Urbina levava em seu trem para se divertir, como fazia qualquer duque medieval italiano. (p. 52).

phonograph, produced for the purpose, one of the children holding a placard upon which was inked: “General Tomas Urbina R.”²²

A forma deferente, até mesmo submissa, como o próprio Reed trata o general – ironizada pelo próprio autor –, ou o fato deste fazer questão de mostrar seu poder a Reed e que pode lhe dar o que quiser, ilustram como a autoridade que Urbina exibe está bem além da mera hierarquia militar sobre seus homens. Andando pela cidade, Reed observou:

I went out at dawn and walked around Las Nieves. The town belongs to General Urbina, people, houses, animals and immortal souls. At Las Nieves he and he alone wields the high justice and the low. The town’s only store is in his house, and I bought some cigarettes from the Lion of the Sierras, who was detailed store-clerk for the day.²³

²² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P.26-27. Quando me viu, veio e apertou-me a mão, dizendo que desejava que eu tirasse algumas fotografias dele. Disse-lhe que este era meu objetivo na vida, perguntando-lhe, também, se pensava seguir logo para a frente de batalha.

- Creio que daqui uns dez dias – respondeu.

Comecei a me sentir desconfortável.

- Aprecio sua hospitalidade, meu general – respondi -, mas meu trabalho exige que eu esteja onde possa ver o avanço sobre Torreón. Se o senhor concordar, gostaria de voltar a Chihuahua e me unir ao general Villa, que logo vai para o Sul.

A expressão de Urbina não se alterou; mas atirou-me o seguinte:

- De que é que você não gosta aqui? Você está como em sua própria casa! Quer cigarros? Quer *aguardiente* ou *sotol* (nota da tradução: Bebida alcóolica comum no México, obtida a partir de uma planta lilácea com o mesmo nome.), ou conhaque? Você quer uma mulher para aquecer-lhe a cama à noite? Tudo o que você quiser eu posso lhe dar! Quer uma pistola? Um cavalo? Dinheiro?

Tirou um punhado de moedas de dólares de seu bolso e as jogou no chão, ao lado de meus pés. Eu disse:

- Em nenhuma parte do México me sinto tão feliz e contente como nesta casa.

E eu estava preparado para seguir adiante com essa conversa e atitude.

Durante a hora seguinte, tirei fotografias do general Urbina: em pé, com e sem espada; montado em três cavalos diferentes; com e sem sua família; seus três filhos, a cavalo e de pé; a mãe do general e sua amante; a família inteira, armada com espada e revólveres, incluindo, na cena, também um fonógrafo, trazido especialmente para aquela ocasião, e uma criança segurando um cartaz, no qual estava escrito a tinta: “General Tomás Urbina R.” (p. 53-54).

²³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P.26. Saí ao amanhecer e andei por Las Nieves. O vilarejo pertence ao general Urbina: as pessoas, as casas, os animais e as almas imortais... Em Las Nieves, ele, e somente ele, é quem aplica a justiça, de cima para baixo.

A única loja do povoado fica em sua casa; comprei alguns cigarros do “Leão das Sierras”, que estava de vendedor naquele dia. (p. 53).

Nestas passagens já fica claro que havia algo de errado em uma revolução que podia, por vezes, fazer as terras mudarem de mãos, mas que estava mantendo a concentração fundiária ao invés de realizar a reforma agrária e a partição dos latifúndios entre os camponeses pobres.

I asked them about General Urbina. “A good man, all heart.” (...) And finally one said proudly: “A few years ago he was just a peon like us; and now he is a General and a rich man.” (...)

The rancho was one of the many belonging to the Hacienda of El Canotillo, and all next day we drove through its wide lands, which covered more than two million acres, I was told. The *hacendado*, a wealthy Spaniard, has fled the country two years before.

“Who is owner now?”

“General Urbina,” said Antonio. And it was so, as I soon saw. The great haciendas of northern Durango, an area greater than the State of New Jersey, had been confiscated for the Constitucionalist government by the general, who ruled them with his own agentes, and, it was said, divided fifty-fifty with the revolution.²⁴

Tais contradições entre os motivos que levaram à revolução e a forma como alguns de seus comandantes agiam aparece frequentemente no livro, e o tempo que Reed passa com Urbina mostra que este não tinha como meta levar a justiça social a cabo com a revolução. Seu médico particular, um ex-enfermeiro transformado em major por Urbina, protagoniza uma cena forte presenciada por Reed, e que demonstra um grande desprezo pelos peões:

²⁴REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 21-22. Perguntei-lhes sobre o general Urbina: “Um bom homem, de grande coração”, disse um. (...) E, finalmente, um deles disse com orgulho: “Alguns anos atrás ele era apenas um peão, como nós; agora é um general e homem rico. (...)”

O rancho era um dos muitos pertencentes à Hacienda de El Canotillo (nota da tradução: Forma transcrita de modo equivocado por Reed. O nome da *hacienda* era *Canutillo* (ou *Cañutillo*), termo relativo, em alguns países de língua hispânica, a um canal argiloso formado por gafanhotos na terra para depositar seus ovos; e, em outros, ao nome de uma planta.) e, no dia seguinte, caminhamos o dia todo atravessando suas vastas terras, que cobriam mais de 2 milhões de acres, segundo me disseram. O *hacendado*, um abastado espanhol, fugira do país dois anos antes.

- Quem é o dono agora? – perguntei.

- O general Urbina. – disse Antonio.

De fato, como logo pude verificar. As grandes *haciendas* do norte de Durango, uma área maior que a do estado de Nova Jersey, haviam sido confiscadas pelo governo constitucionalista pelo general, que as administrava por meio de seus próprios agentes e que, segundo se dizia, as havia dividido pela metade com a revolução. (p. 46-47).

We were to sleep together that night, he said. But before we reached the dining room there was a shout of “Doctor!” A wounded man had arrived, a peasant with his sombrero in his hand, and a blood-clothed handkerchief around his head. The little doctor became all efficiency. He dispatched a boy for the family scissors, another for a bucket of water from the well. He sharpened with his knife a stick he picked up from the ground. Sitting the man on a box, he took off the bandage, revealing a cut about two inches long, caked with dirty and dried blood. First he cut off the hair around the wound, jabbing the points of the scissors carelessly into it. The man drew in his breath sharply, but did not move. The doctor slowly *cut the clotted blood away from the top*, whistling cheerfully to himself. “Yes,” he remarked, “is not an interesting life, the doctor’s.” He peered closely at the vomiting blood; the peasant sat like a sick stone. “And it is a life full of nobility,” continued the doctor. “Alleviating the sufferings of others.” Here he picked up the sharpened stick, thrust it deep in, *and slowly worked in the entire length of the cut!*

“Pah! The animal has fainted!” said the doctor. “Here, hold him up while I wash it!” With that he lifted the bucket and poured its content over the head of the patient, the water and blood dribbling down over his clothes. “These ignorant peons,” said the doctor, binding up the wound in its original bandage, “have no courage. It is the intelligence that makes the soul, eh?”²⁵

²⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 24. Grifos no original. Iríamos dormir juntos naquela noite, disse ele. Mas, antes de chegarmos à sala de jantar, alguém exclamou: “Doutor!”. Acabava de chegar um ferido, um camponês de *sombrero* na mão e um lenço encharcado de sangue amarrado à cabeça. O pequeno médico tornou-se uma eficiência só. Despachou um rapaz para buscar tesouras e outro para trazer um balde de água do poço. Afiou com sua faca uma vareta de madeira que apanhou no chão. Sentando o homem sobre uma caixa, retirou-lhe a bandagem, que revelou uma ferida de cinco centímetros de largura, sob uma crosta de sujeira e sangue ressecado. Primeiro cortou o cabelo em torno da ferida, remexendo com a ponta das tesouras, sem qualquer cuidado. O ferido respirou com força, mas não se moveu. Então o médico cortou o sangue coagulado da parte superior, assobiando alegremente.

– Sim – disse –, é uma vida interessante a de doutor.

Olhou atentamente o sangue que jorrava da ferida; o camponês continuava sentado, doente, duro como uma pedra.

– É uma vida cheia de nobreza – continuou o médico – aliviar o sofrimento dos outros.

Então pegou o pedaço de madeira afiada, enfiou-o profundamente no ferimento e lentamente moveu-o por toda a sua extensão!

– Pah! O animal desmaiou! – disse o doutor. – Aqui, segure-o enquanto eu lavo a ferida!

Com isso, levantou o balde água e jogou seu conteúdo na cabeça do paciente; água e sangue deslizaram, misturados, em suas roupas.

- Esses peões ignorantes – disse o doutor, cobrindo a ferida com a atadura original – não têm nenhuma coragem. É a inteligência que faz a alma, não é? (p. 50-51).

O autor deixa claro como ele próprio fica impressionado pela rudeza do “doutor”, realçando isto com trechos grifados (importante recurso omitido na tradução de Pericás). Os comentários particularmente preconceituosos contra os camponeses feitos pelo médico evidenciam que há uma distinção entre os camponeses e homens de maior hierarquia dentro do exército constitucionalista. A primeira impressão que Reed transmite da personagem do médico, de desprezo pelos camponeses e um sentimento de superioridade frente a eles que leva a que utilize seu cargo hierarquicamente superior para atender suas ambições pessoais, confirma-se pouco a frente nesta passagem:

The doctor, who was remaining with the General, strolled up to my friend, Trooper Juan Vallejo.

“That’s a pretty horse you’ve got there,” he said, “and a nice rifle. Lend them to me.”

“But I haven’t any other -----“ began Juan.

“I am your superior officer,” returned the doctor. And that was the last we ever saw of doctor, horse and rifle.²⁶

E, um pouco antes, fica claro que o entendimento do doutor sobre o proveito pessoal que pode tirar da revolução constitui seu entendimento do que significa o próprio processo revolucionário: não se trata de tornar o México um país justo, mas de enriquecer pessoalmente:

The Doctor peeped at himself in the mirror, and twisted his moustache. “This Revolución. Do not mistake. It is a fight of the poor against the rich. I was very poor before the Revolución and now I am very rich.”²⁷

²⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 31-32. O doutor, que iria ficar com o general, dirigiu-se a meu amigo, o soldado Juan Vallejo:

- É um belo cavalo que você tem. E um belo rifle. Empréstimo-os para mim.

- Mas não tenho outros... – começou a dizer Juan.

- Eu sou seu superior – retucou o doutor.

Foi a última visão que tivemos do doutor, do rifle e do cavalo. (p.59).

²⁷ Idem. P. 26. O doutor se olhou no espelho e torceu o bigode.

- Esta *Revolución*... não se engane... É uma luta dos pobres contra os ricos. Eu era muito pobre antes da *Revolución* e agora sou muito rico. (p. 52).

Assim, vemos que a caracterização das personagens secundárias, que aparecem ocasionalmente nas passagens de Reed em curtas estadias nas casas e vilarejos, vão construindo uma identidade coletiva de distintas camadas sociais que compunham a sociedade mexicana, como os *pacíficos*, os oficiais do exército etc., o que também contribui para compreendermos um pouco da subjetividade deste povo e dos desdobramentos da revolução por fora dos grandes acontecimentos políticos e das batalhas entre os campos beligerantes.

A relação de Reed com os camponeses e a defesa de sua causa revolucionária

I suddenly conceived these two humans beings as symbols of Mexico

– courteous, loving, patient, poor, so long slaves,

*so full of dreams, so soon to be free.*²⁸

- John Reed, *Insurgent Mexico*.

Em contraste ao modo como é retratado o doutor, vemos que em relação aos camponeses mais pobres, tanto os pacíficos como os combatentes, predomina um tom bastante amigável, pueril, em certa medida até mesmo idealizado, na forma como o autor os retrata. Um dos objetivos de Reed com seu livro certamente era mudar a visão estereotipada, preconceituosa e pejorativa que a média do público americano tinha dos mexicanos, e que era conscientemente construída por grande parte da imprensa e do governo para justificar a relação imperialista dos EUA em relação ao país vizinho, tanto em sua exploração econômica como em sua constante intervenção militar.

Assim, Reed se esforça para criar em *Insurgent Mexico* um conceito de que o povo mexicano – pelos menos os camponeses que lutam – é “naturalmente” generoso, corajoso e luta por justiça. Em relação a outros aspectos da visão típica dos americanos – tal como a de que o México é um país atrasado com um povo ignorante – Reed tenta

²⁸REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 142. Imaginei então aqueles seres humanos como símbolos do México – corteses, afetuosos, pacientes, pobres, por tanto tempo escravos, tão cheios de sonhos e que em breve estariam livres. (p. 203).

abordar a questão por um outro ângulo, tratando como positivos algumas características vistas como negativas, procurando transformar aquilo que era visto como defeito em um tipo de virtude a partir de uma idealização de sua relação com a natureza. É o que podemos ver, por exemplo, nesta passagem em que fala um pouco sobre como vivem os camponeses, precedida por uma descrição da Casa Grande da Hacienda de Torreón de Cañas – com um muro de pedras vasto como “a Grande Muralha da China” – e a paisagem ao seu redor, incluindo novamente as mulheres e seus afazeres como parte desta:

The Casa Grande, a magnificent porticoed palace but one story high, covered the entire top of a desert rise. From its doorway one could see fifteen miles of yellow, rolling plain, and, beyond, the interminable ranges of bare mountains piled upon each other. Back of it lay the great corrals and stables, where the Tropa's evening fires already sent up myriad columns of yellow smoke. Below, in the hollow, more than a hundred peons' houses made a vast open square, where children and animals romped together, and the women kneeled at their eternal grinding of corn. Out on the desert a troop of *vaqueiros* rode slowly home; and from the river, a mile away, the endless chain of black-shawled women carried water on their heads.... It is impossible to imagine how close to nature the peons live on these great haciendas. Their very houses are built of the earth upon which they stand, baked by the sun. Their food is the corn they grow; their drink the water from the dwindled river, carried painfully upon their heads; the clothes they wear are spun from the wool, and their sandals cut from the hide of a newly slaughtered steer. The animals are their constant companions, familiars of their houses. Light and darkness are their night and day. When a man and a woman fall in love they fly to each other without the formalities of a courtship – and when they are tired of each other they simply part. Marriage is very costly (six pesos to the priest), and is considered a very swagger extra; but it is no more binding than the most casual attachment. And of course jealousy is a stabbing matter.²⁹

²⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 30-31. A casa-grande era um magnífico palácio, de um único pavimento, com pórtico, que cobria a parte inteira de uma elevação do deserto. De suas portas podiam-se ver 25 quilômetros de uma planície ondulada e amarela. Mais além, avistavam-se intermináveis cordilheiras de montanhas áridas, escalonadas umas sobre as outras. Atrás da casa, encontravam-se os grandes currais e estábulos, de onde as fogueiras noturnas da *Tropa* lançavam uma miríade de colunas de fumaça ocre. Embaixo, numa depressão do terreno, mais de uma centena de casas de peões formavam uma vasta praça aberta, onde crianças e animais brincavam juntos, enquanto as mulheres se ajoelhavam em sua eterna moenda de milho. Lá fora, no deserto, uma tropa de *vaqueros* cavalgava sem pressa para casa; e a um quilômetro e meio de distância, pelo rio, a interminável cadeia de mulheres cobertas com xales negros levava água sobre a cabeça... É impossível imaginar como os peões nessas *haciendas* vivem em contato com a natureza. Suas próprias casas são construídas com o barro que pisam, calcinado pelo sol. Seu alimento é o milho que semeiam; sua bebida é a água que corre pelo minguado rio,

Outro aspecto bastante interessante é como Reed insere em seu relato os momentos em que ele teve que se colocar à prova para ganhar a confiança dos combatentes de *La Tropa*, e também sempre retrata os momentos em que estes fizeram declarações de amizade a ele. Nestes momentos também é frequente o autor ressaltar a desconfiança que eles nutrem pelos americanos em geral. O primeiro destes episódios é após sua partida com os homens de Tomás Urbina. Logo antes, também é feita uma significativa descrição mistificante da paisagem do deserto e de como Reed se contagia por esta:

The Tropa had already ridden on ahead, and I could see them, strung out for half a mile in the black mesquite brush, the tiny red-white-and-green flag bobbing at their head. The mountains had withdrawn somewhere beyond the horizon, and we rode in the midst of a great bowl of desert, rolling up at the edges to meet the furnace-blue of the Mexican sky. Now that I was out of the coach, a great silence, and a peace beyond anything I ever felt, wrapped me around. It is almost impossible to get objective about the desert; you sink into it – become a part of it. Galloping along, I soon caught up with the Tropa.

“Aye, Meester!” they shouted. “Here comes Meester on a horse! *Que tal*, Meester? How goes it? Are you going to fight with us?”

But Captain Fernando at the head of the column turned and roared: “Come here, Meester!” The big man was grinning with delight. “You shall ride with me,” he shouted, clapping me on the back. “Drink, now,” and he produced a bottle of *sotol* about half full. “Drink it all. Show you’re a man.” “It’s too much,” I laughed. “Drink it,” yelled the chorus as the Tropa crowded up to see. I drank it. A howl of laughter and applause went up. Fernando leaned over and gripped my hand. “Good for you, *compañero*!” he bellowed, rolling with mirth. The men crowded around, amused and interested. Was I going to fight with them? Where did I come from? What was I doing? Most of them had never heard of reporters, and one hazarded the opinion darkly that I was a gringo and a Porfirista, and ought to be shot.

transportada dolorosamente sobre a cabeça; as roupas que usam são tecidas de lã e suas sandálias são feitas do couro de bezerras recém-abatidos. Os animais são seus companheiros constantes, familiares na casa. A luz e a escuridão são seu dia e sua noite. Quando um homem e uma mulher se apaixonam, entregam-se um ao outro sem as formalidades de uma corte prévia – e, quando se cansam um do outro, simplesmente se separam. O casamento é muito caro (seis pesos para o padre), sendo considerado uma insolência adicional; mas não compromete mais que a união casual. E, é claro, o ciúme é resolvido a facadas. (p.58)

The rest, however, were entirely opposed to this view. No Porfirista would possibly drink that much *sotol* at a gulp.³⁰

Em determinados momentos, a caracterização que Reed faz da candura, coragem e boa índole do povo mexicano ganha o contorno mais explícito de uma defesa, e o autor chega a argumentar abertamente em favor destes, contrapondo-se a argumentos comumente utilizados contra eles nos EUA, colocando tal defesa diretamente em oposição aos valores que Reed vê em seu próprio país, e que remetem nitidamente a experiências anteriores pelas quais o jornalista passou anteriormente, neste caso, de sua prisão durante a greve de Paterson:

“We are fighting,” said Isidro Amayo, “for Libertad.”

“What do you mean by Libertad?”

“Libertad is when I can *do what I want!*”

“But suppose it hurts somebody else?”

He shot back at me Benito Juarez’ great sentence:

³⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 34-35. A *Tropa* passa à nossa frente, e eu ainda podia vê-los, em fila, por oitocentos metros entre as moitas negras de algarobeiras, a pequena bandeira verde, branca e vermelha tremulando sobre suas cabeças. As montanhas haviam desaparecido em algum lugar do horizonte e nós cavalgávamos numa grande depressão de terreno, no deserto cujas ondulações se estendiam até se confundirem com o azul acinzentado do céu mexicano. Agora que eu estava fora da diligência, um grande silêncio e uma paz como jamais sentira em minha vida me envolveram. É quase impossível ser objetivo sobre o deserto; nos afundamos nele – nos tornamos parte dele. Galopando, logo alcancei a *Tropa*.

- Olá, *meester!* (nota da tradução: Transcrição de Reed da pronúncia alongada utilizada pelos mexicanos para dizer *mister*) – gritaram-me. – Aí vem o *meester* a cavalo! *Que tal, meester?* Como está? Vai lutar conosco?

Mas o capitão Fernando, que encabeçava a coluna, voltou-se e rugiu:

- Venha cá, *meester!* – ria o homenzarrão, encantado. – O senhor vai aqui, comigo! – gritava, dando-me tapinhas nas costas. – Agora, beba – e ofereceu-me uma garrafa de *sotol*, pela metade. – Beba tudo, mostre que você é homem.

-É demais – eu dei uma risada.

- Beba! – gritou em coro a *Tropa*, reunida para ver.

Tomei tudo; um uivo de risadas e aplausos veio em seguida. Fernando inclinou-se e apertou-me a mão:

- Muito bem, *compañero!* – gritou, balançando-se alegremente.

Os homens se apinharam em volta, divertidos e interessados. Iria eu lutar junto a eles? De onde vinha? Que fazia? A maioria nunca ouvira falar em repórteres e um deles emitiu a opinião sombria de que eu era um gringo e um porfirista, e que deveria ser fuzilado.

Os outros, entretanto, se opuseram totalmente àquele ponto de vista. Nenhum porfirista poderia tomar tanto *sotol* de uma só vez. (p. 63-64).

“Peace is the respect for the rights of others!”

I wasn't prepared for that. It startled me, this barefooted *mestizo*'s conception of Liberty. I submit that it is the only correct definition of Liberty – *to do what I want to!* Americans quote it to me triumphantly as an instance of Mexican irresponsibility. But I think it is a better definition than ours – Liberty is the right to do what the Courts want. Every Mexican schoolboy knows the definition of peace and seems to understand pretty well what it means, too. But, they say, Mexicans don't want peace. That is a lie, and a foolish one. Let americans take the trouble to go through the Maderista army, asking whether they want peace or not! The people are sick of war.

But, just to be square, I'll have to report Juan Sanchez' remark:

“Is there war in the United States now?” he asked.

“No,” I said untruthfully.

“No war at all?” He meditated for a moment. “How do you pass the time, then...?”³¹

Nesta contundente defesa do povo mexicano contra os preconceitos e interesses dos EUA, alguns detalhes são dignos de nota. Em primeiro lugar, Reed diz que afirma

³¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 37-38. – Estamos lutando – disse Isidro Amaya – pela *libertad*.

- Que quer dizer por *libertad*?

- *Libertad* é quando eu posso fazer o que eu quero!

- Mas suponha que isto prejudique alguém

Respondeu-me com a grande frase de Benito Juárez:

- O respeito pelo direito alheio é a paz!

Eu não estava preparado para isso. Surpreendeu-me tal conceito de liberdade de um *mestizo* descalço. Considero-o a única definição correta de liberdade – fazer o que quiser! Os norte-americanos apontaram-no com ar de triunfo como exemplo da irresponsabilidade mexicana. Creio, porém, que é uma definição melhor do que a nossa: “Liberdade é o direito de fazer o que ordena a Corte de Justiça”. Todo menino mexicano em idade escolar conhece a definição da paz e parece compreender o que ela significa. Mas nos Estados Unidos dizem: os mexicanos não querem a paz. Isso é uma mentira estúpida. Deem-se os americanos o trabalho de fazer um inquérito no exército maderista, perguntando se querem a paz ou não! O povo está cansado da guerra.

Contudo, para ser justo, devo informar o que Juan Sanchez expressou:

- Há guerra agora nos Estados Unidos? – perguntou.

- Não – contestei, mentindo.

- Não há guerra, de nenhuma espécie? – ele pensou um pouco. – Como vocês passam o tempo, então? (p.67-68).

falsamente que não há guerra nos EUA, transmitindo apenas implicitamente ao leitor a concepção que já então o autor tem de que no capitalismo existe uma permanente guerra, que é a luta entre as classes sociais, e que ele já havia tido a oportunidade de sentir na própria pele ao cobrir a greve de Paterson, sabendo que a polícia não apenas dissolvia com o uso da força os piquetes e prendia os grevistas, mas que chegou a assassinar o operário Modestino, homenageado na peça teatral (Paterson Strike Pageant) em que Reed participou como um dos organizadores.

Outro ponto presente neste trecho é a forma como Reed procura garantir ao leitor a sua credibilidade factual, apesar da descrição altamente idealizada do ideal de liberdade e de paz que atribui pretensamente a todo o povo mexicano. Relatar esta última fala de Sanchez, precedida pela introdução de “Para ser justo”, é uma forma de tentar dizer ao leitor que seu testemunho da índole do povo mexicano não é idealizado, é confiável e sóbrio, e Sanchez seria uma exceção.

Quanto às provas que Reed deve dar, para si, para *La Tropa*, e, não menos importante, para seus leitores, de que é digno de cavalgar com aqueles homens e relatar a revolução, há muitas passagens que podem ser citadas, sendo a mais importante delas sem dúvida o capítulo “Meester’s flight”, em que Reed sobrevive ao combate. Esta passagem é um marco, pois é a primeira vez que Reed coloca sua vida em jogo, vê companheiros sendo mortos, e em seu relato é seu dever de jornalista que se coloca em primeiro plano:

I ran on – ran and ran and ran, until I could run no more. Then I walked a few steps and ran again. I was sobbing instead of breathing. Awful cramps gripped my legs. (...) Juan Vallejo had reached the foothills, half a mile ahead. I saw him crawling up a little rise. Suddenly three armed horsemen swept in behind him, and raised a shout. He looked around, threw his rifle far into the brush, and fled for his life. They shot at him, but stopped to recover the rifle. He disappeared over the crest, and then they did, too.

I ran. I wondered what time it was. I wasn’t very frightened. Everything still was so unreal, like a page out of Richard Harding Davis. It just seemed to me that if I didn’t get away I wouldn’t be doing my job well. I kept thinking to

myself: “Well, this is certainly na experience. I’m going to have something to write about.”³²

É interessante percebermos como o autor denota aí a estreita ligação que coloca entre a sua experiência pessoal na batalha e o que ele escreverá. Ou seja, a intenção de fazer dos seus escritos também um relato subjetivo de suas aventuras, além de retratar o momento histórico da revolução, já estava colocada centralmente na sua perspectiva futura – se assumirmos, é claro, que seu pensamento sobre “ter algo sobre o que escrever” não foi “inserido” retrospectivamente no momento da escrita. Há outras diversas passagens que não citaremos por extenso, como quando Reed come carne crua com a tropa (p. 41-42) ou quando é ameaçado de morte (saved by a wrist-watch), que são também exemplos de como o autor passou por situações arriscadas e teve que se colocar à prova para poder testemunhar a revolução tão de perto.

A questão aqui, para a formação de Reed como escritor e jornalista, é comprovar que é capaz de estar na linha de frente para poder relatar a verdade sobre o que ocorre. Como revolucionário, no entanto, o que está em jogo é se Reed é capaz de ganhar a confiança dos homens simples e pobres – aqueles que farão a revolução -, se Reed é capaz de ser “um deles” mesmo sendo um “gringo” e um jornalista. Se suas ideias e convicções são capazes de superar as barreiras materiais que dividem estes mundos para que ele tome o lado dos peões na luta revolucionária. Ainda neste capítulo, há a passagem em que é chamado para dormir com a tropa, um momento em que fica claro que para Reed é motivo de enorme satisfação pessoal ganhar a confiança destes homens:

It was after dinner, as I stood at the fire, wondering where I was to sleep, that Captain Fernando touched me on the arm.

“Will you sleep with the *compañeros*?” (...)

³² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 75-76. Eu corri – corri, corri e corri, até não poder mais. Então dei alguns passos e corri de novo. Eu estava soluçando em vez de respirar. Cãibras horríveis agarravam-me as pernas. (...) Juan Vallejo havia chegado ao pé das colinas, oitocentos metros adiante. Vi-o subindo uma pequena elevação. De repente três cavaleiros armados apareceram atrás dele, gritando. Ele olhou em volta, atirou seu fuzil para longe, no meio do mato, e começou a correr para salvar a vida. Atiraram contra ele, mas detiveram-se para recolher o fuzil. Ele desapareceu no topo, e eles também.

Eu corria e me perguntava que horas seriam. Não estava muito assustado. Tudo ainda parecia tão irreal como uma página de Richard Harving Davis. Tinha apenas a impressão de que, se não escapasse, não estaria realizando bem meu trabalho. Continuei pensando comigo mesmo: “Bem, isto é de fato uma experiência. Terei assunto para escrever”. (p. 129-130)

They didn't distinguished me at first, but soon one of the card-players said: "Here comes Meester!" At that the other roused, and woke the rest. "That's right – it's good to sleep with the *hombres* – take this place, *amigo* – here's my saddle – here there is no crookedness – here a man goes straight...."

"May you pass a happy night, *compañero*," they said. "Till morning, then."

Pretty soon somebody shut the door. The room became full of smoke and fetid with human breath. What little silence was left from the chorus of snoring was entirely obliterated by the singing, which kept up, I guess, until dawn. The *compañeros* had fleas...

But I rolled up in my blankets and lay down upon the concrete floor very happily. And I slept better that I had before in Mexico."³³

Neste momento também Reed volta a defender o caráter do povo mexicano, sua honestidade:

Americans had insisted that the Mexican was fundamentally dishonest – that I might expect to have my outfit stolen the first day out. Now for two weeks I lived with as rough a bando of ex-outlaws as there was in the army. They were without discipline and without education. They were, many of them, gringo-haters. They had not been paid a cent for six-weeks, and some were so desperately poor that they couldn't boast sandals or serapes. I was a stranger with a good outfit, unarmed. I had a hundred and fifty pesos, which I put conspicuously at the head of my bed when I slept. And I never lost a thing. But more than that, I was not permitted to pay for my food; and in a company where money was scarce and tobacco almost unknown, I was kept supplied

³³REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 39-40. Depois de comer perto do fogo, pensando em como iria dormir, o capitão Fernando tocou-me o braço.

- O senhor dormiria com os *compañeros*? (...)

Não me reconheceram ao chegar, mas logo um dos jogadores exclamou:

- Aí vem o *meester*!

Ao ouvi-lo, outros se levantaram e despertaram o restante: "Muito bem", "É bom dormir com os *hombres*"; "Sente-se aqui, amigo"; "Aqui está minha sela"; "Aqui não há desonestidade"; "Aqui todo mundo anda direito...". "Tenha uma boa noite, *compañero*, disseram. "Então, até amanhã."

Logo em seguida alguém fechou a porta. O recinto encheu-se de fumaça e de um fétido hálito humano. O já escasso silêncio que o coro dos roncos permitia extinguia-se de vez com cantorias que continuaram, creio, até o amanhecer. Os *compañeros* tinham pulgas...

Mas eu enrolei-me nos cobertores e deitei-me no chão de concreto, muito contente. E dormi melhor do que já havia conseguido desde que estava no México. (p.69-70).

with all I could smoke by the *compañeros*. Every suggestions from me that I should pay for it was an insult.³⁴

Estas passagens são fundamentais no livro, pois sem dúvida um dos objetivos mais importantes do autor era poder colocar seu testemunho pessoal a serviço de contribuir para luta dos camponeses mexicanos, e sua maior contribuição neste sentido poderia ser mudar a opinião pública americana em relação aos mexicanos, fazendo com que desinformados defensores de uma intervenção militar passassem a ver o povo mexicano como capaz e digno de se autogovernar sem nenhuma interferência externa. No livro, os episódios em que Reed ganha a confiança da tropa e aqueles em que defende os ideais do povo mexicano em luta se confundem, pois o autor deixa claro que é porque está do lado dos peões em sua causa que eles confiam nele. Ele se torna seu amigo e passa, inclusive, a se referir na narrativa como um deles, dizendo, por exemplo, “There were a hundred and fifty of us stationed at La Cadena (...)”³⁵ ao se referir aos combatentes. Uma passagem marcante que retrata a confraternização de Reed com um dos combatentes é quando se torna amigo de Longinos Güereca:

I sat down beside Julian Reyes, he with the Christ and Virgin on the front of his sombrero. He was far gone in *sotol* – his eyes burned like a fanatic’s.

He turned on me suddenly:

“Are you going to fight with us?”

“No,” I said. “I am a correspondent. I am forbidden to fight.”

“It is a lie,” he cried. “You don’t fight because you are afraid to fight. In the face of God, our Cause is Just.”

“Yes, I know that. But my orders are not to fight.”

³⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 43. Os norte-americanos têm insistido que o mexicano é fundamentalmente desonesto – e, sendo assim, eu deveria esperar que meu equipamento fosse roubado logo no primeiro dia. Vivi por duas semanas com um bando de ex-foras da lei tão rudes quanto aqueles que havia no exército. Não tinham disciplina nem educação. Muitos, inclusive, odiavam os gringos. Não haviam recebido um centavo sequer por seis semanas, e alguns estavam tão desesperadamente pobres que não possuíam sandálias nem ponchos. Eu era um estrangeiro desarmado e muito bem equipado. Possuía 150 pesos, que guardava à vista de todos, debaixo do travesseiro quando me deitava para dormir. E nunca perdi nada. Mais do que isso: não me permitiam pagar por minha alimentação; e, numa companhia onde o dinheiro era escasso e o tabaco praticamente desconhecido, os *compañeros* me mantinham provido de todo o fumo de que eu precisava. A menor menção que eu fizesse de pagá-los era considerada um insulto. (p.73).

³⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 52. Havia 150 dos nossos homens posicionados em La Cadena. (p. 85).

“What do I care for orders?” he shrieked. “We want no correspondents. We want no words printed in a book. We want rifles and killing, and if we die we shall be caught up among the saints! Coward! Huertista! ...”

“That’s enough!” cried someone, and I looked up to see Longinos Güereca standing over me. “Julian Reyes, you know nothing! This *compañero* comes thousands of miles by the sea and the land to tell his countrymen the truth of the fight for Liberty. He goes into battle without arms, he’s braver than you are, because you have a rifle. Get out now, and don’t bother him any more!”

He sat down where Julian had been, smiled his homely, gentle smile, and took both my hands in his.

“We shall be *compadres*, eh?” said Longinos Güereca. “We shall sleep in the same blankets, and Always be together. And when we get to the Cadena I shall take you to my home, and my father shall make you my brother....”³⁶

O efeito de angariar a empatia do leitor para a luta que travam os camponeses mexicanos é promovido por muitos recursos distintos empregados por Reed, que extrapolam os momentos em que ele argumenta abertamente em favor da causa dos combatentes. As descrições, por exemplo, tal como a passagem citada anteriormente

³⁶REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 47. Eu estava sentado ao lado de Julián Reyes, o que tinha as efígies do Cristo e da Virgem estampadas na frente de seu *sombrero*. Estava bem alto de tanto *sotol* e seus olhos flamejavam como os de um fanático.

Voltou-se para mim subitamente:

- Vai combater conosco?

- Não. – eu disse. – Sou correspondente. Sou proibido de lutar.

- Isso é mentira! – gritou. – Você não luta porque tem medo. Por Deus, nossa causa é justa.

- Sim, eu sei. Mas tenho ordens para não lutar.

- Que me importam as ordens? – exclamou ele em voz aguda e estridente. – Não queremos correspondentes. Não queremos palavras impressas num livro. Queremos rifles e matar; e, se morrermos, seremos colocados entre os santos! Coverde! Huertista!...

- Basta! – exclamou alguém, que logo indentifiquei como Longinos Güereca. – Julián Reyes, você não sabe nada. Esse *compañero* percorre milhares de quilômetros por terra e mar para contar a seus concidadãos a verdade sobre a luta pela liberdade. Entra em combate sem armas, é mais corajoso que você, já que você tem um rifle. Saia daqui e não o incomode mais!

Sentou-se onde estivera Julián, sorriu com seu ar simples, agradável e pegou minhas mãos.

- Seremos *compadres*, hein? – disse Longinos Güereca. – Quando dormirmos, sempre nos cobriremos com as mesmas mantas e estaremos sempre juntos. E ao chegarmos a La Cadena, vou levá-lo à minha casa e meu pai vai torná-lo meu irmão... (p. 77-78).

sobre o modo de vida do povo ligado à natureza, são uma forma de gerar no leitor uma identificação com o país, criando nele o sentimento de que é uma terra que deve pertencer aos que nela vivem e dela se alimentam.

Algumas vezes a defesa dos peões aparece de forma mais explícita, com Reed exaltando o fato de que os camponeses estavam arriscando sua vida para defender esta terra, a sua morada, e isto procura despertar no leitor o sentimento de que é uma luta justa, que merece ser vencida; associada à paisagem também estão os costumes, o folclore, a cultura do povo nativo, figurando como parte do patrimônio que é defendido pela luta revolucionária. Em tais casos, também é frequente aparecer a evocação da humildade e de como a meta dos camponeses era conseguir a justiça – apenas um pedaço de terra para plantar e viver – opondo-se à ambição de figuras que usavam a revolução para enriquecer, tal como Urbina e o doutor. Ainda que Reed retrate estas figuras, que fazem parte do exército constitucionalista, de forma pejorativa, fica evidente na obra que a sua simpatia está com os combatentes simples, como Longinos Güereca. O grande ícone desta visão de uma revolução por justiça é Villa, que representa um comandante do exército, mas sem deixar de encarnar estes valores presentes nos companheiros de batalha de Reed. Podemos ver um exemplo emblemático destes componentes na seguinte passagem:

In the late sunshine the desert was a glowing thing. We rode in a silente, enchanted land, that seemed some kingdom under the sea. All around were great cactuses colored red, blue, purple, yellow, as coral is on the ocean bed. Behind us, to the West, the coach rolled along in a glory of dust like Elijah's chariot.... Eastward, under a sky already darkening to stars, were the rumpled mountains behind which lay La Cadena, the advance post of the Maderista army. It was a land to love – this Mexico – a land to fight for. The ballad-singers suddenly began the interminable song of "The Bull-Fight," in which the Federal chiefs are the bulls, and the Maderista generals the *toreros*; as I looked at the gay, lovable, humble *hombres* who had given so much of their lives and of their comfort to the brave fight, I couldn't help but think of the little speech Villa made to the foreigners who left Chihuahua in the first refugee train:

“This is the latest news for you to take to your people. There shall be no more palaces in Mexico. The *tortillas* of the poor are better than the bread of the rich. Come!...”³⁷

Não à toa Reed evoca justamente o discurso que Villa direciona aos estrangeiros, em sua maioria certamente americanos, que estão fugindo do país após a tomada de Chihuahua: é exatamente a este público que a obra de Reed se dirige, procurando convencer da justeza da luta revolucionária. Villa é figurado como o defensor do povo camponês e pobre, neste discurso representado justamente por um de seus mais típicos hábitos culturais, a alimentação com *tortillas* em oposição ao pão comido pelos mais ricos.

Da mesma forma que nesta passagem Reed aclama os camponeses que deixam sua vida de lado para lutar como uma forma de exaltar sua causa, o retrato que ele frequentemente faz da pobreza dos combatentes é também uma forma de defendê-los, pois significa que mesmo sem as armas e as condições adequadas para ir à luta, estes homens estão dispostos a se arriscar por sua causa. A primeira vez que Reed descreve os combatentes é quando conhece a tropa de Urbina:

This was the Tropa when I first saw them. About a hundred, they were, in all stages of picturesque raggedness; some wore overalls, other the *charro* jackets of peons, while on or two sported tight *vaqueiro* trousers. A few had shoes, most of them only cowhide sandals, and the rest were barefooted. Sabas Gutierrez was garbed in an ancient frockcoat, split up the back for riding. Rifles slung at their saddles, four or five cartridges belts crossed over their chests, high, flapping *sombreiros*, immense spurs chiming as they rode, bright-colored serapes strapped on behind – this was their uniform.³⁸

³⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 50-51. Com os últimos raios do sol, o deserto resplandecia. Cavalgávamos por uma terra silenciosa, encantada, que parecia algum reino submarino. Em toda a volta havia grandes cactos vermelhos, azuis, púrpuras e amarelos, como corais no leito do oceano. Atrás de nós, para o oeste, rodava a diligência, envolta numa nuvem de pó, como a carruagem de Elias... Na direção oeste, sob um céu que escurecia e no qual já surgiam estrelas, estavam as montanhas rugosas, por trás das quais se situava La Cadena, o posto avançado do exército maderista. Era uma terra digna de se amar – esse México –, uma terra pela qual lutar. Os cantores de baladas começaram, de repente, a entoar uma interminável canção de corrida de touros, na qual os chefes federais eram os touros e os generais maderistas, os *toreros*. Ao contemplar aqueles alegres, amáveis e humildes *hombres*, que tanto haviam oferecido suas vidas e comodidades à heroica luta, eu não podia deixar de pensar no breve discurso que Villa proferiu aos estrangeiros que saíram de Chihuahua no primeiro trem de refugiados: “Esta é a primeira notícia para vocês levarem ao seu povo. Não haverá mais palácios no México. As *tortillas* dos pobres são melhores do que o pão dos ricos. Vão!” (p. 82)

³⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 29. Essa era a *Tropa* quando a vi pela primeira vez, algo em torno de cem soldados, pitorescamente esfarrapados. Alguns vestiam roupas de operário; outros, as jaquetas estilo *charro* dos peões; e um ou dois ostentavam calças de *vaqueiros*. Apenas uns

E num estado ainda mais deplorável estavam os homens em La Cadena, após o retorno da tropa de Urbina para Las Nieves:

The Cadena's new garrison were a diferente kind of men, God knows where they came from, but it was a place where the troopers had literally starved. They were the most wretchedly poor peons I have ever seen – about half of them didn't have serapes. Some fifty were known to be *nuevos* who had never smelled poder, about the same number were under a dreadfully incompetent old party named Major Salazar, and the remaining fifty were equipped with old carbines and tem rounds of ammunition apiece.³⁹

Estas descrições, que servem como recurso para convencer o leitor de que a luta destes peões é motivada por uma causa justa, não fazem, contudo, com que o autor ignore as contradições que existem no interior do próprio exército, não apenas em relação aos oficiais, como já foi apresentado, mas também com os próprios soldados, muitas vezes motivados a lutar apenas por uma situação em que a miséria econômica tornava praticamente impossível se sustentar trabalhando, e mesmo no exército quase morriam de fome.

Em compensação, a imagem que Reed traça de seus poucos compatriotas que aparecem no livro é bem menos lisonjeira: são em geral mesquinhos, egoístas e preconceituosos em relação ao povo mexicano. O mais expressivo trecho desta visão aparece no capítulo “Duello a la Frigada”, que foi publicado também em uma versão modificada no livro de contos selecionados de Reed, “The Daughter of Revolution”, sob o título de “Mexican Portraits”. Reed retrata assim alguns mercenários americanos (e um irlandês) que se juntaram ao exército de Villa:

There, at the side of the plaza, I came upon a little group of five Americans huddled upon a bench. They were ragged beyond belief, all except a slender

poucos calçavam sapatos: a maioria deles usava sandálias rústicas de couro; e o restante estava descalço. Sabás Gutierrez exibia uma velha sobrecasaca, que se abria atrás para montar. Os rifles pendiam nas selas e os homens levavam quatro ou cinco cinturões de cartuchos, cruzados sobre o peito; altos *sombreros* de abas largas, imensas esporas que tilintavam ao cavalgar, e ponchos de cores brilhantes, amarrados atrás da sela: esse era seu uniforme. (p. 56).

³⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 55. A nova guarnição de La Cadena era composta por um tipo diferente de homens. Só Deus sabia de onde vinham, mas era de um lugar onde os soldados literalmente morriam de fome. Eram os peões mais miseráveis que eu já vira – a metade não tinha *serapes*. Cerca de cinquenta deles eram conhecidos como *nuevos*, ou seja, nunca haviam sentido o cheio da pólvora; um número similar estava sob as ordens de um velho indivíduo, terrivelmente incompetente, chamado major Salazar; os cinquenta restantes estavam equipados com carabinas velhas e dez cartuchos de munição para cada um. (p. 88-89).

youth in leggings and a Federal officer's uniform, who wore a crownless Mexican hat. Feet protruded from their shoes, none had more than the remnants of socks, all were unshaven. One mere boy wore his arm in a sling made out of a torn blanket. The made room for me gladly, stood up, crowded around, cried how good it was to see another American among all these damned greasers.

"What are you fellows doing here?" I asked.

"We're soldiers of fortune!" said the boy with the wounded arm.

"Aw-!" interrupted another. "Soldiers of-!"

"Ye see it's this way," began the soldierly looking youth. "We've been fighting right along in the Brigada Zaragosa – was at the battle of Ojinaga and everything. And now comes na order from Villa to discharge all the Americans in the ranks and ship'em back to the border. Ain't that a hell of a note?" (...)

"What did you fellows come down here for?" I asked.

"Excitment!" answered the soldier and the Irishman, grinning. The three boys looked at me with eager, earnest faces, drawn with hunger and hardship.

"Loot!" they said simultaneously. I cast an eye at their dilapidated garments, at the throngs of tattered volunteers parading around the plaza, who hadn't been paid for three months, and restrained a violent impulse to shout with mirth. Soon I left them, hard, cold misfits in a passionate country, despising the cause for which they were fighting, sneering at the gaiety of the irrepressible Mexicans.⁴⁰

⁴⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 132-135. Lá, ao lado da *plaza*, tropei com um grupinho de cinco norte-americanos, amontoados num banco. Estavam o mais esfarrapados que se possa imaginar, exceto um juvenzinho magro com perneiras e um uniforme de oficial federal, que usava um chapéu mexicano sem copa. Com os pés saindo para fora dos sapatos, nenhum possuía mais do que restos de meias e todos estavam com a barba por fazer. Um jovem, quase menino ainda, tinha o braço numa tipóia improvisada com um cobertor. Cederam-me lugar alegremente, levantaram-se e reuniram-se à minha volta, gritando como era bom ver outro norte-americano, entre todos aqueles malditos *greasers*. (nota da edição brasileira: Gíria pejorativa para designar os mexicanos. Em tradução literal, "ensebados" ou "gordurosos")

- Que fazem aqui, parceiros? – perguntei-lhes.

- Somos soldados da fortuna, mercenários! – disse o garoto com o braço ferido.

- Oh...! – interrompeu outro. – Soldados da... !

- Olha só, é assim – começou o jovem com cara de soldado. – Lutamos junto da brigada Zaragoza, estivemos na batalha de Ojinaga e tudo mais. E agora vem uma ordem de Villa para dispensar todos os norte-americanos nas fileiras e manda-los de volta para a fronteira. Não é uma porcaria essa ordem? (...)

Através da posição de Reed em relação a estes mercenários se expressa, na realidade, a forma como o autor encara a atitude do governo de seu país em relação ao México, vendo nele um desprezo por um povo que luta por liberdade e procurando ver apenas como podem lucrar mais com o conflito. Desta forma peculiar, Reed procura ganhar a adesão dos leitores à causa revolucionária.

Reed também mostra que muitos dos combatentes – ainda que alimentassem ilusões nas promessas de Francisco Madero, um rico latifundiário que em momento algum teve intenções de realizar a reforma agrária – sabiam que as promessas dos que os lideravam eram frequentemente palavras ao vento. Se em alguns lugares, como as terras sob comando de Villa ou o sul dirigido por Emiliano Zapata, a divisão das terras era imediatamente efetivada, isto era o oposto do que desejava o presidente Carranza e é o que levaria a que eventualmente estes dois comandantes fossem transformados em inimigos do governo, em 1914. Estas contradições se expressam – ainda que Reed não as explique, e que no diálogo com os peões demonstre uma visão ingênua o que estava em jogo – nesta conversa com os combatentes em La Cadena, logo após o pronunciamento do governo de Durango sobre a repartição das terras entre a população:

“That,” said Martinez, “is the Mexican Revolución.”

“It’s just what Villa’s doing in Chihuahua,” I said. “It’s great. All you fellows can have a farm now.”

An amused chuckle ran around the circle. Then a little, bald-headed man, with yellow, stained whiskers, sat up and spoke.

“Not us,” he said, “not the soldiers. After the Revolución is done it wants no more soldiers. It is the *pacíficos* who will get the land – those who did not fight. And the next generation. ...” He paused and spread his torn sleeves to the fire. “I was a schoolteacher,” he explained, “so I know that Revoluciones, like Republics, are ungrateful. I have fought three years. At the end of the

- Para que vieram aqui, parceiros? – perguntei.

- Emoção! – responderam o soldado e o irlandês, rindo. Os três garotos se entreolharam com semblantes ansiosos, sérios, em que se retratavam a fome e o sofrimento.

- Saques! – disseram simultaneamente.

Dei uma olhada para suas roupas em frangalhos, para a multidão de voluntários maltrapilhos que perambulavam pela *plaza*, que há três meses não recebiam pagamento e reprimi um impulso violento de rir e gritar. Logo os deixei, meninos duros, frios e desajustados num país apaixonante, desprezando a causa pela qual lutavam, zombando da irreprimível jovialidade dos mexicanos. (p. 190-192).

first Revolución that great man, Father Madero, invited his soldiers to the Capital. He gave us clothes, and food, and bullfights. We returned to our homes and found the greedy again in power.”

“I ended the was with forty-five pesos,” said a man.

“You were lucky,” continued the schoolmaster. “No, it is not the troopers, the starved, unfed, common soldiers who profit by the Revolución. Officers, yes – some – for they get fat on the blood of the Patria. But we – no.”

“What on earth are you fighting for?” I cried.

“I have two little sons,” he answered. “And *they* will get their land. And they will have other little sons. They, too, will never want for food. ...” The little man grinned. “We have a proverb in Guadalajara: ‘Do not wear a shirt of eleven yards, for he who wants to be a redeemer will be crucified.’”

“*I’ve* got no little son,” said fourteen-year-old Gil Tomas, amid shouts of laughter. “I’m fighting so I can get a thirty-thirty rifle from some deade Federal, and a good horse that belonged to a millionaire.”

Just for fun I asked a trooper with a photo button of Madero pinned to his coat who that was.

“*Pues, quien sabe, señor?*” he replied. “My captain told me he was a great saint. I fight becaucvse it is not so hard as to work.”⁴¹

⁴¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 67-68. – Isso – disse Martinez – é a *Revolución Mexicana*.

- É exatamente o que Villa está fazendo em Chihuahua – disse eu. – É ótimo. Todos vocês, companheiros, podem ter uma fazenda agora.

Um risinho abafado de satisfação esboçou-se no círculo. Então, um homem pequeno, careca, de costeletas amareladas, manchadas, sentou-se e falou:

- Não nós, nem os soldados. Depois que a *revolución* termina, ela não quer mais soldados. Os *pacíficos* é que obterão a terra; aqueles que não lutaram. E a próxima geração... – fez uma pausa e estendeu as mangas rasgadas em direção ao fogo. – Eu era professor de escola – explicou –, portanto, sei que *revoluciones*, como as repúblicas, são ingratas. Lutei por três anos. No fim da primeira *revolución*, aquele grande homem, o Pai Madero, convidou seus soldados para irem à capital. Deu-nos roupas, alimentos e touradas. Voltamos aos nossos lares e encontramos os gananciosos novamente no poder.

- Terminei a guerra com 45 pesos – disse um homem.

- Você teve sorte – continuou o professor – Não, não são os soldados, os famintos, os desnutridos, os soldados rasos os que lucram com a *revolución*. Os oficiais sim, alguns, já que engordam com o sangue da *Patria*. Mas nós, não.

- Por que motivo, então, vocês estão lutando?! – gritei.

Uma declaração semelhante é feita por Juan Sanchez, da tropa de Urbina: “‘What are you fighting for?’ I asked. Juan Sanchez, the color-bearer, looked at me curiously. ‘Why, it is good, fighting. You don’t have to work in the mines...!’”⁴²

Madero, Carranza e a Revolução

*Madero há soltado um tigre; veremos se puede manejarlo.*⁴³

- Frase atribuída a Porfirio Díaz antes de partir para o exílio

Reed, no entanto, retrata também com bastante vivacidade as grandes expectativas que o povo mexicano mais pobre colocava na revolução, e a forma como estavam dispostos a dar sua vida por ela. Estas expectativas se confundem em várias passagens com um alto grau de idealização de lideranças burguesas que não tinham os mesmos objetivos que estes combatentes, principalmente o presidente assassinado Francisco I. Madero, que se torna um mártir do exército constitucionalista. Em *Insurgent Mexico* as contradições e os contrastes que existiam no campo constitucionalista aparecem a todo o momento, como já ficou evidente nas passagens citadas anteriormente. Contudo, como apontamos anteriormente, o livro de Reed não

- Eu tenho dois filhos pequenos – respondeu. – E eles terão sua terra. E eles, por sua vez, terão descendentes. Estes, tampouco, padecerão por falta de alimentos... – o homenzinho sorriu. – Temos um provérbio em Guadalajara: “Não te metas em camisa de onze varas, porque quem se mete a redentor, sai crucificado.”

- Eu não tenho nenhum filho pequeno – disse Gil Tomás, o de catorze anos, entre as gargalhadas de todos. – Luto para conseguir um rifle 30-30 de algum federal morto e um bom cavalo de algum milionário.

Só para me divertir, perguntei a um soldado, que trazia na lapela um broche com uma foto de Madero, quem ele era.

- Pues, quién sabe, señor? – respondeu – Meu capitão me disse que ele era um grande santo. E luto porque não é tão duro como trabalhar. (p. 103-104)

⁴² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 35. - Por que lutam? – perguntei-lhes.

Juan Sanchez, o que levava a bandeira, olhou-me com curiosidade:

- Por quê? Porque é bom lutar; assim, não é preciso se preocupar em trabalhar nas minas! (p. 64).

⁴³ Madero soltou um tigre. Veremos se pode lidar com ele. (tradução minha).

explica as causas destas contradições. Em *México em Llamas*, Pablo Langer Oprinari aponta com bastante precisão as causas dos dissensos no campo constitucionalista:

(...) el motor fundamental de la Revolución fue el ansia de tierra de las masas rurales, que se contituyeron en su principal protagonista. Desde el inicio los sectores populares participantes se nuclearon tras las banderas del antireeleccionismo [de Porfirio Díaz como presidente] impulsado por Francisco I. Madero, pero lo hicieron articulando la lucha contra la dictadura de Porfirio Díaz com otras reivindicaciones ampliamente sentidas: en primer lugar la recuperación de las tierras y del usufructo de los recursos naturales expropiados por los terratenientes, el rechazo frente al avasallamiento de las autonomias municipales, y las demandas obreras tales como la reducción de la jornada laboral y el mejoramiento de las condiciones de trabajo. (...)

El accionar del setor burguês que em 1910 hegemonizó la dirección del movimiento estuvo signado por su interés en preservar el desarrollo del capitalismo em México. Que para acceder al poder político tuviera que impulsar un alzamiento armado ante la intransigencia porfirista, no cambia el hecho de que la intención del maderismo era limitarse a reformas políticas y asegurar el predominio del sector social que representaba – en particular de las facciones dominantes del norte del país –, como expresó el Plan de San Luis⁴⁴ (...)

(...) desde el clan Madero hasta el núcleo dirigente del constitucionalismo, eran grandes propietarios de tierra o provenían de los sectores acomodados del campo. Como consecuencia de esto, las distintas fracciones políticas y militares de la burguesia se opusieron, en todo momento, a la resolución íntegra de las demandas agrarias, en la medida en que esto implicaba atacar al latifundio y poner así en tela de juicio um desarrollo capitalista donde la propiedade de la tierra era uno de sus elementos constitutivos. (...)

⁴⁴ O Plan de San Luis foi um documento promulgado por Francisco Madero ao chamar o levantamento armado contra o governo de Porfirio Díaz. Como afirma Pablo Oprinari: “El Plan de San Luis estaba orientado, fundamentalmente, a lograr uma reforma política, imponer novas reglas y garantizar la integración al poder de los sectores de las clases dominantes marginados por Porfirio Díaz (...) el Plan expresaba el interés de sus redactores en preservar el orden social imperante, limitandose a ofertar de forma vaga algunas concesiones en torno a la cuestión agraria.” (OPRINARI et al., 2010, p. 94). O ponto que tratava da reforma agrária era o ponto 3, o qual Madero não cumpriu uma vez estando no poder, limitando-se a medidas acordadas com Profirio Díaz nos acordos firmados em Ciudad Juárez em 21 de maio de 2011. O não cumprimento do Plan de San Luis levou aos primeiros enfrentamentos militares no interior do campo anti-porfirista.

Ante el conservadurismo de las direcciones políticas burguesas, el campesinado y em particular los sectores organizados en los ejércitos de Villa y Zapata, tendieron a actuar como uma forza social independiente.⁴⁵

Uma das grandes riquezas do relato de Reed, em contato direto com os peões que lutavam no exército constitucionalista, é mostrar como estas contradições se expressam na subjetividade dos combatentes, dos peões que eram a base do exército. Como apontamos anteriormente, por exemplo, na fala do professor, há uma mistura de esperança e ceticismo em relação aos resultados que a luta revolucionária trará aos camponeses. Muitos dos combatentes veem nitidamente que oficiais do exército constitucionalista se aproveitam da revolução e de seus postos dirigentes para obter ganhos pessoais com a guerra. Reed, no entanto, mostra a partir das conversas que esta desconfiança curiosamente não atinge a imagem de Francisco Madero, que, como demonstrou Oprinari, era um dos maiores interessados em que nada mudasse na estrutura fundiária do país. O maior interesse de Madero quando este se coloca contra Porfirio – não sem antes tentar uma saída negociada com o ditador em 15 de abril de 2010⁴⁶, e que se consolidará com a assinatura dos acordos de Ciudad Juárez no ano seguinte – era acabar com a sua reeleição indefinida como presidente, mantendo intacto o regime político e, principalmente, a estrutura social do país. Talvez pelo fato de que Madero tenha sido assassinado por Victoriano Huerta e Felix Díaz, sobrinho de Porfirio, em 1910, a sua pessoa ganhou um espaço idealizado no imaginário popular,

⁴⁵ OPRINARI et al., 2010, p. 84-86. (...) O motor fundamental da Revolução foi a ânsia por terras das massas rurais, que se constituíram como sua principal protagonista. Desde o início os setores populares participantes se organizaram sob as bandeiras do anti-reelecionismo [de Porfirio Díaz como presidente] impulsionado por Francisco I. Madero, mas o fizeram articulando a luta contra a ditadura de Porfirio Díaz com outras reivindicações amplamente sentidas: em primeiro lugar a recuperação das terras e do usufruto dos recursos naturais expropriados pelos latifundiários, o rechaço frente à subordinação das autonomias municipais e as demandas operárias, tais como a redução da jornada e a melhora das condições de trabalho (...)

A entrada em ação do setor burguês que em 1910 hegemonizou a direção do movimento foi marcado por seu interesse em preservar o desenvolvimento do capitalismo no México. Que para acender ao poder político tenha que ter impulsionado um levante armado contra a intransigência porfirista não muda o fato de que a intenção do maderismo era limitar-se a reformas políticas e assegurar o predomínio do setor que representava – em particular as frações dominantes do norte do país –, como expressou o Plano de San Luis (...)

(...) do clã Madero até o núcleo dirigente do constitucionalismo, eram grande proprietários de terra ou provinham dos setores acomodados do campo. Como consequência disso, as distintas frações políticas e militares da burguesia se opuseram, a todo o momento, à resolução íntegra das demandas agrárias, na medida em que isto implicava atacar o latifúndio e, assim, colocar em jogo um desenvolvimento capitalista do qual a propriedade de terra era um dos elementos constitutivos. (...)

Diante do conservadorismo das direções políticas burguesas, o campesinato, e em particular os setores organizados nos exércitos de Villa e Zapata, tenderam a atuar como uma força social independente. (tradução minha).

⁴⁶ OPRINARI et al., 2010, p.92.

transformando-se em um mártir da revolução. O grau a que chega esta idealização é bem expresso na conversa que Reed tem com a tropa de Urbina:

Manuel Paredes said: "We are fighting to restore Francisco I. Madero to the Presidency." This extraordinary statement is printed in the program of the Revolution. And everywhere the constitucionalista soldiers are known as "Maderistas". "I knew him," continued Manuel, slowly. "He was Always laughing, Always."

"Yes," said another, "whenever there was any trouble with a man, and all the rest wanted to fight him or put him in prison, Pancho Madero said: 'Just let me talk to him a few minutes. I can bring him around.'"

"He loved *bailes*," na Indian said. "Many a time I've seen him dance all night, and all the next day, and the next night. He used to come to the great Haciendas and make speeches. When he began the peons hated him; when he ended they were crying...."

Here a man broke out into a droning, irregular tune, such as Always accompanies the popular ballads that spring up in thousands on every occasion:

In nineteen hundred and tem

Madero was imprisoned

In the National Palace

The eighteenth of Frebruary.

Four days he was imprisoned

In the Hall of the Intendancy

Because he did not wish

To renounce the Presidency.

Then Blanquet and Felix Díaz

Martyred him there

They were the hangmen

Feeding on his hate.

They crushed....

Until he fainted

With play of cruelty

To make him resign.

Then with hot irons

They burned him without mercy

And only uncouncousness

Calmed the awful flames.

But it was all in vain

Because his mighty courage

Preferred rather to die

His was a great heart!

This was the end of the life

Of him who eas the redeemer

Of the Indian Republic

And of all of the poor.

They took him out of the Palace

And tell us he was killed in na assault

What a cynism!

What a shameless lie!

O Street of Lecumberri
Your cheerfulnedd has ended forever
For through you passed Madero
To the Penitentiary.

That twenty-second of Februrary
Will always be remembered in the Indian Republic

God has pardoned him
And the Virgin of Guadalupe.

Good-bye Beautiful Mexico

Where our leader died

Good-bye to the palace

Whence he issued a living corpse.

Señores, there is nothing eternal

Nor anything sincere in life

*See what happened to Don Francisco I. Madero!*⁴⁷

⁴⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 36-37. Manuel Paredes disse:

- Estamos lutando para repor Francisco I. Madero na presidência.

Essa declaração extraordinária (nota da tradução: Madero havia sido assassinado algum tempo antes) está impressa no programa da revolução. Os soldados constitucionalistas são conhecidos por toda parte como “maderistas”.

- Eu o conheci – acrescentou Manuel pausadamente. – Ele estava sempre rindo, sempre.

- Sim – disse outro –, sempre que havia uma dificuldade com um homem, e todos queriam brigar com ele ou prendê-lo, Pancho Madera dizia: “Só me deixe falar com ele por alguns minutos. Posso convencê-lo”.

- Ele adorava bailes – acrescentou um índio. – Muitas vezes o vi dançar a noite toda, e todo o dia seguinte, e a noite seguinte. Costumava vir às grandes *haciendas* e discursa. Quando começava, os peões o odiavam; quando terminava, estavam chorando...

Então um homem começou a cantar uma canção de forma monótona e irregular como as que sempre acompanham as baladas populares que nascem aos milhares em cada ocasião:

Em mil novecientos diez

Madero fue encarcelado

En Palacio Nacional

El dieciocho de febrero.

Cuatro días estuvo preso

Em el salón de la Intendencia

Porque no aceptaba

Renunciar la presidencia.

Entonces Blanquet y Díaz

Lo martirizaron ahí;

Ellos fueron sus verdugos

Que así saciaban su odio.

Ellos lo golpeaban

Hasta que él se desmayaba,

Con lujo de crueldade

Para hacerlo renunciar.

Luego com hierros candentes

Lo quemaron sin piedad.

Y sólo se desmayaba;

Nada le hacían las llamas.

Pero todo fue en vano,

Por su enorme valentia,

Porque preferia morir;

Qué gran corazón tenía!

*Este fue el fin de la vida
De aquél que era el redentor
De la República indígena
Y del Pueblo, salvador.*

*Lo sacaron de Palacio;
“En un assalto murió”,
Dijo Huerta con cinismo,
Pero nadie le creyó.*

*Oh, calle de Lecumberri
Ya se acabó tu alegría,
Pues por ti pasó Madero
Rumbo a la Penitenciaría.*

*El veintidós de febrero
Siempre se recordará;
La Virgen de Guadalupe
Y Dios lo perdonarán.*

*Adiós, mi México lindo,
Donde Madero murió;
Adiós, adiós al Palacio
En que el apóstol cayó.*

*Señores no hay nada eterno
Y no hay nada sincero;
Vean lo que le pasó
A don Francisco I. Madero! (p. 65-66).*

Contudo, em alguns momentos Reed demonstra que esta imagem não foi sempre unânime, e fala sobre outra canção popular – El Pagaré – que desmascarava os interesses do latifundiário Madero e seu clã:

In the plaza the regimental band was playing “El Pagare,” the song which started Orozco’s Revolution.⁴⁸ It was a parody of the original, referring to Madero’s payment of his family’s \$750,000 war claims as soon as he became president, that spread like wild-fire over the Republic, and had to be suppressed with police and soldiers. “El Pagare” is even now a taboo in most revolutionary circles, and I have heard of men being shot for singing it.⁴⁹

Tal idealização se estende apenas parcialmente ao sucessor político de Madero, o constitucionalista auto-proclamado Primeiro Chefe da Revolução, Venustiano Carranza. O próprio Reed não explica em seu livro que Madero – como Carranza – era um rico latifundiário, mas tem uma visão muito mais crítica de Carranza e de seu programa político, inclusive, apontando explicitamente que a opinião de Villa sobre o dirigente constitucionalista – a quem se referia como seu *jefe* (chefe) – é enviesada e ingênua:

He never referred to Carranza except as “my Jefe,” and he obeyed implicitly the slightest order from “the First Chief of the Revolution.” His loyalty to Carranza was perfectly obstinate. He seemed to think that in Carranza were embodied the entire ideals of the Revolution. This, in spite of the fact that many of his advisors tried to make him see that Carranza was essentially and aristocrata and a reformer, and that the people were fighting for more than reform.

⁴⁸ A chamada “revolução de Orozco” é um episódio bastante citado mas pouco explicado no livro de Reed. Refere-se a uma rebelião contra o governo de Madero conduzida pelo chefe camponês Pascual Orozco, cujo programa continha aspectos mais progressistas do que o de Madero em relação à questão agrária, tanto que Zapata o considerou como um aliado neste momento. Contudo, conforme aponta OPRINARI sobre o levante de Orozco: “Aunque su programa – el Plan de La Empacadora – continúa reivindicaciones sociales, tras las cuales incorporo a sectores insurgentes de 1910 y conquisto gran apoyo popular en el occidente del estado [de chihuahua], hay que recordar que la rebelión era financiada por los latifundistas ofuscados con los aumentos de impuestos. El movimiento de Orozco no tuvo una postura independiente frente a los terratenientes, quienes lo utilizaron en su disputa con el gobierno central (...) y por ello aquél terminaría apoyando en 1913 a la contrarrevolución huertista contra Madero” OPRINARI, p.101. No período abarcado por Reed, Orozco já está nas fileiras huertistas liderando os colorados (tropas irregulares) e é odiado pela maioria dos camponeses pobres.

⁴⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 131. Na *plaza*, a banda do batalhão estava tocando “El Pagaré”, a canção que iniciou a revolução de Orozco. Era uma paródia da original, que se referia ao caso do pagamento de Madero a seus familiares de US\$ 750 mil por prejuízos de guerra, logo que ele se tornou presidente, e que se espalhou como fogo no mato por toda a República, tendo de ser reprimida pela polícia e pelos soldados. “El Pagaré” ainda é um tabu na maior parte dos círculos revolucionários, e ouvi falar de casos de fuzilamento por terem-na cantado. (p. 189).

Carranza's political program, as set forth in the plan of Guadalupe, carefully avoids any promise of settlement of the land question, except a vague endorsement of Madero's plan of San Luis Potosi, and it is evidente that he does not intend to advocate any radical restoration of the land to the people until he become provisional president – and then to proceed very cautiously.⁵⁰

Reed complementa sua descrição de Carranza como um aristocrata senil no único capítulo que constitui a quinta parte do livro “Carranza – An Impression”. Ainda que seja muito curto em comparação às outras partes, o fato de Reed ter atribuído este capítulo como uma das seis partes do livro demonstra que ele concebe a caracterização do auto-intitulado “primeiro chefe da revolução” como algo importante no conjunto da narrativa. Como em poucos outros momentos do livro, Reed inicia sua caracterização de Carranza a partir de um momento no qual não estava presente, na tomada do poder por Madero em 1910, a partir de testemunhos de terceiros. Isto demonstra que Reed considera importante retomar algo da trajetória política de Carranza para que seus leitores tenham ciência de quem é a personagem, e que neste caso não basta restringir-se a seu testemunho pessoal. Já neste trecho é bastante visível o contraste entre a forma como o autor retrata Madero – de forma muito mais simpática – e Carranza – com visível antipatia.

When the Treaty of Peace was signed in Juarez which ended the Revolution of 1910, Francisco Madero proceeded south toward Mexico City. Everywhere he spoke to enthusiastic and triumphant throngs of peons, who acclaimed him The Liberator.

In Chihuahua he adressed the people from the balcony of the Governor's palace. As he told of the hardships endured and the sacrifices made by the little band of men who had overthrown the dictatorship of Diaz forever, he was overcome with emotion. Reaching inside the room, he pulled out a tall, bearded man of commanding presence, and throwing his arm about his shoulder, he said, in a voice choked with tears:

⁵⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 116. Não se referia nunca a Carranza senão como “meu jefe” e obedecia sem reservas à mais ligeira ordem do “primeiro chefe da revolução”. Sua lealdade à Carranza era de uma verdadeira obstinação. Parecia crer que nele estavam personificados todos os ideais da revolução, apesar de muitos de seus conselheiros procurarem mostrar-lhe que Carranza era essencialmente um aristocrata e reformista, e que o povo lutava por algo além de reformas.

O programa político de Carranza, delineado no Plano de Guadalupe, cuidadosamente omite qualquer promessa para resolver a questão da terra, com exceção de um vago apoio ao Plano de San Luís de Potosí, de Madero, e é evidente que ele não tem intenção de apoiar nenhuma restituição radical de terra ao povo até que se torne presidente interino – para então proceder com muita cautela. (p. 174).

“This is a good man! Love and honor him always.”

It was Venustiano Carranza, a man of upright life and high ideals; and aristocrata, descended from the dominant Spanish race; a great landowner, as his family had always been great landowners; and one of those Mexican nobles who, like a few french nobles such as Lafayette in the French Revolution, threw themselves heart and soul into the struggle for liberty.⁵¹

Se, no entanto, neste trecho há ainda algum espaço para elogios a Carranza, ao longo do capítulo a imagem que Reed apresenta dele torna-se cada vez mais a de um líder cujos ideais estão distantes daqueles do povo mexicano, além de ser mostrado como alguém a quem a vitória militar do campo constitucionalista nada devia.

After a short time Carranza marched his force from Coahuila, where things were happening, straight across the Republic into the State of Sonora, where nothing was happening. (...)

He remained there six months, apparently doing nothing whatever, keeping a force of more than 6,000 good fighters practically inoperative, attending banquets and bullfights, establishing and celebrating innumerable new national holidays, and issuing proclamations. (...) During all that time, not a word was said about any aspect of the land question, so far as I could learn. The Yaqui Indians, the expropriation of whose lands is the blackest spot in the whole black history of the Diaz régime, got nothing but a vague promise. Upon that the whole tribe joined the Revolution. But a few months later most of them went back to their homes and began again their hopeless campaign against the white man. (...)

Within that six months the aspect of things had entirely changed. Except for the northern part of Nuevo Leon, and most of Coahuila, northern Mexico was

⁵¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 219 Quando o Tratado de Paz que pôs fim à revolução de 1910 foi assinado em Juárez, Francisco Madero seguiu em direção ao sul, para a Cidade do México. Em todos os lugares, discursou para entusiásticas e triunfantes multidões de peões, que o aclamaram como “O Libertador”.

Em Chihuahua dirigiu a palavra ao povo do balcão do Palácio do Governador. Ao narrar as dificuldades enfrentadas e os sacrifícios realizados pelo pequeno grupo de homens que havia derrubado a ditadura de Porfirio Díaz para sempre, estava tomado pela emoção. De dentro do salão, trouxe um homem alto, barbado, de presença imponente. Colocando o braço em seu ombro, disse, com uma voz afogada em lágrimas:

- Este é um bom homem! Amem-no e honrem-no sempre.

Era Venustiano Carranza, um homem de vida direita e altos ideais; um aristocrata, descendente da raça espanhola dominante; um latifundiário (já que sua família sempre fora de grandes donos de terra); um daqueles nobres mexicanos que, a exemplo de alguns nobres franceses como Lafayette, na Revolução Francesa, se entregaram de corpo e alma à luta pela liberdade. (p. 285).

Constitutionalist territory almost from sea to sea, and Villa, with a well-armed, well-disciplined force of 10,000 men, was entering on the Torreon campaign. All this was accomplished almost single-handed by Villa; Carranza seemed to have contributed nothing but congratulations. He had, indeed, formed a provisional government. An immense throng of opportunist politicians surrounded the First Chief, loud in their protestations of devotion to the Cause, liberal with proclamations, and extremely jealous of each other and of Villa.⁵²

Todo o capítulo que trata de Carranza cria uma imagem de um homem que, além de um aristocrata que pouco se importa com os camponeses mexicanos, é figurado por Reed como um tipo de fantoche nas mãos de outros burocratas de Estado; alguém que diz coisas desconexas e não está efetivamente na direção do governo, parecendo encabeça-lo apenas simbolicamente. Isto se expressa na dificuldade que Reed relata que todos os jornalistas têm para acessar o presidente, no nervosismo de seu acessor e na forma como procura impedir a todo custo que Reed faça perguntas diretamente a ele (segundo o autor, as perguntas que teve que fazer por escrito tiveram respostas redigidas em cinco caligrafias distintas). Além disso, foram vetadas de antemão pelo acessor todas as perguntas que se referiam à plataforma do governo constitucionalista, particularmente no que tangia a questão agrária, a possibilidade de eleições diretas e o sufrágio para os peões. A figura de Carranza é assim retratada na única oportunidade que Reed tem de entrar em sua sala e se encontrar com ele pessoalmente:

⁵² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 220-221. Depois de pouco tempo, Carranza partiu com suas forças de Coahuila, onde as coisas estavam acontecendo, cruzando a República em direção ao estado de Sonora, onde nada acontecia. (...)

Ficou lá por seis meses, aparentemente sem fazer nada, mantendo uma força de mais de 6 mil bons soldados quase inoperantes, comparecendo a banquetes e a touradas, estabelecendo e celebrando novos feriados nacionais e lançando proclamas. (...) Durante todo esse tempo palavra alguma foi dita a respeito de nenhum dos aspectos da questão da terra, até onde eu saiba. O problema da expropriação da terra dos índios iagues, que constitui a mancha mais sombria de toda a obscura história do regime de Díaz, não mereceu senão vagas promessas de solução. Baseada nisso, a tribo inteira se incorporou à revolução. Poucos meses depois, contudo, a maioria voltou ao seu lar e começou novamente a desesperançada campanha contra os homens brancos. (...)

Dentro daqueles seis meses, o aspecto das coisas havia mudado por completo. Com exceção da região ao norte de Nuevo Leon e da maior parte de Coahuila, o norte do México era território constitucionalista quase de costa a costa, e Villa, com uma força bem armada e disciplinada de 10 mil homens, estava entrando na campanha de Torreón. O mérito de tudo isso era quase todo de Villa; Carranza parece não ter contribuído com nada além de congratulações. Ele havia, de fato, formado um governo provisório. Uma imensa camarilha de políticos oportunistas cercava o Primeiro Chefe, vociferando protestos de devoção à Causa, liberais nas proclamas e extremamente ciumentos uns dos outros e de Villa. (p. 286-287).

It was so dark in the within that at first we could see nothing. (...) As our eyes became accustomed to the light, we saw the gigantic, khaki-clad figure of Don Venustiano Carranza sitting in a big chair. There was something strange in the way he sat there with his hands on the arms of the chair, as if he had been placed in it and told not to move. He did not seem to be thinking, nor to have been working – you couldn't imagine him at that table. You got the impression of a vast, inert body – a statue.

He rose to meet us, a towering figure, seven feet tall it seemed. I noticed with a kind of shock that in that dark room he wore smoked glasses, and, although ruddy and full-cheeked, I felt that he was not well – the thing you feel about tuberculous patients.⁵³

Em seguida, Carranza cumprimenta os jornalistas e depois começa a vociferar um discurso contra os EUA e a Inglaterra acerca do assassinado de Benton (embaixador inglês que havia morrido pouco antes no território mexicano, servindo de pretexto para que se abrisse uma crise diplomática entre os países) e a possibilidade de intervenção. Seu acessor procura a todo momento interromper o discurso e afastar os jornalistas, mas Carranza continua seu discurso até interrompê-lo novamente, momento que é assim descrito por Reed:

He ceased talking on a rising note, as if something inside had cut off his speech. I tried to think that here was the voice of aroused Mexico thundering at her enemies; but it seemed like nothing so much as a slightly senile old man, tired and irritated.⁵⁴

E, sobre suas impressões quanto ao resto do gabinete governamental:

⁵³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 226. Estava tão escuro que a princípio não víamos nada. (...) À medida que nossos olhos se acostumaram à pouca luz, vimos a gigantesca figura, vestida de cáqui, de don Venustiano Carranza, sentado numa grande poltrona. Havia algo estranho na maneira como se sentava, com as mãos sobre os braços da cadeira, como se o tivessem colocado ali sob ordens de não se mover. Não parecia estar pensando nem ter estado trabalhando – não era possível imaginar isso naquela mesa. Parecia um corpo imenso, inerte – uma estátua.

Levantou-se para nos receber uma figura enorme, que parecia ter mais de dois metros de altura. Notei, com certo espanto, que mesmo naquele quarto escuro ele usava óculos escuros e, apesar do rosto corado e cheio, tive a impressão de que não se sentia bem – aquela impressão que temos em relação aos pacientes de tuberculose. (p. 292-293).

⁵⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 228. Parou de falar quando subia o tom, como se algo dentro de si cortasse seu discurso. Tentei pensar que ali estava a voz do México insurgido, trovejando contra seus inimigos; mas não parecia nada mais que um velho ligeiramente senil, cansado e irritado. (p. 295).

I tried often to get from these Cabinet members the least expressional of what their plans were for the settlements of the troubles which caused the Revolution; but they seemed to have none, except a Constitutional Government. During all the times I talked with them I never detected one gleam of symphaty for, or understanding of, the peons. Now and again I surprised quarrels about who was going to fill the high posts of the new Mexican Government. Villa's name was hardly ever mentioned; when it was it was in this manner:

"We have every confidence in Villa's loyalty and obedience."

"As a fighting man Villa has done very well – very well indeed. But he should not attempt to mingle in the affairs of Government; because, of course, you know, Villa is only na ignorant peon."

"He has saud many foolish things and made many mistakes which we will have to remedy."

And scarcely a day passed but what Carranza would give out a statement from headquarters:

"There is no misunderstanding between General Villa and myself. He obeys my orders without question, as any common soldier. It is unthinkable that he would do anything else."⁵⁵

Assim, vemos como Reed cria a imagem de um governante inepto e de um gabinete obtuso. Contudo, esta imagem que o autor cria parece remeter ao leitor à ideia de que a distância entre os anseios dos peões com quem Reed convive nos campos de batalha e nos vilarejos e os objetivos políticos dos membros do gabinete e seu líder

⁵⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 229. Tentei frequentemente obter desses membros do gabinete a mínima informação sobre quais seriam seus planos para a resolução dos problemas que haviam causado a revolução, mas pareciam não ter nenhum, a não ser o da formação de um governo constitucional. Todas as vezes que falei com eles, nunca detectei um lampejo de simpatia ou de compreensão para com os peões. Vez ou outra, surpreendi discussões sobre quem iria preencher os altos cargos do novo governo mexicano. O nome de Villa raras vezes era mencionado e, quando se fazia, era da seguinte maneira:

- Temos a maior confiança na lealdade e obediência de Villa.

- Como combatente, Villa tem se saído muito bem, muito bem mesmo. Mas ele não deve tentar se meter nos assuntos de governo, porque, é claro, o senhor sabe, Villa é apenas um peão ignorante.

- Ele disse muitas asneiras e cometeu muitos erros, os quais precisamos remediar.

Mal passar um dia, contudo, e Carranza fazia esta declaração, de seu quartel-general:

- Não há nenhum desentendimento entre mim e o general Villa. Ele obedece às minhas ordens sem questionar, como qualquer soldado raso. Seria impensável que agisse de outra forma. (p. 295).

Carranza são fundadas muito mais em uma inaptidão ou um preconceito por parte destes em relação aos peões, o que contribui para a compreensão dos verdadeiros interesses que se colocam como um abismo entre estas camadas – os interesses de classe. Se Carranza era ou não um velho senil cumprindo ordens de seu gabinete, isto pouco importa no âmbito dos interesses sociais que se movem em torno da revolução. O que se passa, não é, como Reed afirma, uma “falta de compreensão” dos peões, ou um preconceito contra Villa. O problema é que há entre estas distintas camadas que compõem o campo constitucionalista interesses materiais antagônicos e irreconciliáveis.

Villa como dirigente e símbolo dos camponeses revolucionários

*There is not one peon out of twenty who cannot tell you
exactly what they are all fighting for: Land.⁵⁶*

- John Reed, *What about Mexico?*

A adesão ideológica de Reed à camada mais pobre do campo constitucionalista – os peões – se expressa ao longo do livro em sua construção deste personagem coletivo, como demonstramos anteriormente em inúmeras passagens. Contudo, cabe tratar mais pormenorizadamente da forma como Reed compõe a imagem de Villa. O destaque que o dirigente camponês ganha no livro se dá por distintos fatores: seja pela genuína simpatia que despertou em Reed ao encarnar a voz do México profundo, dos camponeses que lutavam na revolução para ter uma vida mais digna e um pedaço de terra para escapar à miséria; seja pelo fato de que Villa, a esta altura, havia se tornado uma figura folclórica nos EUA por sua brilhante condução militar na guerra civil, e ofuscado a vetusta figura de Carranza, também apagada por sua falta de iniciativa política, como afirma Reed: “(...) Carranza left Villa strictly alone, to undergo defeats if he must, or make mistakes; so much that Villa himself was forced to deal with foreign

⁵⁶ Não há um peão em vinte que não saiba pelo que todos eles estão lutando: terra. (tradução minha).

powers as if he were the head of the government.”⁵⁷ Foi, portanto, em grande parte pelo o fato de Reed ter conseguido se aproximar de Villa o suficiente para lhe fazer um retrato detalhado que despertou o interesse dos leitores em seu país, que sua fama como correspondente jornalístico aumentou exponencialmente durante sua estadia no México.

O fato de que era em grande medida pela radicalidade de suas medidas em relação à reforma agrária que Villa atraía a atenção de Reed pode ser corroborado pelas afirmações feitas por Pericás, sobre a intenção que Reed tinha de ir para o sul: “O grande desejo de John Reed era o de ir para o sul e entrevistar Emiliano Zapata. Mas isso nunca chegou a ocorrer.”⁵⁸ Zapata, tal qual Villa, levou a frente medidas muito audazes em relação à distribuição da terra, com o adendo de que, diferente do comandante camponês no norte, Zapata sempre manteve uma postura de muito mais independência e desconfiança do governo central composto tanto por Madero, como por Carranza, chegando a se engajar em confrontos militares contra ambos, enquanto Villa irá se enfrentar com o governo apenas após a queda do exército dos federais. No período retratado por Reed, como apontamos anteriormente, Villa confia plenamente no comando de Carranza.

A conturbada relação entre Villa e o governo central de Carranza é pouco destrinchada em *Insurgent Mexico*. Na realidade, são apresentadas algumas das contradições entre os dirigentes do governo e o líder militar, mas Reed pouco as explica. O governo precisava de Villa como uma figura popular e capaz de agregar sob seu comando milhares de camponeses, como um líder reconhecido por estes de forma unânime, e um estrategista militar, como afirma Reed:

In times of upheaval like these it is inevitable that there shall be some preliminary squabbling over the ultimate spoils of war. Among the military leaders, however, there was no such dissension; Villa having just been unanimously elected General Chief of the Constitutionalist Army by a

⁵⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 221-222. (...) Carranza deixou Villa completamente sozinho, fosse para sofrer derrotas, fosse para cometer erros; tanto que Villa teve de tratar com potências estrangeiras como se fosse o chefe do governo. (p. 288).

⁵⁸ REED, *México Insurgente*, São Paulo: Boitempo, 2010. P. 23.

remarkable gathering of all the independent guerrilha leaders before Torreon – na unheard-of event in Mexican history.⁵⁹

Tal popularidade fazia com que fosse não apenas útil, mas imprescindível para o triunfo do governo constitucionalista, que Villa aderisse a suas fileiras. O papel da adesão das massas campestres ao processo revolucionário cumpriu, desde o início do levantamento maderista, um papel preponderante e indispensável para as camadas dirigentes. Como aponta Oprinari:

Estamos ante un primer momento del proceso abierto em 1910, donde al cobijo del llamado de un sector de las clases dominantes, y tras la forma de las partidas guerrilleras que van cobrando una influencia cada vez mayor, lo que se expresaba era la incorporación de amplios sectores de las masas a la rebelión. Éste fue sin duda el factor activo que evitó que el levantamiento maderista fracasara de manera estrepitosa y pasara, sin mayores preámbulos, a ocupar un lugar secundario en la historia.⁶⁰

Contudo, diferente do próprio Villa, os dirigentes do governo eram muito mais conscientes das insuperáveis barreiras de classe que dividiam seus ideais daqueles do líder militar, e por isto sabiam que seria sempre um perigo e uma contradição mantê-lo como aliado. Este perigo não havia passado incólume e gerou conflitos já na primeira etapa da revolução, sob a liderança de Madero, quando Victoriano Huerta (que no período retratado pelo livro de Reed dirige o campo dos federais ao lado de Felix Díaz) estava a frente das tropas de Madero, com Villa como seu subordinado militar. Reed descreve assim o episódio:

When Madero took the field in 1910, Villa was still an outlaw. Perhaps, as his enemies say, he saw a chance to whitewash himself; perhaps, as seem probable, he was inspired by the Revolution of the peons. Anyway, about three months after they rose in arms, Villa suddenly appeared in El Paso and put himself, his band, his knowledge of the country and all his fortune at the

⁵⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 220. Em tempos de sublevação como aqueles, é inevitável que haja algumas disputas preliminares sobre os despojos da guerra. Entre os líderes militares, contudo, não havia tal dissensão: Villa havia acabado de ser eleito, por unanimidade, general-chefe do exército constitucionalista, após uma reunião extraordinária de todos os líderes guerrilheiros independentes perto de Torreón – um evento sem precedentes na história mexicana. (p. 286).

⁶⁰ OPRINARI et Al, 2010, p.96. Estamos diante de um primeiro momento do processo aberto em 1910, onde diante do chamado de um setor das classes dominantes, e sob a forma de exércitos guerrilheiros que vão ganhando uma influência cada vez maior, o que se expressava era a incorporação de amplos setores das massas à rebelião. Este foi sem dúvida o fator ativo que evitou que o levantamento maderista fracassasse de maneira estrepitosa e passasse, sem maiores preâmbulos, a ocupar um lugar secundário na história. (Tradução minha).

command of Madero. The vast wealth that people said he must have accumulated during his twenty years of robbery turned out to be 363 silver *pesos*, badly worn. Villa became a Captain in the Maderista army, and as such went to Mexico City with Madero and was made honorary general of the new *rurales*. He was attached to Huerta's army when it was sent north to put down the Orozco Revolution. Villa commanded the garrison of Parral, and defeated Orozco with an inferior force in the only decisive battle of the war.

Huerta put Villa in command of the advance, and let him and the veterans of Madero's army do the dangerous and dirty work while the old line Federal regiments lay back under the protection of their artillery. In Jimenez Huerta suddenly summoned Villa before a court-martial and charged him with insubordination – claiming to have wired an order to Villa in Parral, which order Villa said he never received. The court-martial lasted fifteen minutes, and Huerta's most powerful future antagonist was sentenced to be shot.

Alfonso Madero, who was on Huerta's staff, stayed the execution, but President Madero, forced to back up the orders of his commander in the field, imprisoned Villa in the penitentiary of the capital. During all this time Villa never wavered in his loyalty to Madero – an unheard-of thing in Mexican history.⁶¹

A criação da imagem de Villa como um brutal e inescrupuloso criminoso, um rude, cruel e ignorante camponês, não ocorria na imprensa americana à toa. Claro que, do ponto de vista da venda dos jornais, era bom ter uma figura folclórica para pintar

⁶¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 100. Quando Madero entrou na guerra, em 1910, Villa ainda era um fora da lei. Talvez, como dizem seus inimigos, tenha visto a oportunidade de obter indulto; talvez, o que parece mais provável, tenha sido inspirado pela revolução dos peões. De qualquer modo, uns três meses após ter tomado armas, Villa apareceu de repente em El Paso e colocou a si mesmo, seu bando, seus conhecimentos do país e toda a sua fortuna sob o comando de Madero. As imensas riquezas que, como se dizia, devia ter acumulado durante vinte anos de roubos, não passavam de 363 pesos de prata, muito desgastados. Villa se tornou capitão do exército maderista e, como tal, acompanhou Madero à cidade do México, onde foi nomeado general honorário dos novos *rurales*. Juntou-se às tropas de Huerta quando este saiu ao norte para combater a revolução de Orozco. Villa comandava a guarnição em Parral e, com uma força inferior, derrotou Orozco na única batalha decisiva da guerra.

Huerta colocou Villa no comando das avançadas, para que ele e os veteranos do exército maderista fizessem o trabalho mais sujo e perigoso, enquanto os velhos regimentos federais ficavam atrás, protegidos por sua artilharia. Em Jiménez, Huerta enviou inesperadamente Villa a uma corte marcial, acusando-o de insubordinação – dizia que teria telegrafado uma ordem para Villa em Parral, ordem esta que Villa negou haver recebido. A corte marcial durou quinze minutos, e o futuro mais poderoso antagonista de Huerta foi sentenciado ao fuzilamento.

Alfonso Madero, que pertencia ao Estado-Maior de Huerta, deteve a execução. O presidente Madero, contudo, obrigado a dar apoio às ordens de seu general, chefe da campanha, prendeu Villa na penitenciária da capital. Durante todo aquele período, Villa permaneceu leal a Madero sem vacilar, numa atitude sem precedentes na história mexicana. (p. 155).

histórias sensacionalistas e aumentar as cifras dos lucros. Mas isso estava longe de ser o principal motivo. Os EUA nunca perdiam de vista o desenvolvimento da luta no México, barganhando sempre com os dois lados qual seria o mais interessante apoiar do ponto de vista econômico. Tendo participado da conspiração de Félix Diaz e Huerta para assassinar Madero e tirá-lo do poder, logo em seguida o governo americano viu que Huerta era menos do que um aliado confiável para garantir seus interesses, já que estava negociando privilégios comerciais com os ingleses. Oscilando em direção ao campo constitucionalista – o que permitiu a Reed a brecha para poder estar ao lado dos peões exaltando a sua luta, ainda que por motivos muito distintos do que os do governo de seu país – para a burguesia americana era fundamental manter a imagem de Villa como uma figura que não era digna de simpatia. O apoio que o governo americano cogitava dar era ao setor moderado, representado por Carranza, que, por força das circunstâncias, via-se obrigado a se aliar conjunturalmente com Villa – aproveitando-se de sua ingenuidade alarmante, como aparece no texto de Reed.

Portanto, no livro de Reed, a construção de uma identidade distinta para Villa, uma que se contrapusesse à imagem do grosseiro bandido que era veiculada pela imprensa em seu país, era também uma forma importante de ativismo político por parte do autor, uma forma de apoiar a luta dos constitucionalistas, porém, a partir do ponto de vista dos peões que lutavam por terras, e não dos larifundiários que queriam um governo constitucional que mantivesse a estrutura social do país intocada.

A imagem que o autor procura construir do líder dos peões é a de um homem simples, honesto e generoso. Podemos perceber o quão central é a figura de Villa no livro de Reed pelo fato de que, se o autor não dedica nenhuma passagem para tratar dos antecedentes históricos e políticos da revolução, não ocorre o mesmo com o líder camponês, que tem um capítulo inteiro dedicado a retratar sua história anterior ao período revolucionário, período em que Reed não está no país. Este elemento agrega ao sentido “romanesco” do livro de Reed, colocando Villa como uma espécie de “anti-herói” que constitui um eixo gravitacional no arsenal narrativo de Reed sobre a revolução mexicana – ou seja, desloca-se o enfoque dos acontecimentos históricos e das personagens coletivas para uma personagem individual sob a qual se concentra a narrativa, trazendo o livro de Reed um pouco mais perto de uma abordagem mais tradicional no âmbito do gênero do romanesco.

A parte dedicada inteiramente a Villa no livro é composta por oito capítulos. Ao invés de organizar seu material de forma cronológica, com o capítulo em que traça o histórico de Villa como fora da lei em sua vida pregressa à de líder revolucionário, Reed opta por abrir com um capítulo que narra o episódio em que Villa recebe uma medalha, surtindo o efeito de – antes de apresentar a vida de “bandido” do líder – conquistar a empatia de seus leitores em relação à personagem, demonstrando o caráter humilde de Villa. Este capítulo também cumpre a função de expressar ao leitor o imenso respaldo que o comandante tinha por parte de suas tropas, que louvam-no discurso após discurso em uma cerimônia na qual Villa está visivelmente entediado. Um dos traços que Reed reforça muito em Villa é sua incompreensão em relação aos hábitos, costumes e tradições da sociedade moderna. Nas palavras de Reed,

Villa was the son of ignorant peons. He had never been to school. He hadn't the slightest conception of the complexity of civilization, and when he finally came back to it, a mature man of extraordinary native shrewdness, he encountered the twentieth century with the naïve simplicity of a savage.⁶²

É desta forma que Villa encara, por exemplo, a cerimônia na qual recebe a medalha, aborrecendo-se com os discursos intermináveis e, por fim, ao ver a medalha com a qual é homenageado, dizendo: “This is a hell of a little thing to give a man for all that heroism you are talking about!”⁶³ Assim, Reed compõe a imagem de Villa como a de um “bom selvagem”, um homem “naturalmente” generoso e de coração puro, de grande coragem, porém, sem nenhum traquejo para lidar com as complexas questões sociais e políticas que permeavam o cenário revolucionário. Há, como na descrição dos peões que lutam nos campos de batalha, uma aura constante de idealização pueril na forma como Reed retrata esta figura, na qual é nítida a sua tentativa explícita de angariar a empatia do leitor para Villa – uma tarefa difícil diante de uma imagem já consolidada no imaginário americano a respeito de um homem representado como um cruel e implacável vilão.

⁶² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 98. Villa era o filho de peões ignorantes. Nunca frequentou a escola. Não possuía o mais raso conceito da complexidade da civilização e, quando enfim regressou a esta, já um homem maduro de extraordinária sagacidade natural, foi com a ingênua simplicidade de um selvagem que deparou com o século XX. (p. 153).

⁶³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 97. – Esta é uma coisinha bem pequena para dar a um homem por todo esse heroísmo de que vocês falam! (p.151).

Reed, ao retratar o passado pregresso de Villa como um bandido no capítulo “The Rise of a Bandit”, procura também inocentá-lo – não de seus crimes contra a lei, mas de sua suposta crueldade e imoralidade. Coloca a defesa da moralidade de Villa a partir de sua perspectiva de um militante socialista, mostrando qual o peso de cada crime na sociedade capitalista de um país atrasado como o México, onde matar um homem é “perdoável”, mas roubar os ricos é um pecado mortal:

When he was only a boy of sixteen, delivering milk in the streets of Chihuahua, he killed a government official and had to take to the mountains. The story is that the official had violated his sister, but it seems probable that Villa killed him on account of his insufferable insolence. That is itself would not have outlawed him long in Mexico, where human life is cheap; but once a refugee he committed the unpardonable crime of stealing cattle from the rich *hacendados*.⁶⁴

Reed, na história que apresenta de Viila, confere a ele o caráter de um camponês fora-da-lei que faz justiça social, roubando dos ricos e dando aos pobres, atribuindo ao peão o epíteto de “Robin Hood mexicano”. Assim, o autor procura associar a ele uma imagem positiva e lhe confere o status de uma verdadeira lenda entre o povo pobre mexicano, mas deixa em aberto as contradições desta condição, como o fato de que um oficial ganancioso como Urbina fosse um homem de seu bando. Assim descreve Reed o passado “justiceiro” de Villa:

There are many traditional song and ballads celebrating his exploits – you can hear the sheperds singing them around their fires in the mountains at night, repeating verses handed down by their fathers or composing other extemporaneously. For instance, they tell the story of how Villa, fired by the story of the misery of the peons on the Hacienda of Los Alamos, gathered a small army and descended upon the Big House, which he looted, and distributed the spoils among the poor people. He drove off thousands of cattle from the Terrazzas range and ran them across the border. He Would suddenly descend upon prosperous mine and seize the bullion. When he needed corn he captured a granary belonging to some rich man. He recruited almost openly in the villages far removed from the well-traveled roads and railways,

⁶⁴REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p.98. Quando era apenas um garoto de dezesseis anos de idade, entregando leite nas ruas de Chihuahua, matou um funcionário do governo e teve de fugir para as montanhas. Dizem que o funcionário em questão havia violentado sua irmã, mas é mais provável que Villa o tenha assassinado por causa de sua insuportável insolência. Esse fato em si não o teria posto às margens da lei por muito tempo no México, onde a vida humana vale tão pouco; mas, uma vez fugitivo, cometeu o crime imperdoável de roubar gado dos ricos *hacendados*. (p.153).

organizing the outlaws of the mountains. Many of the presente rebel soldiers used to belong to his band and several of the Constitutionalist generals, like Urbina. (...)

In time of famine he fed whole districts, and took care of entire villages evicted by the soldiers under Porfirio Diaz's outrageous land law. Everywhere he was known as The Friend of the Poor. He was the Mexican Robin Hood.⁶⁵

Ainda que enfatize a extrema ignorância de Villa em relação ao funcionamento da sociedade moderna, Reed sempre complementa este traço por uma característica de grande inteligência e curiosidade de Villa, que guia suas ações baseado em um senso de justiça intrínseco em relação aos pobres. Ao modo de funcionamento das questões políticas de governo, apresentadas a ele por seus conselheiros quando passa a dirigir o estado de Chihuahua, Villa sempre opõe questionamentos que, no fundo, eram questionamentos que se referiam à divisão em classes da sociedade mexicana, sobre cujos fundamentos históricos Villa não tinha a mais vaga noção, de acordo com Reed. Isto fica claro no capítulo em que Reed descreve sua atuação como governador, no capítulo “A Peon in Politics”.

Most of the acts and usages of government seemed to him extraordinarily unnecessary and snarled up. For exemplo, his advisers proposed to finance the Revolution by issuing State bonds bearing 30 or 40 percent interest. He said, “I can understand why the State should pay something to people for the rente of their Money, but how is it just to pay the whole sum back to them three or four times over?” He couldn't see why rich men should be granted huge tracts of land and porr men should not. The whole complex structure of

⁶⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 98-99. Há muitas canções tradicionais e baladas celebrando suas façanhas – podem-se ouvir os pastores cantando-as em torno das fogueiras nas montanhas, à noite, repetindo os versos recebidos de seus pais ou compondo outros improvisadamente. Por exemplo, contam a história de como Villa, enfurecido ao saber do sofrimento dos peões na Hacienda de Los Álamos, reuniu um pequeno exército e invadiu a casa-grande, saqueando-a e distribuindo s frutos da pilhagem entre os pobres. Conduziu ainda milhares de cabeças de gado das pastagens de Terrazas, atravessando-os pela fronteira. Às vezes, descia numa próspera mina e se apoderava do ouro ou da prata. Quando precisava de milho, assaltava o celeiro de algum rico. Recrutava à vista de todos nos vilarejos afastados das estradas mais transitadas e das ferrovias, organizando os fora da lei nas montanhas. Muitos dos atuais soldados rebeldes pertenciam ao seu bando – e também vários dos generais constitucionistas, como Urbina. (...)

Em épocas de fome, alimentava regiões inteiras e cuidava das vilas expulsas pelas tropas que obedeviam às leis de terras arbitrárias de Porfirio Díaz. Em todo lugar era conhecido como “o Amigo dos Pobres”. Era o Robin Hood mexicano. (p. 153-154).

civilization was new to him. You had to be a philosopher to explain anything to Villa; and his advisers were only practical men.⁶⁶

De fato, por trás da simplicidade na forma como encarava as questões políticas, Villa conduzia seu governo entremeado por um profundo senso de justiça que procurava resolver as questões mais sentidas pelos peões mexicanos que haviam sido os protagonistas da revolução. Ou seja, Villa avançava em fazer a distribuição agrária, fornecer ao povo serviços públicos aos quais nunca tiveram acesso, acertar contas com a secular opressão e exploração imposta pela Igreja Católica; todas estas medidas – e isto parecia estar, pelo menos neste momento, distante da compreensão do próprio Villa – se contrapunham não apenas à estrutura do regime deposto de Porfirio Díaz, mas também à forma como as classes dominantes pretendiam estabelecer o novo regime sob a direção de Carranza. As medidas democráticas implementadas por Villa como governador de Chihuahua avançavam sobre o direito à propriedade privada e ameaçavam não apenas os interesses dos latifundiários, mas também da burguesia urbana e do capital imperialista, que estavam imbricados com o latifúndio por mil e um laços de interesses materiais. Reed descreve neste capítulo de forma bastante sucinta e precisa, demonstrando algumas das principais medidas de Villa nesta questão, e o sugestivo nome de “Um peão na política” é bastante ilustrativo, pois expressa que as medidas colocadas em prática expressavam justamente os interesses políticos desta classe – os pobres peões mexicanos cujos interesses materiais sempre foram negados, inclusive por Madero ao firmar seus acordos de Ciudad Juárez.

Ao descrever as medidas tomadas por Villa em sua breve passagem como governador (ele fica no cargo apenas de 8 de dezembro a 7 de janeiro, quando renuncia em favor de Manuel Chao), Reed sempre ressalta traços da história e da personalidade individual de Villa, dando pouca – ou nenhuma – ênfase para o peão que havia se tornado governador como o representante de uma classe, de uma camada social da

⁶⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 102-103. A maioria dos atos e costumes do governo pareciam a ele extraordinariamente desnecessários e complicados. Por exemplo, seus assessores propuseram financiar a revolução emitindo bônus do Estado, que renderiam de 30% a 40% de juros. Ele disse:

- Compreendo que o Estado deva pagar alguma coisa ao povo pelo emprego de seu dinheiro, mas como pode ser justo que lhes seja devolvido triplicado ou quadruplicado?

Não podia entender por que os ricos tinham o direito de receber enormes pedaços de terra e os pobres não. Toda a complexa estrutura da civilização era nova para ele. Era preciso ser filósofo para explicar qualquer coisa a Villa e seus conselheiros eram apenas homens práticos. (p. 157-158).

população, e tratando suas medidas governamentais quase como ideias individuais apenas, como medidas que surgiram isoladamente na cabeça de Villa e ele as decidiu colocar em prática. Mas uma vez, podemos ver nisso como a narrativa de Reed apresenta a tendência de descolar o eixo do plano social para o plano individual, dando a Villa o caráter de herói, aumentando a tendência romanesca e romântica de seu livro em detrimento de uma narrativa que sintetiza as tendências sociais do processo revolucionário. Algumas das medidas de Villa são sintetizadas assim por Reed:

Villa's great passion was schools. He believed that land for the people and schools would settle every question of civilization. Schools were and obsession with him. Often I have heard him say: "When I passed such and such a street this morning I saw a lot of kids. Let's put a school there." Chihuahua has a population of under 40,000 people. At diferente times Villa established over fifty schools there. The great dream of his life has been to send his son to school in the United States, but at the opening of the term in February he had to abandon it because he didn't have money enough to pay for a half year's tuition.

No sooner had he taken over the government of Chihuahua than he put his army to work running the electric light plant, the street railways, the telephone, the water works and the Terrazzas flour mill. He delegated soldiers to administer the great haciendas which he had confiscated. He manned the slaughterhouse with soldiers, and sold Terrazzas's beef to the people for the government. A Thousand of them he put in the streeets of the city as civil police, prohibiting on pain of death stealing, or the sale of liquor to the army. A soldier who got drunk was shot. He even tried to run the brewery with soldiers, but failed because he couldn't find an expert maltster. "The only thing to do with soldiers in time of peace," said Villa, "is to put them to work. An idle soldier is always thinking of war."

In the matter of the political enemies of the Revolution he was just as simple, just as effective. Two hours after he entered the Governor's palace the foreign consuls came in a body to ask his protection for 200 Federal soldiers who had been left as a police force at the requesto f the foreigners. Before answering them, Villa said suddenly: "Which is the Spanish consul?" Scobell, the British vice-consul, said: "I represent the Spaniards." "All right!" snapped Villa. "Tell them to begin to pack. Any Spaniard caught within the boundaries of this State after five days will be escorted to the nearest wall by a firing squad."

The consuls gave a gasp of horror. Scobell began a violent protest, but Villa cut him short.

“This is not a sudden determination on my part,” he said; “I have been thinking about this since 1910. The Spaniards must go.”

Letcher, the American consul, said: “General, I don’t question your motives, but I think you are making a grave political mistake in expelling the Spaniards. The government at Washington will hesitate a long time before becoming friendly to a party which makes use of such barbarous measures.”

“Señor Consul,” answered Villa, “We Mexicans have had three hundred years of the Spaniards. They have not changed in character since the *Conquistadores*. They disrupted the Indian empire and enslaved the people. We did not ask them to mingle their blood with ours. Twice we drove them out of Mexico and allowed them to return with the same rights as Mexicans, and they used these rights to steal away our land, to make the people slaves, and to take up arms against the cause of liberty. They supported Porfirio Diaz. They were perniciously active in politics. It was the Spaniards who framed the plot that put Huerta in the palace. When Madero was murdered the Spaniards in every State in the Republic held banquets of rejoicing. They thrust on us the greatest superstition the world has ever known – the Catholic Church. They ought to be killed for that alone. I consider we are being very generous with them.”

(...) The rich Mexicans who had oppressed the people and opposed the Revolution, he expelled promptly from the State and confiscated their vast holdings. By a simple stroke of the pen the 17,000,000 acres and innumerable business enterprises of the Terrazzas family became property of the Constitutionalist government, as well as the great lands of the Creel family and the magnificent palaces which were their town houses. (...)

The Germans, who had been particularly active politically, the Englishmen and Americans, he does not yet dare to molest. Their pages in the black book will be opened when the Constitutionalist government is established in Mexico City; and, there, too, he will settle the account of the Mexican people with the Catholic Church.

Villa knew that the reserve of the Banco Minero, amounting to about \$500,000 gold, was hidden somewhere in Chihuahua. Don Luis Terrazzas, Jr., was a director of that bank. When he refused to divulge the hiding-place of the Money, Villa and a squad of soldiers took him out of his house one night, rode him on a mule out into the desert, and strung him up to a tree by the

neck. He was cut down just in time to save his life, and led Villa to an old forge in the Terrazas iron Works, under which was discovered the reserve of the Banco Minero.⁶⁷

⁶⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 105-108. A grande paixão de Villa eram as escolas. Acreditava que a terra para o povo e as escolas resolveriam todos os problemas da civilização. As escolas eram uma obsessão para ele. Com frequência, eu o ouvia dizer: “Quando passei esta manhã por esta rua ou aquela rua, vi um bando de crianças. Vamos colocar uma escola ali.” Chihuahua tem uma população de menos de 40 mil pessoas. Em diferentes ocasiões, Villa chegou a fundar mais de cinquenta escolas lá. O grande sonho de sua vida era enviar o seu filho a uma escola nos Estados Unidos, mas no começo do semestre acadêmico, em fevereiro, teve de abandonar a ideia porque não tinha dinheiro suficiente para pagar a mensalidade semestral.

Mal tomou posse do governo de Chihuahua, colocou seu exército para fazer funcionar a usina de energia elétrica, bondes, telefones, água e o moinho de farinha de trigo dos Terrazas. Ele delegou aos soldados a administração das grandes *haciendas* que havia confiscado. Manejava o matadouro com soldados, vendendo carne das reses dos Terrazas ao povo, para o governo. Colocou mil deles nas ruas da cidade como polícia civil, proibindo, sob pena de morte, os roubos ou a venda de bebidas alcólicas ao exército. O soldado que se embriagasse era fuzilado. Tentou inclusive que os soldados se encaragassem da cervejaria, mas fracassou porque não conseguiu encontrar um mestre cervejeiro entre eles.

- A única coisa que se deve fazer com os soldados em tempo de paz – dizia Villa – é coloca-los para trabalhar. Um soldado ocioso está sempre pensando em guerra.

Em relação aos inimigos políticos da revolução, era igualmente simples e verdadeiro. Duas horas depois que entrou no Palácio do Governador, os cônsules estrangeiros vieram em grupo pedir-lhe proteção para os duzentos soldados federais que havia permanecido como força policial por requerimento deles. Antes de lhes responder, Villa perguntou de supetão:

- Qual de vocês é o cônsul espanhol?

Scobell, o vice-cônsul inglês, disse:

- Eu represento os espanhóis.

- Muito bem! – saltou Villa. – Diga-lhes que façam suas malas. Qualquer espanhol que for encontrado nos limites do Estado, dentro de cinco dias, será escoltado ao muro mais próximo, por um pelotão de fuzilamento.

Os cônsules soltaram uma exclamação de horror. Scobell começou a protestar violentamente, mas Villa cortou logo sua intervenção:

- Isso não é uma determinação impulsiva de minha parte – disse – Tenho pensado no assunto desde 1910. Os espanhóis devem partir.

Letcher, o cônsul americano, disse:

- General, não questiono seus motivos, mas creio que o senhor está cometendo um grave erro político ao expulsar os espanhóis. O governo de Washington hesitará muito antes de tornar-se amigo de um bando que faz uso de medidas tão bárbaras.

- *Señor* cônsul – respondeu Villa –, nós mexicanos temos trezentos anos de experiência com os espanhóis. Não mudaram de caráter desde a época dos conquistadores. Eles desarticularam o império indígena e escravizaram o povo. Não lhes pedimos que misturasse seu sangue com o nosso. Por duas vezes os expulsamos do México, permitindo em seguida que voltassem com os mesmos direitos que os mexicanos, e eles usaram esses direitos para roubar-nos a terra, escravizar o povo e tomar armas contra a liberdade. Apoiaram Porfirio Díaz. Agiram de forma perniciosa na política. Foram os espanhóis que idealizaram o complô para levar Huerta ao Palácio Nacional. Quando Madero foi assassinado, os espanhóis celebraram alegres banquetes em todos os estados da República. Impuseram-nos a maior superstição que o mundo já conheceu: a Igreja Católica. Merecem ser mortos nem que seja só por isso. Acho que estamos sendo muito generosos com eles.

Diante das medidas tomadas imediatamente por Villa, torna-se ainda mais gritante a timidez – para dizer o mínimo – das medidas tomadas pelo governo de Madero nos anos anteriores e política idêntica adotada por Carranza. Em relação a medidas semelhantes às de Villa colocadas em prática por Emiliano Zapata no estado de Morelos e regiões próximas já no ano de 1912, a partir de seu Plan de Ayala, a resposta do governo foi categórica:

“(...) el gobierno nacional se embarco en uma verdadeira guerra (...) que tuvo una de sus primeras acciones em el intento de emboscar a Emiliano Zapata y sus milicianos em Villa de Ayala em noviembre de 1911. Esto requirió que, respecto a las tropas enviadas a Morelos, “[...] al primer trimestre de la guerra (febrero-marzo de 1912) la suma total había sido de 13 mil 225 efectivos, es decir, más de um tercio de las fuerzas armadas del gobierno”⁶⁸

Paralelamente a esta aguda repressão contra o Exército Libertador do Sul, as medidas que o governo adotava eram cada vez mais distantes de atender a demanda por terra dos peões. Mesmo as tímidas concessões prometidas no Plan de San Luis não haviam sido colocadas em prática. A intenção de Madero em relação à resolução da questão agrária pode ser aferida em um discurso proferido por ele no estado de Veracruz, em 1911: “[...] desde el punto de vista económico y social el cambio no puede

(...) Expulsou os mexicanos ricos que haviam oprimido o povo e que haviam se oposto à revolução, e confiscou sem delongas suas vastas propriedades. Com uma simples canetada, os 17 milhões de acres e as inúmeras empresas comerciais da família Terrazas se tornaram propriedade do governo constitucionalista, assim como as imensas possessões da família Creel e os magníficos palácios em que habitavam na cidade. (...) Os alemães, (que haviam sido especialmente ativos na política), os ingleses e os norte-americanos ele não se atreveu a molestar. Suas páginas no livro negro serão abertas quando o governo constitucionalista estiver estabelecido na Cidade do México – e lá, também, ele ajustará as contas do povo mexicano com a Igreja católica.

Villa sabia que as reservas do Banco Mineiro, que chegavam a cerca de 500 mil dólares em ouro, estavam escondidas em algum lugar de Chihuahua. Don Luís Terrazas Júnior era um dos diretores daquele banco. Quando se recusou a revelar o esconderijo do dinheiro, Villa e um esquadrão de soldados o levaram de sua casa certa noite, conduzindo-o pelo deserto montado numa mula, e o penduraram numa árvore pelo pescoço. Desprenderam-no bem a tempo de salvar-lhe a vida, fazendo-o levar Villa até uma antiga fundição dos Terrazas, sob a qual foi descoberta a reserva de ouro do Banco Mineiro. (p. 161-163).

⁶⁸ OPRINARI et al., 2010, p. 102-103. A citação contida no trecho é de Franciso Pineda Gómez. *La Revolución del sur 1912-1914*, México, Era, 2005, p.126-127. (...) o governo nacional embarcou em uma verdadeira guerra (...) que teve uma de suas primeiras ações na tentativa de emboscar Emiliano Zapata e seus milicianos na Villa de Ayala em novembro de 1911. Isto exigiu que, em relação às tropas enviadas a Morelos, “[...] no primeiro trimestre da guerra (fevereiro-março de 1912) a soma total havia sido de 13.225 efetivos, ou seja, mais de um terço das forças armadas do governo”. (Tradução minha).

ser tan veloz; no es posible promoverlo mediante una revolución, mediante leyes y decretos”⁶⁹.

O que Reed demonstra em seu breve retrato do governo de Villa é exatamente o contrário do que afirma Madero: as leis e decretos implementados assim que o líder camponês tomou o poder foram o sinal verde para que as mudanças fundiárias começassem em profundidade, e inclusive ultrapassassem as medidas do próprio governo de Villa, colocando as massas despossuídas como as protagonistas de tais transformações:

(...) el villismo incentivaba un mayor protagonismo de las masas populares em el proceso revolucionario (...) Esto se reflejó en la acción de sectores campesinos que, por su cuenta, ocupaban tierras y atacaban las propiedades de los terratenientes extranjeros, yendo más allá de los propios dictados de la legislación villista. El avance de los villistas había el centro del país estaba marcado tanto por la huida de la burguesía como por distintas iniciativas de las masas agrarias, que fueron apoyadas o cuando menos toleradas por los revolucionarios de la División del Norte.⁷⁰

Carranza, na questão fundiária, foi efetivamente o herdeiro legítimo de Madero: manteve as propriedades de sua classe intocadas e nunca teve a menor intenção de repartir as terras entre os peões. Nos estados em que a rebelião constitucionalista ocorreu sem protagonismo dos camponeses pobres e foi dirigida pelos próprios governadores que não se aliaram a Huerta em seu golpe, a estrutura fundiária também se manteve intocada, com intervenções pontuais sendo feitas sobre as grandes fazendas de latifundiários aliados a Huerta, mas que pretendiam ser temporárias e de forma alguma dariam a terra aos peões. Se, conforme Reed apontou, este não havia tocado as propriedades dos estrangeiros, suas expropriações como governante, contudo, incentivaram os peões a agirem de forma independente. Oprinari compara as expropriações feitas por Villa às intervenções nas fazendas realizadas em outros estados

⁶⁹ Discurso de Madero em Veracruz, 23 de setembro de 1911, citado em OPRINARI et al., p. 103. [...] do ponto de vista econômico e social a mudança não pode ser tão veloz; não é possível promovê-la mediante uma revolução, mediante leis e decretos. (Tradução minha).

⁷⁰ OPRINARI et al., 2010. P.125-126. (...) o villismo incentivava um maior protagonismo das massas populares no processo revolucionário. (...) Isto se refletiu na ação de setores camponeses que, por sua conta, ocupavam terras e atacavam as propriedades dos latifundiários estrangeiros, indo além dos próprios ditames da legislação villista. O avanço dos villistas em direção ao centro do país estava marcado tanto pela fuga da burguesia como por distintas iniciativas das massas agrárias, que foram apoiadas ou ao menos toleradas pelos revolucionários da Divisão do Norte. (tradução minha).

por dirigentes constitucionalistas mais afinados com a política de Carranza nos estados do noroeste e nordeste: “(...) mientras la ‘intervención’ de parte de las haciendas por los Ejércitos del Noroeste y Noreste eran presentadas como algo temporal, las expropiaciones em Chihuahua se postulabal las expropiaciones em Chihuahua se postulaban como definitivas.”⁷¹

Além das medidas políticas que tomou Villa, Reed procura retratar também suas concepções através das conversas que teve com ele, nas quais se sobressai a simplicidade do líder camponês e sua ignorância em relação a conceitos políticos. Reed, por exemplo, pergunta a Villa sua opinião sobre o socialismo: “‘Socialism,’ he said once, when I wanted to know what he thought of it: ‘Socialism – is it a thing? I only see it in the books, and I do not read much.’”⁷² Esta simplicidade implica em que Villa muitas vezes reproduz os preconceitos mais comuns de sua sociedade, como a concepção patriarcal e machista que é marcada ao longo de todo o livro. Contudo, Reed demonstra como ele está sempre pronto a ouvir e refletir sobre novas ideias e questionar seus próprios valores:

Once I asked him if women would vote in the new Republic. He was sprawled out on his bed, with his coat unbuttoned. “Why, I don’t think so,” he said, startled, suddenly sitting up. “What do you mean – vote? Do you mean elect a government and make laws?” I said I did and that women already were doing it in the United States. “Well,” he said, scratching his head, “If they do it up there I don’t see that they shouldn’t do it down here.” The idea seemed to amuse him enourmously. He rolled it over and over in his mind, looking at me and away again. “It may be as you say,” he said, “but I have never thought about it. Women seem to me to be things to protect, to love. They have no sternned of mind. They can’t consider anything for its right or wrong. They are full of pity and softness. Why,” he said, “a woman would not give and order to execute a traitor.”

“I am not so sure of that, *mi General*,” I said. “Women can be crueller and harder than men.”

⁷¹ OPRINARI et al. 2010, p. 125. Enquanto a “intervenção” de parte das fazendas pelos Exércitos do Noroeste e Nordeste eram apresentadas como algo temporário, as expropriações em Chihuahua se postulavam como definitivas. (Tradução minha).

⁷² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 109 – O socialismo – disse-me certa vez, quando eu queria saber o que ele pensava sobre o assunto – é uma coisa? Só o vejo nos livros, e não leio muito... (p. 166).

He stared at me, pulling his mustache. And then he began to grin. He looked slowly to where his wife was setting the table for lunch. “*Oiga*,” he said, “come here. Listen. Last night I caught three traitors crossing the river to blow up the railroad. What shall I do with them? Shall I shoot them or not?”

Embarassed, she seized his hand and kissed it. “Oh, I don’t know anything about that,” she said. “You know best.”

“No,” said Villa. “I leave it entirely to you. Those men were going to try to cut our communications between Juarez and Chihuahua. They were traitors – Federals. What shall I do? Shall I shoot them or not?”

“Oh, well, shoot them,” said Mrs. Villa.

Villa chuckled delightedly. “There is something in what you say,” he remarked, and for days afterward went around asking the cook and the chambermaids whom they would like to have for President of Mexico.⁷³

⁷³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 109-110. Certa ocasião lhe perguntei se, na nova República, as mulheres votariam. Ele estava estendido na cama, com o casaco desabotoado.

- Bem, acho que não – respondeu, espantado, sentando-se de repente – O que quer dizer com... votar? Significa eleger um governo e fazer leis?

Respondi-lhe que sim e que as mulheres já o faziam nos Estados Unidos.

- Bem – disse, coçando a cabeça –, se o fazem lá, não vejo por que não devam fazê-lo aqui.

A ideia pareceu divertí-lo enormemente. Virava-a e revirava-a em sua mente, olhava-me e se afastava novamente.

- Pode ser que seja como o senhor disse – falou –, mas nunca havia pensado nisso. As mulheres me parecem ser coisas que devem ser protegidas, amadas. Não têm uma mentalidade definida. Não podem julgar nada por sua justiça ou injustiça. São muito compassivas e sensíveis. Por exemplo – continuou –, uma mulher não daria uma ordem para executar um traidor.

- Não estou tão seguro disso, *mi general* – eu disse – As mulheres podem ser ainda mais cruéis e duras do que os homens.

Olhou-me fixamente, puxando as pontas de seu bigode. E então começou a rir. Observou por um tempo sua mulher, que punha a mesa para o almoço.

- *Oiga!* – exclamou –, venha cá. Escute. Ontem à noite supreeendi três traidores cruzando o rio para explodir os trilhos da ferrovia. Que devo fazer com eles? Devo fuzilá-los ou não?

Constrangida, ela tomou-lhe a mão e a beijou.

- Oh, eu não entendo nada disso – disse ela. – Você sabe mais.

- Não – disse Villa. – Deixo inteiramente ao seu critério. Esses homens iam tentar cortar nossas comunicações entre Juárez e Chihuahua. Eram traidores, federais. O que devo fazer? Fuzilá-los ou não?

- Oh, bem, fuzile-os – disse a Sra. Villa.

Villa gargalhou, encantado.

Esta passagem, presente no capítulo “The Human Side”, demonstra não apenas como Villa era uma figura contraditória e intrigante, mas revela muito sobre seu caráter. E é por isto que o autor a inclui: Reed parece muito mais preocupado em convencer os leitores da boa índole do revolucionário do que da justeza de seu programa político. Tanto é assim, que o capítulo seguinte, “The Funeral of Abram Gonzales”, é completamente supérfluo do ponto de vista dos acontecimentos políticos da revolução, mas cumpre o papel de criar empatia no leitor em relação a Villa, pois mostra este chorando ao lado do caixão de seu amigo e sofrendo por sua morte. Assim, torna-se patente o esforço de Reed por demonstrar que Villa está muito longe de ser um vilão sanguinário tal como é apresentado nos EUA, mas que é um homem simples e afetuoso, cujas ações são guiadas por um profundo senso de justiça e pelos seus valores morais – que muitas vezes se chocam com os costumes mais arraigados na civilização ocidental.

Contudo, ainda que para a construção da personagem seja fundamental demonstrar “o lado humano”, Reed não minimiza a importância das metas políticas de Villa, que, apesar de sua falta de educação formal – fato que Reed ressalta mais de uma vez – são bastante profundas para conseguir responder aos problemas do povo. De fato, os pontos que Reed apresenta do programa de Villa coincidem em muito com as medidas de um programa democrático radical, tal qual o que foi adotado pelos *communards* que, no ano de 1871, “tomaram o céu por assalto” expulsando o governo de Thiers e Paris e colocando de pé, pela primeira vez na história, um governo de trabalhadores no episódio breve mas importantíssimo da Comuna de Paris. Por exemplo, a supressão do exército permanente e sua substituição por milícias populares, uma questão fundamental que também seria levantada como programa por Lenin e Trotsky na revolução russa, faz parte das medidas de Villa, como descrito por Reed no capítulo “The Dream of Pancho Villa”:

He told me in these words: “When the new Republic is established there will never be any more army in Mexico. Armies are the greatest support of tyranny. There can be no dictator without an army.

“We will put the army to work. In all parts of the Republic we will establish military colonies composed of the veterans of the Revolution. The State will

- Há algo de certo no que o senhor disse – observou.

E por vários dias andou de um lado a outro, perguntando à cozinheira e às empregadas quem gostariam que fosse o presidente do México (p.166-167).

give them grants of agricultural lands and establish big industrial enterprises to give them work. Three days a week they will work and work hard, because honest work is more importante than fighting, and only honest work makes good citizens. And the other three days they will receive military instruction and go out and teach all the people how to fight. Then, when the Patria is invaded, we will just have to telephone from the palace at Mexico City, and in half a day all the Mexican people will rise from their fields and factories, fully armed, equipped and organized to defend their children and their homes.”⁷⁴

Outros pontos fundamentais que Villa apontava – ainda que frequentemente de maneira confusa e parcial – em seu programa político, e que coincidiam tanto com o dos *communards*, como depois dos bolcheviques, eram: a independência do jugo imperialista, a separação entre Igreja e Estado, o controle estatal dos principais meios de produção, e a criação de um banco único sob controle do Estado.

Mas, mesmo quando Reed enfoca as questões políticas em Villa, ele nunca deixa de fora a sua personalidade e seu lado humano, e conclui este capítulo final da parte que descreve o líder revolucionário com as palavras de Villa, dizendo como gostaria de viver após a revolução, mostrando que não é um homem ambicioso e deseja apenas uma vida simples:

“My ambition is to live my life in one of those military colonies among my *compañeros* whom I love, who have suffered so long and so deeply with me. I think I would like the government to establish a leather factory there where we could make good saddles and bridles, because I know how to do that; and the rest of the time I would like to work on my little farm, raising cattle and corn. It would be fine, I think, to help make Mexico a happy place.”⁷⁵

⁷⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 121. Quando se estabelecer a Nova República, não mais haverá exércitos no México. Os exércitos são os maiores apoios da tirania. Não pode haver ditador sem exército.

Poremos o exército para trabalhar. Em todas as partes da República serão estabelecidas colônias militares compostas por veteranos da revolução. O Estado lhes dará a posse de terras agrícolas e criará grandes empresas industriais para garantir-lhes trabalho. Trabalharão três dias na semana, e trabalharão duro, porque o trabalho honesto é mais importante do que lutar, e só um trabalho honesto produz bons cidadãos. E nos outros três dias receberão instrução militar, que, por sua vez, usarão para instruir todo o povo, para ensiná-los a lutar. Então, se a *Patria* for invadida, apenas teremos de dar um telefonema do Palácio Nacional na Cidade do México e em meio dia todo o povo mexicano se levantará em seus campos e fábricas, completamente armado, equipado e organizado para defender seus filhos e seus lares. (p. 179).

⁷⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 121. Minha ambição é viver minha vida numa dessas colônias militares entre meus *compañeros* que tanto amo, que sofreram por tanto tempo e tão

As mulheres e a Igreja no México

“Even God,” remarked Major Leyva, “even God is on the side of Francisco Villa!”⁷⁶

- John Reed, *Insurgent Mexico*.

Outros dois aspectos que – como já apontamos anteriormente em alguns exemplos – aparecem muito no livro de Reed e estabelecem um retrato importante da sociedade mexicana, é o papel que exercem as mulheres em uma sociedade profundamente patriarcal, e a forma como os peões se relacionam com a Igreja Católica, uma sólida instituição no país desde os tempos da colonização espanhola.

Em todo o livro, aparecem apenas duas vezes representantes da Igreja, no primeiro caso, o padre da fazenda comandada por Tomás Urbina. Neste episódio, fica claro como ainda se mantém o poder e prestígio da Igreja, e também é nítido o ódio dos camponeses por esta instituição:

The *cura* or priest of the hacienda church presided at dinner. To him were brought the choicest viands, which he sometimes passed to his favorites after helping himself. We drank *sotol* and *aguamiel*, while the *cura* made away with a whole bottle of looted anisete. Exhilarated by this, His Reverence descanted upon the virtues of the confessional, especially where young girls were concerned. He also made us understand that he possessed certain feudal rights over new brides. “The girls, here,” he said, “are very passionate....”

I noticed that the rest didn’t laugh much at this, though they were outwardly respectful. After we were out of the room, José Valiente hissed, shaking so that he could hardly speak: “I know the dirty-----! And my sister....! The Revolución will have something to say about these *curas*!” Two high Constitutionalist officers afterward hinted at a little known program to drive the priests out of Mexico; and Villa’s hostility to the *curas* is well known.⁷⁷

profundamente ao meu lado. Creio que desejaria que o governo estabelecesse uma fábrica de curtume, onde pudéssemos fazer boas selas e freios, pois sei como fazê-los; e o resto do tempo gostaria de trabalhar na minha fazendinha, criando gado e semeando milho. Seria muito bom, creio, ajudar a tornar o México um lugar feliz.

⁷⁶ “Até mesmo Deus”, observou o major Leyva, “Até mesmo Deus está do lado de Francisco Villa!”

⁷⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 31. O padre da igreja da *hacienda* presidia o jantar. Para ele foram trazidas as melhores carnes, que, às vezes, passava a seus favoritos depois

A tradição da Igreja no México está, como podemos perceber na passagem acima, associada intimamente à opressão e exploração colonial que se impõem sobre os camponeses pobres, e ao que há de mais arcaico e atrasado na ideologia das classes dominantes, remontando às tradições medievais que foram – em casos de países que não passaram por revoluções burguesas, tal como o México – apropriadas pela burguesia para assegurar sua dominação, como, por exemplo, no direito de herança feudal sobre a noite de núpcias das noivas. Neste ponto, podemos também ver como a tradição patriarcal e misógina do país é também uma herança da ideologia religiosa, em que as mulheres são tratadas como meros objetos.

Por outro lado, a presença da Igreja também demonstra mais um dos pontos de tensão na base social que compunha o campo constitucionalista: nos altos escalões do governo, a Igreja não era uma questão a ser resolvida pela revolução, era antes uma aliada na dominação; contudo, opiniões como as de José Valiente não eram pouco populares, e neste ponto Villa era também o autêntico representante dos anseios das massas populares. A própria presença do padre na fazenda tomada pelos revolucionários, e a postura de respeito e deferência dos peões combatentes, mesmo odiando em seu íntimo aquele representante da Igreja, demonstram quão contraditória era a relação desta camada social com a instituição religiosa. Em outros trechos, Reed mostra como a dominação clerical era também uma dominação econômica sobre os camponeses, e que este era um debate vivo entre os revolucionários. Até mesmo questões já deixadas para trás pelas próprias leis do país – que demonstravam a forte conjugação entre Igreja e Estado – continuavam exercendo um forte poder de opressão,

de se servir. Bebemos *sotol* e *aguamiel* (Nota da tradução brasileira: *aguamiel* é uma bebida natural extraída do *maguey* – planta semelhante à babosa, do gênero agave, que cresce nas zonas áridas da Mesoamérica –, a partir da qual se produz o pulque, um fermentado usado pelos astecas em rituais religiosos. Do *maguey* também se extrai a matéria-prima da tequila), enquanto o *cura* dava conta de uma garrafa inteira de anisete, roubada. Animado por isso, Sua Reverência dissertava sobre as virtudes da confissão, principalmente quando se referia às moças. Ele também nos fez entender que possuía certos direitos feudais sobre as recém-casadas:

- As garotas aqui – disse – são muito ardentes...

Reparei que o resto dos presentes não achou muita graça nisso, ainda que tenham sido respeitosos. Depois que saímos do salão, José Valiente assobiou para chamar minha atenção, tremendo de tal forma que mal podia falar:

- Eu sei que esse porco... e minha irmã...! A *Revolución* ajustará contas com esses *curas*!

Dois altos oficiais constitucionalistas, mais tarde, aludiram a um programa pouco conhecido de expulsar os sacerdotes do México; e a hostilidade de Villa contra os *curas* é bem conhecida. (p. 59).

pois os peões sequer sabiam que tais leis haviam sido abolidas há décadas, como se demonstra nesta conversa durante o jantar na casa de pacíficos:

It seemed that some were especially prejudiced against the Church. “Priests without shame,” cried one, “who come when we are so poor and take away a tenth of what we have!”

“And us paying a quarter to the Government for this cursed war!...”

“Shut your mouth” shrilled the woman. “It is for God! God must eat, the same as we....”

Her husband smiled a superior smile. He had once been to Jimenez and was considered a man of the world.

“God does not eat,” he remarked with finality. “The *curas* grow fat on us.”

“Why do you give it?” I asked.

“It is the law,” said several at once.

And not one would believe that that law was repealed in Mexico in the year 1857!⁷⁸

Reed demonstra também que esta revolta que se instalava a cada dia entre os peões contra a Igreja era um fruto direto da revolução, que ensinava, na prática, cada dia mais ao povo mexicano que a Igreja estava do lado de seus opressores e que era uma instituição a ser varrida pelo processo revolucionário, independentemente da

⁷⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p.20-21. Parecia que alguns estavam revoltados contra a Igreja.

- Padres sem-vergonha – esbravejou um deles –, que vêm aqui quando estamos sem nada e ainda nos roubam um décimo de tudo o que temos!

- E nós, que oagamos um quarto ao governo por esta maldita guerra...!

- Cale a boca! – gritou a mulher. – É para Deus! Deus tem de comer, como nós...

Seu marido sorriu com ar de superioridade. Estivera uma vez em Jiménez e era considerado um homem do mundo.

- Deus não come – replicou finalmente. – Os *curas* é que engordam às nossas custas.

- E por que vocês dão? – perguntei.

- É a lei – disseram vários ao mesmo tempo.

E ninguém acreditaria que essa lei havia sido revogada no México no ano de 1857! (p. 45).

religiosidade de cada mulher ou homem. É este sentimento que aparece, desta vez não entre os pacíficos, mas entre os combatentes da tropa:

After that Fernando Silveyra, the paymaster, recounted a few anecdotes of the *curas*, or priests, that sounded exactly like Touraine in the thirteenth century, or the feudal rights of landlords over their women tenants before the French Revolution. Fernando ought to have known, too, for he was brought up for the Church. There must have been about twenty of us sitting around that fire, all the way from the most miserable poor peon in the Tropa up to First Captain Longinos Güereca. There wasn't one of these men who had any religion at all, although once they had all been strict Catholics. But three years of war have taught the Mexican people many things. There will never be another Porfirio Díaz; there will never be another Orozco Revolution; and the Catholic Church in Mexico will never again be the boice of God.⁷⁹

Este espírito de repúdio a Igreja por parte dos combatentes aparece vivamente no segundo encontro de Reed com um padre, desta vez um que não está tão confortável em meio à revolução tal como o que jantou com Reed falando tranquilamente sobre seus direitos feudais enquanto se deliciava com os melhores pratos e bebidas:

“Señor,” he said, “are you a Catholic?”

“No.”

“Thank God,” he returned briefly. “We Catholics are liable to be intolerante. Are you a Mexican?”

“No, señor.”

“It is well,” he said, smilingly sadly. “I am a priest and a Spaniard. I have been made to understand that I am not wanted in this beautiful land, señor. God is good. But he is better in Spain than He is in Mexico....”⁸⁰

⁷⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. p. 58. Depois disso, Fernando Silveyra, o pagador, contou umas anedotas dos *curas*, ou seja, dos padres, que soavam exatamente como as de Touraine do século XIII, ou as dos direitos feudais dos senhores sobre suas servas antes da Revolução Francesa. Fernando devia saber disso, também, já que havia sido criado pela Igreja. Devia haver uns vinte de nós sentados em torno da fogueira, desde o mais miserável peão da tropa até o primeiro-capitão Longinos Güereca. Não havia nenhum desses homens que professasse qualquer tipo de religião, ainda que, em algum momento, todos tivessem sido estritamente católicos. Mas três anos de guerra haviam ensinado ao povo mexicano muitas coisas: que nunca mais haveria outro Porfirio Díaz, que nunca mais haveria outra revolução orozquista e que a Igreja Católica no México nunca mais seria a voz de Deus. (p. 92).

⁸⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 80. — *Señor* — perguntou-me —, você é católico?

Se no que concerne a Igreja podemos ver um conflito entre a mentalidade revolucionária que quer varrer os resquícios feudais que estão encarnados nesta instituição, na questão das mulheres se expressa uma mentalidade mais atrasada, e isto é patente ao longo de toda a narrativa, na forma como figuram as personagens femininas no livro de Reed. Quase sempre humildes, submissas e relegadas ao segundo plano, a opressão patriarcal às mulheres é uma questão da herança do passado que avança pouco nas fileiras dos combatentes, como pudemos ver já em algumas passagens citadas anteriormente. Reed, mesmo nas descrições físicas que faz delas, reflete sua postura subalterna e as características dos trabalhos extenuantes que realizam, de lavar roupas, carregar água e moer milho, tal como no baile que do capítulo “White Nights at Zarca”:

The girls were dumpy and dull, Indian-faced and awkward, bowed at the shoulder from much grinding of corn and washing of clothes. (...)

Each girl kept her eyes on the ground, never spoke, and stumbled heavily after you.⁸¹

Aliás, a forma mais frequente das mulheres aparecerem no livro é, como dissemos anteriormente, misturadas à paisagem exercendo estas atividades. Isto aparece muitas vezes, como nas seguintes passagens: “From the fountain to the adobe houses and back moved and endless chain of women water-carriers – the symbol of northern Mexico.”⁸²; “Above them kneeled the women at their eternal laundry on the stones. Beyond that the ancient path from the hacienda cut across, where the never-ending line

- Não.

- Graças a Deus – replicou brevemente. Nós católicos somos alvo de intolerância. O senhor é mexicano?

- Não, *señor*.

- Está bem – respondeu, sorrindo tristemente. – Eu sou padre e espanhol. Disseram-me que não sou bem-vindo nesta bela terra, *señor*. Deus é bom. Mas Ele é melhor na Espanha do que aqui no México... (p. 135).

⁸¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 45. As moças eram baixas, atarracadas e sem graça, com estranhos rostos indígenas e ombros curvados de tanto moer milho e lavar roupa. (...)

As moças não tiravam os olhos do chão, não falavam e tropeçavam atrás da gente. (p. 75).

⁸² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 50. Da fonte até as casas de adobe e vice-versa, movia-se uma cadeia interminável de mulheres carregando água – o próprio símbolo do norte do México. (p.81).

of black-shawled women moved with water-jars on their heads.”⁸³; “One entire end of the room was taken up by immense adobe stoves, ovens and fireplaces, with four or five ancient crones bending over them, stirring pots and turning *tortillas*.”⁸⁴; “Behind each company plodded ten or twelve women on foot, carrying cook utensils on their heads and backs, and perhaps a pack mule loaded with sacks of corn.”⁸⁵

Nas relações amorosas isto também se expressa. Se, para os peões homens – como no caso de Villa, que é relatado por Reed – é perfeitamente tolerável ter duas esposas, é claro que isto não se aplica às mulheres. As mulheres são sempre tratadas como uma posse nas relações com seus maridos e familiares, sendo sempre relegadas ao papel subserviente. Reed aponta isto em vários momentos, como, por exemplo, na refeição que faz na fazenda de La Cadena, referindo-se à amante do Coronel Petronilo:

We dined in the ancient kitchen of the hacienda, sitting on stools around a packing box. (...) There was Colonel Petronilo, his mistress, a strangely beautiful peasant woman with a pocket-marked face, who Always seemed to be laughing to herself about something (...). The Colonel’s mistress seemed uncomfortable at the table; for a Mexican peasant woman is a servant in her house.⁸⁶

A relação de posse sobre as mulheres em um relacionamento torna habitual a dominação física e a agressão, como Reed mostra no baile em La Zarca:

Dance followed dance, without any rest. A barrel of *sotol* further complicated things. As the evening wore on the assembly got more and more exhilarated. Sabas, who was Pablo’s orderly, led off with Pablo’s mistress. I followed. Immediately afterward Pablo hit her on the head with the butt end of his

⁸³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 59. Acima, as mulheres, de joelhos, em sua eterna lavagem de roupas sobre as pedras. Mais adiante, cruzava-se a antiga estradinha da *hacienda*, onde se movia a contínua fila de mulheres cobertas com xales negros e jarros de água na cabeça. (p.94).

⁸⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 61. Todo um canto do quarto estava ocupado por imensos fogões de adobe, fornos e chaminés, com quatro ou cinco velhas enrugadas curvadas sobre eles, agitando caçarolas e preparando *tortillas*. (p.95).

⁸⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 152. Atrás de cada companhia esfalvavam-se dez ou doze mulheres passa seguiu-os a pé, carregando os utensílios de cozinha na cabeça ou nas costas e, talvez, uma mula carregada com sacos de milho. (p. 212).

⁸⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 60-61. Comemos na antiga cozinha da *hacienda*, sentados em banquinhos ao redor de um caixote de embalagem. (...) Ali estavam o coronel Petronilo, sua amante – uma camponesa estranhamente bela, com o rosto marcado por bexigas e que parecia estar sempre rindo de alguma coisa (...). A amante do coronel parecia desconfortável à mesa, afinal uma camponesa mexicana é uma criada em sua própria casa. (p. 95).

revolver, and said he'd shoot her if she danced with anyone else, and her partner too.⁸⁷

Outra passagem, descrevendo os rituais de cortejo durante uma dança, revela que a violência era o modo mais comum de resolver as disputas pela “posse” de uma mulher:

On the outside, in groups of four, went the men, mostly soldiers. On the inside, in the opposite direction, the girls walked arm in arm. As they passed they threw handfuls of confetti at one another. They never talked too ne another, never stopped; but as a girl caught a man's fancy, he slipped a lover's note into her hand as she went by, and she answered with a smile if she liked him. (...) every man carried a gun, and every man's girl was his jealously guarded property. It was a killing matter to hand a note to someone else's girl.⁸⁸

Há um capítulo, o último da primeira parte, em que o papel social das mulheres – em particular no combate revolucionário – ganha o primeiro plano, e isto ocorre por meio da única personagem feminina que toma o primeiro plano e dá nome ao capítulo: Elizabetta. Assim Reed fala sobre sua primeira impressão desta mulher:

There was nothing remarkable about her. I think I noticed her chiefly because she was one of the few weomen in that wretched company. (...) I never did find out whether she had been just a peon woman working around La Cadena when the attack had come, or whether she was a *vieja* – a camp follower of the army.

Now she was trudging stolidly along in the dust behind Captain Felix Romero's horse – and had trudged so for thirty miles. He never spoke to her, never looked back, but rode on unconcernedly. Sometimes he would get tired of carrying his rifle and hand it back to her to carry, with a careless “Here! Take this!” I found out later that when they returned to La Cadena after the

⁸⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 46. Dança atrás de dança, sem descanso. Um barril de *sotol* serviu para complicar um pouco mais as coisas. À medida que a noite avançava, o pessoal ficava cada vez mais exaltado. O ordenança de Pablo, Sabas, tomou a amante do primeiro para dançar. Eu acompanhei. Logo depois, Pablo acertou a cabeça da mulher com o cabo de seu revólver, dizendo que a mataria se dançasse com qualquer outra pessoa – e seu parceiro também. (p. 77).

⁸⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p.131. Do lado de fora, em grupos de quatro, seguiam os homens, a maioria soldados. Do lado de dentro, em direção oposta, as moças andavam de braço dado. Quando se encontravam, os dois grupos lançavam punhados de confete um no outro. Nunca conversavam nem paravam; mas, se um rapaz gostasse de uma garota, deslizava na mão dela um bilhete amoroso, ao passar, e ela respondia com um sorriso se gostasse dele. (...) Todo homem carregava uma arma, e toda garota tinha seu protetor e proprietário ciumento. Era caso de morte dar um bilhete à garota de outro. (p. 189).

battle to bury the dead he had found her wandering aimlessly in the hacienda, apparently out of her mind; and that, needing a woman, he had ordered her to follow him. Which she did, unquestioningly, after the custom of her sex and country.

Captain Feliz let his horse drink. Elizabetta halted, too, knelled and plunged her face into the water.

“Come on,” ordered the Captain. “*Andale!*” She rose without a word and waded through the stream. In the same order they climbed the near bank, and there the Captain dismounted, held out his hand for the rifle she carried, and said, “Get me my supper!” Then he strolled away toward the houses where the rest of the soldiers sat.⁸⁹

Neste trecho em que Reed apresenta Elizabetta, todas as marcas que estão presentes nas mulheres ao longo do livro saltam ao primeiro plano, mostrando de maneira acentuada como a elas cabe o papel auxiliar e submisso aos mandos de “seus homens”. As *viejas* mencionadas por Reed expressam a principal tarefa desempenhada por elas ao longo do combate: seguir o exército, cozinhar, cuidar dos combatentes. Neste trecho, em particular, Reed ressalta como aos olhos do capitão – representando o sexo masculino – Elizabetta não tem um papel de indivíduo: ele a toma para si porque precisa de uma mulher qualquer que desempenhe as funções necessárias. Vendo uma “sem dono”, pega-a. Em nenhum momento conversa com ela, e a imagem que Reed apresenta dela bebendo no riacho com a cara enfiada na água ao lado do cavalo,

⁸⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 85. Não havia nada de impressionante nela. Acho que a percebi principalmente porque era uma das poucas mulheres naquela desgraçada companhia. (...) Nunca pude saber se era simplesmente uma mulher que trabalhava como peão em volta de La Cadena quando ocorreu o ataque, ou se era uma *vieja* – uma das que seguem o acampamento do exército.

Caminhava impassível e penosamente no meio da poeira, atrás do cavalo do Capitão Félix Romero – assim o fizera por cinquenta quilômetros. Ele nunca falava com ela, nem olhava para trás. Apenas cavalgava, indiferente. Algumas vezes se cansava de carregar o rifle e o entregava para que ela o carregasse, dizendo, sem se importar, “Aqui! Leve isto!”. Fiquei sabendo mais tarde que, quando voltaram a La Cadena depois da batalha para sepultar os mortos, ele a encontrara andando ao acaso, sem sentido, na *hacienda*, aparentemente fora de juízo; e que, precisando de uma mulher, ordenara-lhe que o seguisse; ela obedeceu, sem questionar, de acordo com os costumes de seu sexo e de seu país.

O capitão Félix deixou seu cavalo beber. Elizabetta deteve-se também, ajoelhou-se e mergulhou o rosto na água.

- Vem cá – ordenou-lhe o capitão. – *Ándale!*

Levantou-se sem dizer palavra e atravessou o riacho. Da mesma maneira subiram à outra margem e lá o capitão desmontou, estendeu a mão para o rifle que ela carregava e disse “Vai preparar meu jantar!”. Então ele se afastou em direção às casas onde os demais soldados estavam sentados. (p. 142-143).

contribui para que o leitor veja que, aos olhos do capitão, são como dois seres equivalentes, que estão ali para desempenhar uma função a seu serviço.

No entanto, o marcante na passagem de Elizabetta é que ela irá pedir ajuda a Reed para expressar por um breve momento sua vontade própria: a de ter um momento de luto e não dormir com o capitão naquela noite. Após Reed puxar assunto com ela enquanto ela prepara o jantar para “seu homem”, ela desabafa:

“Listen, señor, whoever you are!” said Elizabetta swiftly, looking up to me. “My lover was killed yesterday in the battle. This man is my man, but, by God and all the saints, I can’t sleep with him this night. Let me stay then with you!”

There wasn’t a trace of coquetry in her voice. This blundering childish spirit had found itself in a situation it couldn’t beat, and had chosen the instinctive way out. I doubt if she even knew herself why the thought of this new man so revolted her, with her lover scarcely cold in the ground. I was nothing to her, nor she to me. That was all that mattered.⁹⁰

Elizabetta, em uma situação de desespero, é incapaz de colocar sua vontade diante do homem que a tomou para si. Procurando uma saída, recorre a alguém que possa fazer valer seu desejo: outro homem. Apenas acolhida sob a proteção de Reed ela poderá ter coragem de colocar sua vontade como digna de ser ouvida pelo capitão. E este, ao ver que a mulher pretende deixá-lo só aquela noite, se indigna e reclama ao coronel, dizendo a ele que “This gringo has taken away my woman. It is the grossest insult!”⁹¹

Elizabetta passa a noite sob a proteção de Reed, com o coronel acalmando os ânimos do capitão. Mas, no dia seguinte, ela encontra-se já recomposta para retomar o papel que lhe cabe e servir seu novo homem, mostrando por ele o devido respeito:

⁹⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 88. – Ouça, *señor*, seja lá quem for! – disse Elizabetta, olhando-me com suavidade. – Meu amante foi morto ontem, em combate. Este homem é agora meu homem, mas, por Deus e por todos os Santos, não posso dormir com ele esta noite. Deixe-me, então, ficar com o senhor!

Não havia o menor sinal de coqueteria em sua voz. Aquele espírito desajeitado e infantil encontrava-se numa situação que não podia suportar e havia escolhido instintivamente uma saída. Duvido, inclusive, que soubesse por que se rebelava ante a ideia de pensar nesse novo marido, que o cadáver de seu amante não esfriara ainda. Eu não significava nada para ela, nem ela para mim. Isto era tudo que importava. (p.144).

⁹¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p 89. Este gringo levou minha mulher! É o mais grave insulto! (p. 145).

When I woke in the morning she was gone. I opened my door and looked out.
(...)

Elizabetta was squatted over a little fire near the corner of the house, patting *tortillas* for the Captain's breakfast. She smiled as I came up, and politely asked me if I had slept well. She was quite contented now; you knew from the way she sang over her work.

Presently the Captain came up in a surly manner and nodded briefly to me.

"I hope it's ready now," he grunted, taking the *tortillas* she gave him. "You take a long time to cook a little breakfast. *Caramba!* Why is there no coffee?" He moved off, munching. "Get ready," he flung back over his shoulder. "We go north in na hour."

"Are you going?" I asked curiously. Elizabetta looked at me with wide-open eyes.

"Of course I am going. *Seguro!* Is he not my man?" She looked after him admiringly. She was no longer revolted.

"He is my man," she said. "He is very handsome, and very brave. Why, in the battle the other day ---"

Elizabetta had forgotten her lover.⁹²

⁹² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 90-91. Quando acordei, pela manhã, ela havia partido. Abri a porta e olhei para fora. (...)

Elizabetta estava agachada sob uma pequena fogueira perto da esquina da casa preparando *tortillas* para o café da manhã do capitão. Ela sorriu quando eu cheguei e muito educada perguntou-me se dormira bem. Ela estava bastante satisfeita agora, percebia-se pela maneira como cantava ao realizar seu trabalho.

Logo chegou o capitão, que me saudou rapidamente com a cabeça.

- Espero que já esteja pronto – resmungou, agarrando as *tortillas* que ela lhe deu.

- Você demorou muito para preparar o café da manhã. *Caramba!* Por que não há café?

Afastou-se, mastigando ruidosamente.

- Prepare-se – gritou sobre o ombro, virando para trás. – Vamos para o Norte dentro de uma hora.

- Você vai? – perguntei com curiosidade. Elizabetta me olhou com os olhos muito abertos.

- Claro que vou! *Seguro!* Ele não é meu homem? – e olhou para ele com admiração.

Não estava mais revoltada.

- Ele é meu homem – disse. – É muito bonito e valente. Por exemplo, na batalha, outro dia...

Elizabetta havia esquecido seu amante. (p. 146).

Assim como os peões, na época de Porfirio Díaz, eram jogados de suas terras e passados para as mãos de um a outro latifundiário, perdendo suas posses e tendo que se adaptar à nova vida, desta forma era a vida das mulheres como Elizabetta, tendo que enterrar seu amante em um dia e ser “tomada” como posse de outro homem no dia seguinte, obecendo-lhe sem pestanejar e adaptando-se à nova vida. Chama a atenção que novamente Reed destaque uma personagem para encarnar a situação vivida por todas as mulheres, e uma com quem passa por uma experiência pessoal, fazendo com que novamente seja sua experiência subjetiva que marque o ponto de partida a partir do qual enfoca as questões sociais que permeiam o México revolucionário.

Reed e o México: uma visão subjetiva da revolução

*If you write anything to discourage intervention, we'll get you*⁹³.

- Administrador americano de uma mina em conversa com John Reed.

*It's so much Reed that I suspect it is very little Mexico.*⁹⁴

- Dave Carb em carta para John Reed.

Como pudemos observar, Reed aborda em *Insurgent Mexico* todas as principais questões sociais que estavam colocadas em jogo no processo revolucionário, e, mais do que isso, questões históricas e culturais que constituíam os pilares da subjetividade dos peões mexicanos.

Contudo, ressaltamos também como a forma com que o autor constrói a narrativa é permeada por sua experiência pessoal no país. Alguns de seus biógrafos tecem considerações neste mesmo sentido, como Robert Rosenstone ao dizer que “(...) much of his reporting from Mexico, told as much about Reed as about the revolution. A

⁹³ Se você escrever qualquer coisa para desencorajar a intervenção [militar dos EUA], nós vamos pegar você. (tradução minha).

⁹⁴ Tem tanto de Reed que eu suspeito que tenha muito pouco do México. (tradução minha).

fusion of self with historical event occurred because his writing reflected a search for meaning and self-definition.”⁹⁵ Esta ideia é reforçada pelo próprio esboço autobiográfico de Reed, “Almost Thirty” (Quase Trinta).

Reed, neste momento, tinha já convicções políticas bastante fortes, que haviam se consolidado com a experiência da greve de Paterson. Sua adesão aos explorados e oprimidos, que se gestava desde os tempos da faculdade com suas participações esparsas no *Socialist Club*, haviam se fortalecido com a mudança para Nova Iorque, onde viu a miséria de perto, com seus próprios olhos. Contudo, a experiência de Paterson sem dúvida foi um divisor de águas, pois foi ali que Reed viu toda a força e arbitrariedade do Estado controlado pela classe dominante, com juízes, polícia e imprensa sob seu comando direto – em suma, conheceu o significado mais concreto da expressão marxista “luta de classes”. E, após este episódio, Reed começa a ter algum contato com a teoria marxista através de Fred Boyd, militante que conhece em Paterson. Rosenstone fala sobre a preparação para sua viagem nos seguintes termos:

The night before his departure was an Evening, and Mexico was discussed at length, with Fred Boyd giving a Marxist view of developments, Steffens dropping clever remarks from a chair in the corner, and a happy Reed, “puffed up and excited, his curls tossed back, standing up and declaiming wildly.”⁹⁶

Seja lá qual tenha sido a análise marxista que Boyd fez com Reed sobre a situação política do México, sem dúvida não foram seus elementos que primaram na elaboração do livro que retrata a revolução. O conhecimento de Reed a respeito da política e do funcionamento da sociedade de classes não era nulo, mas sem dúvida era ainda bastante incipiente, particularmente para que pudesse compreender bem um cenário bastante complexo como o da revolução mexicana, na qual a classe operária desempenhou um papel bastante secundário, e os exércitos camponeses passaram por muitos contratempos, levando a situações muito difíceis de compreender, incluindo enfrentamentos entre as próprias fileiras camponesas, como entre os exércitos de Villa e

⁹⁵ ROSENSTONE, Robert A. *Romantic Revolutionary. A Biography of John Reed*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990. P. 150. (...) muito de seus relatos do México falam tanto sobre Reed quanto sobre a revolução. Uma fusão do pessoal e do evento histórico ocorreu porque sua escrita refletia uma busca por sentido e auto-definição. (tradução minha).

⁹⁶ ROSENSTONE, Robert A. *Romantic Revolutionary. A Biography of John Reed*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990. p. 151.

Orozco, por exemplo. Nesste sentido, concordamos em grande medida com as considerações feitas por seus dois principais biógrafos. Granville Hicks afirma que:

Insurgent Mexico, made out of his articles for the *Metropolitan* and the *Masses*, is a book for the eye. But John Reed was not merely recording surfaces, The book has its own kind of insight. He made little effort to understand the history of the country and its revolutions, and his researches in economics were impressionistic. (...) “He did not judge,” [Walter] Lippmann wrote in a cooler mood; “he identified himself with the struggle, and gradually what he saw mingled with what he hoped. Whenever his sympathies marched with the facts, Reed was superb. (...)”

In identifying himself with the wild fighting men of Villa’s army, Reed did more than discover a cause to believe in. He learned that fear could be conquered (...) And the fact that these men accepted him, wanted him with them, made sacrifices for him, gave him back the confidence he had lost after his flight to Italy and the collapse of the Paterson strike.⁹⁷

No entanto, a análise de Robert Rosenstone consegue penetrar mais fundo nas contradições entre a intuição política de Reed e o fio condutor de sua experiência pessoal para a narrativa, vendo como o olhar de Reed sobre a revolução mexicana sofreu uma profunda transformação ao conhecer os combatentes e perceber a distinção que havia no seio das próprias fileiras constitucionalistas. No sentimento geral evocado pelo livro, Rosenstone utiliza o mesmo termo de Hicks, dizendo que é “um livro para os olhos”:

Insurgent Mexico is a book for the eye, a vast panorama like one of the great murals of the Mexican painters, full of color, motion and the life-and-death struggle of a people. Its power comes from the close identification of the author with its subject. (...) Jack told a story not only of Mexico in arms, but also of an American radical’s reaction to revolution. Less clearly did he realize that he was writing an important slice of autobiography, a kind of

⁹⁷HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. p. 135. *México Insurgente*, composto por seus artigos para o *Metropolitan* e o *Masses*, é um livro para os olhos. Mas John Reed não estava meramente registrando o superficial. O livro tem seu próprio tipo de intuição. Ele se esforçou pouco para compreender a história do país e suas revoluções, e suas pesquisas sobre a economia eram impressionistas. (...) “Ele não julgou,” [Walter] Lippmann escreveu de forma amena; “ele se identificou com a luta, and gradualmente o que ele dizia se mesclava com o suas esperanças. Sempre que suas simpatias caminhavam junto aos fatos, Reed era soberano.” (...)

Ao se identificar com os selvagens combatentes de Villa, Reed fez mais do que descobrir uma causa na qual acreditar. Ele aprendeu que o medo poderia ser conquistado (...) E o fato de que estes homens o aceitaram, queriam-no entre eles, fizeram sacrifícios por ele, trouxe-lhe de volta a confiança que havia perdido após seu voo para a Itália e o colapso da greve de Paterson. (Tradução minha).

modern picaresque tale of one man's education in an arena of danger, na adventure yarn about how an American poet becomes a man.⁹⁸

O que consideramos fundamental compreender, do ponto de vista do amadurecimento estético-político do autor, é como se desenha nesta obra o conflito de Reed entre o tipo de escrita tradicionalmente aceito como pertencente ao campo literário/poético e aquele que é comumente enquadrado no campo histórico/político/jornalístico. O conflito entre estas formas textuais aparece nas linhas de *Insurgent Mexico* de forma aguda, e a dicotomia é reforçada na recepção crítica da obra. Rosenstone afirma que “In composing the book, the poet was stronger than the journalist (...)”⁹⁹ e seu amigo Walter Lippmann escreveu a ele chamando-o de “gênio” e afirmando que “Incidentally, of course, the stories are literature.”¹⁰⁰

Esta dicotomia se encontra fortemente atrelada a outra, também central na obra, entre o objetivo/subjetivo, ou seja, entre focar-se no âmbito geral do panorama político e histórico da revolução, ou nas experiências individuais vividas. O romance, gênero literário que serve como modelo mais próximo à escrita de *Insurgent Mexico*, é pautado por personagens centrais, seus conflitos individuais, seus dramas e superações. Reed, nesta obra, não se desprende deste modelo: sendo ele próprio a personagem central da obra, passando por um percurso de formação individual, tal como destacam seus biógrafos, em alguns momentos ele desloca o foco narrativo para outras personagens, com destaque para Villa, fazendo com que o livro desenvolva ao redor destas figuras. Mesmo as questões políticas, sociais e históricas de grande relevância aparecem sempre atreladas a personagens que saltam ao primeiro plano, ainda quando sejam personagens esporádicas, como no caso de Elizabetta. Isto faz com que a compreensão política do contexto mexicano nunca extrapole aquilo que pode ser apresentado a partir do enfoque

⁹⁸ROSENSTONE, Robert A. *Romantic Revolutionary. A Biography of John Reed*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990. P. 167. *México Insurgente* é um livro para os olhos, um vasto panorama como os grandes murais dos pintores mexicanos, cheio de cor, movimento e a luta de vida ou morte de um povo. Seu poder emana da profunda identificação do autor com seu objeto. (...) Jack [Joh Reed] contou uma história não apenas do México em armas, mas também da reação de um radical americano diante da revolução. Ele percebia de forma menos clara que estava escrevendo um importante relato autobiográfico, um tipo de conto picaresco moderno sobre a educação de um homem na arena do perigo, uma história de aventura sobre como um poeta americano se torna um homem. (tradução minha).

⁹⁹ROSENSTONE, Robert A. *Romantic Revolutionary. A Biography of John Reed*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990, p. 167. Na composição do livro, o poeta foi mais forte do que o jornalista. (tradução minha).

¹⁰⁰HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 134. Incidentalmente, é claro, as histórias são literatura. (tradução minha).

das personagens eleitas para representar este cenário, fazendo com que o autor deixe de fora elementos políticos fundamentais e em relação aos quais ele tinha conhecimento.

Quanto a estes elementos, podemos perceber que Reed não os compreendia completamente, mas sim, como afirma Rosenstone,

Reed sensed rather than knew something that is fundamental for understanding Mexico – in reality the country was undergoing two revolutions simultaneously, one political, the other agrarian. The events of 1910-1911 that had led to the resignation and exile of Porfirio Díaz, dictator for thirty-five years, had been caused by supporters of both kinds of revolution; but the man who succeeded the Presidency, Francisco I. Madero, a strict constitutionalist with little sympathy for social reform, attempted to crush the agrarian revolt of Indians in Morelos, led by Emiliano Zapata. When General Victoriano Huerta, with the advice and complicity of American Ambassador Henry Lane Wilson, overthrew and then executed the President in February 1913, Madero's reputation as a revolutionary was saved. Revolts that broke out all over the country used him as a martyr, and rebel soldiers were proud to be designated Maderistas. But the two revolutionary strands still existed, the agrarian personified by Villa and Zapata, and the political by Venustiano Carranza, governor of the state of Coahuila, who took the title of Commander in Chief of the Constitutional Army. Establishing a shadow government first in Hermosillo, then in Nogales, the self-designated First Chief presumed to speak in the name of all Mexico. But many revolutionaries, disgusted with Carranza's conservative view of land reform, hoped to see Villa or Zapata seize the Presidency.

Without all the facts arranged and neatly categorized, Reed understood enough of the situation to know where his own sympathies lay.¹⁰¹

¹⁰¹ ROSENSTONE, Robert A. *Romantic Revolutionary. A Biography of John Reed*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990, P. 154-155. Reed sentia mais do que sabia algo que é fundamental para compreender o México – na realidade o país estava passando por duas revoluções simultaneamente, uma política e a outra agrária. Os eventos de 1910-1911 que levaram à renúncia e exílio de Porfirio Díaz, ditador por trinta e cinco anos, haviam sido causados por apoiadores dos dois tipos de revolução, mas o homem que o sucedeu na presidência, Francisco I. Madero, um constitucionalista estrito com pouca simpatia pela reforma social, tentou esmagar a revolta agrária dos indígenas em Morelos, dirigida por Emiliano Zapata. Quando o general Victoriano Huerta, com os conselhos e a cumplicidade do embaixador americano Henry Lane Wilson, depôs e em seguida executou o presidente em fevereiro de 1913, a reputação de Madero como revolucionário foi salva. As revoltas que eclodiram por todo o país o usavam como mártir e os soldados rebeldes se orgulhavam de ser designados como Maderistas. Mas as duas linhas revolucionárias ainda existiam, a agrária personificada por Villa e Zapata, e a política por Venustiano Carranza, governador do estado de Coahuila, que assumiu o título de comandante do exército constitucionalista. Estabelecendo um governo paralelo primeiro em Hermosillo, depois em Nogales, o auto-proclamado Primeiro Chefe presumia falar em nome de todo o México. Mas muitos revolucionários, contrariados pela visão conservadora de Carranza em relação à reforma agrária, esperavam ver Villa ou Zapata assumirem a presidência.

Mas a compreensão de Reed sobre que lado tomar foi se desenvolvendo ao longo do processo, e o autor não chegou a compreender a profundidade do abismo que havia no campo constitucionalista entre o pólo Madero/Carranza e o Villa/Zapata. Tanto é assim que Reed optou, num primeiro momento, por manter oculta do público sua visão pessoal sobre Carranza, bem definida no artigo do *Metropolitan* que se tornou o capítulo “Carranza – an Impression”. Conforme aponta Rosenstone, foram mais de seis meses até que Reed publicasse este texto, mostrando que o autor confundia a preservação da imagem do chefe constitucionalista com a defesa da própria revolução – a agrária, de caráter social, que era a que ele e Villa defendiam e que nunca foi interesse de Carranza.¹⁰²

Contudo, quando, ainda no México, Reed percebeu que havia um foco mais avançado da revolução do que o próprio estado de Chihuahua dirigido por Villa – e este era a rebelião camponesa e indígena em Morelos – o autor passa a tentar convencer seus editores do *Metropolitan* a enviá-lo para o sul para encontrar os zapatistas, conforme revela sua correspondência com Carl Hovey citada por Rosenstone:

Casting about for something more colorful, he seized on “the only revolt of People that I knew about which was not let up for three years,” that in Morelos led by Emiliano Zapata. Every letter to Hovey was filled with requests that he be sent south to see Zapata, “the great man of the Revolution.... He is a radical, absolutely logical and perfectly constant... the guy to be reckoned with in any future of Mexico.” Best of all, no American journalists were reporting his activities. This would make for an important scoop: “His story, such snatches of it as I have been able to hear, is as marvelous as an Arabian Night. I don’t think we can get a true Picture of this business if we don’t get to know Zapata.”¹⁰³

Sem ter todos os fatos em ordem e devidamente categorizados, Reed compreendia o suficiente da situação para saber com quem estava sua simpatia. (tradução minha).

¹⁰² ROSENSTONE, Robert A. *Romantic Revolutionary. A Biography of John Reed*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990, p. 164.

¹⁰³ ROSENSTONE, Robert A. *Romantic Revolutionary. A Biography of John Reed*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990, p. 163. Em busca de algo mais colorido, ele focou “a única revolta popular que ouvi falar que persistiu por três anos,” aquela em Morelos liderada por Emiliano Zapata. Todas as suas cartas para Hovey estão cheias de pedidos para que fosse enviado ao sul para ver Zapata, “o grande homem da revolução... ele é um radical, absolutamente lógico e perfeitamente constante... o cara a ser reconhecido em qualquer futuro do México.” E o melhor de tudo, nenhum jornalista americano estava relatando suas atividades. Isto seria um importante furo de reportagem: “Sua história, os trechos dela que consegui ouvir, são tão maravilhosos quanto de uma Noite Árabe. Eu não acho que podemos ter um relato fiel deste assunto se não conseguirmos conhecer Zapata. (tradução minha).

E Reed tinha razão: seu retrato da revolução camponesa é bastante parcial pela ausência do Exército Libertador do Sul de Zapata, que desde o início havia sido o setor mais radicalizado do campesinato e que posteriormente se uniria aos villistas numa luta contra o governo central de Obregón. Talvez pela dependência financeira em relação a seus editores, Reed abriu mão de ir a Morelos para escrever sobre o que acontecia lá. Contudo, chama a atenção novamente o aspecto do livro por seu foco centrado nas personagens: a partir do momento em que Reed não pôde presenciar pessoalmente a revolta em Morelos, ele excluiu tal fenômeno social de suma importância por completo das páginas de *Insurgent Mexico*, não trabalhando sequer com relatos ou informações que pudessem ser obtidos a partir de sua localidade.

O texto em que Reed apresenta sua visão política mais abrangente do conflito é um artigo publicado em *Masses* em junho de 1914, intitulado “What about Mexico?”. Neste artigo, Reed argumenta veementemente contra a intervenção americana no México, retomando alguns pontos bastante trabalhados em *Insurgent Mexico*, tal como o combate à visão preconceituosa e estereotipada de grande parte do público americano em relação ao povo mexicano, referindo-se a eles como *greasers* (engordurados, sebosos) preguiçosos, desonestos, covardes e sem caráter. Retomando aspectos históricos do regime de Porfirio Díaz, importantes para a compreensão do cenário social e que o autor deixa de fora em *Insurgent Mexico*, Reed dá ao leitor uma ideia de como se configurou a distribuição fundiária que levou à eclosão da revolução plebeia de Villa e Zapata.

Um dos aspectos que mais chama a atenção em “What about Mexico?” é que neste texto Reed fala muito sobre a classe trabalhadora mexicana e sua relação com o capital imperialista investido no país – particularmente o americano – elementos que estão completamente ausentes no livro e que são bastante relevantes do ponto de vista político para a compreensão da revolução e, especificamente, do papel dos Estados Unidos na guerra civil e na revolução. Reed descreve as condições de trabalho nas minas controladas por monopólios americanos, o que inclusive justifica a visão apresentada por combatentes em seu livro, que afirmam que vão à guerra porque é melhor do que trabalhar (coisa que o autor não se dá ao trabalho de fazer nas páginas de *Insurgent Mexico*):

But of course that argument by foreign holders of concessions is like that other which we are familiar with in this country: that the reason employers of labor down there don't pay better wages is that the Mexicans would not know how to spend it, because their standard of living is so low. So you'll find often, when you ask these people why they're fighting, that "It's more fun to fight then work in the mines or as slaves on the great haciendas."

I have seen these mines, where the hovels of the workers are infinitely wretcheder than the slums of Mexican towns. For example, the American Smelting and Refining Company's properties at Sant Eulalia, where they've built a church for the workers to keep them contented, though they crush strikes unmercifully and herd the poor devils into the filthest huts; where such is the good feeling between miners and operators that the latter don't dare go down in the village at night.¹⁰⁴

Estas condições de trabalho e também a visão que os administradores das empresas têm dos mexicanos está presente também no caderno de anotações de Reed em relação ao México. Ele afirma, em relação aos trabalhadores que viu, que eram "the poorest people I've seen in Mexico, undefed, bare-footed, phisically degradedated."¹⁰⁵ Ele também descreve seu diálogo com um administrador, vendo as casas dos trabalhadores. Hicks o relata assim:

"Those are pretty dirty places to live in," Reed said to the manager, who replied, "Yes, and a pretty filthy lot of people live there." The manager took him to a mountain crest, whence they could look forty miles in any direction over plains and mountains and valleys. "It's the greatest climate in the world," the manager said. "These damned mexicans don't deserve it. They ought to quit fighting and settle down and enjoy it." Enjoy it by working ten hours a day in a mine, Reed thought. "It's a rich country," the manager went on, waving his arm at the rolling mountains. "Why it hasn't even been

¹⁰⁴ WILSON (org.), *John Reed for the Masses*. P. 79. Mas é claro que os argumentos dos concessionários estrangeiros é como aquele com o qual estamos acostumados neste país: que a razão pela qual os empregadores de trabalho lá embaixo não pagam salários melhores é que os mexicanos não saberiam como gastá-lo, pois seu padrão de vida é tão baixo. Então, você frequentemente ouve, quando pergunta a estas pessoas porque estão lutando, que "É mais divertido lutar do que trabalhar nas minas ou como escravos nas grandes haciendas."

Eu vi estas minas, onde os casebres dos trabalhadores são infinitamente mais miseráveis do que as favelas das cidades mexicanas. Por exemplo, nas propriedades da American Smelting and Refining Company, em Santa Eulalia, onde eles construíram uma igreja para manter os trabalhadores contentes, ainda que esmaguem as greves impiedosamente e amontoem os pobres diabos nas cabanas mais imundas; onde tamanho é o sentimento de amizade entre os mineiros e os operadores que estes não ousam entrar nas vilas à noite. (tradução minha).

¹⁰⁵ ROSENSTONE, op. cit., p. 157; HICKS, op. cit., p. 118. As pessoas mais pobres que vi no México; mal alimentadas, descalças e fisicamente degradadas. (tradução minha).

prospected yet. All we want is Peace, and a chance to work. We could turn over a pretty piece of change.”

He continued his lecture. American capital, he said, had made Mexico. All the skilled workmen in the mines were Americans. It might be true, as Reed interrupted to point out, that Mexicans had had no chance to learn skilled trades, but they wouldn't be any good anyway. The 1910 revolution had changed the peon, made him more uppish, spoiled him. There were strikes all the time. The only thing to do with strikers was to shoot them down. Nothing could save Mexico but American intervention.¹⁰⁶

Encontros como este não seriam episódios nada secundários para se compreender com mais precisão a situação política do país; mas Reed opta por deixá-las de fora. Isto parece um contundente indício de que a prioridade do autor não era a de compor um retrato político social do país, mas de retratar a luta dos peões e sua experiência a seu lado, de ganhar a adesão antes afetiva do que política de seus leitores em relação aos combatentes: convencê-los pelo seu caráter, sua coragem, determinação, e não pelas suas motivações políticas.

No mesmo sentido, Reed não inclui nenhuma personagem como a do administrador destas minas, ou seja, um autêntico representante dos interesses do capital norte-americano investido no México e ferrenho defensor da intervenção militar. Os americanos que Reed inclui são os mercenários que encontra no bar, em sua maioria pertencentes ao proletariado *lumpem* de seu país. Neste caso, podemos ver como o contraste que deseja suscitar o autor é também muito mais moral do que político: demonstrar como o que motivava estes homens a lutar eram motivos egoístas, mesquinhos, muito distintos dos nobres valores dos peões.

¹⁰⁶ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 118. “Estes são lugares bem sujos para se morar,” Reed disse ao administrador, que respondeu, “Sim, e um bando imundo de gente mora lá.” O administrador o levou ao topo de uma montanha, de onde podiam avistar quarenta milhas em qualquer direção através das planícies, montanhas e vales. “É o melhor clima do mundo,” disse o administrador. “Esses malditos mexicanos não o merecem. Eles deveriam para de lutar, se acalmar e aproveitá-lo.” Aproveitar trabalhando dez horas por dia numa mina, pensou Reed. “É um país rico,” continuou o administrador, acenando seus braços em direção às montanhas. “E não foi feita sequer sua prospecção ainda. Tudo o que nós queremos é paz, e uma chance para trabalhar. Nós podemos fazer uma bela mudança.”

Ele continuou sua palestra. O capital americano, ele disse, fez o México. Todos os trabalhadores qualificados nas minas eram americanos. Podia ser verdade, como interrompeu Reed para alertar, que os mexicanos não haviam tido nenhuma oportunidade de aprender ofícios qualificados, mas eles não seriam bons nisso de qualquer forma. A revolução de 1910 havia mudado os peões, tornado-os mais arrogantes, mimados. Havia greves o tempo inteiro. A única coisa a se fazer com os grevistas era atirar neles. Nada poderia salvar o México a não ser uma intervenção americana. (tradução minha).

Não á toa, Reed opta por fechar seu livro com as momentos que cronologicamente vieram primeiro, mas que podem retratar um país bucólico e rico culturalmente, que, da forma como é apresentado, parece ter sido uma vítima do avanço capitalista selvagem que rouba a inocência de uma era “mítica” de seu desenvolvimento.

Curiosamente, neste trecho é quando Reed aponta, de forma indireta, para um conceito marxista bastante importante do ponto de vista do desenvolvimento de países capitalistas atrasados, tais como o México: o conceito do desenvolvimento desigual e combinado. É este conceito que explica como o capitalismo, ao se alastrar forçosamente por países coloniais e semi-coloniais, chega com inovações tecnológicas importadas diretamente dos centros industriais mais avançados do mundo, com um capital também oriundo destas regiões, e impõem desta forma que estes países “saltem etapas” em seu desenvolvimento técnico. Isto, contudo, não impede que ao lado de tais inovações – como, no México, as estradas de ferro trazidas pelos ingleses ou as técnicas de mineração dos americanos – se observem os traços de seu atraso histórico, com formações econômicas inclusive pré-capitalistas. Estas aparecem muito no livro de Reed ao retratar a miséria em que viviam os peões. Reed apresenta este conceito através da belíssima imagem que constrói ao assistir uma peça religiosa no capítulo final de seu livro, que a ele lembrava as peças medievais que prescderam o Renascimento europeu:

When we left Doña Perdita's house, about midnight, the moon had already gone behind the western mountains, and a barking dog was all the noise in the dark sharp night. It flashed upon me, as Fidencio and I went home with our arms about each other's shoulders, that this was the kind of thing which had preceded the Golden Age of Theater in Europe – the flowering of the Renaissance. It was amusing to speculate what the Mexican Renaissance would have been if it had not come so late.

But already around the narrow shores of the Mexican Middle Ages beat the great seas of modern life – machinery, scientific thought, and political theory. Mexico will have to skip for a time her Golden Age of Drama.¹⁰⁷

¹⁰⁷ REED, *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 266. Quando saímos da casa de doña Perdita, por volta de meia-noite, a lua havia se ocultado atrás das montanhas a oeste, e um cão que ladrava fazia o único ruído que se ouvia na noite escura e intensa. Enquanto Fidencio e eu caminhávamos para casa, com os braços por cima dos ombros um do outro, me veio à mente, como um lampejo, que este era o tipo de coisa que precedeu a Idade de Ouro do teatro na Europa – o desabrochar da Renascença mexicana se esta não tivesse chegado tão tarde.

É bastante revelador, no entanto, dois detalhes no tom de Reed nesta passagem: a sua ideia de que a chegada dos elementos da vida moderna eram uma interrupção temporária do desenvolvimento “natural” da vida artística e intelectual mexicana (ideia denotada na expressão “por algum tempo”); e o tom de lamentação por isto, o que confere à passagem de Reed um elemento nostálgico e, neste sentido, distante do marxismo, pois parece que aspira a que no México se faça girar para trás a roda da história para que o país possa retomar seu desenvolvimento “natural”, sem a influência da vida moderna e dos países estrangeiros. Esta forma de encarar a questão é influenciada por uma visão romântica e bastante distinta, por exemplo, da que Trotsky apresenta ao tratar do desenvolvimento tardio do capitalismo nos países atrasados, vendo nestes, dialeticamente, uma espécie de “vantagem do atraso” que permitiria “saltar etapas” em seu desenvolvimento:

Um país atrasado assimila as conquistas materiais e ideológicas dos países adiantados. Não significa isto, porém, que siga servilmente estes países, reproduzindo todas as etapas de seu passado. (...) Na contingência de ser rebocado pelos países adiantados, um país atrasado não se conforma com a ordem de sucessão: o privilégio de uma situação historicamente atrasada – e este privilégio existe – autoriza um povo ou, mais exatamente, o força a assimilar todo o realizado, antes do prazo previsto, passando por cima de uma série de etapas intermediárias. Renunciam os selvagens ao arco e à flecha e tomam imediatamente o fuzil, sem que necessitem percorrer as distâncias que, no passado, separaram estas diferentes armas. (...)

A possibilidade de superar os degraus intermediários não é, está claro, absoluta; realmente, está limitada pelas capacidades econômicas e culturais do país. Um país atrasado frequentemente rebaixa as realizações que toma de empréstimo ao exterior para adaptá-las à sua própria cultura primitiva. O próprio processo de assimilação apresenta, neste caso, um caráter contraditório. (...)

A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do *processus* histórico, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada,

Mas já nas estreitas costas da Idade Média mexicana batiam os grandes mares da vida moderna – a maquinaria, o pensamento científico e a teoria política. O México terá de pular, por algum tempo, sua Idade de Ouro do teatro. (p. 332).

chamaremos de *lei do desenvolvimento combinado*, que significa aprocimação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das femas arcaicas com as mais modernas.¹⁰⁸

A lei de desenvolvimento apresentada por Trotsky para explicar a Rússia também se aplicava ao México, e decorre da compreensão marxista da interdependência econômica das nações no capitalismo e da necessidade constante do capital de se expandir e dominar novos territórios e mercados. Esta forma de entender o desenvolvimento de um país como o México não era familiar a Reed, o que implica em uma visão bastante romantizada da vida dos peões e sua integração à natureza, fazendo com que Reed associe sua luta a esta visão idílica de um México camponês e, portanto, opte por fechar sua narrativa sobre este país com três capítulos que exaltam o modo de vida particular do México em contraposição à vida moderna que conhece.

Sua compreensão provavelmente levaria a que Reed compreendesse melhor a situação política mexicana, bem como a relação complexa entre a incipiente classe operária no país – representada, por exemplo, pelo miseráveis mineiros que viu – e a luta camponesa, bem como a relação estreita entre os latifundiários, o capital estrangeiro e a burguesia nacional que, por mais que pudessem ter disputas de interesses ocasionais entre si, unificavam-se em torno de uma causa maior: esmagar a revolta camponesa e as greves operárias.

O fato para o qual queremos chamar a atenção é que estas questões políticas têm uma relação íntima com as escolhas estéticas feitas por Reed, sobre quais episódios e personagens incluir, qual ênfase dar em sua narrativa, e até mesmo a ordem dos capítulos. Reed chega ao México em grande medida submetido à visão política de seu mentor, Lincoln Steffens, que tem uma postura liberal-burguesa que se expressa em sua visão de Villa, como aponta a passagem de Hicks: “Villa, Steffens tol Woodrow Wilson, was ‘a grossly illiterate, unscrupulous, unrevolutionary bandit.’”¹⁰⁹ Efetivamente, a viagem de Reed ao México marca o início da separação entre Reed e Steffens, que se aprofundará com suas diferenças em torno da primeira guerra e se consolidará com a revolução russa. Contudo, mesmo que o convívio de Reed com Villa

¹⁰⁸ TROTSKY, *A História da Revolução Russa*. Vol. 1, 1977. p. 24-25;

¹⁰⁹ HICKS, 1936. P. 117. Villa, Steffens disse a Woodrow Wilson, era um “bandido anti-revolucionário, inescrupuloso e grosseiramente analfabeto.” (tradução minha).

tenha jogado por terra qualquer acordo em relação à caracterização de Villa, a insuficiência de sua visão política não permitiu que tivesse uma visão mais crítica – sob outra ótica – do líder camponês e sua adesão à Carranza, nem que tampouco visse como imprescindível retratar Zapata e sua luta em Morelos – ainda que sua adesão à luta camponesa tenha indicado ao autor a importância de Zapata.

A jornada de Reed no México se encerra com o saldo de haver se tornado o correspondente de guerra mais célebre em seu país e ter provado a si mesmo que era capaz de suportar a dureza do combate. Aprofunda suas convicções de estar ao lado dos mais pobres. Demonstra que a capacidade de Reed para narrar é fantástica, tem olhos e sensibilidade aguda para compor suas personagens. Mas ainda lhe falta a clareza política que tornaria *Ten Days That Shook the World* sua obra-prima. Quando, ao retratar a primeira guerra mundial, Reed se frustra com a sua impossibilidade de escrever o que gostaria e da maneira que gostaria, sentindo na carne a dura repressão política que passava a sofrer por sua campanha contra o alistamento de guerra, Steffens tenta refrear a crescente politização do autor incitando-lhe a manter-se nos limites do que havia feito no México, com grandes descrições, mas sem grandes análises políticas – conselho motivado, evidentemente, pela profunda divergência política que há entre ambos:

Steffens tried to help him. “The things you see and hear in Paris and London,” he wrote, “would probably hold me spellbound with interest if you should sit down and tell them to me. We are getting what you wanted to give: a grasp of the war as a whole. This is the best point of view of the war as a whole. New York gets the most news from the most places, and all the comments, for we have perspective, too, which you have not and cannot have. I think you should tell us what you see and hear, just as you did in Mexico. Your views on Mexico were not nearly so good as your descriptions and narrations. You’re not wise, Jack; not yet. But you certainly can see and you certainly can write.”¹¹⁰

¹¹⁰ HICKS, 1936, p. 162. Steffens tentou ajudá-lo. “As coisas que você vê e ouve em Paris e Londres,” ele escreveu, “provavelmente prenderiam minha atenção com encanto e interesse se você se sentasse e contasse para mim. Nós estamos recebendo aquilo que você queria dar: um apanhado da guerra como um todo. Esse é o melhor ponto de vista da guerra como um todo. Nova Iorque recebe a maioria das notícias da maior parte dos lugares, e todos os comentários, pois nós temos perspectiva também, que você não tem e não pode ter. Eu acredito que você deveria nos dizer o que você vê e escuta, como você fez no México. Suas opiniões sobre o México não eram nem de longe tão boas quanto suas descrições e narrações. Você não é sábio Jack; não ainda. Mas você com certeza consegue ver e escrever.” (tradução minha).

A sabedoria – não a que Steffens gostaria, mas aquela que Reed buscava – viria em breve, quando o jovem John Reed conhecesse de perto a primeira revolução proletária vitoriosa da história.

Dez dias que abalaram o mundo

*No matter what one thinks of Bolshevism, it is undeniable that the Russian Revolution is one of the great events of human history, and the rise of the Bolsheviks a phenomenon of world-wide importance. (...) It is with this in view that I have written this book.*¹¹¹

- John Reed, prefácio a *Ten Days that Shook the World*.

Os cinco anos que separam a publicação de *Insurgent Mexico*, em 1914, e *Ten Days that Shook the World*, em 1919, foram de uma mudança profunda na forma como John Reed escrevia. A transformação que se verifica a partir da comparação de suas duas obras mais célebres não se dá fortuitamente, mas está intimamente associada às mudanças que se operam na concepção política de Reed graças a um amadurecimento que é muito acelerado pelas condições extraordinárias de seu tempo histórico, de guerras e revoluções.

No cumprimento de seu ofício como jornalista, John Reed pôde testemunhar e vivenciar o acirramento da luta de classes que se deu nas conturbadas primeiras décadas do século XX, quando, como aponta Lenin, se consolida a fase imperialista do capitalismo, já que a partilha do mundo e dos mercados entre as grandes potências chega a seu primeiro limite, esgotando a superfície do globo terrestre. A necessidade de uma reacomodação de forças entre as potências imperialistas, fruto, por exemplo, do espaço que a tardiamente unificada Alemanha reivindica para si no espólio das colônias e mercados, leva a um acirramento político que logo se transforma em bélico, dando

¹¹¹ Qualquer que seja a opinião a respeito do bolchevismo, é inegável que a Revolução Russa constitui um dos grandes acontecimentos da história da humanidade, e a ascensão dos bolcheviques, um fenômeno de importância mundial. (...) Foi tendo isso em vista que escrevi o presente livro.

origem à primeira carnificina em escala mundial que devastou a Europa: a Primeira Guerra Mundial.

É a oposição de John Reed à entrada dos Estados Unidos na guerra que leva a que, pela primeira vez, suas convicções políticas imponham-lhe significativos sacrifícios materiais, fazendo com que, num breve período, o autor passe de jornalista mais célebre e bem pago do país a ser uma figura que não consegue emprego em nenhuma publicação, pois todas procuram evitar os problemas políticos que poderiam ter ao se associar com alguém conhecido nacionalmente por sua oposição à guerra.

Simultaneamente, as últimas ilusões de Reed na democracia burguesa vão por água abaixo após seu apoio à candidatura de Woodrow Wilson à presidência dos EUA devido às promessas feitas por este de que manteria o país fora da guerra. Tal promessa, evidentemente não cumprida, mostra definitivamente a Reed que não é de discursos falaciosos que se faz a política do capital. O *Sedition Act*, lei aprovada nos EUA para censurar aqueles que se opunham à entrada na guerra, coloca Reed e seus colegas militantes em diversos contratempos. Emma Goldman, militante anarquista amiga de Reed, é presa e extraditada à Rússia, seu país de origem. John Reed, junto com Max Eastman e os demais que compunham a equipe de *Masses*, enfrentam processo judicial e censura.

Todas estas experiências, somadas ao testemunho em primeira mão de Reed das trincheiras da guerra, sem dúvida foram definitivos para o amadurecimento político do autor, que se encontrou profundamente abatido após seu retorno do front de guerra, quando disse que “Toda a Grande Guerra foi, na minha opinião, uma interrupção na vida e no fermento da evolução humana. Estou esperando, esperando para que tudo isso acabe, que a vida recomece e que eu encontre meu trabalho.”¹¹²

A revolução russa foi um respiro para John Reed, um evento no qual reencontrou sua esperança na humanidade e sua perspectiva para o futuro. Um acontecimento na história da humanidade sem paralelo, testemunhado em primeira mão pelo autor, e cujo alcance e dimensão não escaparam à sua compreensão.

¹¹² REED. *Eu vi um novo mundo nascer*. 2001. P. 40.

Antes dos dez dias

I repeat that this is a middle-class revolution,

led by bussiness men, publishers,

and the progressive country nobles¹¹³.

- John Reed, *Russia*, maio de 1917.

O primeiro artigo publicado de John Reed a respeito da revolução russa foi *Russia*, na edição de maio de 1917 de *Masses*. Seu texto mostra, contraditoriamente, que certamente o autor havia feito um balanço sobre sua visão relativamente ingênua da revolução mexicana, quando apoiara acriticamente o campo constitucionalista sem ver as fissuras de classe em seu interior. Neste momento, em que Reed escreve sobre a revolução russa pela primeira vez, a revolução agrária de Villa e Zapata era esmagada pelo governo de Álvaro Obregón.

Desta vez, a cautela de Reed quanto à caracterização da revolução o leva a cometer o erro oposto: se no México subestimou o papel que cumpriam a burguesia e os latifundiários à testa do governo, unilateralizando a possibilidade de transformação social unicamente a partir da luta dos peões que viu de perto, na Rússia, Reed considerou unicamente a influência dos setores burgueses governantes, não vendo o papel independente que podia ser cumprido – em perspectiva – pelos trabalhadores, soldados e camponeses pobres. Assim, vendo que o governo provisório instituído na Rússia após a queda do Tzar em fevereiro¹¹⁴ era liderado pelos partidos da burguesia e composto até mesmo por nobres do antigo regime, como o príncipe Lvov, Reed julga que a revolução é “apenas” um acerto de contas com o passado feudal russo, e que se limita a colocar a burguesia no poder. Contudo, na Rússia o papel independente que as classes exploradas podiam cumprir era muito maior, devido às diferenças do

¹¹³ Eu repito que esta é uma revolução da classe média dirigida por homens de negócios, editores, e a nobreza progressiva . (tradução minha).

¹¹⁴ O calendário russo, nesta época, era o calendário juliano utilizado pela Igreja Ortodoxa Russa, e apresentava uma defasagem de treze dias em relação ao adotado no ocidente, que era o gregoriano. Assim, a revolução de fevereiro que derrubou a autocracia russa, ocorreu em março. E a de outubro, que derrubou o governo provisório, em novembro. Em seu livro, Reed utiliza o calendário gregoriano adotado nos EUA.

desenvolvimento histórico e do papel da esquerda no país. É importante ressaltar que, mesmo considerando a revolução como sendo dirigida pelas classes médias, Reed afirma que seu poder transformador coloca a Rússia como uma democracia mais avançada do que as potências ocidentais:

(...) they have proclaimed the most democratic program since the French Revolution. Some people may be skeptical of bourgeois promises; but it is a fact that the new Russian middle class has ideas which antedate the ideas of bourgeois Western Europe and America by a hundred years. If the Russian revolutionary program fails, indeed, it will be because the French and English middle classes are afraid to allow it, on the ground that it might interfere with the value of their Russian investments.¹¹⁵

O que Reed não levava em consideração era que a “radicalidade” de tal programa estava longe de ser fruto de uma mentalidade mais progressista das classes médias russas, e era antes promovido pela necessidade destas manterem sob sua tutela a classe operária, os camponeses e os soldados – uma tensão permanente que será o cerne da disputa política entre os partidos no período que vai de fevereiro a outubro. A questão, no entanto, está muito longe de ser simples, e a dificuldade de Reed em se orientar politicamente quanto ao caráter da revolução de fevereiro se justifica não apenas pela distância e a dificuldade em conseguir informações precisas acerca dos eventos que ocorriam do outro lado do mundo, mas pelos problemas que a dinâmica da revolução colocava mesmo para revolucionários experientes. Como aponta Trotsky, o eclodir da revolução em fevereiro viera como uma surpresa para os partidos da esquerda:

O dia 23 de fevereiro era o Dia Internacional da Mulher. Os círculos da social-democracia¹¹⁶ tencionavam festejá-lo segundo as normas tradicionais:

¹¹⁵ REED, *John Reed for the Masses*. North Carolina and London: McFarland and Co, Inc., 1987. P.182. (...) eles proclamaram o programa mais democrático desde a Revolução francesa. Algumas pessoas podem ser céticas quanto a promessas da burguesia; mas é um fato que as novas classes médias russas têm ideias que antecederam às ideias das burguesias da Europa ocidental e América em cem anos. Se o programa revolucionário russo falhar, será porque as classes médias francesa e inglesa têm medo de permiti-lo, pelo fato de que possa interferir no valor de seus investimentos russos. (tradução minha).

¹¹⁶ “Social-democracia” era o termo utilizado pelos partidos marxistas para se nomearem naquele momento histórico. Na Rússia, o desenvolvimento do Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR) havia conduzido à sua divisão em duas frações a partir de diferenças apresentadas no congresso de 1903. A fração dirigida por Lenin denominava-se “bolchevique” – termo derivado da palavra *большинство* (bolshinstvo – maioria), devido ao fato de representar uma maioria circunstancial quando ocorreu o dissenso –, e a fração dirigida por figuras como Plekhanov e Martov denominava-se “menchevique” – derivado de *меньшинство* (meshinstvo – minoria). As duas frações, ainda que mantivessem independência organizativa e política, tinham espaços comuns de discussão. Havia ainda grupos

reuniões, discursos, manifestos. Na véspera ainda ninguém poderia supor que o Dia da Mulher pudesse inaugurar a Revolução. Nenhuma organização preconizara greves para aquele dia. A mais combativa das organizações bolcheviques – o Comitê do bairro de Vyborg, essencialmente operário – desaconselha a greve. (...) No dia seguinte, pela manhã, apesar de todas as determinações, as operárias têxteis de diversas fábricas abandonaram o trabalho e enviaram delegadas aos metalúrgicos, solicitando-lhes que apoiassem a greve.

É evidente pois que a Revolução de Fevereiro foi iniciada pelos elementos de base, que ultrapassaram a resistência de suas próprias organizações revolucionárias, e que esta iniciativa foi espontaneamente tomada pela camada proletária mais explorada e oprimida que as demais – as operárias da indústria têxtil (...).¹¹⁷

O movimento iniciado no dia 23 de fevereiro (calendário russo) estende-se, ganhando corpo e adesão, transformando-se numa greve geral e conquistando o apoio das tropas do exército, até, no dia 27, derrubar o governo autocrático. Trotsky dedica todo um capítulo de sua *História da Revolução Russa* à discussão acerca de qual classe teria dirigido o processo revolucionário de fevereiro. A tese que defende neste capítulo é de que a visão liberal amplamente apregoada, de que a insurreição de fevereiro fora completamente espontânea, é equivocada. Demonstra como, dos liberais aos socialistas moderados (Mencheviques e Socialistas-Revolucionários¹¹⁸), tal concepção de uma insurreição espontânea domina a historiografia da revolução. Trotsky defende uma concepção distinta: se é verdade que os principais líderes bolcheviques – a organização mais próxima dos trabalhadores revolucionários – estavam presos ou exilados, não tendo cumprido papel algum, a tradição que se assentara na consciência das massas, e em particular da vanguarda da classe operária, desde a revolução de 1905 e até mesmo antes, não podia ser desprezada para compreender o levante em fevereiro. Segundo Trotsky, cabe a estas centenas revolucionários anônimos, forjados na escola da luta de

bastante minoritários que permaneciam independentes de ambas as frações, como o grupo interdistrital, composto antes de julho até julho de 1917 por figuras como Trotsky e Lunatcharsky. Aqui, especificamente, Trotsky refere-se indistintamente a todas as frações.

¹¹⁷ TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p. 102-103.

¹¹⁸ Os Socialistas-Revolucionários (SR) eram tradicionalmente o partido que representava os camponeses na Rússia. Defendiam uma concepção de socialismo avessa ao marxismo, professando que o socialismo na Rússia prescindia de um desenvolvimento capitalista, pois se basearia nas comunas agrárias camponesas. Os SR eram, historicamente, os herdeiros do legado do populismo (*narodnik*) na Rússia, que se fundou na tradição do terrorismo contra a autocracia, chegando mesmo a assassinar um Tzar.

classes russa e educados longamente pela atuação do partido bolchevique, o papel da direção do combate contra o tzarismo em fevereiro:

Esses operários armavam as massas, incutiam-lhes as ideias indispensáveis não somente contra a polícia do tzar como também contra os juristas liberais (...). Esses rudes políticos anônimos saídos das fábricas e das ruas não caíam do céu; deviam ter sido educados. (...).

Em cada fábrica, em cada corporação, em cada companhia militar, em cada taverna, em cada hospital do Exército, em cada acantonamento e, até mesmo, nos campos despovoados progredia um trabalho molecular da ideia revolucionária. (...) Esses elementos de experiência, de crítica, de iniciativa e de abnegação penetravam nas massas e constituíam o mecanismo íntimo despercebido a um olhar superficial porém decisivo no que se tratava do movimento revolucionário, como *processus* consciente. Aos políticos, fanfarrões do liberalismo e do socialismo domesticado, tudo o que se produz no meio das massas parece geralmente um *processus* instintivo, como se se passasse num formigueiro ou numa colmeia. Em verdade, o pensamento que se estava aparafusando na massa proletária era bem mais audacioso, mais perspicaz, mais consciente, do que as pequenas ideias com que se distraíam as classes cultas. (...)

À questão acima apresentada: quem dirigiu a Revolução de Fevereiro? Podemos, por conseguinte, responder com a clareza desejável: os operários conscientes e bem temperados e sobretudo os que se formaram na escola do partido de Lenine. Devemos acrescentar porém que esta liderança suficiente para assegurar a vitória da insurreição não estava em condições, logo no início, de colocar a direção do movimento revolucionário entre as mãos da vanguarda proletária.¹¹⁹

Esta situação contraditória fez com que, logo após a queda do tzarismo, se instaurasse uma situação política que Lenin e Trotsky chamariam de “duplo poder”, com um governo provisório “oficial” dirigido pela burguesia e, paralelamente, a formação de conselhos operários e soldados (soviets), herdados da tradição da revolução de 1905, que eram o órgão político da classe trabalhadora e, na prática, também atuavam como governo.

No início da revolução, os soviets eram completamente hegemonzados pela direção política dos socialistas moderados, que conscientemente subordinavam estes ao

¹¹⁹ TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p. 141-143.

governo provisório e que passaram, a partir de abril, a também fazer parte deste em conjunto com os partidos burgueses, defendendo que a Rússia passasse a ser uma república parlamentar burguesa com a dissolução dos soviets. Reed, à distância, a princípio não viu o papel que cumpriam os soviets como órgão político das massas, precisamente porque o papel destes encontrava-se em grande medida subordinado ao governo provisório – ou seja, à política da burguesia. Logo, no entanto, o autor reviu sua posição, conforme cresciam os dissensos entre o governo provisório e a base proletária que constituía os soviets. Em julho, escreve o primeiro artigo fundado em sua nova posição, de que a revolução tinha nos soviets de trabalhadores seu elemento mais avançado:

The Council of Workingmen's and Soldiers' Delegates, which is the real revolutionary heart of the new Russia, grows stronger hourly as the power of the awakened proletariat bursts up through the veneer of capitalism smeared thinly over the face of things. (...)

We make our apologies to the Russian proletariat for speaking of this as a "bourgeois revolution." It was only the "front" that we saw, the wished-for consummation of Kapitalism. The real thing was the long-thwarted rise of the Russian masses, as now we see with increasing plainness; and the purpose of it is the establishment of a new human society upon the earth.¹²⁰

Pode-se perceber que, então, tendo revisto sua posição de que os trabalhadores não cumpriam nenhum papel político independente, Reed apresenta a tendência a saltar praticamente ao pólo oposto novamente, não conseguindo caracterizar com a devida clareza a intrincada e contraditória relação que se estabelecia entre os dois focos governantes na Rússia – soviets e governo provisório. Evidentemente, era uma tarefa extremamente difícil de cumprir, principalmente estando do outro lado do mundo.

Curiosamente, tendo caracterizado o governo provisório como burguês e antagônico aos interesses dos trabalhadores, Reed colocava-se à esquerda dos membros

¹²⁰ REED, *John Reed for the Masses*. North Carolina and London: McFarland and Co, Inc., 1987. P. 183. O Conselho de Delegados Operários e Soldados [Soviete], que é o verdadeiro coração revolucionário da nova Rússia, se fortalece a cada hora conforme o poder do proletariado desperto irrompe através do verniz de capitalismo espalhado debilmente sobre a superfície das coisas. (...)

Nos desculpamos perante o proletariado russo por falar desta como uma "revolução burguesa." Era apenas a "fachada" que víamos, a desejada consumação do Kapitalism. A realidade por trás disso era o longamente frustrado ascenso das massas russas, como agora vemos com crescente clareza; e seu propósito é o estabelecimento de uma nova sociedade humana sobre a terra. (tradução minha).

do Comitê Central do Partido Bolchevique que, em solo russo, dirigiram as primeiras posições do partido após a derrubada do tzarismo. Sua posição era consonante com a da base operária do partido e com a de Lenin e Trotsky, que – ainda sem ter retornado do exílio – defendiam a oposição veemente ao governo. Trotsky aponta como, desde a queda do tzarismo, a tendência dos círculos dirigentes bolcheviques era de conciliar com o governo provisório e encarar a guerra como necessária para defender a revolução – posição dita “defensista”. E afirma que “A situação complicou-se ainda mais quando Kamenev e Stalin voltaram da deportação, em meados de março, e imprimiram à política oficial do partido uma súbita mudança de direção, no sentido da direita.”¹²¹ Tendo, em seguida, assumido a direção do jornal do partido (*Pravda*), que atuava como órgão centralizador de sua política em todo o país, Stalin e Kamenev deram a este o caráter de sua política conciliadora com o governo:

No artigo-programa da nova redação, dizia-se que os bolcheviques apoiariam resolutamente o Governo Provisório “na medida em que este governo combatesse a reação e a contra-revolução”. A respeito da guerra, os novos dirigentes se pronunciaram não menos categoricamente – enquanto o exército alemão obedecesse ao imperador, o soldado russo devia “permanecer firme em seu posto, respondendo às balas com balas e aos obuses com obuses”. “Não fazemos nossa a palavra de ordem inconsistente ‘Abaixo a guerra!’ Nossa palavra de ordem consiste em fazer pressão sobre o Governo Provisório para constrangê-lo... a fazer uma tentativa de conseguir predispor todos os países beligerantes a iniciarem imediatamente as negociações... Até lá, porém, cada um permaneça em seu posto de combate!”¹²²

Tal política não apenas estava em flagrante contradição com a base operária do partido, como também com a política que defendia Lenin, neste momento ainda sem conseguir retornar ao solo russo de seu exílio em Zurique. Já na primeira de suas “cartas de longe”, escrita no início de março, Lenin combate energicamente qualquer ideia de apoio à manutenção da guerra ou ao governo provisório, afirmando que:

Agora já não há mais dúvidas de que se trata de uma guerra imperialista de *ambos* os lados. Só os capitalistas e seus lacaios, os socialpatriotas e socialchauvinistas (...) podem negar ou escamotear este fato. *Tanto* a burguesia alemã *como* a anglo-francesa fazem a guerra para saquear outros

¹²¹ TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p. 251.

¹²² TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p. 251.

países, para estrangular os pequenos povos, para obter a supremacia financeira sobre o mundo, para partilhar e redistribuir as colônias, para salvaguardar o regime capitalista agonizante, enganando e desunindo os operários dos diferentes países. (...)

Quem diz que os operários devem *apoiar* o novo governo no interesse da luta contra a reação do tsarismo (...) é um traidor dos operários, um traidor da causa do proletariado, da causa da paz e da liberdade. Pois, de fato, *precisamente* este novo governo *já* está atado de pés e mãos pelo capital imperialista, pela política imperialista de *guerra* e de rapina, já iniciou os conluíus (sem consultar o povo!) com a dinastia, *já trabalha na restauração da monarquia tsarista*, já convida o candidato a novo tsar, Mikhail Romanov, já se preocupa com o reforço do seu trono, com a substituição da monarquia legítima (legal, que se mantém baseada na velha lei) por uma monarquia bonapartista, plebiscitária (que se mantém baseada no sufrágio popular falsificado). (...)

O governo dos outubristas e dos democratas constitucionalistas [Cadetes], dos Gutchkov e Miliukov, *não pode* – mesmo que o quisessem sinceramente (só crianças podem acreditar na sinceridade de Gutchkov e Lvov) –, *não pode dar ao povo nem paz, nem pão, nem liberdade.*¹²³

Todas estas dissensões presentes nos círculos dirigentes do partido bolchevique estão além do escopo de *Ten Days that Shook the World*. Contudo, são fundamentais para compreendermos a complexidade do cenário revolucionário na Rússia, e também podermos ter uma dimensão de como a capacidade de discernimento político de John Reed avançara desde seu período como correspondente no México: desta vez, mesmo muito mais distante da arena dos acontecimentos, Reed consegue encontrar um fio condutor que permite a ele compreender os acontecimentos a partir de um critério essencialmente marxista – o da composição de classe dos campos que atuam no conflito político; tal critério coloca sua visão política – após os primeiros meses – em consonância com a dos dois principais dirigentes da revolução: Lenin e Trotsky.

É esta visão política aguçada pela sua vivência, inclusive, que leva Reed a ver na revolução russa um acontecimento que considera fundamental relatar. Se ele havia ido ao México não por iniciativa própria, mas sim por indicação de Lincoln Steffens aos editores de *Metropolitan*, sua viagem à Rússia só poderá se efetivar graças a um grande

¹²³ ZIZEK, Slavoj. *Às Portas da Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2005. P. 27; 33-34.

esforço individual por parte de Reed. Neste momento, procurando um veículo de imprensa que aceite enviá-lo como correspondente, o autor só recebe negativas – associar-se a seu nome era ainda um grande empecilho político para qualquer publicação, devido à sua ativa militância anti-guerra. Reed enfrenta o paradoxo de ser o jornalista mais famoso do país e não conseguir trabalho algum. Ele conseguiu credenciais jornalísticas com o *Masses* e também com o *New York Call*, um jornal socialista. Mas estas publicações não tinham dinheiro para conseguir financiar sua viagem. Somente a muito custo, com Max Eastman pedindo dois mil dólares emprestados a um conhecido, Reed conseguiu financiar sua viagem para a Rússia, chegando ao país em setembro.

Um livro planejado para incendiar o mundo

*Here is a book which I should like to see published in
millions of copies and translated into all languages.*¹²⁴

- Lenin, prefácio a *Ten Days That Shook the World*.

Se eu falo

“A”

este “a”

é uma trombeta-alarma para a Humanidade.

Se eu falo

“B”

é uma nova bomba na batalha do homem.

- Maiakóvski, *V Internacional*.

¹²⁴ Eis uma obra que eu gostaria de ver publicada em milhões de exemplares e traduzida para todas as línguas.

O caráter de *Ten Days that Shook the World* é, desde o início, completamente distinto daquele de *Insurgent Mexico* e também de seu livro sobre a Primeira Guerra Mundial, *The War in Eastern Europe*. Seus dois livros anteriores haviam sido compostos posteriormente aos eventos testemunhados, com base em uma compilação dos artigos que Reed escreveu para os órgãos em que trabalhava como jornalista. Possuem, portanto, um caráter fragmentário, não planejado previamente, não constituindo um corpo orgânico com base em critérios claramente definidos pelo autor. Respondiam, antes, às demandas dos órgãos de imprensa para os quais escreveu (considerando-se, é claro, que em seu trabalho para o *Masses* Reed possuía infinitamente mais liberdade de atuação do que para as demais publicações).

Na Rússia, no entanto, Reed não estava a serviço de nenhuma publicação, não se via na obrigação de enviar despachos, telegramas e atender demandas de seus empregadores. Escreveu artigos para o *Masses* – que, devido à suspensão de sua publicação pela censura governamental dos EUA, só seriam publicados depois em *Liberator* – mas no ritmo decidido pelo próprio autor. Assim, estava livre para se orientar no complexo cenário revolucionário da maneira que julgasse mais adequada; diferente, por exemplo, de quando tentou convencer insistentemente – e sem sucesso – seu editor Carl Hovey de que era necessário cobrir as ações de Emiliano Zapata no México.

Reed certamente planejou a sua viagem porque queria ver com seus próprios olhos o evento revolucionário histórico que ocorria na Rússia, mas também porque queria relatar ao mundo e – mais uma vez – ser a voz dissonante em seu país, desfazendo o lamaçal de mentiras que a imprensa burguesa dos EUA criava acerca da revolução. Seu desejo era relatar a verdade para o mundo, o que julgava impossível que a imprensa da classe dominante fizesse.

A partir de sua experiência em Ludlow, John Reed passou a ver mais claramente a necessidade de fundamentar solidamente seus argumentos para conseguir desfazer a névoa ideológica com a qual a burguesia procurava ofuscar os olhos das massas, impedindo-a de lutar contra sua própria exploração. Aprendera, com a primeira guerra, que, quanto mais diretamente estivessem os interesses econômicos da burguesia ligados ao conflito que retratava, mais dificuldade teria para se contrapor à sua versão oficial dos fatos, repetida mil vezes em seus órgãos de imprensa e por seus governos. Na

Rússia, Reed levará esta conclusão política às últimas consequências: sua coleta de documentos, informações, panfletos, proclamações, cartas, testemunhos, relatos e todo tipo de material que pudesse representar um acervo a partir do qual criar um relato profundo e verdadeiro da revolução será meticulosamente armazenado pelo autor e utilizado na confecção de seu livro, cuja versão final disponibiliza um farto apêndice de mais de oitenta páginas com estes materiais (curiosamente suprimido em edições como a brasileira da editora Círculo do Livro).

Ao regressar a seu país, Reed está mais convencido do que nunca sobre a viabilidade e a necessidade de uma revolução socialista em escala mundial, pautada pelo modelo russo. É com o objetivo de contribuir com este projeto que irá escrever seu livro, além de se consagrar ao árduo trabalho militante de constituir no país um partido comunista da classe trabalhadora, que pudesse aprender as lições legadas pela experiência russa para poder realizar em solo americano a façanha de derrubar o governo da burguesia e implementar um governo dos trabalhadores. Estes objetivos, no entanto, dificultam enormemente sua tarefa, pois também o governo americano via que a seriedade da questão russa extrapolava a do episódio mexicano. Seus documentos e anotações são confiscados em seu retorno para os EUA, e o autor enfrenta enormes dificuldades para reavê-los. A censura criada pela guerra, longe de se abrandar, irá se aprofundar cada vez mais, levando ao famigerado *Red Scare* dos anos de 1920, uma perseguição aos comunistas que não deixa nada a desejar em relação ao famoso macarthismo dos anos 1950.

A transformação política em Reed é notada por seu biógrafo, Granville Hicks, que a descreve da seguinte maneira:

Reed had become a different kind of repórter. In Mexico he had looked for color; in Russia he sought for substance. He had filled his Mexican notebooks with poetic phrases, so that he might render with precision the look of the sky or the cast of a man's face. His Russian notebooks were devoted to figures and exact quotations. When he did not understand what a man said, he found someone to translate for him. If he could not grasp the significance of an argument or the purpose of a decree, he went to one of the Bolshevik leaders for an explanation. He had not lost his sharp awareness of

appearances, and he created phrases as vivid as any he had written in Mexico, but he was not content with catching the surface of events.¹²⁵

Quando jovem, o sonho de Reed era “ganhar o mundo” e tornar-se um célebre escritor. Mas os acontecimentos políticos foram inevitavelmente colocando para o autor a disjuntiva: adaptar-se ao modo como os poderosos gostariam que escrevesse, e assim poder desfrutar de uma vida tranquila de celebridade jornalística, ou meter-se cada vez mais profundamente na luta de classes ao lado dos explorados e oprimidos, conseqüentemente se tornando cada vez mais um pária no meio jornalístico e em seu país, vendo sua sonhada fama se transformar na celebridade de um renegado, e sua escrita outrora sonhadora ganhar a agudeza necessária de um instrumento afiado na luta de classes. A escolha, na verdade, já estava tomada: Reed não conseguiria dar as costas ao mundo. Contudo, era acima de tudo um homem prático – sua educação política não se dava por livros, mas por sua participação ativa nos eventos. Hicks também alerta para este aspecto prático da formação política de Reed:

He had learned much in the three years between his leaving Mexico and his sailing for Russia. The European war had taught him to look for forces that molded history, and he had at least a glimmering of the insight Marx could give. But he learned more in his first two months in Russia than all the years before had taught him. He shared in the Bolsheviks' understanding of what they were doing. This was not, so far as the leaders were concerned, a blind revolt, such as he had watched and welcomed in Mexico; the leaders knew peecisely where they were going. For this event twenty years of Marxian study had prepared Lenin, and Reed could look through Lenin's eyes.

It was a Marxist-Leninist education, given in the form that Reed could best appreciate.¹²⁶

¹²⁵ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. p. 283. Reed havia se tornado um tipo diferente de repórter. No México ele procurou pelas cores; Na Rússia ele buscava a substância. Ele havia preenchido seus cadernos mexicanos com frases poéticas, para que ele pudesse apresentar com precisão a aparência do céu ou o formato do rosto de um homem. Seus cadernos russos eram dedicados a dados e citações exatas. Quando ele não compreendia o que alguém dizia, ele encontrava alguém para traduzir. Se não pudesse entender o significado de uma argumentação ou o propósito de um decreto, ele ia atrás de um dos líderes Bolcheviques para obter uma explicação. Ele não havia perdido sua aguda percepção das aparências, e criava frases tão vívidas como aquelas escritas no México, mas ele não se contentava com a superfície dos eventos. (tradução minha).

¹²⁶ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. P. 283. Ele havia aprendido muito nos três anos entre sua partida do México e sua viagem para a Rússia. A guerra europeia havia o ensinado a procurar pelas forças que moldavam a história, e ele tinha pelo menos

É esta trajetória – que é não apenas a de um homem, mas a de um mundo em crescente tensão entre as classes – que é o fio condutor para a transformação da escrita de Reed e que determina a forma como planeja *Ten Days that Shook the World*.

O livro é dividido em doze capítulos, acrescidos por uma introdução, notas explicativas e um apêndice, arranjados cronologicamente em sua maior parte (há alguns elementos temáticos fora da ordem cronológica nos últimos capítulos, que são indicados pelo próprio autor). O elemento organizador dos capítulos não é mais a experiência pessoal do autor, mas sim a importância política dos eventos que ocorrem. Quando retrata a revolução mexicana, Reed não se preocupa em contextualizar o leitor no cenário político e social; aqui, esta tarefa é de suma importância. A introdução cumpre o papel de tentar apresentar ao leitor um pouco da magnitude histórica dos eventos retratados, e demonstrar o critério de composição, bem como mostrar ao leitor que o objetivo de Reed extrapola os limites deste livro. Ele reconhece que neste volume “(...) I must confine myself to a chronicle of those events which I myself observed and experienced, and those supported by reliable evidence (...)”¹²⁷, mas que seu objetivo final é escrever uma série de livros que possam responder a outras questões, como, por exemplo,

What is Bolshevism? What kind of a government structure did the Bolsheviki set up? If the Bolsheviki championed the Constituent Assembly before the November Revolution, why did they disgorge it by force of arms afterwards? And if the bourgeoisie opposed to the Constituent Assembly until the danger of Bolshevism became apparent, why did they champion it afterward? ¹²⁸

um brilho da visão que Marx poderia oferecer. Mas ele aprendeu mais nos seus primeiros dois meses na Rússia do que todos os anos anteriores haviam ensinado a ele. Ele compartilhava a compreensão dos Bolcheviques sobre o que estavam fazendo. Esta não era, no que competia a seus líderes, uma revolta cega, como a que havia assistido e saudado no México; os líderes sabiam precisamente onde estavam indo. Vinte anos de estudos do marxismo haviam preparado Lenin para este evento, e Reed podia olhar pelos olhos de Lenin.

Era uma educação marxista-leninista, oferecida da forma que Reed poderia melhor desfrutar. (tradução minha).

¹²⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 575. (...) devo ater-me à crônica dos acontecimentos que eu mesmo observei e de que participei ou que possuem testemunhos dignos de fé. (Tradução de São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010. P. 31. Todas as traduções que seguem são feitas com base nesta edição e será indicada apenas a página).

¹²⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 575. O que é bolchevismo? Que tipo de estrutura governamental os bolcheviques criaram? Se lutaram pela Assembléia Constituinte antes da Revolução de Novembro, por que a dissolveram depois, pela força das armas? E, se a burguesia se opunha à Assembleia Constituinte até que o perigo bolchevique se tornasse evidente, por que a defendeu depois? (p. 31-32).

Ou seja, Reed tem grande preocupação em ressaltar aos olhos dos leitores as questões gerais de caráter político e social que se desprendem dos eventos revolucionários apresentados no livro, e, mais do que isso, aponta o fato de que irá se restringir a seu testemunho pessoal – e, mesmo assim, não completamente – como uma limitação necessária, cujas lacunas pretende suprir depois. Com a intenção de dar ao leitor a contextualização política necessária, afirma que o seu relato é “(...) preceded by two chapters briefly outlining the background and causes of the November Revolution.”¹²⁹ e, tendo a ciência e a preocupação de que sua detalhada pesquisa histórica e política possa tornar a leitura pesada, alerta o leitor de antemão, como quem quer convencê-lo a seguir a leitura até o fim: “I am aware that these two chapters make difficult Reading, but they are essential to na understanding of what follows.”¹³⁰

O autor preocupa-se bastante com a clareza de seu texto e o didatismo da obra, para que esta seja compreensível ao público prioritário para quem a direciona: guiado agora mais do que nunca pelo critério de classes, o objetivo fundamental é que seu livro seja uma ferramenta para que os trabalhadores americanos aprendam com a revolução. É com o objetivo de facilitar a leitura que ele inclui suas notas explicativas, apresentando brevemente a composição dos partidos, das organizações populares, dos órgãos de governo das classes médias etc. No entanto, o livro não procura tratar as questões abordadas de forma superficial, subestimando a capacidade de seu leitor. Para Reed, escrever de forma popular não significa pensar que seu leitor é incapaz de compreender questões fundamentais e complexas. Afinal, a própria experiência da revolução havia demonstrado a Reed que os trabalhadores podem ser excelentes políticos e revolucionários. Neste sentido, há grande afinidade entre o modo de Reed escrever e o que expressa Lenin nesta crítica ao jornal *Svoboda*:

Its author (...) claims to write popularly “for the workers”. But what we have here is not popularization, but talking down in the worst sense of the term. There is not one simple word, everything is twisted... The author cannot write a single phrase without embellishments, without “popular” smiles and “popular catchwords such as “theirn”. Outworn socialist ideas are chewed over in this ugly language (...) and the whole thing is deliberately vulgarized.

¹²⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 575. (...) Precedido por dois capítulos que resumem brevemente as origens e as causas da Revolução de Novembro. (p.31)

¹³⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 575. Estou ciente de que esses dois capítulos são de leitura difícil, mas são essências para entender o que virá depois. (p.31)

Popularisation, we should like to inform the author, is a long way from vulgarization, from talking down. The popular writer leads his reader towards profound thoughts, towards profound study, proceeding from simple and generally known facts; with the aids of simple arguments or striking examples he shows the main *conclusions* to be drawn from those facts and arouses in the mind of the thinking reader ever newer questions.¹³¹

Reed também destaca a seu leitor que, em seu plano maior para uma série de obras que tratem da revolução russa, já há um segundo volume com tema e até mesmo título planejados (citado frequentemente neste livro):

In another volume, *Kornilov to Brest-Litovsk*, I trace the course of the Revolution up to and including the German Peace. There I explain the origin and functions of the Revolutionary organizations, the evolution of popular sentimento, the dissolution of the Constituent Assembly, the structure of the Soviet state, and the course and outcome of the Brest-Litovsk negotiations...

132

Apenas estes elementos já deixam claras as profundas diferenças entre *Insurgent Mexico* e *Ten Days that Shook the World*. O projeto de Reed para seu livro sobre a revolução russa não é nada menos do que dar início a um trabalho minucioso de historiografia da revolução russa, o qual não pôde ser levado adiante pela trágica e abrupta interrupção de sua vida prematuramente, aos trinta e dois anos, em decorrência do tifo contraído em solo russo. O plano de sua trilogia sobre a revolução russa é explicado por Hicks:

Rapidly the book [Ten Days...] took shape. It was to be simply the story of the Bolshevik triumph. A second book, he planned, would describe Russia's foreign relations, the origins and functions of revolutionary organizations, the

¹³¹ LENIN, S\D, p.16. Seu autor (...) alega escrever de forma popular “para os trabalhadores”. Mas o que nós temos aqui não é popularização, e sim um rebaixamento no pior sentido do termo. Não há uma palavra simples, tudo está retorcido... O autor não consegue escrever uma única frase sem embelezamentos, sem sorrisos “populares” e “palavras populares de efeito”, tais como “pr’eles”. Ideias socialistas gastas são mastigadas nesta linguagem feia (...) e a coisa toda é deliberadamente vulgarizada. Popularização, gostaríamos de informar ao autor, está bem longe da vulgarização, do rebaixamento. O escritor popular conduz seu leitor a pensamentos profundos, a um estudo profundo, a partir de fatos simples e geralmente conhecidos; com a ajuda de argumentos simples ou exemplos contundentes ele mostra as *conclusões* principais a serem extraídas destes fatos e desperta na mente do leitor pensante sempre novas questões. (Tradução minha).

¹³² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 575-576. Em outro volume, *De Kornilov a Brest-Litovsk*, retrazo o curso da Revolução até a paz com a Alemanha. Ali exponho a origem e as funções das organizações revolucionárias, a dissolução da Assembleia Constituinte, a estrutura do Estado soviético, assim como o desenrolar e o cenário posterior às negociações de Brest-Litovsk... (p.32).

evolution of popular sentimento, and the structure of the Soviet State; it would be called *From Kornilov to Brest-Litovsk*. And there would be a third, *The Smoke of Insurrection*, to contain the impressionistic sketches he had written or planned to write. But this first book would take the reader day by day through the revolution. (...) this was not a story of personal adventure. It was documented as nothing Reed had written had been documented.¹³³

Questões que apontamos em *Insurgent Mexico* que passavam despercebidas pelo autor, como o seu ponto de vista, as questões políticas implicadas etc., são aqui explicitamente apontadas por ele. No México, o período relatado por Reed é o de “lua-de-mel” entre os camponeses e a burguesia constitucionalista, de mãos dadas para derrubar os resquícios do velho regime de Díaz, encarnados pela ditadura de Victoriano Huerta. Mas este “pacto” entre os camponeses e a burguesia aparece apenas de forma subjacente na narrativa de Reed em *Insurgent Mexico*. Aqui, de forma muito distinta, o período que Reed relata é o fim da lua-de-mel, e os distintos componentes do campo revolucionário que derrubou o velho regime, bem como os motivos de sua ruptura, são indicados já no prefácio:

For the first few months of the new régime, in spite of the confusion incident upon a great Revolution, when one hundred and sixty million of the world's most oppressed peoples suddenly achieved liberty, both the internal situation and the combative power of the army actually improved.

But the “honeymoon” was short. The propertied classes wanted merely a political revolution, which would take the power from the Czar and give it to them. They wanted Russia to be a constitutional republic, like France or the United States; or a constitutional monarchy, like England. On the other hand, the masses of the people wanted real industrial and agrarian democracy.¹³⁴

¹³³ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. P. 325. Rapidamente o livro [Dez dias...] tomou forma. Era para ser simplesmente a história do triunfo Bolchevique. Um segundo livro, ele planejava, descreveria as relações internacionais da Rússia, as origens e funções das organizações revolucionárias, a evolução do sentimento popular e a estrutura do Estado Soviético; se chamaria *De Kornilov a Brest-Litovsk*. E haveria um terceiro, *A Fumaça da Insurreição*, que conteria retratos impressionistas que ele havia escrito ou planejava escrever. Mas este primeiro livro levaria o leitor dia a dia pela revolução. (...) esta não era uma história de aventura pessoal. Era baseada em documentos como nada que Reed escrevera havia sido até então. (Tradução minha).

¹³⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 576. Nos primeiros meses do novo regime, apesar da confusão inerente a qualquer grande revolução, quando 160 milhões de pessoas dentre as

Ou seja, o conflito em questão não era muito diferente do que se colocaria explicitamente entre Villa e Carranza pouco depois da partida de Reed do México, e que antes já ocorria entre Zapata e Madero e, no período abarcado por Reed, entre Zapata e Carranza. Para Reed, em 1914, estes conflitos estavam além de sua alçada como escritor e revolucionário: tudo o que sabia é que havia uma luta dos peões, e que seu lado era o lado deles. Seu interesse era fixar em suas páginas a justeza desta luta, o seu trajeto ao lado dos combatentes, a beleza das paisagens mexicanas, o modo de viver de um povo mergulhado em uma guerra civil, mas com o sonho de viver em paz.

Assim como faltara clareza política a Villa, faltara a Reed. Pois é um fato que, como afirma Hicks, grande parte da compreensão de Reed no cenário russo não derivou diretamente de suas próprias análises e conclusões políticas, mas de sua experiência concreta na arena dos acontecimentos, e de sua adesão à linha política defendida pelos Bolcheviques, já sob a liderança de Lenin e Trotsky e em sua defesa do lema de “todo poder aos soviets”. A compreensão de Reed era tributária da maestria política de Lenin.

Fundada em sua nova compreensão política, seu prefácio é um verdadeiro ensaio político que sintetiza os principais dilemas da revolução russa, e no qual Reed explica aos leitores porque considera que os Bolcheviques eram o único partido que defendia integralmente a causa dos trabalhadores e dos camponeses em oposição à da burguesia, dos latifundiários e da nobreza. Explica de forma sucinta e compreensível porque Mencheviques e Socialistas-Revolucionários acabaram por se aliar à burguesia, e aponta as principais medidas do governo Bolchevique, fundado na organização dos soviets e outros organismos populares e operários, também de forma simples:

Already the machinery had been set up by which the land of the great estates could be distributed among the peasants. The Factory-Shop Committees and the trade unions were there to put into operation workers' control over industry. In every village, town, city, district, and province there were Soviets

mais oprimidas do mundo obtiveram de uma hora para a outra a liberdade, tanto a situação interna do país como o poder de combate de seu exército realmente melhoraram.

Mas a lua de mel durou pouco. As classes proprietárias almejavam uma revolução apenas política, que lhes transferisse o poder do tsar. Queriam a Rússia como uma república constitucional, como a França ou os Estados Unidos; ou uma monarquia constitucional como a Inglaterra. Do outro lado, as massas populares queriam uma autêntica democracia industrial e agrária. (p.32).

of Workers', Soldiers', and Peasants' Deputies, prepared to assume the task of local administration.¹³⁵

Reed conclui seu prefácio prevendo uma das evidentes objeções que se faria a seu livro por toda a burguesia e seus defensores: a de que não é um relato “imparcial”. Sob o manto da imparcialidade – uma operação ideológica das mais perversas – a burguesia oculta muitos de seus crimes contra a humanidade. Reed, a esta altura já não procura manter a aparência de que acata os pressupostos ideológicos de seus inimigos de classe; aceita o epíteto de defensor dos Bolcheviques abertamente: “In the struggle my sympathies were not neutral. But in telling the story of those great days I have tried to see events with the eye of a conscientious reporter, interested in setting down the truth.”¹³⁶

Armado com a consciência de classe e a política marxista, Reed penetra na arena da revolução russa.

O método de exposição

*Não existe obra de arte que me tenha entusiasmado mais
do que o “Prefácio” [à Crítica da Economia Política] de Marx.*

- Maiakóvski, “Eu mesmo”.

Não tendo mais o fio condutor de suas experiências subjetivas, o método a partir do qual Reed ordena sua matéria narrativa muda drasticamente. A ele importa colocar os episódios particulares a serviço de ilustrar a dinâmica geral do conflito – uma dinâmica centrada nas classes e suas organizações políticas, como partidos políticos,

¹³⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, 579-580. O mecanismo pelo qual as grandes propriedades agrárias seriam distribuídas aos camponeses já havia sido instalado. Os comitês de fábrica e os sindicatos já se haviam organizado para passar aos operários o controle da indústria. Cada vila, aldeia, cidade, distrito, província possuía seu soviete de operários, soldados e camponeses, preparados para assumir a tarefa da administração local. (p. 47).

¹³⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 580. Em meio à batalha, não fui um homem neutro. Ao relatar a história desses grandes dias, porém, procurei ver os acontecimentos com os olhos de um cronista consciencioso, interessado em estabelecer a verdade. (p.37).

instituições governamentais, sindicatos etc. No entanto, o vigor do livro de Reed e a sua força característica – em contraposição, por exemplo, a um tratado político ou histórico sobre a revolução – está em demonstrar como se expressam nas questões particulares os grandes movimentos políticos e históricos.

É neste diálogo entre o particular e o geral que está a genialidade do método de composição desta obra de Reed, que consegue agregar em si simultaneamente o poder generalizante das grandes abstrações políticas à capacidade persuasiva e mobilizadora do *pathos* que encontramos nos grandes textos que costumam surgir sob o rótulo de literários. Este método é similar ao que Marx procura estabelecer para seus estudos de economia, para conseguir fazer as pontes necessárias entre a teoria e sua aplicação concreta. Assim Marx descreve seu método:

Parece que o melhor método será começar pelo real e pelo concreto, que são a condição prévia e efectiva; assim, em economia política, por exemplo, começar-se-ia pela população que é a base e o sujeito do acto social de produção como um todo. No entanto, numa observação atenta, apercebemo-nos de que há aqui um erro. A população é uma abstracção se desprezarmos, por exemplo, as classes de que se compõe. Por seu lado, essas classes são uma palavra oca se ignorarmos os elementos em que repousam, por exemplo o trabalho assalariado, o capital, etc. O Capital, por exemplo, sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço, etc., não é nada. Assim, se começássemos pela população teríamos uma visão caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto figurado passaríamos a abstrações cada vez mais delicadas até atingirmos as determinações mais simples. Partindo daqui, seria necessário caminhar em sentido contrário até se chegar finalmente de novo à população, que não seria, desta vez, a representação caótica de um todo, mas uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas (...) O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade.¹³⁷

Reed, muito provavelmente sem conhecer teoricamente esta concepção de Marx, desenvolve um método muito próximo para sua composição literária. Em *Insurgent Mexico*, compõe a partir da junção de muitos particulares, que se, como demonstramos em sua análise, permitem ver partes significativas do todo, sem a compreensão do geral e de suas determinações sociais não são capazes de compor um quadro que torne

¹³⁷ MARX. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. Lisboa: 1973, Editorial Estampa. P. 228-229.

acessível ao leitor o significado político e histórico da revolução mexicana. Assim, aparecem personagens e suas histórias, como Villa, Longinos Güereca, Carranza, com características pessoais e subjetivas, com relações sociais que se estabelecem entre eles, sem que se apresente ao leitor laços causais para compreendermos estas relações. Não por acaso, na narrativa Villa se destaca como uma personagem excepcional, com uma história extraordinária, mas cujas motivações nos escapam e cujas relações contraditórias com Carranza permanecem um mistério. Carranza, da mesma forma, figura como um velho senil, como se as determinações de sua política contrária aos interesses dos camponeses emanassem mais de suas falhas “de caráter” ou individuais do que de sua posição social. Assim, involuntariamente Reed cria uma mistificação ao redor das personagens, ao invés de compreendê-las em uma relação dialética de acordo com sua posição social.

Na Rússia, o fio condutor de Reed são as classes, os partidos, as movimentações sociais amplas; contudo, longe de cair num esquematismo abstrato, o que Reed faz é mostrar ao leitor os representantes destas classes e partidos, ligando a cada momento os retratos individuais aos interesses de classe que se expressam em suas ações e posicionamentos. Não há pontas soltas em suas representações: no México abundam descrições de festas, hábitos culturais, minúcias que dão o colorido de seu relato, sem que estabeleçam vínculos entre si; aqui, não deixam de figurar estas minúcias, mas estão sempre entrelaçadas no plano narrativo maior, a serviço de desvendar para o leitor a dinâmica do evento histórico. As declarações absurdas de uma determinada personagem que defende o esmagamento da revolução aparecem como a representação de uma posição de classe, uma classe apavorada que teme perder os privilégios que possui; as declarações de operários e soldados contra o governo provisório ou a burguesia figuram como fruto de uma experiência concreta com estes setores sociais.

Nos dois primeiros capítulos, cujo objetivo é fixar ao leitor os grupos sociais e a dinâmica dos acontecimentos fundamentais da revolução até outubro, é muitíssimo visível este método, que alterna o foco narrativo entre as situações específicas e as generalizações, num diálogo constante. Reed aproveita de sua condição de jornalista e, portanto, de uma fachada de “neutralidade” no conflito, para conseguir entrevistas e ouvir depoimentos de representantes do governo e da burguesia que não seriam facilmente conferidos a ele se seus interlocutores soubessem de suas simpatias políticas.

O capítulo “Background” procura retratar as camadas fundamentais da sociedade: os trabalhadores e suas ambições revolucionárias; o governo provisório e suas medidas e vacilações (particularmente o papel dos socialistas moderados); a burguesia e sua atitude perante o transcurso da revolução. Toma, para início de sua exposição, a observação de um intelectual estrangeiro:

Toward the end of September 1917, an alien professor of sociology visiting Russia came to see me in Petrograd. He had been informed by business men and intellectuals that the Revolution was slowing down. The professor wrote an article about it and then traveled around the country, visiting factory towns and peasant communities – where to his astonishment, the Revolution seemed to be speeding up. Among the wage-earners and the land-working people it was common to hear talk of “all land to the peasants, all factories to the workers.” If the professor had visited the front, he would have heard the whole Army talking about Peace...¹³⁸

O que Reed faz, neste primeiro parágrafo do livro, é demonstrar, a partir da confusão deste sociólogo, exatamente o erro sobre o qual Marx alerta na passagem que citamos: a população, se tomada se considerar as classes, é uma abstração que nada explica. O professor, portanto, fica intrigado: como pode ser que os relatos falassem sobre um esfriamento da revolução e seus testemunhos pessoais lhe dissessem o contrário? Utilizando o critério marxista de considerar as classes, Reed fornece a seu leitor a resposta: “The professor was puzzled, but he need not have been; both observations were correct. The property-owning classes were becoming more conservative, the masses of the people more radical.”¹³⁹ O professor não podia se dar conta disso porque sua observação partia de relatos esparsos de indivíduos para tentar fazer uma generalização, sem compreender a conexão entre ambos e a distinção de classe que havia em seus interlocutores. Reed, por outro lado, é capaz de penetrar o âmago do problema russo. O capítulo mostrará, na prática, como estas posições

¹³⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. No final de setembro de 1917, um professor de sociologia estrangeiro em visita à Rússia encontrou-se comigo em Petrogrado. Ele ouvira dizer, de homens de negócios e intelectuais, que a revolução estava diminuindo o ritmo. O professor escreveu um artigo sobre isso e depois percorreu o país, visitando cidades industriais e comunidades rurais – onde, para seu espanto, a revolução parecia se acelerar. Entre os trabalhadores assalariados e do campo, era comum ouvir-se falar em “toda a terra para os camponeses, todas as fábricas para os operários”. Se o professor tivesse visitado o front, teria ouvido o exército inteiro falando na paz. (p.51).

¹³⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. O professor ficou perplexo, mas não era o caso: as duas observações estavam corretas. As classes proprietárias tornavam-se mais conservadoras, e as massas populares, mais radicais. (p.51).

dicotômicas vinham se desenvolvendo e acirrando o conflito entre as classes, os partidos, as instituições.

Assim, Reed prossegue para mostrar como cada camada social e partido se orienta em relação a esta questão central: a impaciência dos trabalhadores, camponeses e soldados para resolver as questões sociais é retratada diretamente por suas ações – “the soldiers began to solve the peace question by simply deserting, the peasants burned manor-houses and took over the great estates, the workers sabotaged and struck”¹⁴⁰; em oposição, as posições do governo, oficiais do exército e burguesia são expressas da mesma forma, por sua ações:

On the front the Army Committees were always running foul of officers who could not get used to treating their men like human beings; in the rear the Land Committees elected by the peasant were being jailed for trying to carry out Government regulations concerning the land; and the workmen in the factories were fighting blacklists and lock-outs.¹⁴¹

Quanto às posições dos partidos políticos, Reed as sintetiza através de citações de jornais: uma dos socialistas “moderados” e outra dos bolcheviques, respectivamente defendendo que era hora de acalmar os ânimos e a segunda enumerando as traições dos ministros “socialistas” no governo em relação às demandas dos camponeses, soldados e trabalhadores.

Podemos afirmar que estes exemplos de Reed mostram casos específicos, particulares, de como se desenha o movimento geral entre as classes. O objetivo de Reed, neste capítulo, é tentar deixar claro a seu leitor como esta movimentação social permitiu que os Bolcheviques se transformassem – entre os meses de fevereiro e outubro – de um partido minoritário nos soviets ao partido hegemônico da classe operária, capaz de conduzir a tomada do poder pelos soviets.

¹⁴⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. os soldados começavam a resolver a questão da paz por conta própria, simplesmente desertando; os camponeses incendiavam propriedades rurais e ocupavam latifúndios; os operários sabotavam e faziam greve. (p. 53).

¹⁴¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. No front, os comitês do Exército ainda tinham de enfrentar oficiais que não conseguiam se acostumar a tratar seus homens como seres humanos; na retaguarda, os membros dos comitês rurais eleitos pelos camponeses eram presos por tentarem aplicar as determinações do governo referentes ao campo; e os operários nas fábricas enfrentavam listas negras e locautes. (p.52).

Com o intuito de demonstrar como começava a se alterar o ânimo entre as massas, ainda de maneira inicial, ele o ilustra por meio de uma resolução dos delegados dos soviets da Frota do Báltico contra a presença de Kerensky no governo:

We demand the immediate removal from the ranks of the Provisional Government of the “Socialist”, the political adventurer – Kerensky, as one who is scandalizing and ruining the great Revolution, and with it the revolutionary masses, by his shameless political blackmail on behalf of the bourgeoisie....¹⁴²

Reed procura apontar para o leitor aquilo que ele próprio não compreendera em seu primeiro artigo sobre a revolução: o sentido do duplo poder na Rússia e a forma como todas as mudanças que ocorriam eram fruto da pressão direta das massas operárias e de soldados organizadas nos soviets:

Since March 1917, when the roaring torrents of workmen and soldiers beating upon the Tauride Palace compelled the reluctant Imperial Duma to assume the supreme power in Russia, it was the masses of the people, workers, soldiers, and peasants which forced every change in the course of the Revolution. They hurled the Miliukov Ministry down; it was their Soviet which proclaimed to the world the Russian peace terms – “No annexations, no indemnities, and the right of self-determination of peoples”; and again, in July, it was the spontaneous rising of the unorganized proletariat which once more stormed the Taurid Palace, to demand that the Soviets take over the Government of Russia.¹⁴³

O autor segue explicando as “macro” movimentações políticas: como os bolcheviques foram colocados na ilegalidade, seus líderes presos e sua imprensa proibida após os levantes de julho; como os partidos socialistas “moderados” se comprometeram cada vez mais com a burguesia nas coligações dos distintos gabinetes

¹⁴² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. Exigimos o imediato afastamento das fileiras do Governo Provisório do “socialista” e aventureiro político Kerenski, que, com sua chantagem política desavergonhada em prol da burguesia. (p.55).

¹⁴³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. A partir de março de 1917, quando as ruidosas multidões de trabalhadores e soldados, cercando o Palácio Tauride, obrigaram a hesitante Duma Imperial a assumir o poder na Rússia, foram as massas populares, operários, soldados e camponeses que forçaram todas as mudanças em curso da Revolução. Foram eles que derrubaram o governo de Miliukov; foi seu soviets que expôs ao mundo os termos da paz proposta pela Rússia - “Sem anexões, sem indenizações, com direito de autodeterminação pelos povos”-;e, novamente, em julho, foi a mobilização espontânea e desorganizada do proletariado que mais uma vez abalou o Palácio Tauride, exigindo que os soviets assumissem o governo da Rússia. (p. 55).

do governo provisório após cada crise, na tentativa de salvar o governo emprestando-lhe o prestígio de que desfrutavam diante das massas, e como esta movimentação foi cada vez mais dando aos bolcheviques a possibilidade de conseguir ganhar a adesão da vanguarda revolucionária e das massas que se radicalizavam. Para isto, Reed utiliza como dados que comprovam seu ponto de vista os números das eleições para as eleições municipais em setembro.

Ao caracterizar estas movimentações políticas amplas, contudo, o autor não se detém na superfície, como teria feito o John Reed de 1914 que testemunhou a revolução mexicana; pelo contrário, ele aponta para seus leitores a contradição entre macro-estruturas, com seu conservadorismo forçado pelos socialistas moderados, e a movimentação revolucionária que vinha se gestando “por baixo”, nas massas:

There remains a phenomenon which puzzles foreign observers; the fact that the Central Executive Committees of the Soviets, the Central Army and Fleet Committees, the Central Committees of some of the Unions – notably, the Post and Telegraph Workers and the Railway Workers – opposed the Bolsheviki with the utmost violence. These Central Committees had all been elected in the middle of the summer, or even before, when the Mensheviki and Socialist Revolutionaries had an enormous following; and they delayed or prevented any new elections.¹⁴⁴

Assim, Reed consegue trazer ao leitor uma explicação que está além da superfície dos acontecimentos, e que demonstra no plano geral um fato que ele demonstrará a partir de seu testemunho particular ao longo de todo o livro. Desta forma, o mesmo movimento que ele efetiva em pequeno neste capítulo – do geral ao particular e ao geral novamente – ele realiza também no livro como um todo: os dois primeiros capítulos tratam do plano geral e cobrem o movimento da revolução em todo seu percurso – de fevereiro a outubro. Nos capítulos do meio (do terceiro ao décimo), ele foca muito mais em seu testemunho dos acontecimentos no período que nomeia seu livro – os dez dias entre 6 e 16 de novembro (calendário americano). E nos dois capítulos finais, Reed sintetiza acontecimentos de meses em poucas páginas, contraindo

¹⁴⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. Um fenômeno intrigava os observadores estrangeiros: o fato de que o Comitê Central Executivo dos Soviéticos, os Comitês Centrais do Exército e da Marinha e os comitês centrais de alguns sindicatos - em especial os dos correios e telégrafos e os dos ferroviários - se opunham ferrenhamente aos bolcheviques. Todos esses comitês centrais tinham sido eleitos no verão ou até mesmo antes, momentos em que os mencheviques e os socialistas revolucionários ainda gozavam de grande popularidade; e eles adiavam ou simplesmente impediam novas eleições. (p. 56-57).

o tempo da narrativa, e voltando a distendê-lo nas cenas finais que abrangem o congresso dos camponeses. Os capítulos iniciais e finais, que têm um propósito de explicar a situação política de forma mais abrangente, possuem mais notas no apêndice, trazendo muitas informações e que não são incluídas diretamente na narrativa, evitando que se quebre o ritmo da leitura.

No capítulo “Background”, Reed aponta o recrudescimento da burguesia e o rumo à direita em sua política, primeiro no plano geral, mas em seguida em exemplos específicos e pontuais, como este:

At the same time where were signs everywhere that the forces of reaction were gaining confidence. At the Troitsky Farce Theater in Petrograd, for example, a burlesque called *Sins of the Czar* was interrupted by a group of monarchists, who threatened to Lynch the actors for “insulting the Emperor.”¹⁴⁵

E, em seguida, narra sua conversa com “o Rockefeller russo”, Stepan Georgevich Liazanov. Aqui, por meio de uma personagem individual, veremos pela primeira vez na narrativa a maneira como Reed irá construir as personagens em todo o livro – como demonstraremos posteriormente – como metonímias de sua classe: suas palavras expressam não a vontade de um indivíduo, mas a personificação de sua classe ou de um partido ou camada social, expressos também como frações de uma determinada classe. Por isto mesmo Reed apresenta Liazanov como “a Cadet by political Faith”¹⁴⁶. Assim, sua fala afirma o projeto político deste partido: intervenção militar estrangeira para acabar com a revolução; esmagamento dos bolcheviques; dissolução da Assembleia Constituinte.

O mesmo procedimento é utilizado pelo autor para retratar a sabotagem promovida pela burguesia: do geral ao particular. Para cobrir o plano geral, toma por fonte de informações algumas personagens com autoridade política para expressar de forma metonímica sua classe:

¹⁴⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 596. Surgiam ao mesmo tempo diversos sinais, por toda parte, de que as forças da reação estavam ganhando autoconfiança. No teatro da Farce Tróitski, em Petrogrado, por exemplo, a apresentação da opereta *Os pecados do tsar* foi interrompida por um grupo de monarquistas que ameaçou a linchar os atores por “insulto ao imperador”. (p.56-57).

¹⁴⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. P. 596. “Um Cadete por fé política”. (p.57).

(...) I have personally met officers on the Northern Front who frankly preferred military disaster to cooperation with the Soldiers' Committees. The secretary of the Petrograd branch of the Cadet party told me that the breakdown of the country's economic life was part of a campaign to discredit the Revolution. An allied diplomat, whose name I promised not to mention, confirmed this from his own knowledge. I know of certain coal mines near Khar'kov which were fired and flooded by their owners, of textile factories at Moscow whose engineers put the machinery out of order when they left, of railroad officials caught by the workers in the act of crippling locomotives...¹⁴⁷

E, depois, tomará mais detidamente dois exemplos específicos: o de um jantar no qual participou e uma família que conheceu pessoalmente e participava ativamente na especulação ilegal de comida:

One evening I spent at the house of a Moscow Merchant; during tea we asked the eleven people at the table whether they preferred "Wilhelm or the Bolsheviki." The vote was ten to one for Wilhelm.... (...)

In a provincial town I knew a Merchant Family turned speculator – *maradior* (bandit, ghoul) the Russians call it. The three sons had bribed their way out of military service. One gambled in foodstuffs. Another sold illegal gold from the Lena mines to mysterious parties in Finland. The third owned a controlling interest in a chocolate factory, which supplied the local Cooperative societies – on condition that the Cooperatives furnished him everything he needed. And so, while the masses of the people got a quarter pound of black bread on their bread cards, he had an abundance of white bread, sugar, tea, candy, cake, and butter.... Yet, when the soldiers in the front could no longer fight from cold, hunger, and exhaustion, how indignantly did this family scream "Cowards!" – how "ashamed" they were "to be Russians."¹⁴⁸

¹⁴⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 597. (...) estive pessoalmente com oficiais da frente norte que, sinceramente, preferiam um desastre militar a cooperar com os comitês do Exército. Os secretários da seção de Petrogrado do partido Cadete disse a mim que o desmantelamento da vida econômica do país fazia parte de uma campanha para desmoralizar a Revolução. Um diplomata aliado, cujo nome me comprometi a não divulgar, confirmou-o a partir de observação direta. Sei de algumas minas de carvão das proximidades de Kharkov que foram incendiadas e inundadas por seus proprietários, assim como indústrias têxteis de Moscou cujos engenheiros inutilizaram as máquinas de partir, de funcionários ferroviários flagrados por trabalhadores sabotando locomotivas. (p. 59).

¹⁴⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 597-598. Conheci em uma cidade do interior uma família de comerciantes que se tornaram especuladores- *maradior* (bandido, de espírito maléfico), como dizem os russos. Os três filhos escaparam do serviço militar à custa de corrupção. Um deles especulava com produtos alimentícios. O outro vendia ouro obtido ilegalmente das minas de Lena para clientes

Outro recurso bastante utilizado pelo autor é a contraposição entre contrastes, como na passagem acima, em que a escassez do alimento para as massas é comparada com a abundância na cada desta família especuladora. O retrato de miséria é retomado poucas páginas depois, acentuando o contraste já criado:

Week by week food became scarcer. The daily allowance of bread fell from a pound and a half to a pound, then three-quarters, half, and a quarter of a pound. Toward the end there was a week without any bread at all. Sugar one was entitled to at the rate of two pounds a month – if one could get it at all, which was seldom. A bar of chocolate or a pound of tasteless candy cost anywhere from seves to ten roubles – at least a dólar. There was milk for about half of the babies in the city; most hotel and private houses never saw it for months. In the fruit season apples and pears sold for a little less than a rouble apiece on the street corner...

For milk and bread and sugar and tobacco one had to stand in queue long hours in the chill rain. Coming home from an all-night meeting I have seen the *kvost* (tail) beginning to form before dawn, mostly women, some with babies in their arms. (...) Think of the poorly clad people standing on the iron-white streets of Petrograd whole days in the Russian winter!¹⁴⁹

E a partir desta cena em que Reed descreve o cotidiano das massas, particularmente das mulheres (aquelas mesmas que haviam começado a insurreição em fevereiro, carregando em suas costas o peso de cada espera na fila no gélido inverno russo), ele irá ressaltar novamente o contraste a partir da descrição do cotidiano da burguesia e de sua vida cultural na cidade:

misteriosos da Finlândia. O terceiro tinha participação no controle de uma fábrica de chocolates que supria as cooperativas locais - à condição de que essas cooperativas lhe fornecessem tudo de que precisasse. Assim, enquanto as massas populares obtinham um quarto de libra de pão preto por dia com seu cupom de racionamento, ele recebia pão branco em abundância, assim como o açúcar, chá, doces, bolos e manteiga... No entanto, quando os soldados no front já não conseguiam combater de tanto frio, tanta fome e exaustão, os membros dessa família, indignados, os chamavam de “Covardes” - diziam-se envergonhados por “serem russos”. (p.60).

¹⁴⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 600. A comida tornava-se mais escassa a cada semana. A ração diária de pão caiu de uma libra e meia para apenas uma libra, depois para três quartos, meia libra e um quarto de libra. Ao final, deu-se uma semana em que simplesmente não houve pão. O açúcar chegou a ser limitado a duas libras por mês - isso se a pessoa conseguisse encontrá-lo, o que nem sempre ocorria. Uma barra de chocolate ou uma libra de caramelo insosso custava, em qualquer lugar, de sete a dez rublos- ou seja, pelo menos um dólar. Havia leite suficiente para apenas metade dos bebês da cidade; a maioria dos hotéis e das residências particulares ficava meses sem tê-lo. Na estação das frutas, maçãs e peras eram vendidas nas barracas por quase um rublo a unidade...

Para conseguir leite, pão açúcar e tabaco era preciso permanecer horas em uma fila debaixo de uma chuva gelada. Voltando para casa depois de uma reunião que durara a noite toda, observei um *Kvost* (fila) que se formava desde a madrugada, em sua maioria mulheres, algumas com bebês no colo... (...) Imagine as pessoas parcamente vestidas, de pé durante dias inteiros nas ruas cobertas de neve de Petrogrado durante o inverno russo! (p.62-63).

Of course all the theaters were going every night, including Sundays. Karsavina appeared in a new Ballet at the Marinsky, all dance-loving Russia coming to see her. Chaliapin was singing. At the Alexandrinsky they were reviving Meyerhold's production of Tolstoy's *Death of Ivan the Terrible*; and at that performance I remember noticing a student of the Imperial School of Pages, in his dress uniform, who stood up correctly between the acts and faced the empty Imperial box, with its Eagles all erased....

(...) As in all such times, the petty conventional life of the city went on, ignoring the Revolution as much as possible. The poets made verses – but not about the Revolution. The realistic painters painted scenes from medieval Russian history – anything but the Revolution. (...) The ladies of the minor bureaucratic set took tea with each other in the afternoon, carrying each her little gold or silver jeweled sugar-box, and half a loaf of bread in her muff, and wished that the Czar were back, or the Germans would come, or anything that would solve the servant problem... The daughter of a friend of mine came home one afternoon in hysterics because the woman street-car conductor had called her “Comrade!”¹⁵⁰

Estes contrastes conferem à narrativa o poder de transmitir ao leitor a força e a velocidade dos acontecimentos revolucionários. As narrativas históricas, que tem por marca de seu gênero se focar nos macro acontecimentos políticos e sociais, muitas vezes não são capazes de fazer com que o leitor compreenda por que caminhos trilhava a subjetividade dos milhares indivíduos que compõem as camadas sociais responsáveis pelos acontecimentos. Ou, muito pior, as narrativas mais conservadoras focam-se nas figuras históricas apenas dos reis, generais, líderes religiosos, enfim, de figuras individuais pertencentes às classes dominantes, criando uma aura mistificadora como se

¹⁵⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 601. Os teatros, evidentemente, continuavam a apresentar seus espetáculos todas as noites, inclusive aos domingos. Karsavina apresentou seu novo balé no Marinski, recebendo a presença do público amante da dança vindo de toda a Rússia. Chaliapin cantava. No teatro Alexandrinsky, apresentava-se uma montagem de *A morte de Ivã, o Terrível*, de Tostói, numa das sessões, lembro de ter observado um estudante da Escola Imperial de escudeiros, que, nos intervalos, erguia-se galante com seu uniforme oficial e se postava de frente para o camarote imperial, vazio e com suas águias arrancadas...

(...) Como sempre acontece em momentos como esse, a vida comum na cidade mantinha seu curso, ignorando a Revolução, na medida do possível. Poetas compunham versos- mas não sobre a Revolução. Pintores realistas produziam quadros com cenas da história medieval russa- qualquer coisa, menos a revolução (...) As esposas dos burocratas de segundo escalão saboreavam o chá da tarde, cada uma levando seu próprio açucareiro de ouro, de prata ou ornado com pedras preciosas, e um pedaço de pão embrulhado em seu regalo, desejosas de que o tsar voltasse ou de que os alemães viessem, ou de qualquer coisa que resolvesse o problema da falta dos empregados domésticos... A filha de um amigo meu chegou em casa histérica certa tarde porque a cobradora do ônibus a chamara de “camarada”.

(p.63-64).

estes indivíduos tivessem por si só o poder de mover a história e não apoiassem suas ações em multidões de indivíduos anônimos – como ressalta Bertolt Brecht em seu poema “Perguntas de um operário que lê”. Reed foge a estes dois pólos antagônicos e que escondem, cada um a sua maneira, fatos fundamentais para a compreensão histórica.

Narrativas históricas construídas desta forma operam ideologicamente no sentido de apresentar uma história linear, ausente das muitas contradições internas que inevitavelmente existem nos processos sociais profundos – entre os quais uma revolução é um dos mais importantes – que chacoalham a estrutura de uma sociedade em todo seu edifício. Tal tipo de construção narrativa encontra seus representantes tanto na historiografia burguesa liberal, como também naquela stalinista, que procura criar mitos e cultos às “personalidades infalíveis”. Reed, pelo contrário, consegue mostrar o processo histórico em suas contradições, em seus avanços e retrocessos intrínsecos, e mostrar que não existe mudança social “do dia para a noite”, mas que ela consiste num processo contínuo e consciente, dirigido pela vanguarda da classe organizada em sovietes e em partido. Neste aspecto, Reed coincide em seu relato com um aspecto fundamental da revolução teorizado por Trotsky em sua teoria da revolução permanente. Esta é sintetizada pelo dirigente russo em três aspectos, sendo o segundo o que abrange esta ideia da revolução como um processo que transcende a tomada do poder:

A lo largo de un período de duración indefinida y de una lucha interna constante van transformándose todas las relaciones sociales. La sociedad sufre un proceso de metamorfosis. Y en este proceso de transformación cada nueva etapa es consecuencia directa de la anterior. Este proceso conserva forzosamente un carácter político o, lo que es lo mismo, se desenvuelve a través del choque de los distintos grupos de la sociedad en transformación. A las explosiones de la guerra civil y de las guerras exteriores suceden los períodos de reformas “pacíficas”. Las revoluciones de la economía, de la técnica, de la ciencia, de la familia, de las costumbres, se desenvuelven en una compleja acción recíproca que no permite a la sociedad alcanzar el equilibrio. En esto consiste el carácter permanente de la revolución socialista como tal.¹⁵¹

¹⁵¹ TROTSKY, Leon. *La Teoría de la Revolución Permanente*. Buenos Aires: Ediciones IPS, 2011, p. 256. Ao longo de um período de duração indefinida e de uma luta interna constante, vão se transformando todas as relações sociais. A sociedade sofre um processo de metamorfose. E nesse processo de transformação cada nova etapa é consequência direta da anterior. Esse processo possui um caráter inevitavelmente político, ou, o que dá no mesmo, se desenvolve a

Isto é fundamental para combater uma ideia ingênua, romântica e idealizada da revolução e ter em mente que os primeiros passos para construir uma nova sociedade não podem ser dados senão pelos seres humanos de hoje, com todas as suas contradições. Em pequenas passagens, Reed mostra isso vivamente. Por exemplo, quando soldados revolucionários se deparam com o general Alexeyev em frente ao Palácio de Inverno:

Around in front stood a little, gray-moustached man in the uniform of a general, the center of a knot of soldiers. He was very red in the face.

“I am General Alexeyev,” he cried. “As your superior officer and as a member of the Council of the Republic I demand to be allowed to pass!” The guard scratched his head, looking uneasily out of the corner of his eye, he beckoned to an approaching officer, who grew very agitated when he saw who it was and saluted before he realized what he was doing.

“*Vashe Vuisokoprevoskhoditelstvo* – your High Excellency – “ he stammered in the manner of the old régime. “Access to the Palace is strictly forbidden – I have no right – “ ¹⁵²

A sua forma de alternar a narrativa entre os fatos gerais e as ações de indivíduos – e quando se foca neste último, alternando entre as figuras históricas e os “anônimos” que fizeram parte dos eventos –; ou a sua forma de conseguir abarcar a mentalidade, os hábitos, as ações de distintos setores que compõem o panorama social, permitem ao leitor não apenas compreender muito mais profundamente o processo subjetivo que se

partir do choque entre os distintos grupos da sociedade em transformação. Às explosões da guerra civil e das guerras exteriores sucedem os períodos de reformas “pacíficas”. As revoluções da economia, da técnica, da ciência, da família, dos costumes se desenvolvem em uma complexa ação recíproca que não permite à sociedade alcançar o equilíbrio. Nisso consiste o caráter permanente da revolução socialista enquanto tal. (tradução minha).

¹⁵² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 657. Diante da entrada, um grupo de soldados cercava um sujeito baixo de bigode grisalho com uniforme de general. Ele estava com o rosto bastante corado.

“Sou o General alexeiev”, gritou, “Como oficial superior e membro do Conselho da República, exijo que me seja dada licença para passar!” O guarda coçou a cabeça, fitou ao redor com um olhar embaraçado; fez um sinal para um oficial que se aproximava; este ao ver de quem se tratava, ficou um tanto agitado e bateu-lhe continência antes mesmo de saber o que estava acontecendo.

-“*Vashe Vuisokoprevoskhoditelstvo* (Vossa Excelência)” – balbuciou ele, à maneira do antigo regime. “O acesso ao palácio está terminantemente proibido... não tenho o direito...” (P.133-134).

desenvolve nos atores sociais, como também se mobilizar afetivamente pelos acontecimentos encenados na narrativa histórica.

Os contrastes apontados por Reed têm também a capacidade de mostrar como, em momentos revolucionários, as mudanças sociais são tão bruscas que certas questões tornam-se anacrônicas de um mês ou mesmo um dia para o outro. Isto está sempre presente na narrativa de Reed. Na passagem a seguir, é notável como Reed demonstra o rápido movimento à esquerda na subjetividade das massas – primeiro no plano geral a partir da posição social ocupada pelos principais partidos e seus líderes, e em seguida no plano específico, expresso, por exemplo, na fala do embaixador britânico:

Looking back, Russia before the November insurrection seems of another age, almost incredibly conservative. So quickly did we adapt ourselves to the new, swifter life; just as Russian politics swung bodily to the Left – until the Cadets were outlawed as “enemies of the people,” Kerensky became a “counter-revolutionist,” the “middle” Socialist leaders, Tseretelly, Dan, Lieber, Gotz, and Avksentiev, were too reactionary for their following, and men like Victor Chernov, and even Maxim Gorky, belonged to the Right Wing....

About the middle of December 1917, a group of Socialist Revolutionary leaders paid a private visit to Sir George Buchanan, the British Ambassador, and implored him not to mention the fact that they had been there because they were “considered too far Right.”

“And to think,” said Sir George, “one year ago my Government instructed me not to receive Milyukov, because he was so dangerously Left!”¹⁵³

E, nos detalhes da vida da classe trabalhadora, em seus pequenos enfrentamentos diários com seus patrões e a forma como encaram seu trabalho, também se refletia a mudança na forma como esta classe encara seu papel social, vendo-se muito mais como

¹⁵³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 599. Vista retrospectivamente, a Rússia anterior à insurreição de Novembro parece pertencer a uma outra era, inacreditavelmente conservadora. Muito rápido, nós mesmos tivemos de nos adaptar a uma vida nova e de ritmo acelerado. A política russa virou-se em peso para a esquerda, de tal forma que os partidos do *Cadete* foram postos fora da lei como “inimigos do povo”; kerenski se transformou em um “contrarrevolucionário”; os líderes socialistas “centristas”, como Tseretelly, Dan, Lieber, Gotz, e Avksentiev, se tornaram reacionários demais para seus próprios seguidores, e homens como Victor tchernov, ou até mesmo maksim Górkí, passaram a ser vistos como direitistas... Em meados de dezembro de 1917, um grupo de dirigentes dos socialistas revolucionários fez uma visita privada ao embaixador da Grã-Bretanha, sir George Buchanan, e pediu-lhe, depois, para não divulgar o fato, pois eles eram considerados “à direita demais” “E pensar”, disse sir George, “que há um ano meu governo me orientou a não receber Miliukov por ser tratar de um perigoso esquerdista!” (P.61-62).

sujeitos e tomando para si uma renovada dignidade e confiança em suas ações mais prosaicas:

All around the great Russia was in travail, bearing a new world. The servants one used to treat like animals na pay next to nothing were getting independent. A pair of shoes cost more than a hundred roubles, and as wages averaged about thirty-five roubles a month the servants refused to stand in queue and wear out their shoes. But more than that. In the new Russia every man and woman could vote; there were working-class newspapers, saying new and startling things; there were the Soviet; and there were the Unions. The *izvozhiki* (cab-drivers) had a Union; they were also represented in the Petrograd Soviet. The waiters and hotel servants were organized, and refused tips. On the walls of restaurants they put up signs which read, "No tips taken here –" or, "Just because a man has to make his living waiting on tables is no reason to insult him by offering him a tip!"¹⁵⁴

E a inércia das instituições políticas burguesas, que – de certa forma como os teatros e os poetas – seguiam fechando seus olhos para a dinâmica dos acontecimentos das ruas e funcionando da mesma forma que faziam sob o regime do Tzar: "There is the story of Senator Sokolov, who in full tide of Revolution came to a meeting of the Senate one day in civilian clothes, and was not admitted because he did not wear the prescribed livery of the Czar's service!"¹⁵⁵

¹⁵⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 602. À sua volta, a grande Rússia se agitava, trabalhando na construção de um novo mundo. Os empregados domésticos, até então tratados como animais e extremamente mal pagos, tornavam-se independentes. Com um par de calçados custando mais de cem rublos e uma remuneração mensal média de 35 rublos, as empregadas se recusavam a permanecer nas filas e, assim, gastar seus sapatos. Mas havia muito mais do que isso. Na nova Rússia, todos os homens e todas as mulheres podiam votar; havia jornais da classe operária trazendo coisas novas e surpreendentes; havia os soviets; e havia os sindicatos. Os *izvozhiki* (cocheiros) tinham um sindicato e eram até mesmos representados no Soviete de Petrogrado. Os garçons e funcionários dos hotéis estavam organizados e recusavam gorjetas. Nas paredes dos restaurantes, fixavam-se cartazes em que se podia ler: "não se aceitam gorjetas" ou "Não é porque um homem tem de levar a vida servindo mesas que se pode insultá-lo dando gorjetas!" (p.64-65).

¹⁵⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 604. Conta-se o caso do senador Sokolov, que, em plena maré montante da Revolução, chegou um dia para a sessão do Senado em roupas civis e teve sua entrada bloqueada por não trajar a farda prescrita pelo serviço do tsar! (p.67).

Descrições

Posição fundamental: contra a ficção, a estetização

e a psicomentira por meio da arte;

pelo panfleto, pelo jornalismo qualificado

e a reportagem.

- Maiakóvski, “Eu mesmo”.

A força das imagens que Reed construiu no México provinha em grande medida das paisagens que ele descreveu ricamente em suas longas passagens de *Insurgent Mexico*. Como apontamos anteriormente, desde sua passagem pelo solo mexicano esta era uma grande preocupação, e ele enchia páginas e páginas de seus cadernos de anotações com observações detalhadas que permitiriam que posteriormente fixasse com precisão o que seus olhos viram e os sentimentos que estas visões causavam. As paisagens eram também associadas à luta dos camponeses, que Reed apresentava como um povo profundamente ligado à natureza e que lutava em nome deste país.

Em *Ten Days that Shook the World* as descrições ocupam um lugar distinto na narrativa. São muito menos frequentes, mais concisas, e tem uma importância mais subordinada às questões políticas na composição do livro. Por vezes, são vinculadas a expressar as dificuldades naturais que se impunham à luta do povo russo, enfrentando a fase mais crítica de sua revolução em meio ao rigoroso inverno russo. Contudo, a paisagem é urbana e a natureza sempre está misturada à cidade e sua administração pelos homens, o que acentua o elemento humano interferindo na construção da cena. A primeira descrição no livro aborda isto, e as dificuldades impostas pela guerra:

September and October are the worst months of the Russian year – especially the Petrograd year. Under dull gray skies, in the shortening days, the rain fell drenching, incessant. The mud underfoot was deep, slippery, and clinging, tracked everywhere by heavy boots, and worse than usual because of the complete breakdown of the municipal administration. Bitter damp winds rushed in from the Gulf of Finland, and the chill fog rolled through the streets. At night, for motives of economy as well as fear of Zeppelins, the

street-lights were few and far between; in private dwelling and apartment houses the electricity was turned on from six o'clock until midnight, with candles forty cents apiece and little kerosene to be had. It was dark from three in the afternoon to ten in the morning. Robberies and house-breaking increased. In apartment houses the men took turns at all-night guard duty, armed with loaded rifles. This was under the Provisional Government.¹⁵⁶

Podemos notar que a descrição está entremeada de apontamentos sobre as condições econômicas e políticas que influenciam diretamente nas condições do ambiente, como as privações de guerra e os altos preços das velas e a escassez do querosene. A própria descrição do ambiente está a serviço de envolver o leitor na atmosfera política do país.

Os operários estão presentes nestas descrições, com sua aparência rude apresentada por Reed, e as construções imensas das fábricas permeadas pelo clima hostil do inverno. O autor frequentemente apresenta a classe operária como um coletivo unido em um só corpo, e com uma profusão de metáforas evocando imagens da natureza para descrevê-los, como no caso abaixo:

One Sunday we went, on a top-heavy steam tram that lumbered through oceans of mud, between stark factories and immense churches, to Obkhovsky Zavod, a Government munitions plant out on the Schlüsselburg Prospekt.

The meeting took place between the gaunt brick walls of a huge unfinished bulding, ten thousand black-clothed men and women packed around a scaffolding draped in red, people heaped on piles of lumber and bricks, perches high up on shadowy girders, intent and thunder-voiced. Through the dull, heavy sky now and again burst the sun, flooding reddish light through the skeleton windows upon the mass of simple faces upturned to us.¹⁵⁷

¹⁵⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 600. Setembro e outubro são os piores meses na Rússia- sobretudo em Petrogrado. Sob um céu inteiramente nublado e cinza, com dias cada vez mais curtos, a chuva penetrante, cai sem parar. A lama se acumulava, escorregadia, pegajosa, marcada em toda parte por botas pesadas, naquele ano em situação ainda pior devido ao quase completo esboramento dos serviços públicos. Soprava vindo do golfo da Finlândia um vento cortante e úmido, e uma gélida neblina percorria todas as ruas. À noite, por economia mas também por medo dos zeplins, poucos postes eram iluminados, e, ainda assim, a intervalos bastantes longos. Nas casas e prédios, só havia eletricidade das seis da noite à meia-noite, com as velas custando quarenta centavos a unidade e uma forte escassez de óleo. Reinava a escuridão das três da tarde até as dez da manhã do dia seguinte. Aumentavam os assaltos e os furtos nas residências. Nos prédios os homens se revezavam à noite na vigilância, armados com espingardas. Tudo isso, sob o Governo provisório. (p. 62).

¹⁵⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 615. Um domingo, embarquei em um pesado bonde a vapor que se arrastava em meio a oceanos inteiros de lama, passando por fábricas

Reed está agora imerso na maior metrópole russa, a grandiosa Petrogrado (ex-São Petersburgo), uma cidade inteiramente planejada pelo Tzar Pedro, o grande, e construía ao custo de milhares de vida de operários para ser a capital de seu império e a fachada da modernização e ocidentalização da Rússia. O contraste com a vasta Rússia rural, em que o campesinato representa cerca de 90% da população, é imenso. O investimento do capital estrangeiro – principalmente o francês – em parceria com o Estado autocrático, fez com que um surto industrial ocorresse na capital, criando fábricas imensas como a Putilov, com mais de quarenta mil operários. Reed apresenta este cenário nas suas descrições, figurando como uma potente força revolucionária e um ambiente de debate político intenso:

Meetings in the trenches at the front, in village squares, factories.... What a marvelous sight to see Putilovsky Zavod (the Putilov factory) pour out its forty Thousand to listen to Social Democrats, Socialist Revolutionaries, Anarchists, anybody, whatever they had to say, as long as they would talk! For months in Petrograd, and all over Russia, every street-corner was a public tribune. In railway trains, street-cars, always the spurting up of impromptu debate, everywhere....¹⁵⁸

Outro aspecto relevante nas descrições é acentuar o contraste criado pelo rápido desenvolvimento da revolução: as suntuosas construções imperiais, com seus brasões da família real, cobertas e transformadas pela conquista da classe operária sobre estas. Tal como as descrições das condições naturais, incluídas fundamentalmente para acentuar a dificuldade política enfrentada pelos trabalhadores, as descrições que enfatizam os contrastes também têm por finalidade mostrar a dinâmica política dos acontecimentos. Isto ocorre, por exemplo, na descrição do instituto Smolny – há poucos meses uma

desoladas e igrejas imensas, rumo ao à Obkhovsky Zavod, uma indústria de munições do governo, na avenida Schlüsselburg.

A reunião se realizava entre muros de tijolo cru de um enorme edifício inacabado. Atentos e exaltados 10 mil homens e mulheres com roupas escuras se amontoavam em torno de um adaimo decorado com um pano vermelho, equilibrando-se entre pilhas de tábuas ou tijolos, empoleirando-se sobre vigas, à sombra. Aqui e ali, um raio de sol atravessava o céu carregado, projetando-se, através das janelas sem vidro sobre os rostos simples das pessoas, voltados para nós. (p. 81-82).

¹⁵⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 603. Reuniões nas trincheiras do front, nas praças dos vilarejos, nas fábricas... Que espetáculo maravilhoso era ver Putilovski Zavod (a fábrica Putilov) liberando seus 40 mil operários para ouvirem os social-democratas, os socialistas democratas, os socialistas revolucionários, anarquistas, qualquer um, pouco importava o que tivessem a dizer e por quanto tempo! Durante meses, em Petrogrado e em toda Rússia, cada esquina se transformou em palanque. Nos vagões de trem, nos bondes, sempre surgiam debates espontâneos, em toda parte... (p.66).

escola-convento para as filhas da nobreza russa, agora transformada no centro revolucionário de Petrogrado, quartel-general do Soviete da cidade e do Comitê Executivo de Toda a Rússia (Tsik – que reúne a direção de todos os Sovietes, votada em seu congresso de toda a Rússia).

Smolny Institute, headquarters of the Tsay-ee-kah and of the Petrograd Soviet, lay miles out on the edge of the city, beside the wide Neva. I went there on a streetcar, moving snail-like with a groaning noise through the cobbled, muddy streets, and jammed with people. At the end of the line rose the graceful smoke-blue cupolas of Smolny Convent outlined in dull gold, beautiful, and beside it the great barracks-like façade of Smolny Institute, two hundred yards long and three lofty stories high, the Imperial arms carved hugely in stone still insolente over the entrance....

Under the old régime a famous convent school for the daughters of the Russian nobility, patronized by the Czarina herself, the Institute had been taken over by the revolutionary organizations of workers and soldiers. Within were more than a hundred huge rooms, white and bare, on their doors enameled plaques still informing the passer-by that within was “Ladies’ Class-room Number 4” or “Teachers’ Bureau”; but over these hung crudely-lettered signs, evidence of the vitality of the new order: “Central Committee of the Petrograd Soviet” and “Tsay-ee-kah” and “Bureau of Foreign Affairs”; “Union of Socialist Soldiers,” “Central Committee of the All-Russian Trade Unions,” “Factory-Shop Committees,” “Central Army Committee”; and the central offices and caucus-rooms of the political parties....

The long, vaulted corridors, lit by rare electric lights, were thronged with hurrying shapes of soldiers and workmen, some bent under the weight of huge bundles of newspapers, proclamations, printed propaganda of all sorts. The sound of their heavy boots made a deep and incessant thunder on the wooden floor.... Signs were posted up everywhere: “Comrades: For the sake of your health, preserve cleanliness!” Long tables stood at the head of the stairs on every floor, and on the landings, heaped with pamphlets and the literature of the different political parties for sale....

(...) In the south wing of the second floor was the great hall of meetings, the former ballroom of the Institute. A lofty white room lighted by glazed white chandeliers holding hundreds of ornate electric bulbs, and divided by two rows of massive columns; at one end a dais, flanked with two tall many-branched light standards, and a gold frame behind, from which the Imperial

portrait had been cut. Here on festal occasions had been banked brilliant military and ecclesiastical uniforms, a setting for Grand Duchesses....¹⁵⁹

A descrição do Smolny, um dos cenários mais frequentados do livro, é uma das mais longas e detalhadas, reunindo em si tanto a suntuosidade do estabelecimento dedicado às filhas da nobreza, quanto a movimentação dos operários que tomaram o lugar e sua frenética atuação política, carregando em seus ombros as milhares de páginas de debates políticos entre as quais muitas serão apresentadas por Reed, seja no corpo do texto, seja no rico apêndice que acompanha a narrativa. A oposição entre a suntuosidade da nobreza e a rudeza dos operários que a ocupam é uma representação da Rússia e sua revolução, que impiedosamente arrasta os vestígios do passado em sua passagem. Um misto de organização e caos, o Smolny simboliza o momento político pelo qual passa o país: a própria composição dos frequentadores do prédio, em cujos corredores se cruzam mencheviques, SRs, bolcheviques; soldados, camponeses e trabalhadores, expressa as camadas sociais em diálogo na construção e na tensão da revolução.

Os contrastes evocados por Reed em suas descrições não são apenas entre passado imperial e presente revolucionário, mas com grande frequência também entre a

¹⁵⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 618-619. O instituto Smolny, sede do Tsik e do Soviete petrogrado, fica nos arredores da cidade, à beira do grande Neva. Para ir até lá, eu pegava o bonde, que avançava gemendo, na velocidade de uma lesma, por ruas pavimentadas com pedras e cheias de lama, lotadas de gente. No ponto de final, alçavam-se as belas e graciosas cúpulas azul esfumadas do convento Smolny, circundadas por uma linha dourada, atrás delas a enorme fachada, semelhante a uma caserna, do Instituto Smolny, com cerca de duzentos metros de largura e três amplos pavimentos, tendo ainda, na entrada principal, o brasão imperial, insolente, gravado em pedra...

Famoso colégio interno para as filhas da nobreza durante o antigo regime, sob patrocínio da própria tsarina o Instituto fora ocupado pelas organizações de operários e soldados. Em seu interior, mais de cem cômodos amplos, brancos e vazios, ainda com placas esmaltadas nas portas para informar ao visitante que ali dentro era a “Sala de aula para senhoras número 4” ou “sala dos professores”; sobre essas placas, porém, haviam sido afixadas outras, com escrita grosseira, evidenciando a vitalidade da nova ordem: “Comitê Central do Soviete de Petrogrado”, “Tsik” e “Gabinete de Relações Exteriores”; “União dos Soldados Socialistas”, “Comitês Central dos Sindicatos Pan-Russos”, “Comitês de Fábrica”; Comitê Central do Exército”; e os escritórios-sede e salas de reunião dos partidos políticos... Os longos e abobadados corredores, iluminados por algumas poucas lâmpadas elétricas, transbordavam de espectros apressados de soldados e operários, alguns curvados sob o peso de enormes pilhas de jornais, declarações ou propaganda impressa de todo tipo. O som de suas botas pesadas sobre o piso de madeira produzia um ruído grave e incessante... Havia cartazes por todo lado: “Camaradas! Para o bem de sua própria saúde, mantenham a limpeza!”. Panfletos e publicações dos diversos partidos eram expostos e vendidos em longas mesas dispostas nos lances das escadarias ou no final de cada uma delas, em todos os andares.

Na ala sul do segundo andar ficava a grande sala de reuniões – Antigo salão de baile do Instituto. Amplo, claro, era iluminado por lustres brancos vitrificados que sustentavam centenas de elegantes lâmpadas elétricas e dividido por duas fileiras de colunas maciças; em uma das extremidades, um tablado com duas luminárias, uma de cada lado, altas e de vários braços; ao fundo, uma moldura dourada, de onde fora retirado o retrato do imperador. Ali, nas ocasiões festivas, reuniam-se as grã-duquesas, cercadas de reluzentes uniformes militares e eclesiásticos... (p. 85-86).

vida da burguesia na inércia de sua vida pré-revolucionária – por vezes expressando o desespero dos que veem seu mundo à beira da ruína – e a dos operários em plena atividade política, como neste caso, em que se compara o Smolny e as casas de jogos:

At Smolny there were strict guards at the door and the outer gates, demanding everybody's pass. The committee-rooms buzzes and hummed all day and all night, hundreds of soldiers and workmen slept on the floor, wherever they could find room. Upstairs in the great hall a thousand people crowded to the uproarious sessions of the Petrograd Soviet....

Gambling clubs functioned hectically from dusk to dawn, with champagne flowing and stakes of twenty thousand roubles. In the center of the city at night prostitutes in jewels and expensive furs walked up and down, crowded the cafés....¹⁶⁰

Reed, com apontamos anteriormente, foca seus dois primeiros capítulos em acontecimentos que não testemunhou, dando assim pouco espaço para descrições de lugares e eventos. No terceiro capítulo passa a combinar mais os eventos que ele próprio testemunha e as questões políticas que apresenta ao leitor. Cabe, neste capítulo, ao autor, a tarefa de apreender a atenção do leitor – para contrapor à leitura dos dois primeiros capítulos que ele próprio denomina em seu prefácio de “cansativa” –, criando um clima de expectativa e tensão antecedendo à tomada do poder que o próprio nome do capítulo já dá a entender: “On the Eve” (Na Véspera). Aqui, a descrição que Reed faz do clima da cidade tem o intuito de acentuar o suspense e a tensão, transmitir ao leitor o clima que pairava na cidade quando todos sabiam que algo grande estava para acontecer em breve, mas poucos sabiam exatamente o que era e quando viria. Na descrição a seguir, Reed recria esta tensão ilustrando o desespero dos socialistas “moderados”, as discussões que proliferam entre os representantes de distintas classes, as multidões acotovelando-se nas ruas, debatendo, apressadas:

¹⁶⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 626. No Smolny, as portas e os portões eram estritamente controlados por guardas, que exigiam de todos alguma credencial para permitir a passagem. As salas dos comitês viviam atulhadas e barulhentas, dia e noite; centenas de soldados e trabalhadores dormiam no chão, onde quer que encontrassem algum espaço. No andar superior, na grande sala de reuniões, cerca de mil pessoas lotavam as tumultuosas sessões do Soviete de Petrogrado.

Os cassinos funcionavam febrilmente, do crepúsculo à aurora, com champanhe à vontade e apostas de até 20 mil rublos. No centro da cidade, à noite, prostitutas com joias e peles caras andavam para cima e para baixo; os cafés ficavam lotados... (p.95).

Outside a chill, damp wind came from the West, and the cold mud underfoot soaked through my shoes. Two companies of *yunkers* passed swinging up the Morskaya, tramping stiffly in their long coats and singing an old-time crashing chorus, such as soldiers used to sing under the Czar.... At the first cross-street I noticed that the City Militiamen were mounted, and armed with revolvers in bright new holsters; a little group of people stood silently staring at them. At the corner of the Nevsky I bought a pamphlet by Lenin, *Will the Bolsheviki be Able to Hold the Power?* paying for it with one of the stamps which did duty for small change. The usual streetcars crawled past, citizens and soldiers clinging to the outside in a way to make Theodore P. Shonts green with envy... Along the sidewalk a row of deserters in uniform sold cigarettes and sunflower seeds....

Up the Nevsky in the sour twilight crowds were batling for the latest papers, and knots of people were trying to make out the multitudes of appeal and proclamations pasted in every flat place; from the Tsay-ee-kah, the Peasants' Soviets, the "moderate" Socialist parties, the Army Committees – threatening, cursing, beseeching the workers and soldiers to stay home, to support the Government....

An armored automobile went slowly up and down, siren screaming. On every corner, in every open space, thick groups were clustered; arguing soldiers and students. Night came swiftly down, the wide-spaced street-lights flickered on, the tides of people flowed endlessly.... It is always like that In Petrograd just before trouble....

The city was nervous, starting at every sharp sound. But still no sign from the Bolsheviki; the soldiers stayed in the barracks, the workmen in the factories....¹⁶¹

¹⁶¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 640-641. Na rua, soprava do oeste um vento gelado e úmido, e o barro frio penetrava em meus sapatos. Dois batalhões de *yunkers* subiam a avenida Morskaya com passo marcado e longos sobretudos, entoando um refrão antigo, como costumavam fazer os soldados sobre o tsarismo... No primeiro cruzamento, observei os guardas metropolitanos a cavalo, armados com revólveres novos de coldres reluzentes; um pequeno grupo de pessoas os observava em silêncio. Na esquina da Nevski, comprei um folheto de Lênin, *Conseguirão os bolcheviques se manter no poder?*, pagando-o com um selo que na época valia como moeda de pouca monta. Os bondes passavam lotados, com civis e militares pendurados do lado de fora, em poses que fariam Theodore P. Shonts morrer de inveja... Ao longo da calçada, desertores uniformizados vendiam cigarros e sementes de girassol...

No crepúsculo amargo, verdadeiras multidões disputavam os últimos jornais da avenida Nevski, e pequenos grupos se amontoavam tentando decifrar a enorme quantidade de apelos e proclamações colados onde quer que houvesse alguma superfície plana; eles provinham do *tsik*, do Soviete de camponeses, dos partidos socialistas "moderados", dos Comitês do Exército- ameaçavam, difamavam e instavam os operários e soldados a ficarem em casa e apoiarem o governo...

Um automóvel blindado se movia para cima e para baixo tocando uma forte sirene. Em todas as esquinas, em todos os espaços abertos, formavam-se pequenas aglomerações: eram soldados e estudantes em discussão aberta. A noite

Por vezes, nas descrições de Reed em que as metáforas são utilizadas para caracterizar as ações dos trabalhadores, estes se fundem como um só aos ambientes em que estão, aumentando o efeito criado pelo autor de que estes são como uma gigantesca força natural, que se move como um todo orgânico e coordenado, um corpo consciente formado por muitas partes, com um propósito único. Esta forma de descrever acentua o caráter da organização prévia e do planejamento da tomada do poder, em uma cena que Reed testemunha o Smolny preparando-se para o momento decisivo, armado e organizado:

The massive façade of Smolny blazed with lights as we drove up, and from every street converged upon it streams of hurrying shaped dim in the gloom. Automobiles and motor-cycles came and went; an enormous elephant-coloured armored automobile, with two red flags flying from the turret, lumbered out with screaming siren. It was cold, and at the outer gate the Red Guards had built themselves a bonfire. At the inner gate, too, there was a blaze, by the light of which sentries slowly spelled out our passes and looked us up and down. The canvas covers had been taken off the four rapid-fire guns on each side of the doorway, and the ammunition-belts hung snake-like from their breeches. A dun herd of armored cars stood under the trees in the courtyard, engines going. The long, bare, dimly illuminated halls roared with the thunder of feet, calling, shouting.... There was an atmosphere of recklessness. A crowd came pouring down the staircase, workers in black blouses and round black fur hats, many of them with guns slung over their shoulders, soldiers in rough dirt-colored coats and gray fur *shapki* pinched flat, a leader or so – Lunacharsky, Kameniev – hurrying along in the center of a group all talking at once, with harassed anxious faces, and bulging portfolios under their arms.¹⁶²

chegou de repente, as luzes dos postes, bastantes espaçados uns dos outros, acendiam-se vacilantes, uma maré infinita de gente se movia... é sempre assim em Petrogrado às vésperas de confusão...

A cidade estava nervosa, sobressaltando-se a cada ruído mais agudo. Mas ainda não havia nenhum sinal dos bolcheviques; os soldados permaneciam nas casernas; os operários nas fábricas... (p. 113-114).

¹⁶² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 663. A imponente fachada do Smolny estava toda cheia de luzes quando chegamos, e de todas as ruas convergiam para ali correntes inteiras de corpos que mal podiam se distinguir na penumbra. Automóveis e motocicletas chegavam e partiam; um enorme tanque blindado cor cinza-elefante, com duas bandeirolas vermelhas na bolha, passou pesadamente com a sirene ligada. Fazia frio e os guardas vermelhos acenderam uma fogueira perto do portão externo para aquecer. No portão interno havia outro fogo, e era a luz dele que as sentinelas examinavam nossas credenciais e nos esquadriavam de alto a baixo. As capas de lona foram rapidamente tiradas das quatro metralhadoras fixas distribuídas dos dois lados do portão, com cartucheiras penduradas feito cobras nas culatras. Um conjunto escuro de tanques blindados estava estacionado sob árvores no pátio, com motores ligados. Nas longas salas nuas e mal iluminadas, ressoavam os passos, os chamamentos, os gritos... Havia, ali, certa irresponsabilidade no ar. Uma multidão descia as escadarias. Operários

Uma página antes, Reed capta nas ruas a disciplina e organização dos soldados e trabalhadores revolucionários preparando-se para tomar os pontos nevralgicos da cidade, e o desespero e ansiedade dos representantes das classes possuidoras, neste momento dispondo de nada mais do que suas palavras para se contrapor à sua queda eminente:

Up on the Nevsky the whole city seemed to be out promenading. On every corner immense crowds were massed around a core of hot discussion. Pickets of a dozen soldiers with fixed bayonets lounged at the street crossings, red-faced old men in rich fur coats shook their fists at them, smartly-dressed women screamed epithets; the soldiers argued feebly, with embarrassed grins.... Armored cars went up and down the street, named after the first Czars – Oleg, Rurik, Svietoslav – and daubed with huge red letters, “R.S.D.R.P.” (*Rossiskaya Sotsial-Democrateecheskaya Rabochaya Partia* – Russian Social-Democratic Labor Party). At the Mikhailovsky a man appeared with an armful of newspapers, and was immediately stormed by frantic people, offering a rouble, five roubles, ten roubles, tearing at each other like animals. It was *Rabochi i Soldat*, announcing the victory of the Proletarian Revolution, the liberation of the Bolsheviki still in prison, calling upon the Army front and rear for support... a feverish little sheet of four pages, running to enormous type, containing no news....¹⁶³

Ainda compondo a atmosfera dos momentos que envolviam a tomada do poder – o autor parece querer captar cada detalhe deste momento por saber que está narrando um evento de grande importância histórica – ele descreve a ser leitor a expectativa dos delegados do II Congresso Pan-Russo dos Sovietes, que aguardava a sua abertura ansiosamente no salão do Smolny:

com camisas pretas e gorros pretos de pele, muito deles com armas a tiracolo, soldados com capote enormes e sujos com as cabeças cobertas com *Shapki* cinzas achatados, alguns líderes – Lunacharsky, Kameniev – andando apressados no centro de um grupo em que todos falavam ao mesmo tempo, com expressão de cansaço e ansiedade nos rostos, carregando pastas embaixo dos braços. (p. 141).

¹⁶³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 662. Parecia que toda a população deixara suas casas para passear na Nevski. Em todas as esquinas, formavam-se multidões imensas, animadas por fortes discussões. Grupos de uma dúzia de soldados com baionetas fixas se postavam nos cruzamentos; senhores de faces rosadas e ricos casacos de pele os ameaçavam exibindo os punhos cerrados, mulheres elegantes lhes dirigiam insultos os soldados retrucavam sem energia e sorriam amarelo... tanques blindados subiam e desciam a rua, com nomes dos primeiros tsares- Oleg, Rurik, Svietoslav-, e pintadas de vermelho, as letras RSDRP (*Rossiskaya Sotsial-Democrateecheskaya Rabochaya Partia*). Na esquina da Mikhailovsky, surgiu um homem carregado de jornais. Ele foi de imediato cercado por pessoas absolutamente excitadas que lhe ofereciam um rublo, cinco rublos, dez rublos, empurrando uma às outras feito animais. Era o *Rabochi i Soldat*, anunciando a vitória da Revolução Proletária, a soltura dos bolcheviques ainda presos, pedindo apoio do exército do front e na retaguarda... um folheto efervescente de apenas quatro páginas, impresso em letras garrafais, sem nenhuma novidade. (p. 140).

So we came into the great meeting-hall, pushing through the clamorous mob at the door. In the rows of seats, under the white chandeliers, packed immovably in the aisles and on the sides, perched on every window-sill, and even the edge of the platform, the representatives of the workers of all Russia waited in anxious silence or wild exultation the ringing of the chairman's bell. There was no heat in the hall but the stifling heat of unwashed human bodies. A foul blue cloud of cigarette smoke rose from the mass and hung in the thick air. Occasionally someone in authority mounted the tribune and asked the comrades not to smoke; then everybody, smokers and all, took up the cry, "Don't smoke, comrades!" and went on smoking.¹⁶⁴

Ao final do capítulo que antecede a tomada do poder, Reed em uma breve descrição apresenta uma visão panorâmica da cidade, a partir dos ruídos da batalha que começa a se alastrar pelas ruas, e o Smolny como uma gigantesca colmeia em atividade revolucionária:

On the steps of Smolny, in the chill dark, we first saw the Red Guard – a huddled group of boys in workmen's clothes, carrying guns with bayonets, talking nervously together.

Far over the still roofs, where the *yunkers* were trying to open the bridges over the Neva, to prevent the factory workers and soldiers of the Viborg quarter from joining the Soviet forces in the center of the city; and the great Kronstadt sailors were closing them again....

Behind us great Smolny, bright with lights, hummed like a gigantic hive....¹⁶⁵

¹⁶⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 665. Forçando a passagem em meio ao aglomerado de gente que se formara na porta, conseguimos entrar na grande sala de reuniões. Sob enormes lustres brancos, lotando as cadeiras enfileiradas, os corredores e as alas laterais, os peitoris das janelas e até mesmo a beirada da tribuna onde ficava a mesa de direção dos trabalhos representantes dos operários e dos soldados da Rússia inteira aguardavam – alguns com uma ansiedade silenciosa, outros freneticamente exultantes- o badalar da sineta do presidente da sessão. O ambiente era aquecido pelo calor dos próprios corpos, visivelmente carentes de banho. Uma nuvem fétida azulada de fumaça de cigarros subia daquela massa, deixando o ar denso e sufocante. De tempos em tempos, um dos organizadores subia na tribuna e pedia aos camaradas que não fumassem; então todos, fumantes ou não, se punham a gritar: "Não fumem, camaradas!" – e continuavam-se fumando. (p.144).

¹⁶⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 652-653. Na escadaria do Smolny, em meio à noite fria, vi pela primeira vez a Guarda Vermelha – um pequeno grupo de jovens com roupas de operários, carregando baionetas no canhão, conversando nervosamente.

Ao longe, a oeste, por cima dos telhados imóveis ouviam-se o som de tiros esparsos de fuzis. Eram os *yunkers*, que tentavam manter abertas as pontes sobre o Neva de modo a impossibilitar que os operários de fábricas e os soldados do bairro de Viborg atravessassem o rio e se juntassem às forças soviéticas no centro da cidade; os marinheiros de Kronstadt, contra essa ação, tornavam a fechá-las.

Às nossas costas estava o grande Smolny, todo iluminado, fervilhando com uma colmeia gigante. (p.129).

Em uma das poucas passagens em que a natureza figura como uma imagem de harmonia – como era frequente nas passagens mexicanas –, encontramos a descrição da neve chegando a Petrogrado. A imagem da vitória revolucionária, no capítulo nono – “Victory” – que consagra a vitória militar dos trabalhadores sobre a resistência de Kerensky, é coroada por Reed com a descrição dos primeiros flocos de neve hesitantes, como numa alusão ao novo regime de trabalhadores que suavemente começa a pousar sobre a Rússia. Os combatentes repousando após as batalhas, sujos, sangrentos e enlameados, são apresentados pelo autor como o “exército proletário vitorioso”. A cena tem um forte apelo emotivo, fazendo a primeira referência aos que lutavam e tombaram:

Early in the morning I went out to Smolny. Going up the long wooden sidewalk from the outer gate I saw the first thin, hesitating snowflakes fluttering down from the gray, windless sky. “Snow!” cried the soldier at the door, grinning with delight. “Good for the health!” Inside, the long gloomy halls and bleak rooms seemed deserted. No one moved in all the enormous pile. A deep uneasy sound came to my ears, and looking around, I noticed that everywhere on the floor, along the walls, men were sleeping. Rough, dirty men, workers and soldiers, spattered and caked with mud, sprawled alone or in heaps, in the careless attitudes of death. Some wore ragged bandages marked with blood. Guns and cartridge-belts were scattered about... The victorious proletarian army!

In the upstairs buffet so thick they lay that one could hardly walk. The air was foul. Through the clouded windows a pale light streamed. A battered samovar, cold, stood on the counter, and many glasses holding dregs of tea. Beside them lay a copy of the Military Revolutionary Committee’s last bulletin, upside down, scrawled with painful handwriting. It was a memorial written by some soldier to his comrades fallen in the fight against Kerensky, just as he had set it down before falling on the floor to sleep. The writing was blurred with what looked like tears....¹⁶⁶

¹⁶⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 778-779. De manhã cedinho fui ao Smolny. Avançando pela calçada de maneira que levava do portão externo à entrada, vi os primeiros leves e hesitantes flocos de neve caindo do céu cinzento, sem vento. “Neve!” gritou o soldado que estava à porta, com um sorriso de encantamento. “É ótimo para a saúde!” Dentro os longos corredores e as salas frias pareciam desertos. Nada se mexia no enorme edifício. Um som grave e inquietante chegou aos meus ouvidos. Olhando em volta, percebi por todos os lados, no chão, ao longo das paredes, homens dormindo. Homens rudes, sujos, operários e soldados, salpicados e grudentos com uma crosta de lama, espalhados ou em grupos, na posição relaxada da morte. Alguns portavam bandagens rudimentares manchadas de sangue. Cartucheiras e armas estavam jogadas ao lado deles... O vitorioso exército proletariado! No andar de cima, na cantina, eram tantos, que ficava até mesmo difícil caminhar. O ar estava irrespirável. Uma luz pálida atravessava pelas janelas embaçadas. Um samovar antigo, frio, reinava sobre o balcão e havia vários copos ainda com restos de chá. Ao lado deles, uma cópia do último boletim do Comitê Militar Revolucionário, com algo registrado em letras rudes nos versos. Era uma última homenagem escrita por algum

Nesta primeira descrição após a tomada do poder pelos soviéticos, Reed já não usa mais a descrição com o objetivo de criar a tensão ou de mostrar a sucessão dos acontecimentos. Ele irá colocá-la a serviço de demonstrar os imensos sacrifícios que tiveram que fazer os trabalhadores em sua luta. O capítulo seguinte, Moscou, é praticamente inteiro dedicado a isto, descrevendo o funeral de quinhentos trabalhadores mortos em combate. As expressões de tristeza ganham vazão e colorações fortes nas linhas de Reed:

A bitter wind swept the square, lifting the banners. Now from the far quarters of the city the workers of the different factories were arriving, with their dead. They could be seen coming through the Gate, the blare of their banners, and the dull red – like blood – of the coffins they carried. These were rude boxes, made of unplanned wood and daubed with crimson, borne high on the shoulders of rough men who marched with tears streaming down their faces, and followed by women who sobbed and screamed, or walked stiffly, with white, dead faces. Some of the coffins were open, the lid carried behind them; others were covered with gilded or silvered cloth, or had a soldier's hat nailed on the top. There were many wreaths of hideous artificial flowers.

(...) Slowly the marchers came with their coffin to the entrance of the grave, and the bearers clambered up with their burdens and went down into the pit. Many of them were women – squat, strong proletarian women. Behind the dead came other women – women young and broken, or old, wrinkled women making noise like hurt animals, who tried to follow their sons and husbands into the Brotherhood Grave, and shrieked when compassionate hand restrained them. The poor love each other so!¹⁶⁷

É uma forma de despertar a empatia em seu leitor para a causa dos trabalhadores por uma via distinta. A forma comovente como Reed descreveu o funeral dos mártires

soldado a seus camaradas tombados na luta contra kerenski, tal como ele havia deixado antes de deitar no chão para dormir. As palavras estavam borradas, como se lágrimas tivessem borrado sobre elas. (p.289-290).

¹⁶⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. p. 807. Um vento cortante soprava sobre a praça, agitando as bandeiras. Operários fabris começavam a chegar dos bairros distantes, trazendo seus mortos. Podiam ser vistos passando sobre a Porta, o agitar de seus estandartes e o vermelho- como sangue- dos caixões que carregavam. Eram caixotes rudimentares, construídos com madeira não tratada e pintados grosseiramente de carmesim, erguidos sobre os ombros de homens simples que caminhavam com lágrimas escorrendo pela face, seguidos por mulheres que soluçavam e gritavam ou caminhavam rijas, lívidas, com traços mórbidos. Alguns caixões estavam cobertos com panos dourados ou prateados, ou traziam apenas um quepe de soldado como ornamento. havia várias coroas horríveis de flores artificiais. O cortejo, com seus caixões, se aproximava lento da entrada da sepultura. Os que os carregavam avançavam por cima da terra solta com seu fardo e desciam para a fossa. Muitas dessas pessoas eram mulheres- proletárias fortes e corpulentas. Atrás do morto vinham outras mulheres- jovens arrasadas ou idosas cobertas de rugas, emitindo sons que lembravam os de animais feridos e tentando acompanhar seus maridos ou filhos até o Túmulo Fraternal, gritando quando mãos compassivas procuravam detê-las. Como os pobres amam uns aos outros! (p.325-326).

da revolução foi louvada no prefácio à primeira edição russa de seu livro, escrito pela companheira de Lênin e destacada pedagoga soviética, Nadiejda Krúpskaia:

John Reed está indissolivelmente ligado à Revolução Russa. A Rússia soviética tornou-se-lhe cara e próxima. Foi contaminado pelo tifo e repousa na base do Muro Vermelho do Krêmlin. Quem descreveu os funerais das vítimas da revolução, como o fez John Reed, merece tal honra.¹⁶⁸

Contudo, isto não é feito pelo autor em contraposição a apresentar as questões políticas, que estão presentes inclusive neste capítulo. É nesta passagem do livro, uma das mais emotivas, que Reed pode demonstrar que, mesmo nos momentos mais difíceis da vida dos trabalhadores, a sua transformação subjetiva ao longo do processo revolucionário foi intensa e sem vacilações, pois um dos elementos mais profundos e arraigados na vida do povo russo – sua religião, o cristianismo ortodoxo – foi deixado para trás como fonte de segurança e conforto. No lugar das figuras religiosas cobrindo os caixões e acompanhando os funerais, figuram os símbolos revolucionários, representando aquilo pelo qual os quinhentos trabalhadores que estavam sendo enterrados haviam dado suas vidas para construir.

Already through the Iberian Gate a human river was flowing, and the vast Red Square was spotted with people, thousands of them. I remarked that as the throng passed the Iberian Chapel, where always before the passer-by had crossed himself, they did not seem to notice it....

(...) Through all the streets to the Red Square, the torrentes of people poured, thousands upon thousands of them, all with the look of the poor and the toiling. A military band came marching up playing the *Internationale*, and spontaneously the song caught and spread like wind-ripples on a sea, slow and solemn. From the top of the Kremlin wall gigantic banners unrolled to the ground red, with great letters in gold and white, saying “Martyrs of the Beginning of the World Social Revolution,” and “Long Live the Brotherhood of Workers of the World,”

(...) Between the factory workers came companies of soldiers with their coffins, too, and squadrons of cavalry, riding at salute, and artillery batteries, the cannon wound with red and black – for ever, it seemed. Their banners said, “Long live the Third International!” or “We want an Honest, General, Democratic Peace!”

¹⁶⁸ REED, John. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro, S/D. p. 9-10.

(...) All the long day the funeral procession passed, coming in by the Iberian Gate and leaving the square by way of the Nikolskaya, a river of red banners, bearing words of hope and brotherhood and stupendous prophecies, against a background of fifty Thousand people – under the eyes of the world's workers and their descendants for ever....¹⁶⁹

Aqui, mais uma vez, as massas trabalhadoras que comparecem ao enterro figuram como um personagem coletivo unificado, com suas ações em uníssono, e descritas com metáforas que remetem a forças da natureza. A descrição do autor não é de indivíduos, mas desta massa de pessoas e das características em comum – características de sua classe – que elas apresentam. Não apenas sua aparência, mas seus sentimentos são descritos de forma coletiva – a massa está enlutada, e ela quem adere aos símbolos da revolução e enterra seus mortos; aqueles que são enterrados são os parentes e camaradas de todos os que estão ali; a Internacional é cantada por todos em uníssono ao tocar da banda, e em seguida a Marcha Funeral: “(...) the band played the Funeral March, and the huge assemblage chanted”. As ações são tomadas de forma coletiva: “Two hundred men began to shovel in the dirt.”¹⁷⁰

O autor demonstra não apenas como as massas romperam com a Igreja Ortodoxa, mas como esta não hesitou em se colocar ao lado da contrarrevolução e contra os trabalhadores e seus soviets. Tal cisão é demonstrada no vazio que há da presença religiosa no enterro e em seus preparativos, e representada metonimicamente

¹⁶⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 806-808. Um rio de gente já desfilava sob a Porta da Ibérica, e a ampla Praça Vermelha se cobria de pequeninos pontos pretos, milhares deles. Observei que, quando a multidão passava pela Capela da Ibérica, onde antes fazia o sinal da cruz, agora parecia nem se notar sua presença.

(...) Milhares e milhares de pessoas, a fisionomia marcada pela miséria e pelo trabalho, afluíam pelas ruas rumo à Praça Vermelha. Uma banda militar surgiu tocando a *Internacional* e a canção se espalhou espontaneamente, como as ondas que o vento produz no mar, lenta e solenemente. Do alto do muro do Kremlin pendiam até o chão bandeiras gigantescas, vermelhas, com grandes letras douradas e brancas dizendo: "Aos Mártires do Despertar da Revolução Social Mundial" e "Viva a fraternidade dos Operários do Mundo"

(...) Em meio aos operários das fábricas surgiam também batalhões de soldados carregando seus caixões, esquadrões de cavalaria avançando a passo lento e grupos da artilharia, com canhões cobertos de vermelho e preto – ao que parecia, para sempre. Seus estandartes diziam: “Viva a Terceira Internacional!”, ou “Queremos uma paz justa, ampla e democrática!”.

A procissão fúnebre continuou ao longo de todo o dia, passando pela Porta da Ibéria e deixando a praça pela Nikolavskaya, um verdadeiro rio de bandeiras exibindo palavras de esperança e de fraternidade e profecias gradiosas, um cortejo que desfilava diante de 50 mil pessoas, sob o olhar dos trabalhadores do mundo inteiro e de seus descendentes para todo o sempre. (P. 324).

¹⁷⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 808. A banda tocava a marcha Fúnebre, a multidão cantava. (...) Cerca de duzentos homens começaram a cobrir a vala com terra... (p.326).

em detalhes como as velas apagadas da capela mais importante do império – aqui representando o plano particular e específico – e na descrição de Reed das ações políticas da Igreja em defesa do antigo regime – levando aqui para o plano geral. Reed descreve em pequenos hábitos a ligação umbilical entre Estado e Igreja nos tempos do Tzar. Da ausência Igreja Ortodoxa, como instituição social defensora do antigo regime, Reed passa a demonstrar como toda a burguesia havia sumido das ruas neste dia, celebrado como o “Dia do Povo”:

The little street chapels along our way were locked and dark, as was the Chapel of the Iberian Virgin, which each new Czar used to visit before he went to the Kremlin to crown himself, and which, day or night, was always open and crowded, and brilliant with the candles of the devout gleaming on the gold and silver and jewels of the ikons. Now, for the first time since Napoleon was in Moscow, they say, the candles were out.

The Holy Orthodox Church has withdrawn the light of its countenance from Moscow, the nest of irreverent vipers who had bombarded the Kremlin. Dark and silent and cold were the churches; the priests had disappeared. There were no popes to officiate the Red Burial, there had been no sacrament for the dead, nor were any prayers to be said over the grave of the blasphemers. Tikhon, Metropolitan of Moscow, was soon to excommunicate the Soviets....

Also the shops were closed, and the propertied classes stayed at home – but for other reasons. This was the Day of the People, the rumor of whose coming was thunderous as surf....¹⁷¹

O funeral dos revolucionários de Moscou é descrito como Reed como um ritual de nascimento do novo mundo, coroando a tomada do poder. Assim, ele é apresentado

¹⁷¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 806. Os pequenos quiosques de rua por que passávamos estavam às escuras e trancados, assim como a capela da Virgem da Ibérica, que os novos tsares costumavam visitar a caminho da noite da coroação no kremlin e que estava sempre lotada, dia e noite, iluminada pelas velas dos fiéis que cintilavam no reflexo do ouro, da prata e da pedraria dos ícones. Agora as velas estavam apagadas, segundo diziam, pela primeira vez desde que Napoleão passara por Moscou.

A Santa Igreja Ortodoxa se recusara a dar sua bênção a Moscou, ninho de víboras sacrílegas que haviam bombardeado o Kremlin. As igrejas estavam às escuras, frias, silenciosas; os padres tinham desaparecido. Não havia nenhum sacerdote para officiar o Funeral Vermelho, os mortos não tinham recebido extrema-unção, nenhuma oração especial seria feita diante da sepultura dos blasfemadores. Logo mais, Tikhon, o prelado metropolitano de Moscou, acabaria por excomungar os soviets...

Todas as lojas estavam fechadas, e as classes proprietárias permaneciam em suas casas, mas por outras razões. Aquele era o Dia do Povo, cujo rumor crescia e se aproximava tempestuoso como uma ressaca... (P. 323-324).

pelo autor como uma ruptura com a Igreja e sua dominação ideológica sobre os atos mais primordiais – como o enterro dos que se ama – mas também como a consolidação entre a ruptura com a burguesia e os que morreram em defesa de sua dominação. Não há conciliação possível com aqueles que são os responsáveis diretos pela morte dos trabalhadores revolucionários. A diferença entre os bolcheviques e os socialistas moderados surge neste momento, quando a conciliação com os militares da burguesia é proposta por estes inclusive nos rituais funerários. Isso surge no primeiro diálogo do capítulo, com um trabalhador que preparava o enterro:

As a desk in the corner was Rogov, an intelligent, bearded man with glasses, wearing the black blouse of a worker. He invited us to march with the Central Executive Committee in the funeral procession next morning....

"It is impossible to teach the Socialist Revolutionaries and the Mensheviks anything!" He exclaimed. "They compromise from sheer habit. Imagine! They proposed that we hold a joint funeral with the *yunkers*." ¹⁷²

Encerrando este capítulo, Reed sintetiza a força da revolução na subjetividade destes trabalhadores que encerravam os seus que haviam tombado, mostrando como é a esperança de um futuro distinto que lhes permite abandonar todo o peso e a força das tradições do passado, simbolizado pela Igreja Ortodoxa:

The lights came out. The last banners passed, and the last moaning women, looking back with awful intensity as they went. Slowly from the Red Square ebbed the proletarian tide....

I suddenly realized that the devout Russian people no longer needed priests to pray them into heaven. On earth they were building a kingdom more bright than any heaven had to offer, and for which it was a glory to die.... ¹⁷³

¹⁷² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 802. Numa mesa em um canto do salão estava Rogov, um homem inteligente, de barba e óculos, vestido com uma camisa preta de operário. Ele nos convidou a caminhar junto com o Comitê executivo Central na procissão do funeral, na manhã seguinte...

"Os socialistas revolucionários e os mencheviques não conseguem entender nada!" exclamou ele. "São conciliadores simplesmente por força do hábito. Imaginem só! Propuseram que fizéssemos um funeral conjunto com os *Yankers*!" (P.319).

¹⁷³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 808. As luzes dos postes se acenderam. As últimas bandeiras se afastavam, com as últimas mulheres gemendo, olhando para trás com uma terrível intensidade. Aos poucos, refluía a maré proletária, deixando deserta a Praça vermelha...

Subitamente, dei-me conta de que o fiel povo russo não precisava mais de padres para abrir-lhe as portas do paraíso. Estava construindo, na terra, um reino com mais esplendor do que qualquer paraíso poderia proporcionar, e pelo qual morrer era uma glória... (P.326).

A construção das personagens

Mas quem é o partido?

Ele fica sentado em uma casa com telefones?

Seus pensamentos são secretos, suas decisões desconhecidas?

Quem é ele?

Nós somos ele.

Você, eu, vocês – nós todos.

Ele veste a sua roupa, camarada, e pensa com a sua cabeça

Onde moro é a casa dele, e quando você é atacado ele luta.

- Brecht, “Mas quem é o partido?”

O âmbito das personagens é certamente um dos que, no conjunto do livro, mais se destaca para que possamos compreender a mudança na forma como John Reed escreve. Como apontamos na análise de *Insurgent Mexico*, naquele livro a narrativa é conduzida centralmente pela experiência pessoal do autor em meio ao turbilhão revolucionário, fazendo com que ele figure como a personagem central da narrativa. Esta perspectiva faz do livro, antes de ser um relato da revolução, uma espécie de “romance de formação” sobre o próprio autor, que pela primeira vez encontra-se longe de seu país, tendo que se provar nas mais difíceis situações. Estas ganham uma importância central no enredo.

Contudo, se podemos considerar que é Reed a personagem central, ele não é a única que ganha destaque e em torno da qual se constrói o esqueleto narrativo do livro. Pancho Villa é, certamente, uma personagem cuja importância é estruturante, e à qual Reed dedica parte fundamental de seu livro, fazendo com que a apresentação e construção desta personagem seja uma das únicas passagens em que ele desloca o foco narrativo para um momento anterior à sua chegada no país e para locais em que ele não esteve pessoalmente – ou seja, que o autor abandona a perspectiva estritamente testemunhal da narrativa. Assim, o autor elege o dirigente camponês como um centro a

partir do qual constrói a narrativa e a perspectiva da revolução camponesa. Villa ganha vida própria em meio aos camponeses, e o status de um herói (ou anti-herói) da narrativa revolucionária.

E, mesmo Carranza, com quem o autor mal teve contato e que não lhe despertou simpatia, ganha um capítulo para ser apresentado ao leitor, e a este Reed confere importância suficiente para destacar como uma das seis partes do livro. Em síntese, às personagens individuais se atribui uma imensa importância como eixos gravitacionais da narrativa, tal qual num tradicional romance.

Em *Ten Days That Shook the World* a perspectiva com a qual constrói as personagens é completamente distinta. Os indivíduos se diluem no que Reed elege como as personagens fundamentais do livro, que são personagens coletivas: as classes, partidos, instituições. São os coletivos que assumem o primeiro plano na narrativa, e os conflitos entre estes são os eixos que conduzem o enredo.

Em primeiro lugar, cabe notar como o autor com suas experiências individuais – principal personagem em sua experiência mexicana – são completamente secundarizados. É claro que sua perspectiva individual têm grande importância, mas não pelo que acontece diretamente com ele, mas sim pela posição privilegiada que possui para testemunhar – e, portanto, relatar aos seus leitores – sobre os eventos revolucionários. Se em determinados momentos relata eventos que atingem diretamente a ele, é para expressar a dinâmica da revolução. Um exemplo bastante expressivo disto se dá no capítulo “Victory”, em que Reed é obrigado a abandonar seus companheiros da Guarda Vermelha que estão indo ao front porque as credenciais que possui são diferentes – foram feitas no Smolny – e, assim, desperta a suspeita dos soldados:

At the first cross-roads two soldiers ran out in front of us, waving their rifles. We slowed down, and stopped.

“Passes, comrades!” (...)

Grumbling, each Red Guard produced his dirty *bumaga* (paper). All were alike except mine, which had been issued by the Revolutionary Staff at Smolny. The sentries declared that I must go with them. The Red Guards objected strenuously, but the sailor who had spoken first insisted. “This comrade we know to be a true comrade,” he said. “But there are orders of the

Committee, and these orders must be obeyed. That is revolutionary discipline....”

In order not to make any trouble, I got down from the truck and watched it disappear careening down the road, all the company waving farewell. The soldiers consulted in low tones for a moment, and then led me to a wall, against which they placed me. It flashed upon me suddenly; they were going to shoot me!¹⁷⁴

Em seguida, Reed discute com os soldados, que não podem ler seu passe porque não são alfabetizados, mas consegue convencê-los a não matá-lo antes de se certificarem de que seu passe garante sua adesão à revolução. E, assim, consegue escapar, mas com isso a narrativa se desloca para o clube de oficiais para onde é levado por conta deste episódio.

Se compararmos este episódio com a passagem na qual corre risco de vida em *Insurgent Mexico*, o capítulo “Saved by a Wristwatch”, notaremos as diferenças fundamentais. De acordo com Daniel Lehman, o episódio mexicano nunca ocorreu de fato, e foi criado por Reed. Independentemente disto, a narrativa do episódio russo – diferente daquela do México – serve para demonstrar questões caras a Reed ao longo de todo o livro: em primeiro lugar, a disciplina revolucionária que é um fator importante para caracterizar a Guarda Vermelha – e, inclusive, para diferenciá-los dos soldados, que não são tão disciplinados quanto os trabalhadores subordinados aos Comitês Militares Revolucionários. Outra questão que podemos ver nesta passagem é como a vida é um artigo barato em momentos de guerra civil, mas também como o senso de justiça prevalece entre os soldados revolucionários em momentos como este – tanto para

¹⁷⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 789. Na primeira encruzilhada, dois soldados se colocaram na frente do veículo, erguendo seus fuzis. Reduzimos a velocidade e paramos.

"Documentos, camaradas!"

Resmungando, cada Guarda vermelho apresentou então seu *Bumaga* (documento), completamente sujo. Eram todos parecidos, com exceção do meu, que fora emitido no Smolny pelo Comando Revolucionário. Os sentinelas então disseram que eu deveria acompanhá-los. Os Guardas Vermelhos protestaram energeticamente, mas o marinheiro que tinha falado de início insistiu. "Sabemos que se trata de um camarada de verdade", disse, "mas existem ordens do comitê, e essas ordens têm de ser cumpridas. É a disciplina revolucionária..."

Para não criar problemas, desci do caminhão e fiquei a observá-lo avançando oscilante pela estrada, com todos os soldados fazendo gestos de despedida com as mãos. Os soldados conversaram entre si em voz baixa e depois me conduziram até um muro, onde me fizeram ficar parado. De repente veio-me à cabeça de que eles iam me fuzilar! (P.303-304).

preservar quanto para tirar a vida. Tudo isto, no entanto, é sempre alvo da crítica e debate por parte dos soldados e dos guardas, que, portanto, figuram como sujeitos de suas ações – não como indivíduos, mas como um corpo coletivo subordinado aos interesses revolucionários.

A respeito da disciplina revolucionária, uma característica cujas facetas e contradições Reed terá grande interesse em retratar no livro, há uma passagem particularmente interessante no que concerne a reflexão sobre as personagens. Reed, em muitas ocasiões, descreve a imensa autoridade moral que destacados dirigentes bolcheviques têm sobre a massa dos trabalhadores e soldados. Contudo, uma curta passagem envolvendo Trotsky cumpre o papel de ilustrar justamente que não há nenhum indivíduo cuja autoridade pessoal deva se sobrepor à disciplina revolucionária e aos interesses coletivos:

I spent a great deal of time at Smolny. (...)

One day as I came up to the outer gate I saw Trotsky and his wife just ahead of me. They were halted by a soldier. Trotsky searched through his pockets, but could find no pass.

“Never mind,” he said finally. “You know me. My name is Trotsky.”

“You haven’t got a pass,” answered the soldier stubbornly. “You cannot go in. Names don’t mean anything to me.”

“But I am the presidente of the Petrograd Soviet.”

“Well,” replied the soldier, “if you’re as importante fellow as that you must at least have one little paper.”

Trotsky was very patient. “Let me see the Commandant,” he said. The soldier hesitated, grumbling something about not wanting to disturb the Commandant for every devil that came along. He beckoned finally to the soldier in command of the guard. Trotsky explained matters to him. “My name is Trotsky,” he repeated.

“Trotsky?” The other soldier scratched his head. “I’ve heard the name somewhere,” he said at length. “I guess it’s all right. You can go in, comrade....”¹⁷⁵

Este episódio é bastante representativo de como Reed aborda as figuras centrais dos partidos e das classes: não como indivíduos autônomos cujas ações determinem isoladamente o curso dos eventos, mas como representantes de seus partidos e classes, com ações que expressam os interesses sociais destes setores. Há uma imensa diferença na forma como apresenta o respeito dos revolucionários a Trotsky, se compararmos, por exemplo, com o capítulo de *Insurgent Mexico*: “Villa accepts a Medal”, em que há uma deferência profunda ao líder camponês como um herói.

Considerando isso, as personagens coletivas são apresentadas de certa forma de acordo com o movimento que desenvolvemos na primeira parte desta análise: uma alternância entre o plano narrativo que se foca nos movimentos políticos gerais e as expressões específicas e particulares destes – muitas vezes são espécies de metonímias dos setores sociais que representam. Assim, nos primeiros capítulos, Reed apresenta os personagens fundamentais do livro e as posições políticas destes frente ao processo revolucionário – praticamente um resumo de como se desenvolve a situação ao longo do período abarcado pelo livro em seu conjunto. Algumas destas personagens são, na verdade, variantes de uma mesma ou combinações de algumas delas para a composição de uma nova – por exemplo, os que Reed denomina como socialistas “moderados” (entre estes não há praticamente distinções entre os Socialistas Revolucionários e os Mencheviques) e os Cadetes – principal partido da burguesia liberal – se combinam na

¹⁷⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 632. Eu passava bastante tempo no Smolny. Certo dia ao me aproximar do portão, vi trótski e sua esposa, bem de frente a poucos passos de mim. Tinham sido retidos por um soldado. Trótski procurava seu passe nos bolsos, mas não o encontrava.

"Não tem problema", disse ele, por fim, "você sabe quem eu sou. Meu nome é Trótski."

"O senhor não tem passe para entrar", retrucou o soldado obstinado. "não poderá entrar. Nomes não significam nada para mim."

"Mas eu sou o presidente do Soviete de Petrogrado."

"Bem", replicou o soldado, "se o senhor é uma figura assim tão importante, deve ter pelo menos um papelzinho."

Trótski se mostrou bastante paciente. "Deixe-me falar com seu comandante", disse. O soldado hesitou, murmurando algo de não querer incomodar o comandante a cada chato que aparecesse. Dirigiu-se, porém, ao soldado que comandava a guarda naquele momento. Trótski lhe explicou o problema. "Meu nome é Trótski", repetiu.

"Trótski?" questionou-se outro soldado balançando a cabeça. "já ouvi esse nome em algum lugar", disse ele sem pressa. "Acho que não há problema... pode entrar, camarada..." (p. 102-103).

conformação de diferentes instâncias: Governo Provisório, Duma, Conselho da República etc. Já os socialistas moderados têm órgãos dirigidos exclusivamente por eles, como o Tsik (Comitê Executivo dos Sovietes de Toda a Rússia), o Comitê Executivo dos Camponeses, o Vikzhel (sindicato dos ferroviários) etc.

Reed apresenta as ações deles em separado e em sequência, mostrando como se combinam para atacar o avanço da revolução através de distintas medidas. Isto ocorre já no primeiro capítulo:

There was a feeling among business men and the *intelligentsia* generally that the Revolution had gone quite far enough, and lasted too long; that things should settle down. This sentimento was shared by the dominant “moderate” Socialist groups, the *oborontsi* Mensheviks and Socialist Revolutionaries, who supported the Provisional Government of Kerensky.

On 14 October the official organ of the “moderate” Socialists said:

The drama of the Revolution has two acts; the destruction of the old régime and the creation of the new one. The first act has lasted long enough. Now it is time to go on to the second, and play it as rapid as possible. As a great revolutionist put it, “Let us hasten, friends, to terminate the Revolution. He who makes it last too long will not gather the fruits....”

(...) To the multiform discontent of the people the “moderate” Socialists had one answer: Wait for the Constituent Assembly, which is to meet in December. (...) The Constituent Assembly had been postponed and postponed – would probably be postponed again, until the people were calm enough – perhaps to modify their demands!

(...) Of course, as was natural, the manufacturers, landowners, and army officers exerted all their influence against any democratic compromise....

The policy of the Provisional Government alternated between ineffective reforms and stern repressive measures.

(...) These measures were supported by the “moderate” Socialists and their leaders in the Ministry, who considered it necessary to cooperate with the propertied classes.¹⁷⁶

¹⁷⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 591-593. Havia um sentimento geral, entre os homens de negócios e a *Intelligentsia*, de que a revolução já tinha ido longe demais e que já durava muito; que era tempo de as coisas se estabilizarem. Tal sentimento era compartilhado pelos grupos socialistas

E, assim, segue em sua descrição, alternando entre as medidas do campo conservador – representado por estas personagens coletivas – e aquelas do campo revolucionário – representadas por outro conjunto de personagens coletivas – bolcheviques, soldados, camponeses pobres, trabalhadores, soviets etc. O movimento descritivo quanto às medidas deste segundo campo é semelhante:

Among the worker, soldier and peasant masses, however, there was a stubborn feeling that the “first act” was not yet played out.

(...) The Constituent Assembly was all well and good; but there were certain definite things for which the Russian Revolution had been made and for which the revolutionary martyrs rotted in their stark Brotherhood Graver on Mars Field, that must be achieved, Constituent Assembly or no Constituent Assembly: Peace, Land, and Workers’ Control of Industry.¹⁷⁷

Assim, Reed desenvolve este capítulo – como de certa forma o fará no resto do livro – como um diálogo e um conflito entre estas personagens coletivas e sua disputa

"moderados" mais importantes, *Oborontsi* mencheviques e socialistas revolucionários que apoiavam o Governo Provisório de kerenski...

Em 14 de outubro o órgão oficial dos socialistas "moderados" afirmava:

O drama da Revolução tem dois atos: a destruição do regime antigo e a criação do novo regime. O primeiro ato já durou tempo demais.

Chegou a hora de partir para o segundo, e encená-lo o mais rapidamente possível. Como disse um grande revolucionário, "Apressamo-nos, amigos, para concluir a Revolução. Aquele que a faz durar tempo demais não colherá seus frutos"

(...) Para as diversas manifestações de descontentamento por parte do povo, os socialistas "moderados" tinham uma mesma resposta: aguardemos a Assembleia Constituinte, que se reunirá em dezembro. Mas as massas não estavam satisfeitas com isso. Nada tinham contra a Assembleia Constituinte, mas algumas coisas pelas quais a Revolução Russa tinha sido feita e pelas quais os mártires revolucionários jaziam em valas comuns no Campo de Marte precisavam ser efetivadas, com ou sem a Constituinte: paz, terra e o controle das fábricas pelos operários. A Assembleia Constituinte já havia sido adiada várias vezes- e provavelmente seria de novo adiada, até que o povo se acalmasse- talvez justamente para que arrefecessem suas demandas!

(...) É lógico, como seria natural, que os industriais, os proprietários de terras e os oficiais do Exército procuravam exercer toda sua influência para combater qualquer compromisso democrático. a política do Governo Provisório oscilava entre reformas pouco efetivas e medidas repressivas severas.

(...) tais medidas foram apoiadas pelos socialistas "moderados" e seus dirigentes membros do governo, que se achavam necessário cooperar com as classes operárias. (p. 52-53).

¹⁷⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 592. entre as massas de operários, soldados e camponeses, porém havia um forte sentimento de que o "primeiro ato" ainda não havia terminado.

(...) Nada tinham contra a Assembleia Constituinte, mas algumas coisas pelas quais a Revolução Russa tinha sido feita e pelas quais os mártires revolucionários jaziam em valas comuns no Campo de Marte precisavam ser efetivadas, com ou sem a Constituinte: paz, terra e o controle das fábricas dos operários. (P. 52).

política pelo poder e pelo avanço ou retrocesso da revolução. Reed utiliza o capítulo para estabelecer claramente esta dinâmica da revolução para seus leitores, de forma que, uma vez apresentando ao longo do restantes da narrativa os episódios particulares nos quais este conflito se expressa, esteja claro o contexto político que o abrange e que confere a importância destes na construção do significado deles dentro da narrativa. Reed apresenta também, de antemão, o resultado deste embate político. Este é uma síntese, mas também uma interpretação de como o próprio autor vê este desenvolvimento, pois apresenta o seu ponto de vista dos motivos da derrocada do governo provisório e do ascenso dos bolcheviques como direção das massas:

In September 1917, matters reached a crisis. Against the overwhelming sentiment of the country, Kerensky and the “moderate” Socialists succeeded in establishing a Government of Coalition with the propertied classes; and as a result, the Mensheviki and Socialist Revolutionaries lost the confidence of the people for ever.

(...) The impotence and indecision of the ever-changing Provisional Government was an argument nobody could refute. The Bolsheviks raised again the slogan so dear to the masses, “All power to the Soviets!” – and they were not merely self-seeking, for at that time the majority of the Soviets was “moderate” Socialist, their bitter enemy.

But more potent still, they took the crude, simple desires of the workers, soldiers, and peasants, and from them built their immediate program. And so, while the *oborontsi* Mensheviki and Socialist Revolutionaries involved themselves in compromise with the bourgeoisie, the Bolsheviks rapidly captured the Russian masses. In July they were hunted and despised; by September the metropolitan workmen, the sailors of the Baltic Fleet, and the soldiers had been won almost entirely to their cause.¹⁷⁸

¹⁷⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 593-595. A crise eclodiu em setembro de 1917. Contra o crescimento predominante no país, Kerenski e os socialistas “moderados” conseguiram formar um Governo de Coalizão com a burguesia; e o resultado foi que mencheviques e socialistas revolucionários perderam para sempre a confiança do povo.

(...) A impotência e a indefinição do oscilante Governo provisório eram um argumento que ninguém podia refutar. Mais uma vez os bolcheviques lançaram a palavra de ordem, tão cara para as massas, “Todo o poder aos soviets!” – e, nisso, não faziam nenhuma pregação em favor próprio, já que, à época, a maioria dos soviets era controlada pelos socialistas “moderados”, seus inimigos mortais.

Em atitude ainda mais forte, os bolcheviques definiram seu programa mínimo a partir das aspirações básicas e simples dos operários, soldados e camponeses. Dessa forma, enquanto os *oborontsi* mencheviques e os socialistas revolucionários se envolviam em compromissos com a burguesia, os bolcheviques conquistavam rapidamente as

A partir daí, está estabelecido o fio condutor através do qual o livro de Reed se guia em meio aos turbulentos e rápidos acontecimentos revolucionários: não mais experiências pessoais ou episódios de aventura; não mais indivíduos marcantes e fortes personalidades – seu guia para a construção do livro é a sua convicção de que os bolcheviques foram capazes de expressar politicamente os desejos das massas exploradas, e que o conflito central da revolução se deu entre personagens coletivos fundamentais da sociedade – as classes – e as suas formas de organização. Nisto reside toda a força do livro de Reed, que rompe com os parâmetros literários da época burguesa.

Os órgãos da burguesia e dos socialistas “moderados”

The “moderate” Socialists needed the bourgeoisie.

But the bourgeoisie did not need the “moderate” Socialists.

- John Reed, Prefácio de *Ten Days That Shook the World*.

O segundo capítulo ainda procura estabelecer e delimitar estas personagens, apresentando principalmente o Conselho da República, órgão formado a partir da Conferência Democrática de setembro, que foi uma das últimas tentativas do governo provisório de salvar sua existência diante da crescente e inevitável polarização entre a burguesia e o proletariado. Reed explica de forma bastante sintética como se deu a Conferência Democrática, sem entrar em seus meandros, mas apontando para o leitor o fundamental: sua composição de classe e como foi votado o Conselho da República, bem como a composição do novo governo provisório com a ampliação da participação burguesa neste. Sua nota explicativa no apêndice demonstra em detalhes como a convocação da Conferência foi feita, mudando sua composição para diminuir a representação de trabalhadores e soldados e aumentar os órgãos da pequena burguesia e da burguesia. O Conselho da República será um dos personagens fundamentais do livro,

massas. Em Julho, eles haviam sido perseguidos e desprezados. Em setembro, os trabalhadores das cidades, os marinheiros do Báltico e os soldados já haviam sido ganhos quase que integralmente para sua causa. (P.56).

ao qual Reed sempre recorre para demonstrar como está a discussão política no campo anti-bolchevique e também os tensionamentos e dissensos entre os socialistas moderados e os Cadetes. Ainda que caracterizemos estes órgãos como personagens coletivos que protagonizam a revolução, é fundamental frisar que isto não faz com que suas contradições internas e conflitos não sejam ricamente explorados pelo autor, demonstrando como não se pode compreender a revolução sem ver como se relacionam os distintos partidos e frações de classe.

Aqui, Reed fala também sobre o Tsik (Tsay-ee-kah como o chama para imitar a pronúncia americana da sigla), que era o Comitê Executivo dos Sovietes de Toda a Rússia, votado em cada congresso dos soviets. Nas palavras de Reed, “The fact is that the Tsay-ee-kah no longer represented the rank and file of the Soviets and had illegally refused to call another All-Russian Congress of the Soviets, due in September.”¹⁷⁹ o Tsik é, por excelência, o representante dos socialistas moderados – um órgão que em tese representa os soviets, mas, como explica o autor no primeiro capítulo, que no período abarcado pelo livro já não corresponde à vontade política dos que o elegeram, mas sim ao esforço ininterrupto dos SRs e Mencheviques para salvar o governo provisório, chegar a acordos com a burguesia e acabar com os Bolcheviques e os próprios soviets – e para poder fazer isto, adiar indefinidamente um novo Congresso dos Sovietes que elegeria o novo Tsik. Nem por isso Reed se abstém de indicar como se expressavam as diferenças políticas dentro deste, por mais que sua voz hegemônica fosse a dos socialistas moderados:

In the Tsay-ee-kah the factions immediately appeared. The Bolsheviks demanded that the All-Russian Congress of Soviets be summoned, and that they take over the power. the “center” Socialist Revolutionaries, led by Chernov, joined with the Left Socialist Revolutionaries, led by Kamkov and Spiridonova, the Mensheviks Internationalists under Martov, and the “center” Mensheviks, represented by Bogdanov and Skobeliev, in demanding a pure Socialist Government. Tsereteli, Dan and Lieber, at the head of the right-wing Mensheviks, and the Right Socialist Revolutionaries under Avksentiev

¹⁷⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 606. O fato é que o Tsik, que já não representava a massa de delegados dos soviets, negou-se, de forma ilegal, a convocar um novo Congresso Pan-Russo dos Sovietes previsto para Setembro. (P. 70).

and Gotz, insisted that the propertied classes must be represented in the new Government.¹⁸⁰

Caracterizando o Conselho da República pela primeira vez, Reed apresenta a posição adotada pelos Bolcheviques de abandonar o Conselho (o discurso de Trotsky representando os Bolcheviques é transcrito por Reed integralmente nos anexos) afirmando que era um órgão de traição ao povo – vale notar que, como Reed descreve, o Conselho era “(...) a sort of consultative Parliament, without any legislative power (...)”¹⁸¹, ou seja, um órgão sem poder efetivo e cujas ações poderiam ser desfeitas pelo governo provisório – mas o autor afirma que:

The withdrawal of the Bolsheviki, however, did not bring tranquility to the ill-fated Council. The propertied classes, now in a position of power, became arrogant. The Cadets declared that the Government had no legal right to declare Russia a republic. They demanded stern measures in the Army and Navy to destroy the Soldiers’ and Sailors’ Committees, and denounced the Soviets. On the other side of the chambre the Mensheviki Internationalists and the Left Socialist Revolutionaries advocated immediate peace, land to the peasants, and workers’ control of industry – practically the Bolshevik program.

(...) Between these two groupst the Mensheviki and Socialist Revolutionaries wavered, irresistibly forced to the left by the pressure of the rising dissatisfaction of the masses. Deep hostility divided the chambre into irreconcilable groups.¹⁸²

¹⁸⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 605-606. Três tendências logo surgiram no Tsik. Os bolcheviques defendiam que fosse realizado o Congresso Pan-Russo dos Sovietes e que esse assumissem o poder. Os socialistas revolucionários de “centro”, liderados por Tchernov, juntaram-se aos Socialistas Revolucionários de Esquerda, liderados por Kamkov e Spridonova, os Mencheviques Internacionalistas de Martov e o “centro” menchevique, representado por Bogdanov e Skobeliev, em defesa de um governo formado apenas por socialistas. Tseretelly, Dan e Lieber, à frente da ala direita dos mencheviques, e os Socialistas Revolucionários de Direita, sob a liderança de Avksentiev e Gotz, insistiam na necessidade de as classes proprietárias estarem representadas pelo governo. (P. 69).

¹⁸¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 606 ibidem. “(...) uma espécie de Parlamento consultivo, sem poderes legislativos (...)” (P. 70).

¹⁸² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 607. A retirada dos bolcheviques, porém, não significou a instauração da calma dentro do infeliz Conselho. As classes proprietárias, agora no poder, tornaram-se arrogantes. O *Cadete* declarou que o governo não tinha direitos legais de proclamar a Rússia uma República. Exigiram do exército e da marinha medidas duras para acabar com os comitês de soldados e de marinheiros e partiram para o ataque contra os soviets. Do outro espectro da instituição, os mencheviques internacionalistas e os Socialistas Revolucionários de Esquerda defendiam uma paz imediata, terra para os camponeses e o controle das fábricas pelos operários- praticamente o programa bolchevique. (...) Entre esse dois grupos, os mencheviques e os socialistas revolucionários oscilavam, levados forçosamente mais

Esta é a caracterização fundamental da personagem do Conselho da República, apresentando as frações que a compõem e os traços que serão confirmados pela narrativa de Reed. Neste ponto, Reed, para ilustrar a posição da fração esquerda do Conselho, recorre a um discurso de Martov – líder dos Mencheviques Internacionalistas, a fração esquerda de seu partido e do Conselho. Isto ilustra bem a forma como o autor recorre às manifestações individuais, frequentemente a de líderes ou membros destacados de um partido ou classe: para ilustrar em uma atitude particular o comportamento geral deste setor social. Após a tomada do poder, quando o Conselho é dissolvido pelos bolcheviques, um personagem equivalente toma seu lugar: o auto-denominado Comitê para a Salvação, que será o principal órgão de contra-revolução da burguesia e dos socialistas moderados.

A desmoralização, ridicularização e o desespero nas fileiras contrarrevolucionárias

A sailor was telling of the end of the Council of the Russian Republic.

“We walked in there, (...) I went up to the counter-revolutionist

Kornilovits who sat in the president’s chair. ‘No more Council’, I says.

‘Run along home now!’ “There was laughter.”¹⁸³

- John Reed, *Ten Days That Shook the World*.

Como afirmamos anteriormente, ainda que Reed apresente uma compreensão política sofisticada quanto à dinâmica e o desenvolvimento do processo revolucionário, não é senão da combinação desta compreensão com a capacidade de ilustrá-la vividamente nos fatos pontuais que deriva a grande força de seu livro. Assim, ao construir as personagens que representam o campo oposto à revolução de outubro – socialistas

para a esquerda pela pressão da crescente insatisfação das massas. Uma profunda hostilidade dividia a câmara em grupos irreconciliáveis . (P.70-71).

¹⁸³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 656. um marinheiro relatava como se dera o fim do Conselho da República Russa. “Entramos lá, (...) Avancei até o kornilovista que dirigia os trabalhos. O Conselho acabou’, eu disse, ‘ e volte logo para sua casa!’ ”. Alguns riram. (P. 133).

moderados e burguesia – um dos grandes recursos do autor é apresentar episódios que ilustram seu desespero frente aos eventos que é incapaz de evitar, sua confusão e sua vacilação, bem como o repúdio das massas frente a estes. Reed consegue mostrar ao leitor os “bastidores” deste campo na tentativa de impedir sua eminente derrocada política – e para isto frequentemente se vale de sua vantagem como jornalista americano, que pode conversar livremente com o inimigo sem despertar suspeitas, conseguindo relatos inusitadamente sinceros. Este recurso de “desmoralização” dos adversários políticos é uma forma de atrair para os bolcheviques a adesão do leitor.

Contudo, ainda que seja a opção do autor incluir no livro os episódios que denotam o desprezo crescente dos trabalhadores pelo governo e pelos socialistas conciliadores, não são episódios “criados” por Reed, mas sim relatados a partir de sua experiência. Reed não deixa de emitir sua opinião sobre a peculiaridade de um momento histórico deste tipo, tentando dar ao fenômeno um tipo de esboço de explicação teórica (no sentido de uma generalização), tal como faz no seguinte trecho, em que se refere à proposta do governo de evacuar Petrogrado – como uma desesperada tentativa de deixar que os alemães esmagassem o principal centro revolucionário e bolchevique do país – e depois sua desistência frente à resistência das massas, em mais um exemplo das vacilações do governo.

In the relations of a weak Government and a rebellious people there comes a time when every act of the authorities exasperates the masses, and every refusal to act excites their contempt....

The proposal to abandon Petrograd raised a hurricane; Kerensky's public denial that the Government had any such intentions was met with hoots of derision.¹⁸⁴

Combinado a isto, Reed procura desfazer algumas mistificações em torno da revolução, versões criadas pela burguesia que afirmam que os bolcheviques eram autoritários e ditatoriais, enquanto a burguesia era democrática. O primeiro momento em que Reed desmente isto já foi apresentado anteriormente, em sua conversa com o “Rockfeller russo”, Liazanov, que propõe a invasão alemã, a intervenção estrangeira ou a dissolução da Assembleia Constituinte para conter o avanço bolchevique. No segundo

¹⁸⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 627. Em setembro, o general Kornikov marchou sobre Petrogrado a fim de se fazer o ditador militar da Rússia. Por trás dele revelou-se, de repente, o punho armado da burguesia, que procurava, de forma ousada, esmagar a Revolução. (P.68).

capítulo, Reed apresenta esta faceta novamente com Burtzev, dono de importantes jornais da burguesia.

Burtzev's paper, *Obshchee Dielo* (Common Cause), called for a dictatorship of Kornilov, Kaledin and Kerensky!

I had a talk with Burtzev one day in the press gallery of the Council of the Republic. A small, stooped figure with a wrinkled face, eyes near-sighted behind thick glasses, untidy hair and beard streaked with gray.

“Mark my words, young man! What Russia needs is a Strong Man. We should get our minds out of Revolution now and concentrate on the Germans. Bunglers, bunglers to defeat Kornilov; and back of the bunglers are the German agentes. Kornilov should have won....”¹⁸⁵

As atitudes destas personagens denotam o desespero de quem se vê diante do inevitável – negar a situação, gritar histericamente. Reed utiliza muito os jornais como a voz destas personagens. E as primeiras medidas que mostra por parte dos socialistas moderados são suas tentativas de impedir a realização do II Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia. Este é o primeiro campo onde se desenha a disputa, e então Reed aproveita para elencar algumas das principais forças sociais controladas pelos socialistas moderados; do outro lado, coloca a classe trabalhadora em geral:

Meanwhile the Congress os Soviets loomed over Russia like a thundercloud, shot through with lightnings. It was opposed, not only by the Government, but by all the “moderate” Socialists. The Central Army and Fleet Committees, the Central Committees of some Trade Unions, the Peasants' Soviets, but most of all the Tsay-ee-kah itself, spared no pains to prevent the meeting. *Izvestia* and *Golos Soldata* (Voice of the Soldier), newspapers founded by the Petrograd Soviet but now in the hands of the Tsay-ee-kah, fiercely assailed it, as did the entire artillery of the Socialist Revolutionary party press, *Dielo Naroda* (People's Cause) and *Volia Naroda* (People's Will).

¹⁸⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p 613. O jornal de Burtzev, *Obshchee Dielo* (Causa Comum), pedia a instauração de uma ditadura liderada por Kornikov, Kaledin e Kerenski!

Um dia, na sala de imprensa do Conselho da República, conversei com Burtzev, um homem de pequena estatura, corpo curvado, o rosto bastante enrugado, olhos quase ocultos PR trás das lentes grossas, cabelos desalinhados e arba grisalha.

“escreva o que estou lhe dizendo, meu jovem! A Rússia precisa de um homem forte. Temos de parar de nos preocupar com a Revolução e pensar mais nos alemães. Que estupidez enorme foi derrotar Kornilov; e por trás dessa estupidez estão os agentes alemães. Kornilov deveria ter vencido...” (P. 78-79).

Delegates were sent through the country, messages flashed by wire to committees in charge of local Soviets, to Army Committees, instructing them to halt or delay elections to the Congress. Solemn public resolutions against the Congress, declarations that the democracy was opposed to the meeting so near the date of the Constituent Assembly, representatives from the front, from the Union of Zemstvos, the Peasant's Union, Union of Cossack Armies, Union of Officers, Knights of St. George, Death Barralions, protesting.... The Council of the Russian Republic was one chorus of disapproval. The entire machinery set up by the Russian Revolution of March functioned to block the Congress of Soviets....

On the other hand was the shapeless will of the proletariat – the workmen, common soldiers, and poor peasants. Many local Soviets were already Bolshevik; then there were the organizations of the industrial workers, the *Fabrichno-Zavodskiye Comitieti* – Factory-Shop Committees. In some places the people, prevented from electing their regular Soviet delegates, held rump meetings, and chose one of their numbers to go to Petrograd. In others they smashed the old obstructionists committees and formed new ones. A groundswell of revolt heaved and cracked the crust which had been slowly hardening on the surface of revolutionary fires dormant all those months. Only a spontaneous mass movement could bring about the All-Russian Congress of Soviets.¹⁸⁶

¹⁸⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 614-615. Enquanto isso, a sombra do Congresso dos Soviéticos pesava sobre toda a Rússia como uma nuvem toda carregada, atravessada por relâmpagos incessantes. Contra ele se erguia não só o governo, mas também todos os socialistas “moderados”. Os comitês Centrais do Exército e da Marinha, os comitês centrais de alguns sindicatos, os soviéticos camponeses, e acima de tudo o próprio *Tsik* não poupavam esforços para evitar a realização do encontro. O *Izvestia* e o *Golos Soldata* (A Voz do Soldado) atacavam-no ferrenhamente, assim como toda a artilharia representada pela imprensa do Partido Socialista Revolucionário, como o *Dielo Naroda* (A Causa do Povo) e *Volia Naroda* (A vontade do Povo).

Delegados eram enviados para todos os cantos do país, telegramas eram mandados para os comitês responsáveis pelos soviéticos locais e para os Comitês do exército com instruções para que suspendessem ou adiassem as eleições para o Congresso. Resoluções públicas formais contra o Congresso, declarações de que seria antidemocrática sua realização tão próximo da Assembleia Constituinte, representantes do front, da União dos Zemstvos, a União de Camponeses, a União dos Exércitos Cossacos, a União dos Oficiais, os Cavaleiros de São Jorge, os batalhões da Morte, todos protestavam... O Conselho da República Russa expressou em coro sua desaprovação. Todo o aparato erguido pela revolução de março estava sendo acionado, agora, para conter a realização do Congresso dos soviéticos... Do outro lado, havia a vontade aguda do proletariado - operários, soldados comuns e camponeses pobres. Muitos soviéticos locais já estavam sob o controle bolchevique; havia, também, as organizações dos trabalhadores da indústria, os *Fabrichno-Zavodskiye Comitieti* – Os Comitês de Fábrica; além das organizações insurgentes no Exército e na Marinha. Em algumas localidades, a população, impedida de realizar as eleições normais de seus delegados para os soviéticos, improvisava reuniões e elegia representantes para ir a Petrogrado. Em outras, derrubavam os comitês obstructionistas antigos e constituíam outros em seu lugar. O fogo da revolta crescia e rompia a crosta de terra que aos poucos vinha enrijecendo a superfície da lava revolucionária imóvel por todos aqueles meses. Somente um movimento de massas espontâneo poderia garantir o Congresso Pan-Russos dos Soviéticos... (P. 80-81).

O desespero dos socialistas moderados – conciliadores – e das classes dominantes é retratado com uma ironia sutil, mas bastante ácida e penetrante por parte do autor. Ao relatar como “In the Council of the Republic the gulf between the two sides of the chamber deepened day by day” ¹⁸⁷, Reed retrata assim o dirigente do governo provisório: “Kerensky himself came twice, top lead passionately for national unity, once bursting into tears at the end. The assembly heard him coldly interrupting with ironical remarks.” ¹⁸⁸

Mas não é apenas através de seus dirigentes que Reed retrata a atitude dos conciliadores em relação ao crescimento dos bolcheviques e à guinada a esquerda dos soviets. Já na reunião do dia 30 de outubro do soviete de Petrogrado, Reed descreve a ridicularização de um delegado menchevique durante sua fala, que sequer consegue terminar em meio a risadas, vaia, gritos:

(...) an officer, delegate from the Vitebsk Soviet, a Menshevik *oboronets*. “It isn’t the question of who has the power. The trouble is not with the Government, but with the war... and the war must won before any change –” At this hoots and ironical cheers. “These Bolshevik agitators are demagogues!” The hall rocked with laughter. “Let us for a moment forget the classe struggle –” But he got no farther, A voice yelles, “Don’t you wish we would!” ¹⁸⁹

Enquanto assiste a disputa para que os delegados ao Segundo Congresso dos Soviets consigam se credenciar, Reed descreve a atitude de desprezo de uma partidária de Plekhanov em relação aos trabalhadores – sem deixar de marcar sutilmente também seu próprio entusiasmo ao presenciar a mudança:

Just across the hall outside was the office of the Credentials Committee for the Congress of Soviets. I stood there watching the new delegates come in – burly, bearded soldiers, workmen in black blouses, a few long-haires peasants. The girl in charge – a member of Plekhanov’s Yedinstvo group – smiled contemptuously. “These are very different people from the delegates

¹⁸⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 617. Aprofundava-se a cada dia o abismo entre os dois lados opostos no Conselho da república. (P.84).

¹⁸⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 618. Kerenski interveio duas vezes, para defender de forma apaixonada a unidade nacional, chegando, numa dessas ocasiões, ao cair em lágrimas ao final do discurso. O público ouviu-o friamente, interrompendo-o com observações irônicas. (P. 85).

¹⁸⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 625.

to the first *Siezd* (Congress),” she remarked. “See how rough and ignorant they look! The Dark People...” It was true; the depths of Russia had been stirred, and it was the bottom which came uppermost now.¹⁹⁰

Para transmitir o desespero, as confusões e vacilações que tomavam os grupos conciliadores, Reed se vale tanto destes pequenos testemunhos de ações individuais, como também mostra as mudanças súbitas em sua política geral para tentar conter a irrefreável queda. A atitude em relação à convocação do Congresso dos Sovietes demonstra isto nitidamente: no trecho que citamos anteriormente, pode-se ver como mobilizavam todos os esforços para impedir a eleição dos delegados. E Reed aponta sua guinada política para tentar conter os danos:

It was evident that a quorum would not come together by 2 November, so the opening of the Congress was postponed to the seventh. But the whole country was not aroused; and the Mensheviks and Socialist Revolutionaries, realizing that they were defeated, suddenly changed their tactics and began to wire frantically to their provisional organizations to elect as many “moderate” Socialist delegates as possible.¹⁹¹

O Congresso dos Sovietes, evento mais importante do livro e que marca o auge da narrativa – mostrando a mudança de enfoque por parte de Reed, pois a ação militar da tomada do palácio de inverno não é senão a preparação para este clímax – é um definidor da vitória política dos bolcheviques. Reed, neste momento, continua demonstrando a vacilação dos socialistas “moderados” e inclui pequenos detalhes que mostram sua completa desmoralização perante os trabalhadores e soldados. Com muitas falas e declarações que tentam ameaçar, chantagear e intimidar os delegados do congresso para que negociem com o governo provisório a formação de um novo gabinete, ou ainda que abandonem o congresso (“I appeal to all reasonable soldiers to

¹⁹⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 619. Em frente a essa grande sala ficava o setor de credenciamento do Congresso dos Sovietes. Permaneci ali observando a chegada dos delegados – soldados corpulentos e com barba, operários vestidos de preto, alguns camponeses com cabelos longos. A moça encarregada da tarefa- membro da *Yedinstvo* de Plekhanov – sorria com desprezo. “É muito diferente dos delegados do primeiro *Siezd* (Congresso)” observava ela. “Veja como são grosseiros e atrasados! Gente ignorante...” E era verdade: a Rússia profunda tinha sido remexida, e agora era a base lá das profundezas que aparecia na superfície. (P. 87).

¹⁹¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 620. Diante da evidência de que o quórum necessário não seria obtido em 2 de Novembro, adiou-se a abertura do Congresso para o dia 7. Mas o país inteiro se encontrava em ebulição; percebendo que haviam sido derrotados, os mencheviques e os socialistas revolucionários de repente mudaram de tática e começaram a se comunicar freneticamente com suas organizações no interior para que eles elegeissem o máximo possível de socialistas “moderados” para o encontro. (P. 87-88).

leave this Congress!”¹⁹²), enfim, um a um os grupos anunciam sua retirada do congresso em meio a vaia:

On behalf of the Mensheviks, Khinchuk then announced that the only possibility of a peaceful solution was to begin negotiations with the Provisional Government for the formation of a new Cabinet, which would find support in all strata of society. He could not proceed for several minutes.

“Because the Bolsheviks have made a military conspiracy with the aid of the Petrograd Soviet, without Consulting the other factions and parties, we find it impossible to remain in the Congress, and therefore withdraw, inviting the other groups to follow us and to meet for discussion of the situation!”

“Deserter!” (...)

Then came Abramovich, for the *Bund*, the organ of the Jewish Social-Democrats – his eyes snapping behind thick glasses, trembling with rage.

“What is taking place now in Petrograd is a monstrous calamity! The *Bund* group joins with the declaration of the Mensheviks and Socialist Revolutionaries and will leave the Congress! (...) Unarmed we will expose our breasts to the machine-guns of the Terrorists.... We invite all delegates to this Congress –“ The rest was lost in a storm of hoots, menaces, and curses which rose to a hellish pitch as fifty delegates got up and pushed their way out....

E em seguida, Reed apresenta a resposta bolchevique:

And Trotsky, standing up with a pale, cruel face, letting out his rich voice in cool contempt. “All these so-called Socialist compromisers, these frightened Mensheviks, Socialist Revolutionaries, *Bund* – let them go! They are so much refuse which will be swept away into the garbage-heap of history!”¹⁹³

¹⁹² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 669. “Convoco todos os soldados sensatos a se retirarem deste Congresso!” (P. 149).

¹⁹³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 669-671. Em nome dos mencheviques, Khinchuk anunciou, então, que a única possibilidade de uma solução pacífica passava pela abertura de negociações com o Governo Provisório para a formação de um novo Gabinete, que teria o apoio de todos os estratos da sociedade. Ele não conseguiu continuar falando por vários minutos.

“Considerando que os bolcheviques urdiram uma conspiração militar com a ajuda do Soviete de Petrogrado, sem consultar as demais facções e partidos, avaliamos ser impossível permanecer no Congresso, e, por isso, nos retiramos dele, convidando os outros grupos a nos seguir e a fazer uma reunião para discutir a situação!”

“Desertor!” (...)

Neste primeiro momento, nota-se o repúdio que geravam as declarações dos socialistas “moderados”, mas ainda não há sua ridicularização. Mas, em seguida, Reed deixa o congresso para ir ao Palácio de Inverno, e em seu caminho descreve aquilo que o líder do *Bund* chamou de “expor seu peito às metralhadoras dos terroristas”, e o faz de maneira a ridicularizar completamente a postura pretensamente heroica destes, colocando um Guarda Vermelho para lhes dar uma “bronca” e mandá-los para casa “com o rabo entre as pernas”, tal qual se faria com uma criança levada, e o autor relata sua retirada “com dignidade”:

It was an astonishing scene. Just at the corner of the Ekaterina Canal, under an arc-light, a cordon of armed sailors was drawn across the Nevsky, blocking the way to a crowd of people in column of fours. There were about three or four hundred of them, men in frock coats, well-dressed women, officers – all sorts and conditions of people. Among them we recognized many of the delegates from the Congress, leaders of the Mensheviks and Socialist Revolutionaries (...) and at the head white-bearded old Schreider, Mayor of Petrograd, and Prokopovich, Minister of Supplies in the Provisional Government (...) Schreider and Prokopovich were bellowing at the big sailor who seemed in command.

“We demand to pass!” they cried. “See, these comrades come from the Congress of Soviets! Look at their tickets! We are going to the Winter Palace!”

The sailor was plainly puzzled. He scratched his head with an enormous hand, frowning. “I have orders from the Committee not to let anybody go to the Winter Palace,” he grumbled. “But I will send a comrade to telephone to Smolny...”

Apareceu, então, Abramovich, do *Bund*, órgão do Social-Democrata Judeus. Seus olhos cintilavam por trás dos óculos de lentes espessas. Tremendo de raiva, ele disse:

“O que está acontecendo neste momento em Petrogrado é uma calamidade monstruosa! O grupo de *Bund* após a declaração dos mencheviques e socialistas revolucionários, e se retirará do Congresso! (...) Sem armas, encaremos de peito aberto as metralhadoras terroristas... Convidamos a todos os delegados a este Congresso...” - O que veio a seguir foi uma tempestade de vaias, ameaças e xingamentos que atingiu o paroxismo quando cinquenta delegados se levantaram e se retiraram do recinto...

Trótski, de pé, com o rosto pálido e cruel, fez todos ouvirem sua voz poderosa dizendo, com frio desprezo: “Esses conciliadores ditos socialistas, esses mencheviques e socialistas revolucionários apavorados o *Bund*, deixem que eles saiam! Todos eles não passam de refugo que será varrido para o lixo da história!” (P.149-151).

(...) “Shoot us if you want to! We will pass! Forward!” came from all sides. “We are ready to die, if you have the heart to fire on Russians and comrades! We are our breasts to your guns!”

“No,” said the sailor, looking stubborn, “I can’t allow you to pass.”

(...) “What will you do? What will you do?”

Another sailor came up, very much irritated. “We will spank you!” He cried energetically. “And if necessary we will shoot you too. Go home now, and leave us in peace!”

At this there was a great clamor of anger and resentment. Prokopovich had mounted some sort of box, and waving his umbrella, he made a speech:

“Comrades and citizens!” he said. “Force is being used against us! We cannot have our innocent blood upon the hands of these ignorant men! It is beneath our dignity to be shot down here in the streets by switchmen —“ (What he meant by “switchmen” I never discovered.) “Let us return to the Duma and discuss the best means of saving the country and the Revolution!”

Whereupon, in dignified silence, the procession marched around and back up the Nevsky, always in column of fours.¹⁹⁴

¹⁹⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. p. 673-674. Era uma cena espantosa. Na esquina do Canal Ekaterina, sob um fraco arco iluminado, um cordão de marinheiros armados se formara impedindo que uma multidão, dividida em quatro grandes grupos, passasse pela Avenida Nevski. Havia entre trezentas e quatrocentas pessoas- homens de sobrecasacas, mulheres elegantes, oficiais- gente de todo tipo e de diferentes condições. Entre elas pudemos reconhecer vários delegados do Congresso, dirigentes dos mencheviques e dos socialistas revolucionários (...) na primeira fila, o velho Schreider, de barba branca, prefeito de Petrogrado; e prokopovitch, ministro de Suprimentos do Governo Provisório.

(...) Schreider e Prokopovitch gritavam para o marinheiro avantajado que parecia estar no comando. “Exigimos que nos deixe passar!”, bramiam eles. “Veja bem, esse camaradas todos estão vindo do Congresso dos Sovietes! Veja as credenciais deles. Estamos indo para o Palácio de Inverno!” O marinheiro estava nitidamente confuso. Esfregava o rosto com sua mão enorme e erguia as sobrelhas. “Tenho ordens do comitê de não permitir que ninguém se dirija ao Palácio de Inverno”, murmurou. “Mas vou mandar um camarada telefonar ao Smolny...”

(...) “Pois atire contra nós, se quiser! Nós passaremos! Avante!”, ouvia-se de todos os lados. “Estamos dispostos a morrer, se você tiver coragem de atirar contra russos e camaradas seus! Expomos nosso peito a suas balas!”

“Não”, disse o marinheiro, inflexível. “Não posso deixá-los passar.” (...) “O que vocês farão? O que vocês farão?”

Aproximou-se outro marinheiro, bastante irritado. “Vamos bater em vocês!”, gritou energeticamente. “E, se for preciso, atiraremos também. Voltem para suas casas e nos deixem em paz!” Essa reação foi recebida com um clamor de raiva e indignação. Prokopovitch montou numa espécie de caixote e, brandindo o guarda-chuva, fez um discurso:

“Camaradas e cidadãos!”, disse ele. “Usam a força contra nós! Não podemos deixar que nosso sangue esorra nas mãos desses ignorantes! Não é digno de nós sermos mortos aqui, na rua, por estes agulheiros...” “(Nunca entendi o

Não apenas Reed consegue transmitir a patética empáfia destes “cavalheiros” que “heroicamente” oferecem seu peito às armas para em seguida retirar-se com “dignidade”, mas também insere em sua observação do discurso seu próprio comentário irônico acerca do termo usado pelo prefeito para qualificar os “ignorantes” soldados. Este tipo de recurso, em que Reed expõe ao ridículo as ações dos socialistas “moderados”, é recorrente. No que se refere ao Congresso dos Sovietes, o ponto culminante de sua desmoralização será no segundo dia, quando novamente tentam tomar a palavra:

Again the representative of the *Bund*. The uncompromising attitude of the Bolsheviki would mean the crushing of the Revolution; therefore, the *Bund* delegates must refuse any longer to sit in the Congress. Cries from the audience, “We thought you walked out last night! How many more times are you going to walk out?”

Then the representative of the Mensheviki Internationalists. Shouts “What! You here still?”¹⁹⁵

Mas a desmoralização dos líderes dos socialistas moderados frente aos trabalhadores já havia se iniciado na sessão de abertura, quando as palavras dos dirigentes do Tsik ao abrir o Congresso são violentamente rebatidas por gritos do plenário, e piadas são feitas em meio às suas intervenções. A tensão que procuram criar em seus ouvintes, com ameaças de que os bolcheviques irão colocar a revolução a perder, é completamente quebrada pelas ridicularizações feitas pelos delegados. As declarações dos mencheviques já não são tomadas a sério pelos trabalhadores. Reed descreve este momento vivamente:

The old Tsay-ee-kah had finally decided to welcome the delegates to that new Congress which would mean its own ruin (...)

que ele quis dizer com “agulheiros”). “Voltemos à Duma para discutir a melhor maneira de salvar o país e a Revolução!”

Então em um silêncio cheio de dignidade, o cortejo deu meia-volta e retornou pela Nevski, ainda em fileiras de quatro. (P. 154-156).

¹⁹⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 697. Mais uma vez falou o representante do *Bund*. A atitude intransigente dos bolcheviques levaria a Revolução à ruína; a partir daquele momento, os integrantes do *Bund* se recusavam a participar do Congresso. Gritos da platéia, “Pensamos que já tivessem saído ontem à noite! Quantas vezes mais vocês irão se retirar?”

Falou em seguida o representante dos Mencheviques Internacionaisistas. Gritos de “O quê? Vocês ainda estão aqui? (P. 186).

It was after midnight when Gotz took the chair and Dan rose to speak, in a tense silence, which seemed to me almost menacing.

“The hours in which we live appear in the most tragic colors,” he said. “The enemy is at the gates of Petrograd, the forces of the democracy are trying to organize to resist him, and yet we await bloodshed in the streets of the capital, and famine threatens to destroy, not only our homogenous Government, but the Revolution itself...”

“The masses are sick and exhausted. They have no interest in the Revolution. If the Bolsheviks start anything, that will be the end of the Revolution....” (Cries, “That’s a lie!”) “The counter-revolutionists are waiting with the Bolsheviks to begin riots and massacres.... If there is any *vystuplenie*, there will be no Constituent Assembly....” (Cries, “Lie! Shame!”)

“It is inadmissible that in the zone of military operations the Petrograd garrison shall not submit to the orders of the Staff.... You must obey the orders of the Staff and of the Tsay-ee-kah elected by you. All power to the Soviets – that means death! Robbers and thieves are waiting for the moment to loot and burn.... When you have such slogans put before you, ‘Enter the houses, take away the shoes and clothes from the bourgeoisie – ’” (Tumult. Cries, “No such slogan! A lie! A lie!”) “Well, it may start differently, but it will end that way!

“The Tsay-ee-kah has full power to act, and must be obeyed.... We are not afraid of bayonets.... The Tsay-ee-kah will defend the Revolution with its body....” (Cries, “It was a dead body long ago!”)

Immense continued uproar, in which his voice could be heard screaming, as he pounded the desk, “Those who are urging this are committing a crime!”

Voice: “You committed a crime long ago, when you captured the power and turned it over to the bourgeoisie!”

Gotz, ringing the chairman’s bell: “Silence, or I’ll have you put out!”

Voice: “Try it!” (Cheers and whistling.)

“Now concerning our policy about peace.” (Laughter.) “Unfortunately Russia can no longer support the continuation of the war. There is going to be peace, but not permanent peace – not a democratic peace.... Today, at the Council of the Republic, in order to avoid bloodshed, we passed an order of

the day demanding the surrender of the land to the Land Committees and immediate peace negotiations.... (Laughter, and cries, "Too late!")¹⁹⁶

Nesta cena, Reed cria um diálogo entre os dois campos opostos, colocando a voz dos revolucionários nos delegados anônimos que interrompem o menchevique Dan a todo o momento e questionam sua autoridade e a do presidente do Tsik, Gotz, recusando-se a fazer silêncio quando este ordena. A voz destes delegados possui uma autoridade muito maior do que qualquer líder bolchevique para desmoralizar e ridicularizar os dirigentes mencheviques – e por sua vida toda a política deste partido e do governo provisório – pois são eles que representam o “rank and file”, o espírito das massas russas. Assim, quando, na continuação desta cena, Reed descreve a enorme aclamação que recebe Trotsky ao subir à tribuna, Reed está demonstrando que a

¹⁹⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 649-650. O velho Tsik resolvera finalmente receber os delegados para aquele congresso que acabaria por significar sua própria ruína. (...)

Já havia passado da meia-noite quando Gotz assumiu a direção dos trabalhos e Dan começou a discursar, em meio a um silêncio cheio de tensão que, para mim, parecia ameaçador:

“O momento que estamos vivendo adquiriu um aspecto dos mais trágicos (disse ele). O inimigo está às portas de Petrogrado, as forças da democracia tentam se organizar para a resistência e, ao, mesmo tempo, vislumbramos um derramamento de sangue nas ruas da capital e a fome ameaça destruir não só o governo homogêneo, mas a Revolução como um todo...

As massas estão enfermas e fatigadas. Não têm interesse na Revolução. Se os bolcheviques resolverem fazer alguma coisa, será o fim da Revolução... (Gritos de “É mentira! É uma vergonha!”)

É inadmissível que a guarnição de Petrogrado localizada na zona de operações militares não se submeta às ordens do Estado-Maior... Vocês devem obedecer às ordens do Estado-Maior e do Tsik, eleito por vocês mesmos. Todo o poder aos soviets – isso significa morte! Assaltantes e ladrões apenas esperam a hora certa para começar a saquear e a incendiar... quando vocês ouvirem palavras de ordens como “Entrem em casa, peguem os sapatos e as roupas da burguesia”... (Tumulto, gritos, “Essa palavra de ordem não existe! É uma mentira!”) bem pode não começar bem assim, mas acabará desse jeito!

O Tsik tem todos os poderes para agir, e deve-se obedecer a ele... Não temos medo de baionetas... o Tsik defenderá a Revolução com seu próprio corpo... (gritos de “Já faz tempo que ele não passa de um cadáver!”) Um grande tumulto se inicia, em meio ao qual podia-se ouvir a voz do orador, que martelava na mesa ao falar: “Os que insistem nisso estão cometendo um crime!”

Uma voz: “Vocês já cometeram um crime faz muito tempo, quando assumiram o poder e o transferiram para a burguesia!”

Balançando com força a sineta, Gotz exclamou: “Silêncio ou vou expulsá-lo da sala!”

A voz: “Tente fazer isso!”. (Aplausos e assobios)

Bem, agora, no que nos diz respeito à nossa posição sobre o problema da paz. (Risos). Infelizmente a Rússia não tem condições de suportar a continuação da guerra. Avança-se para a paz, mas não para uma paz duradoura – não uma paz democrática... Hoje, no Conselho da república, com o objetivo de evitar um derramamento de sangue, aprovamos uma ordem dia que termina a transferência das terras para os comitês rurais e a abertura imediata das negociações de paz... (Risos e gritos, “Tarde demais!”) (P. 125-126).

autoridade da qual desfruta o dirigente bokchevique é consequência da confiança que depositam nele as massas trabalhadoras – estes, os sujeitos da revolução. Compõem, assim, o mesmo personagem coletivo no texto, e a fala de Trotsky apenas coloca em outras palavras o mesmo que expressavam os gritos que interrompiam Dan recorrentemente. Como afirma Trotsky “The history of the last seven months shows that the masses have left the Mensheviki.”¹⁹⁷

O menchevique Lieber ainda tenta responder a Trotsky, refugiando-se em um suposto argumento de autoridade, que é seu conhecimento da teoria marxista, mas os delegados lhe lembram que a teoria de Marx está a serviço de mudar o mundo, e não a propósito de ser uma moldura fixa na qual se deve tentar encaixar a realidade com esquemas pré-concebidos:

“Dan tells you that you have no right to make an insurrection. Insurrection is the right of all revolutionists! When the down-trodden masses revolt it is their right....”

Then the long-faced, cruel-tongued Lieber, greeted with groans and laughter.

“Engels and Marx said that the proletariat had no right to take power until it was ready for it. In a bourgeois revolution li this... the seizure of power by the masses meand the tragic end of the Revolution.... Trotsky, as a Social-Democratic theoris, is himself opposed to what he is now advocating....”
(Cries. “Enough! Down with him!”)¹⁹⁸

Outro recurso utilizado por Reed para demonstrar o quão apartados estão estes setores da revolução é aquele que já aparecia nas cenas cotidianas da vida burguesa, correndo tranquilamente na cidade e ignorando que nas ruas acontecia nada menos do que uma revolução. A atitude dos políticos burgueses que dão suas costas para a revolução dos trabalhadores, fazendo seus planos quiméricos para o dia de amanhã

¹⁹⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p.651. A história dos últimos sete meses mostra que as massas se afastaram dos mencheviques. (P. 127).

¹⁹⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. “Dan afirma que vocês não tem o direito de fazer uma insurreição. A insurreição é um direito de todos os reolucionários! Quando as massas oprimidas se revoltas, estão no seu direito...”

Em seguida, com sua cabeça longilínea e a língua afiada, falou Lieber, receido com murmúrios e risos. “Engels e Marx diziam que o proletariado não tem o direito de tomar o poder até que ele esteja pronto para isso. Numa revolução burguesa como está... a tomada de poder pelas massas significa um fim trágico da Revolução... O próprio Trótski, como teórico social-democrata, se opunha ao que hoje defende aqui... (Gritos, “Basta! Caia fora!”)

como se estivessem no controle da situação, é uma potente munição para a ironia de Reed desmascarar a arrogância da classe dominante. Isto vemos, por exemplo, quando o autor conversa com um representante dos Cadetes nos corredores do Conselho da República, sediado no prédio da Duma municipal:

In the corridor I met Professor Shatsky, a rat-faced individual in a dapper frock-coat, very influential in the councils of the Cadet party. I asked him what he thought of the much-talked-of Bolshevik *vystuplenie* [demonstração armada]. He shrugged, sneering.

“They are cattle – *canaille*,” he answered. “They will not dare, or if they dare they will soon be sent flying. From our point of view it will not be bad, for then they will ruin themselves and have no power in the Constituent Assembly....

“But, my dear sir, allow me to outline to you my plan for a form of Government to be submitted to the Constituent Assembly. You see, I am a chairman of a commission appointed from this body, in conjunction with the Provisional Government, to work out a constitutional project.... We will have a legislative assembly of two chambers, such as you have in the United States. In the lower chamber will be territorial representatives; in the upper, representatives of the liberal professions, zemstvos, Cooperatives – and Trade Unions....”¹⁹⁹

Com este exemplo, Reed demonstra o quão distante da realidade estava grande parte dos mais importantes dirigentes e intelectuais da burguesia, que simplesmente consideravam o eminente golpe de força bolchevique como um “detalhe”, enquanto o importante era fazer planos para decidir como funcionária a república burguesa que instaurariam quando tivessem acabado com os soviets. Este lado, da negação do

¹⁹⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 640. No corredor, deparei com o professor Shatski, um sujeito com cara de rato vestindo uma garbosa sobrecasaca, muito influente nos círculos dos dirigentes do partido *Cadete*. Perguntei-lhe o que ele achava da *vystuplenie* bolchevique, de que tanto se falava. Ele encolheu os ombros com desdém.

“São uma ralé, uma *canaille*” respondeu. “não ousarão, e, se ousarem, serão rapidamente postos para fora. Do nosso ponto de vista, não seria nada mal, pois dessa forma eles conseguiriam acabar consigo mesmos e ficariam sem poder na Assembleia Constituinte...

“Mas, meu caro senhor, permita-me expor-lhe a minha idéia em relação à forma de governo a ser submetida a Assembleia Constituinte. Veja bem, eu sou presidente de uma comissão formada por este organismo para, junto com o Governo Provisório, preparar um projeto de constituição... Teremos um poder legislativo com duas câmaras, como vocês têm nos Estados Unidos. Na câmara inferior, estarão os representantes regionais eleitos, na de cima, os representantes profissionais liberais, zemstvos, cooperativas... e sindicatos...” (P. 112).

perigo, é apenas uma das faces da moeda. Na outra estava a luta sem armas que era travada pela parte mais consciente da burguesia e dos socialistas moderados, vendo a derrota se aproximar. Esta se dava por uma verdadeira enxurrada de panfletos e proclamações tentando convencer todos a não aderir à insurreição – as palavras e papéis eram praticamente a única arma que tinham estes setores contra os Guardas Vermelhos e soldados. Reed descreve este desespero da batalha das proclamações, muitas das quais transcreve integralmente em seu apêndice:

Up the Nevsky in the sour twilight crowds were battling for the latest papers, and knots of people were trying to make out the multitudes of appeal and proclamations pasted in every flat place; from the Tsay-ee-kah, the Peasant's Soviets, the "moderate" Socialist parties, the Army Committees – threatening, cursing, beseeching the workers and soldiers to stay home, to support the Government....²⁰⁰

E, mais adiante, durante o dia da tomada do Palácio: “A whole crop of new appeals against insurrection had blossomed out on the walls during the night – to the peasants, to the soldiers at the front, to the workmen of Petrograd.”²⁰¹ e “Only the walls screamed, and the few newspapers; denunciation, appeal, decree.... An enormous pôster carried the hysterical manifesto of the Executive Committee of the Peasants' Soviets.”²⁰²

Esta impotência, que os conciliadores e a burguesia tentam cobrir com uma montanha de apelos desesperados, é muito bem retratada quando Reed entra na sala dos ministros logo após a tomada do palácio:

We penetrated at length to the gold and malachite chambre with crimson brocade hangings where the Ministers had been in session all that day and

²⁰⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 640. No creúsculo amargo, verdadeiras multidões disputavam os últimos jornais na avenida Nevski, e pequenos grupos se amontoavam tentando decifrar a enorme quantidade de apelos e proclamações colados onde quer que houvesse uma superfície plana; eles provinham do *Tsik*, do Soviete de Camponeses, dos partidos socialistas “moderados”, dos comitês do Exército - ameaçavam, difamavam e instavam os operários e soldados a ficarem em casa e a apoiarem o governo... (P. 113).

²⁰¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 654. Uma nova leva de apelos contra a insurreição tinha brotado no meio da noite ocupando os muros – dirigiam-se aos camponeses, aos soldados do front e aos operários de Petrogrado. (P. 130).

²⁰² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 737. Apenas os muros e os poucos jornais “gritavam” a plenos pulmões, com denúncias, apelos, decretos...

Um enorme cartaz exibia um manifesto histórico do Comitê Executivo do Soviete de Camponeses. (P. 236).

night, and where the *shveitzari* had betrayed them to the Red Guards. The long table covered with green baize was just as they had left it, under arrest. Before each empty seat was pen, ink, and paper, tough drafts of proclamations and manifestoes. Most of these were scratched out, as their futility became evidente, and the rest of the sheet covered with absent-minded geometrical designs, as the writers sat despondently listening while Minister after Minister proposed chimerical schemes. I took one of these scribbled pages, in the handwriting of Konovalov, which read, “The Provisional Government appeals to all classes to support the Provisional Government —“²⁰³

Combinado aos desesperados apelos está a recorrente afirmação de que a tomada do poder pelos bolcheviques é uma “aventura” que logo se acaba. Em meio à confusão do dia 7 de novembro, Reed tenta descobrir o que acontece com o líder militar Menchevique:

On the corner of the Morskaya I ran into Captain Comberg, Menshevik *oboronets*, secretary of the Military Section of his party. When I asked him if the insurrection had really happened he shrugged his shoulders in a tired manner and replied, “*Chort znayet!* The devil knows! Well, perhaps the Bolsheviki can seize the power, but they won’t be able to hold it more than three days. They haven’t the men to run a government. Perhaps it’s a good thing to let them try – that will finish them....”²⁰⁴

Reed consegue mostrar, através de discursos individuais, como a posição dos Mencheviques e dos Cadetes era completamente convergente quanto a sua atitude frente à insurreição bolchevique. O discurso monocórdico dos conciliadores de que os bolcheviques vão ser derrotados segue, por exemplo, na declaração da seção de

²⁰³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 678. Por fim adentramos o salão de ouro e malaquita com cortinas de brado carmesim onde os ministros tinham se reunido dias e noites até que os *shveitzari* os entregassem aos Guardas vermelhas. A longa mesa coberta com um tecido verde estava tal como eles tinham deixado quando foram presos. Diante de cada cadeira, havia uma caneta, tinteiro e papel; as folhas traziam rascunhos iniciais de planos de ação, esboços de proclamações e manifestos. A maior parte estava rasurada, evidenciando sua inutilidade, e os outros pedaços das folhas continham desenhos geométricos traçados ao léu enquanto seus autores ouviam com desalento os planos quiméricos expostos pelos ministros. Peguei uma dessas folhas, e nela, com letra de Konovalov, podia-se ler: “O Governo provisório chama todas as classes a apoiarem o Governo Provisório...” (P.161).

²⁰⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 655-656. Na esquina da Morskaya, deparei com o capitão Gomberg, um menchevique *oboronets*, secretário da seção militar de seu partido. Quando lhe perguntei se a insurreição tinha realmente ocorrido, ele encolheu os ombros em um gesto de cansaço e respondeu: “*Chort znayet!*” Só o diabo sabe! Bem, os bolcheviques podem até tomar o poder, mas não saberão mantê-lo por mais do que três dias. Eles não têm quadros para tocar um governo. Talvez seja bom deixá-los tentar – o que acabará com eles...” (P. 132).

soldados dos Socialistas Revolucionários no dia 10 de novembro: “The insane attempt of the Bolsheviki is on the eve of collapse. The garrison is divided... The Ministries are on strike and bread is getting scarcer. All factions except the few Bolsheviki have left the Congress. The Bolsheviki are alone....”²⁰⁵

Em relação aos Socialistas Revolucionários, há uma forma particular de desmoralizá-los que é quando Reed expõe, por diversas vezes, suas reclamações sobre os bolcheviques terem “roubado seu programa” para a terra, por conta do decreto sobre a terra que expressava, efetivamente, o programa deste setor. A política para a questão agrária sempre havia sido encarada com muita seriedade pelos bolcheviques, em particular por Lenin, que via no campesinato pobre um aliado imprescindível dos trabalhadores para a revolução. O programa estritamente comunista para a questão agrária consistia na coletivização de todas as terras sob controle do Estado operário e a transformação de todos os camponeses em operários agrícolas que trabalhariam nestes empreendimentos. Contudo, sabendo da dificuldade de convencer todos os camponeses de que isto seria inclusive mais vantajoso para eles – pois os grandes empreendimentos são muito mais produtivos – adotou um programa misto, que envolvia uma parte de coletivização e uma parte de reforma agrária, deixando a encargo dos Comitês de Terras (que haviam sido presos em grande parte pelo governo provisório) a distribuição das terras. Esta medida visava a que os camponeses fizessem uma experiência concreta com suas pequenas propriedades e, posteriormente, aderissem por sua livre vontade ao programa da coletivização.

A reação dos Socialistas Revolucionários – partido que se cindiu frente à revolução bolchevique – frente à medida do governo soviético é bem expressa na seguinte passagem, que retrata um diálogo à beira da reunião do Comitê pela Salvação (o pólo da reação à insurreição bolchevique):

We got into conversation with a young Socialist Revolutionary, who had walked out of the Democratic Conference together with the Bolsheviki that night when Tsereteli and the “compromisers” forced Coalition upon the democracy of Russia.

²⁰⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 737. A tentativa insana dos bolcheviques está à beira de seu colapso. A guarnição está dividida... Os ministérios estão em greve e o pão começa a escassear. Todas as facções, exceto alguns poucos bolcheviques. Abandonaram o Congresso. Os bolcheviques estão isolados... (P. 236).

“You here?” I asked him.

His eyes flashed with fire. “Yes!” he cried. “I left the Congress with my party Wednesday night. I have not risked my life for twenty years and more to submit now to the tyranny of the Dark People. Their methods are intolerable. But they have not counted on the peasants.... When the peasants begin to act then it is a question of minutes before they are done for.”

“But the peasants – will they act? Doesn’t the Land decree settle the peasants? What more do they want?”

“Ah, the Land decree! It is our decree – it is the Socialist Revolutionary program intact! My party framed that policy, after the most careful compilation of the wishes of the peasants themselves. It is an outrage....”

“But if it is your own policy, why do you object? If it is the peasants’ wishes, why will the people oppose it?”

“You don’t understand! Don’t you see that the peasants will immediately realize that it is all a trick – that these usurpers have stolen the Socialist Revolutionary program?”²⁰⁶

Após a exposição deste ponto de vista, cujo ridículo o autor deixa ser expresso pelas próprias palavras de seu interlocutor, o Socialista Revolucionário repete o mantra dos conciliadores: os bolcheviques vão falhar, a revolução vai falhar por causa deles. Reed nota ironicamente a satisfação dele ao dizer isto:

²⁰⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 721. Conversamos com um jovem socialista revolucionário, que deixara a Conferência Democrática junto com os bolcheviques naquela noite em que Tseretelly e os “conciliadores” haviam imposto às forças democráticas russas uma política de coalizão.

“você por aqui?”, perguntei.

Seus olhos faiscavam. “Sim!” ,exclamou.”Deixei o Congresso junto com meu partido na quarta-feira à noite. Não arrisquei a vida durante mais de vinte anos para agora me submeter à tirania de gente despreparada. Os métodos deles são inaceitáveis. Mas eles se esquecem dos camponeses... Quando os camponeses começarem a agir, o fim deles será uma questão de minutos.”

“Mas os camponeses vão agir? O Decreto sobre a Terra já não foi o suficiente para eles? O que mais eles querem?”

“Ah, o Decreto sobre a Terra! É o nosso decreto – é o programa dos socialistas revolucionários inteirinho. Foi o meu partido que formulou essa política, depois de reunir cuidadosamente os anseios dos próprios camponeses. É um ultraje...”

“Mas, se é a política de vocês, por que estão contra? Se ele expressa os anseios dos camponeses, por que seu pessoal se opõe a ele?”

“Você não entende! Você não vê que os camponeses logo perceberão que tudo não passa de um truque, que esses usurpadores roubaram o programa dos socialistas revolucionários?” (P. 216-217).

I asked if it were true that Kaledin was marching north.

He nodded and rubbed his hands with a sort of bitter satisfaction. “Yes. Now you see what these Bolsheviki have done. They have raised the counter-revolution against us. The Revolution is lost. The Revolution is lost.

“But won’t you defend the Revolution?”

“Of course we will defend it – to the last drop of our blood. But we won’t cooperate with the Bolsheviki in any way....”

“But if Kaledin comes to Petrograd, and the Bolsheviki defend the city. Won’t you join with them?”

“Of course not. We will defend the city also, but we won’t support the Bolsheviki. Kaledin is the enemy of the Revolution, but the Bolsheviki are equally enemies of the Revolution.”

“Which do you prefer – Kaledin or the Bolsheviki?”

“It is not a question to be discussed!” he burst out impatiently. “I tell you the Revolution is lost. And it is the Bolsheviki who are to blame. (...)”²⁰⁷

Entre as diversas outras passagens que poderíamos citar para ilustrar como Reed constrói esta identidade aos personagens socialistas moderados – confusos, vacilantes, atemorizados, inconformados com a derrota eminente – traremos apenas mais uma, para não cansar o leitor. Esta, bastante expressiva, é fruto, tal qual a anterior, de um diálogo que Reed trava com dois Socialistas Revolucionários nos bastidores do Comitê pela

²⁰⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 721-722. Perguntei se era verdade que Kaledin estava em marcha para o norte.

Moveu a cabeça, e esfregou as mãos com uma espécie de amarga satisfação. “Sim. Agora vocês vão ver o que esses bolcheviques fizeram. Eles insuflaram a contrarrevolução contra nós. A Revolução está perdida. A Revolução está perdida.”

“Mas vocês não irão defender a Revolução?”

“É claro que sim- até a última gota de sangue. Mas jamais colaboraremos com os bolcheviques...”

“Mas, se Kaledin avançar sobre Petrogrado, e os bolcheviques defenderem a cidade, vocês não se juntarão a eles?”

“É claro que não. Também defenderemos a cidade, mas não apoiaremos os bolcheviques. Kaledin é inimigo da Revolução, mas os bolcheviques, da mesma forma, também são inimigos da Revolução.”

“Quem vocês preferem? Kaledin ou os bolcheviques?”

“Isso não está em questão!” exclamou com impaciência. “Estou lhe dizendo que a Revolução está perdida. E a culpa é dos bolcheviques (...) (P. 217).

Salvação, que agora já está abrigado em um esconderijo após ter sido colocado na ilegalidade pelo novo governo dos soviets. Esta passagem é de grande interesse, pois os interlocutores de Reed se despojam das aparências e dizem a ele o que realmente pensam, inclusive da política de seu partido, com a qual não têm completo acordo, e também da situação de impotência completa na qual se encontram, sem apoio algum entre as massas – e após tudo isso, mais uma vez repetem o chavão: “os bolcheviques vão falhar!”. Reed, por sua vez, também não tem cerimônias e abre o diálogo quase com um desabafo, após ver estampadas tantas mentiras e calúnias nos jornais mencheviques e socialistas revolucionários:

“Why,” I asked, “do you publish such lies in your newspapers?”

Without taking offense the officer replied, “Yes, I know; but what can we do?” He shrugged. “You must admit that it is necessary for us to create a certain frame of mind in the people....”

The other interrupted. “This is merely an adventure on the part of the Bolsheviks. They have no intellectuals.... The Ministries won’t work.... Russia is not a city, but a whole country.... Realizing that they can only last a few days, we have decided to come to the aid of the strongest force opposed to them – Kerensky – and help to restore the order.”

“That is all very well,” I said. “But why do you combine with the Cadets?”

The pseudo-workman smiled frankly. “To tell you the truth, at this moment the masses of the people are following the Bolsheviks. We have no following – now. We can’t mobilize a handful of soldiers. There are no arms available.... The Bolsheviks are right to a certain extent; there are at this moment in Russia only two parties with any force – the Bolsheviks and the reactionaries, who are all hiding under the coat-tails of the Cadets. When we smash the Bolsheviks we shall turn against the Cadets....”

(...) “We wanted to get rid of the Kerensky Government too, but we thought it better to wait for the Constituent... At the beginning of this affair I was with the Bolsheviks, but the Central Committee of my party voted unanimously against it – and what could I do? It was a matter of party discipline....

“In a week the Bolshevik Government will go to pieces; if the Socialist Revolutionaries could only stand aside and wait, the Government would fall into their hands. But if we wait a week, the country will be so disorganized that the German imperialists will be victorious. That is why we began our

revolt with only two regiments of soldiers promising to support us – and they turned against us.... That left only the *yunkers*....

E, como não poderia deixar de ser, apresentam a sempre presente reclamação sobre os bolcheviques “roubarem seu programa agrário”:

““Our program?” said the officer. ‘That is it. Land to be turned over to the Land Committees. (...) They stole our land program in order to get the support of the peasants. That is dishonest. If they had waited for the Constituent Assembly!’”²⁰⁸

Kerensky é retratado por Reed como uma figura histérica, que transparece um nervosismo que tenta em vão ocultar por trás de uma fachada de impávida arrogância. Esta, torna-o uma personagem detestável. Como em seu discurso no Conselho da República em uma atitude esnobe frente aos trabalhadores prestes a colocar a insurreição em curso:

At this moment a paper was handed to Kerensky.

²⁰⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 769-771. Perguntei-lhes: “Por que vocês publicam essas inverdades em seus jornais?”

Sem se mostrar ofendido, o oficial respondeu: “Sim, eu sei disso, mas o que é que nós podemos fazer?” Deu de ombros. “Você há de admitir que é preciso criar certo tipo de estado de espírito no povo...”

O Outro interrompeu. “Tudo isso não passa de uma aventura dos bolcheviques. Eles não têm cabeças pensantes... Os ministérios ficarão paralisados... A Rússia não é uma cidade, mas um país inteiro. Percebendo que só conseguirão segurar o poder por alguns poucos dias, decidimos dar apoio à força mais poderosa de oposição – Kerenski – e ajudar a restabelecer a ordem”

“Perfeito”, eu disse, “Mas por que estão se aliando ao *Cadete*?”

O pseudo-operário sorriu abertamente para lhe dizer a verdade, neste momento as massas populares estão com os bolcheviques. Nós, agora, não temos seguidores. Não conseguiríamos mobilizar nem meia dúzia de soldados. Não há armas... Em certa medida, os bolcheviques têm razão; neste momento só existem dois partidos com alguma força: os bolcheviques e os reacionários, que se abrigam sob o guarda-chuva do *Cadete*. Depois de acabarmos com os bolcheviques, aí sim, enfrentaremos o *Cadete*...”

(...) também queríamos nos livrar do governo de Kerenski, mas achávamos melhor aguardar a Constituinte... No começo de tudo, eu estava com os bolcheviques, mas o comitê central do meu partido votou por unanimidade contra isso, e o que eu podia fazer? Era uma questão de disciplina partidária...

“Daqui há uma semana o governo bolchevique estará desmantelado; se os socialistas revolucionários conseguissem se manter quietos, de lado, o governo então cairia naturalmente em nossas mãos. O problema é que em uma semana o país estará tão desorganizados que o imperialistas alemães é que sairão vitoriosos. Foi por isso que iniciamos nosso levante com apenas dois regimentos de soldados nos prometendo apoio- e eles ainda se iraram contra nós... Sobraram, então, apenas os *yunkers*...” (...) “Nosso programa?”, disse o oficial. “É o seguinte. A terra deve ser devolvida aos Comitês Rurais. (...) Eles roubaram nosso programa para a terra para obter o apoio dos camponeses. Isso é desonesto. Se tivessem esperado pela Assembleia Constituinte...” P.277-279.

“I have just received the proclamation which they are distributing to the regiments. Here is the contents.” Reading:

“‘The Petrograd Soviet of Workers’ and Soldiers’ Deputies is menaced. We order immediately the regiments to mobilize on a war footing and to await new orders (...) The Military Revolutionary Committee. For the President, Podvoisky. The Secretary, Antonov.’

“In reality this is an attempt to raise the populace against the existing order of things, (...) I say ‘populace’ intentionally, because the conscious democracy and is Tsay-ee-kah, all the Army organizations, all that free Russia glorifies, the good sense, the honor and the conscience of the great Russian democracy, protests against these things.... (...)”²⁰⁹

A postura arrogante do “Comandante Supremo” que subestima publicamente a força do inimigo e o denomina de “populacho” (postura criticada logo a seguir pelo dirigente da ala esquerda Menchevique, Martov), alterna-se com a figura desesperada, que chora em seus discursos e assume sua impotência. Reed não poupa o líder do governo provisório, e o satiriza de forma mordaz, descrevendo com tons românticos sua entrada triunfal em Tsarskoye Selo quando as tropas soviéticas recuam para armar sua defesa próxima a Petrogrado:

Next Morning, Sunday the eleventh, the Cossacks entered Tsarskoye Selo, Kerensky himself riding a white horse and all the church-bells clamoring. From the top of a little hill outside the town could be seen the golden spires and many-colored cupolas, the sprawling gray immensity of the capital spread along the dreary plain, and beyond, the steely Gulf of Finland.²¹⁰

²⁰⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 645. Nesse momento, Kerenski recebeu um papel.

“Acabo de receber a declaração que eles estão distribuindo aos regimentos. Eis o seu conteúdo.” Ele, então, leu: “O soviete de Deputado Operários e Soldados está sob ameaça. Ordenamos aos regimentos que se ponham em estado de alerta e que aguardem novas instruções. (...) Comitê Militar Revolucionário. Pelo presidente: Podvoiski. Secretário: Antonov”

Trata-se, na verdade, de uma tentativa de sublevar o populacho contra o atual estado das coisas. (...) quando digo populacho não é por acaso, pois os democratas conscientes e seu Tsik, todas as organizações do exército, tudo aquilo de que a Rússia livre se orgulha, o bom senso, a honra e a consciência da grande democracia russa, protestam contra esse tipo de coisa... (P. 119-120).

²¹⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 754. Na manhã seguinte, domingo, dia 11, os cossacos entraram em Tsarskoye Selo, com o próprio Kerenski montando um cavalo branco e os sinos da igreja a tocar. Do alto de uma pequena colina nas cercanias da cidade, era possível ver as flechas douradas e as várias abóbodas de diversas cores, com a imensidão acinzentada da capital esparramando-se pela planície sombria, e depois dela as águas metálicas do Golfo da Finlândia. (P.258).

Mas esta irônica descrição poética, em que Kerensky aparece como um cavaleiro medieval sendo saudados pelos sinos da Igreja, é para ressaltar a arrogância do “herói” que, logo em seguida, graças a sua presunção, cometerá um erro que o fará “cair do cavalo”.

(...) Kerensky made a fatal blunder. At seven in the morning he sent word to the Second Tsarskoye Selo Rifles to lay down their arms. The soldiers replied that they would remain neutral, but would not disarm. Kerensky gave them ten minutes in which to obey. This angered the soldiers; for eight months they had been governing themselves by committee, and this smacked the old régime.... A few minutes later Cossack artillery opened fire on the barracks, killing eight men. From that moment there were no more “neutral” soldiers in Tsarskoye....²¹¹

A arrogância de Kerensky, que tenta em vão esconder seu desespero, é, no entanto, não uma característica individual, mas sim de uma classe que vê seu mundo ruir. Reed, não se contentando em apresentar Kerensky em seu desespero e impotência, faz questão de incluir um relato do general Karsnov, que atestaria sua covardia pessoal diante da derrota, datado do dia 14 de novembro:

Today, about three o'clock (A.M.), I was summoned by the Supreme Commander (Kerensky). He was very agitated, and very nervous.

“‘General,’ he said to me, ‘you have betrayed me. Your Cossacks declare categorically that they will arrest me and deliver me to the sailors.’

“ ‘Yes,’ I answered, ‘there is talk of it, and I know that you have no sympathy anywhere.’

“ ‘But the officers say the same thing.’

“ ‘Yes, most of all it is the officers who are discontented with you,’

“ ‘What shall I do? I ought to commit suicide!’

²¹¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 754. (...) Mas Kerenski cometeu um erro fatal. Às sete da manhã, ele emitiu uma ordem ao 2º regimento de Artilharia de tsarskoye Selo para que seus integrantes depusessem as armas. Os soldados responderam que permaneceriam neutros, mas que não se desarmariam. Kerenski deu-lhes então dez minutos para obedecerem à ordem. Essa atitude irritou os soldados: fazia oito meses que agiam por conta própria, sob a orientação de seus comitês, e aquilo cheirava ao velho regime... Poucos minutos mais tarde, a artilharia dos cossacos abriu fogo contra as casernas, matando oito homens. A partir desse momento, não houve mais nenhum soldado “neutro” em Tsarskoye... (P. 258).

“ ‘If you are an honorable man you will go immediately to Petrograd with a white flag, you will presente yourself to the Military Revolutionary Committee, and enter into negotiations as Chief of the Provisional Government.’

“ ‘All right. I will do that, general.’

“ ‘I will give you a guard and ask that a sailor go with you.’

“ ‘No, no, not a sailor. Do you know whether it it true that Dybenko is here?’

“ ‘I don’t know who Dybenko is.’

“ ‘He is my enemy.’

“ ‘There is nothing to do. If you play for high stakes tou must know how to take a chance.’

“ ‘Yes. I’ll leave tonight!’

“ ‘That would be a flight. Leave calmly and openly, so that everyone can see that you are not running away.’

“ ‘Very well. But you must give me a guard on which I can count’

“ ‘Good.’

“ (...) Half an hour later the Cossacks came to tell me that Kerensky was not in his quarters, that he had run away. (...)”

And so Kerenskly fled alone, “disguised in the uniform of a sailor,” and by that act lost whatever popularity he had retained among the Russian masses....²¹²

²¹² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 793-794. Hoje, por volta das três horas (da manhã), fui convocado pelo comandante superior (Kerenski). Ele estava muito agitado e muito nervoso.

“General”, disse-me ele, “você me traiu. Seus cossacos estão dizendo categoricamente que irão me prender e me entregar aos marinheiros”

“Sim”, respondi, fala-se nisso, e sei que o senhor não goza de simpatia em nenhhum lugar”

“Mas os oficiais dizem a mesma coisa”

“Sim, mas na verdade são sobretudo os oficiais que estão descontentes com você.”

“O que devo fazer? Só me resta cometer suicídio!”

“Se o senhor for um homem honrado, deve ir imediatamente a Petrogrado com uma bandeira branca, apresentar-se ao Comitê Militar Revolucionário e abrir negociações com o chefe do Governo Provisório.”

E o autor não se limita a caracterizar assim os partidos mais influentes que estão tomando a frente do governo provisório ou do Tsik. Há também um retrato de outras camadas da chamada *intelligentsia*, os representantes da intelectualidade russa, em geral provenientes da pequena burguesia, e que sempre se consideraram “aliados do povo”, desde a tradição do populismo que floresce na Rússia após as invasões napoleônicas. Reed demonstra em alguns trechos como esta parcela do “socialismo ilustrado” russo foi incapaz de se ligar efetivamente às massas, e que por trás de sua fachada democrática esconde um profundo desprezo pelo povo e sua “ignorância e rudeza”. Uma das cenas que apresenta isso já foi demonstrada anteriormente, por meio da militante do grupo Yedinstvo. Na passagem a seguir, o autor mostra isto em um membro do grupo anarquista liderado pelo príncipe Piotr Kropotkin:

A little later, as we sat at the press table in the big hall, an Anarchist who was writing for the bourgeois papers proposed to me that we go and find out what had become of the presidium. (...) As we went my companion described the ancient revolutionary activities, his long and pleasant exile in France.... As for the Bolsheviki, he confided to me that they were common, rude, ignorant persons, without aesthetic sensibilities. He was a real specimen of the Russian *intelligentsia*.... So we came at last to room 17, office of the Military Revolutionary Committee, and stood there in the midst of all the furious coming and going. The door opened and out shot a squat, flat-faced man in a

“Perfeito. Vou fazer isso mesmo, general.”

“Providenciarei uma escolta para acompanhá-lo e pedir que um marinheiro vá junto.”

“Não, não, um marinheiro não. Você sabe se é verdade que Dybenko está aqui?”

“Não sei quem é Dybenko.”

“É meu inimigo.”

“Não podemos fazer nada. Quando se entra em um jogo grande, é preciso saber correr todos os riscos”

“Está certo. Parto essa noite!”

“(…) Isso significaria uma fuga. Parta tranquila e abertamente. Assim, todos saberão que não está simplesmente fugindo”

“Está bem. Mas você precisa pôr à minha disposição uma escolta de confiança.”

“Entendido.”

(...) Meia hora depois, os cossacos vieram me dizer que Kerenski não estava no alojamento, que ele havia fugido (...)

Kerenski, então, tinha fugido, sozinho, “disfarçado com um uniforme de marinheiro”, perdendo assim o pouco de popularidade que ele ainda mantinha entre as massas russas... P. 308-309

uniform without insignia, who seemed to be smiling – which smile, after a minute, one saw to be the fixed grin of extreme fatigue. It was Krylenko.

My friend, who was a dapper, civilized-looking young man gave a cry of pleasure and stepped forward.

“Nikolai Vassilievich!” he said, holding out his hand. “Don’t you remember me, comrade? We were in prison together.”

Krylenko made an effort and concentrated his mind and sight. “Why, yes,” he answered finally, looking the other up and down with an expression of great friendliness. “You are S – *Zdra’stviuite!*” They kissed. “What are you doing in all this?” He waved his arm around.

“Oh, I’m just looking on.... You seem very successful.”

“Yes,” replied Krylenko, with a sort of doggedness, “the proletarian Revolution is a great success.” He laughed. “Perhaps – however, we’ll meet in prison again!”

When we got out into the corridor again my friend went on with his explanations. “You see, I’m a follower of Kropotkin. To us the Revolution is a great failure; it has not aroused the patriotism of the masses. Of course that only proves that the people are not ready for Revolution....”²¹³

²¹³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 696-697. Pouco depois, quando estávamos à mesa da imprensa colocada no saguão, um anarquista que estava escrevendo para os jornais burgueses me propôs acompanhá-lo para saber o que ocorrera com os integrantes da mesa do Congresso. (...) Enquanto caminhávamos, meu companheiro me contava suas velhas atividades revolucionárias, sobre seu longo e agradável exílio na França... Quanto aos bolcheviques, ele me disse reservadamente que se tratava de pessoas comuns, rudes, sem nenhuma sensibilidade estética. Ele era um típico exemplar de *intelligentsia* russa... Chegamos finalmente à sala 17, onde ficava o Comitê Revolucionário, e ali permanecemos em meio ao tumultuoso movimento de gente que ia e vinha. A porta se abriu, e dela apareceu um homem atarracado, com uniforme sem nenhuma insígnia, um rosto simplório e que parecia sorrir- sorriso que, como se pôde ver depois, era na verdade uma careta permanente denotando um extremo cansaço. Era Krylenko. meu companheiro, que era jovem e elegante, de aspecto refinado, deu um grito de prazer e saltou para frente.

“Nikolai Vasilievitch”, disse, estendendo a mão. “Não se lembra de mim, camarada? Estivemos juntos na prisão.”

Krylenko fez um esforço, concentrando-se e olhando-o fixamente. “Ah, sim”, respondeu afinal, olhando para o outro de alto a baixo com uma expressão bastante amistosa. “Você é S. *Zdra’stviuite!*” Beijaram-se.

“O que você está fazendo no meio disso tudo?” E fez um gesto circular.

“Oh, estou apenas observando... Parece que vocês foram muito bem-sucedidos”

“Sim”, respondeu Krylenko, com uma espécie de obstinação, “a revolução proletária é um grande sucesso.” Riu. “Talvez, talvez, quem sabe nos veremos na prisão novamente!”

Não só Reed retrata uma postura esnobe e de desprezo pelos bolcheviques e pelos trabalhadores que compõem o partido – gente que, segundo ele, “não está pronta para a revolução”, tal como ele próprio estaria – como também consegue, em um curto diálogo, demonstrar a mente de um arrivista em funcionamento: saúda seu antigo colega de prisão com toda a alegria (mesmo este sendo um rude e ignorante bolchevique), falando sobre o “sucesso” dele: aqui importa ao jovem anarquista destacar a posição pessoal de prestígio de Krylenko. Este, visivelmente constrangido, dá uma resposta que vai no sentido contrário: seu sucesso não é pessoal – é o sucesso de sua classe na luta por tomar o poder, luta da qual ele é apenas uma parte, e não um “homem de sucesso”. Reed, nesta pequena cena, consegue demonstrar nitidamente como estão em flagrante contraposição as concepções destas figuras, e como estas posições, por sua vez, expressam a mentalidade das personagens coletivas que ambos representam.

Mas talvez a cena em que melhor se apresenta a oposição entre a forma como encaram a revolução os “rudes e ignorantes” trabalhadores e os “refinados e sofisticados” membros da *intelligentsia* seja aquela em que um estudante “marxista” debate com um soldado revolucionário na estação de Tsarskoye Selo, já após a insurreição:

Just at the door of the station stood two soldiers with rifles and bayonets fixed. They were surrounded by about a hundred business men, Government officials and students, who attacked them with passionate argument and epithet. The soldiers were uncomfortable and hurt, like children unjustly scolded.

A tall man with a supercilious expression, dressed in the uniform of a student, was leading the attack.

“You realize, I presume,” he said insolently, “that by taking up arms against your brothers you are making yourselves the tools of murderers and traitors?”

“Now, brother,” answered the soldier earnestly, “you don’t understand. There are two classes, don’t you see, the proletariat and the bourgeoisie. We – “

“Oh, I know that silly talk!” broke in the student rudely. “A bunch of ignorant peasants like you hear somebody bawling a few catch-words. You

Quando saímos de volta para o corredor, meu companheiro continuou com suas explicações. “Sabe, sou seguidor de Kropotkin. Para nós, a Revolução é um grande fracasso; ela não despertou o patriotismo nas massas. Isso só prova, é claro, que o povo não está pronto para a Revolução... (P. 184-185).

don't understand what they mean. You just catch them like a lot of parrots." The crowd laughed. "I'm a Marxian student. And I tell you that isn't Socialism you are fighting for. It's just plain pro-German anarchy!"

"Oh, yes, I know," answered the soldier, with sweat dripping from his brow. "You are an educated man, that is wasy to see, and I am a simple man. But it seems to me –"

"I suppose," interrupted the other contemptuously, "that you believe Lenin is a real friend of the proletariat?"

"Yes, I do," answered the soldier, suffering.

"Well, my friend, do you know that Lenin was sent through Germany in a closed car? Do you know that Lenin took money from the Germans?"

"Well, I don't know much about that," answered the soldier stubbornly, "but it seems to me that what he says is what I want to hear, and all the simple men like me. Now there are two classes, the bourgeoisie and the proletariat –"

"You are a fool! Why, my friend, I spent two years in Schlüsselburg for revolutionary activity, when you were still shooting down revolutionaries and singing 'God Save the Czar!' My name is Vasili Georgevich Panyin. Didn't you ever hear of me?"

"I'm sorry to say I never did," answered the soldier with humility. "But then, I am not na educated man. You are probably a great hero."

"I am," said the student with conviction. "And I am opposed to the Bolsheviki, who are destrying our Russia, our free Revolution. Now how do you account for that?"

The soldier scratched his head. "I can't account for it at all," he said, grimacing with the pain of his intelectual processes. "To me it seems perfectly simple – but then, I'm not well educated. It seems to me like there are only two classes, the proletariat and the bourgeoisie –"

"There you go again with your silly formula!" cried the student.

"– only two classes," went on the soldier, doggedly. "And whoever isn't on one side is on the other..."²¹⁴

²¹⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 748-749. Na porta da estação havia dois soldados com fuzis e baionetas fixas. Estavam cercados por uma centena de homens de negócios,

A postura do estudante é muito semelhante àquela apresentada por Reed em todos os representantes desta *intelligentsia* “socialista”: arrogante, esnobe, escondendo atrás de sua empáfia a impotência e a frustração de ver os homens “rudes” tendo o poder de decisão em suas mãos. Em contrapartida, Reed retrata os soldados e trabalhadores quase sempre com uma postura muito humilde, sem, no entanto, deixar de ser muito determinada e convicta em suas posições. As questões, para os trabalhadores, são bastante concretas: a teoria marxista o ensinou que há duas classes com interesses

funcionários do governo e estudantes, que se dirigiam a eles agressivamente, discutindo e lançando-lhe injúrias. Os soldados pareciam desconfortáveis e feridos, como crianças encurraladas injustamente.

Um jovem alto, com expressão de desdém, vestido com uniforme de estudante, comandava os ataques.

“Vocês não percebem”, dizia ele insolentemente, “que erguendo as armas contra seus próprios irmãos, estão servindo de instrumento para os assassinos e traidores?”

“Escute, meu caro”, respondeu o soldado falando com franqueza, “você não entende. Há duas classes, percebe? O proletariado e a burguesia. Nós...”

“Ah, conheço essa conversa”, interrompeu o estudante, com grosseria. “Um bando de camponeses ignorantes como vocês, ouve alguém latindo algumas palavras de ordem, mas não entendem o que elas querem dizer. Apenas as repetem como papagaios” A multidão ria. “Eu estudo marxismo e lhes digo que não é pelo socialismo que vocês estão lutando, mas sim por uma anarquia claramente pró-alemães!”

“Ah, sim, eu sei”, retrucou o soldado, com suor escorrendo-lhe a testa. “Você é uma pessoa estudada, isso é fácil perceber, enquanto eu sou um homem simples. Mas parece-me...”

“Você acredita mesmo...”, interrompeu-o o outro com desdém, “que Lênin é realmente um amigo do proletariado?” “Sim, acredito” respondeu o soldado, atormentado.

“Pois bem, meu amigo, você sabia que Lênin foi mandado pelos alemães em um vagão blindado? Sabia que Lênin recebeu dinheiro dos alemães?”

“Bem, não sei muita coisa sobre isso”, respondeu obstinadamente o soldado, “mas sinto que o que ele diz é o que eu quero ouvir, assim como todas as pessoas simples como eu. Existem duas classes, a burguesia e o proletariado...”

“Você é um estúpido! Saiba, meu amigo, que passei dois anos em atividades revolucionárias em Schlüsselburg enquanto você atirava contra os revolucionários e cantava ‘Deus proteja o tsar’! Chamo-me Vasili Georgevich Panyin. Nunca ouviu falar de mim?”

“Sinto dizer que nunca ouvi falar de você”, respondeu o soldado humildemente. “Mas eu não sou um homem estudado. Você é, provavelmente, um grande herói”

“Eu sou”, disse o estudante, convicto “E sou contra os bolcheviques, que estão destruindo a nossa Rússia, a nossa Revolução livre. Como vocês explicam isso?”

O soldado coçou a cabeça. “Não tenho explicação nenhuma”, disse ele fazendo uma careta no esforço de raciocinar. “Para mim parece muito simples, mas, mais uma vez, eu não sou uma pessoa bem formada. Parece que existem duas classes, o proletariado e a burguesia...”

“Lá, vem você de novo com essa fórmula idiota!” exclamou o estudante.

“... apenas duas classes”, prosseguiu o soldado, obstinado. “E quem não está de um lado, está do outro...” (P. 250-251).

antagônicos e irreconciliáveis; a prática o ensinou que Lenin e os bolcheviques defendem os interesses dos trabalhadores, e por isto é deste lado que ele se coloca. O estudante, por outro lado, sequer ouve o que o trabalhador fala, interrompendo-o constantemente para lhe apresentar argumentos de autoridade. Podemos perceber uma atitude muito semelhante à do seguidor de Kropotkin quanto à sua ênfase no prestígio pessoal: ele se considera um herói por ter sido preso por sua atividade política; já o soldado, que coloca sua vida em risco defendendo a revolução em armas, não se arroga nenhum prestígio pessoal; ele se coloca como um representante de sua classe, e assume sua falta de instrução diante do estudante, sem, no entanto, abrir mão de colocar em prática o que ele sabe do marxismo. Reed, sem dúvida, não deixara de notar a semelhança entre estes membros da *intelligentsia* russa e os membros do Partido Socialista de seu país, de quem dissera já em 1913 que:

Nosso Partido Socialista me parecia mais estúpido que a religião, e quase tão distante dos trabalhadores quanto ela. (...) Depois disso, vi muitas greves e escrevi sobre elas; em sua maioria, foram lutas desesperadas pelas necessidades mais básicas da vida; e tudo que testemunhei apenas confirma minha primeira ideia da luta de classes e de sua inevitabilidade. Espero de todo o coração que o proletariado possa se erguer e tomar seus direitos – não vejo outra forma para que consiga obtê-los. A via pacífica é muito lenta, e ano a ano as oportunidades de protestos políticos e ação legal se reduzem.²¹⁵

Não à toa, Reed descreve com uma irônica e mordaz satisfação o momento histórico em que os trabalhadores, armas em punho, mostram a estes “socialistas” a dura realidade da luta de classes. A mesma visão de Reed sobre os socialistas americanos encontra impressionante paralelo na impressão expressa por Trotsky em sua autobiografia:

O partido socialista dos Estados Unidos ficara aquém mesmo do social-patriotismo europeu. (...) Ainda hoje, sorrio ao pensar nos chefes do socialismo americano. Os imigrantes que tinham tido alguma importância no movimento socialista europeu perdiam bem depressa a sua bagagem teórica na luta pelo sucesso individual. Nos Estados Unidos há um grande número de médicos, advogados, dentistas, engenheiros, etc., mais ou menos prósperos, que dividem os seus preciosos lares entre os concertos de celebridades europeias e o partido socialista americano. (...) Essa gente pretensiosa dá o

²¹⁵ REED, John. *Eu Vi Um Novo Mundo Nascer*. São Paulo: Boitempo, 2001, p.37-38.

seu feitio característico ao socialismo americano. [Woodrow] Wilson era para eles uma autoridade infinitamente superior a Marx. (...)Essa gente vive em pequenos clãs nacionais, onde a solidariedade de pensamento serve, sobretudo, para mascarar as relações de negócios. (...) São todos muito tolerantes para com todas as ideias, contanto que elas não afetem a sua autoridade tradicional, e, - Deus os guarde! - não ameacem a sua prosperidade pessoal. (...) Bastou-lhes terem tido, uma única vez, contacto comigo para que me detestassem abertamente.²¹⁶

Os dissensos entre os Bolcheviques e sua relação com os trabalhadores

(...) um partido revolucionário necessita de democracia interior:

a vontade de lutar não está contida em fórmulas frias

nem é ditada de cima, é imprescindível renová-la

e retemperá-la a cada novo passo.

- Trotsky, *A História da Revolução Russa*.

Um grande mérito de Reed é escapar a idealizações vulgares, como a de apresentar os bolcheviques como heróis infalíveis que levaram a revolução do início ao fim sem erros ou vacilações. O autor tem a justa medida para conseguir caracterizar o partido que conduziu a revolução como um corpo disciplinado e coeso, que soube expressar em seu programa o desejo das massas e levar as tarefas revolucionárias a cabo, mas também como um meio que não se encontrava imune às pressões sociais do exterior, que se manifestavam internamente por meio de dúvidas, divergências, dissensos e hesitações. Reed, mesmo sem ter acesso aos bastidores do partido, a suas reuniões secretas e funcionamento interno, demonstra uma impressionante acuidade em sua percepção de como se davam as discussões sobre como avançar nos círculos dirigentes do partido e consegue transmitir isto com nitidez em seu livro.

²¹⁶ TROTSKY, Leon. *Minha Vida*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

Isto, por si só, já constitui um precioso documento contra uma série de mitos criados intencionalmente – particularmente pela historiografia oficial da União Soviética no período stalinista – que teve por objetivo falsificar a história com o propósito de criar o culto à personalidade e à infalibilidade dos dirigentes, para com isso substituir a iniciativa e o espírito crítico dos trabalhadores por uma dócil aceitação das medidas dos burocratas que se encastelaram no poder e expropriaram politicamente as massas. Mais a frente, em outro tópico, demonstraremos mais como o livro de Reed era uma ameaça a esta camada social.

Aqui, queremos demonstrar como Reed conseguia caracterizar com precisão, por meio de pequenas falas ocasionais e encontros esparsos, a posição que cada um dos principais dirigentes do partido bolchevique assumia na construção desta personagem coletiva, que estava longe de ser meramente um corpo homogêneo. O primeiro destes relatos surge já no segundo capítulo, quando Reed intercepta Kameniev, membro do Comitê Central dos bolcheviques, e lhe pergunta sobre o Congresso dos Sovietes.

On 28 October, in the corridors of Smolny, I spoke with Kameniev, a little man with a reddish pointed beard and Gallic gestures. He was not at all sure that enough delegates would come. “If there *is* a Congress,” he said, “it will represent the overwhelming sentiment of the people. If the majority is Bolshevik, as I think it will be, we shall demand that the power be given to the Soviets, and the Provisional Government must resign....”²¹⁷

O tom hesitante que Reed coloca nas palavras de Kameniev expressa com precisão qual era o estado de ânimo deste homem, que nas reuniões partidárias formava um bloco resolutivo com Zinoviev para se opôr energicamente à tomada do poder, em particular antes do Congresso, como defendia Lênin. Sua postura é de hesitação e ceticismo, e suas ações estão sempre subordinadas aos marcos “legais” da democracia soviética, colocando a passagem do poder aos soviets como uma decisão meramente formal a ser tomada pelo plenário do Congresso; tal posição contrastava com a de Lenin e Trotsky, não expressas aqui, de que a insurreição é uma arte, e, portanto, os preparativos militares devem ser feitos com toda a cautela, sendo impossível esperar

²¹⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 621, 622. Em 28 de outubro, nos corredores do Smolny, conversei com Kameniev, um homem pequenino com uma barba ruiva pontuda e gestos expressivos. Ele não estava nenhum pouco convencido de que haveria delegados suficientes. “Se *houver* Congresso”, disse ele, “ele expressará o sentimento amlo do povo. Se a maioria for bolchevique, como acredito que será, exigiremos que todo o poder seja transferido para os soviets e que o Governo Provisório renuncie... “. (P. 89-90).

uma votação no Congresso para arrebatando o poder às mãos do governo. Reed, logo em seguida, contrasta a posição de Kameniev com a de Volodarsky:

Volodarsky, a tall, pale youth with glasses and a bad complexion, was more definite. “The ‘Lieber-Dans’ and the other compromisers are sabotaging the Congress. If they succeed in preventing its meeting – well, then we are realists enough not to depend on *that!*”²¹⁸

Ou seja, há uma distinção fundamental na forma como encarar o Congresso: para Kameniev, ele é o único âmbito que pode se pronunciar sobre a tomada do poder; para Volodarsky, é fundamental saber que é necessário prescindir do Congresso frente à sabotagem dos socialistas moderados. E, algumas linhas abaixo, Reed aponta os preparativos militares já em curso que estavam sendo encabeçados por Trotsky – eleito em setembro como presidente do Soviete de Petrogrado – e tomados a partir do Comitê Militar Revolucionário: “Upon orders signed by Trotsky, several thousand rifles delivered up by the Government Arms Factory at Sestroretzk to delegates of the Petrograd workmen.”²¹⁹ O autor é capaz de transmitir de forma viva a dinâmica dos preparativos entre soldados e trabalhadores, conferindo ao capítulo um efeito de tensão e suspense que capta a atenção do leitor.

Logo em seguida, Reed irá apresentar a discussão do Comitê Central dos bolcheviques acerca da insurreição. Como afirma a nota incluída em todas as edições que analisamos (a nota esta assinada como “Ed.”, desconhecemos sua proveniência), é verdade que a reunião não ocorreu conforme descrito pelo autor. Contudo, tampouco a questão foi tão simples como apresenta a nota. Abordaremos esta questão mais detalhadamente posteriormente.

No entanto, se Reed não pôde descrever precisamente como se deu a discussão no círculo dirigente bolchevique por não ter nenhuma forma de conhecê-la, ele foi capaz de estabelecer com clareza qual era a questão fundamental: a polêmica sobre a tomada do poder. Apresenta o núcleo que fazia uma clara oposição a isto: Riazanov, Kameniev

²¹⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 622. Volodarsky, um jovem alto e pálido, de óculos e aspecto doentio, foi mais incisivo. “Os ‘Lieber-Dans’ e outros conciliadores estão sabotando o Congresso. Se forem bem sucedidos e impedirem sua realização- bem nesse caso, somos realistas o bastante para não dependermos *disso!*” (P. 90).

²¹⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 622. Com base em uma ordem assinada por Trótski, vários milhares de fuzis foram distribuídos aos delegados dos operários de petrogrado pela fábrica de armamentos do governo em Sestroretzk. (P. 90).

e Zinoviev, e em seguida apresenta a resposta pública de Lenin, sua “Letter to the Comrades” (Carta aos camaradas), descrevendo-a como “one of the most audacious pieces of political propaganda the world has ever seen” ²²⁰. Em seu apêndice, Reed inclui uma de suas maiores notas transcrevendo parte considerável da argumentação de Lenin; no corpo do texto, o autor sintetiza o documento do dirigente naquilo que considera seu mote essencial: “‘Either we must abandon our slogan, ‘All power to the Soviets’, he wrote, ‘or else we must make an insurrection. There is no middle course....’” ²²¹

Reed também descreve a participação ativa de alguns membros do partido na preparação da insurreição, e expressa com clareza a posição defendida pelos dois principais líderes bolcheviques – Lenin e Trotsky – na síntese que faz da sua entrevista de mais de uma hora com Trotsky. Em menos de duas páginas, Reed consegue resumir nas palavras de Trotsky uma verdadeira aula de marxismo, numa posição que vê com clareza a dinâmica entre as classes no processo revolucionário, e as tarefas e perspectivas da revolução russa, sempre subordinadas e em estreito vínculo com a revolução internacional – aqui, também, há um precioso testemunho de Reed acerca de polêmicas que se estabelecerão cerca de uma década depois, quando o stalinismo procura falsificar a história para colocar na boca de Lenin e do partido a sua teoria do “socialismo em um só país”. Reed demonstra como Trotsky, junto a Lenin, sempre viram o destino da revolução na Rússia como indissociável da expansão internacional da revolução:

On 30 October, by appointment, I went up to a small bare room in the attic of Smolny, to talk with Trotsky. (...) The substance of his talk, in his own words, I give here:

“The Provisional Government is absolutely powerless. The bourgeoisie is in control, but this control is masked by a fictitious coalition with the *oborontsi* parties. (...) in all the toiling classes the same disgust is evident. This domination by the bourgeoisie is only possible by means of civil war. (...) The conciliators and pacifists, Socialist Revolutionaries, and Mensheviks, have lost all authority – because the struggle between the peasants and the

²²⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 623. (...) uma das peças de propaganda política mais audaciosas que o mundo já havia visto. (P. 91).

²²¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 623.. “Ou abrimos mão do ‘Todo poder aos soviets’ ou promovemos uma insurreição, não há meio termo” (P. 408).

landlords, between the workers and the employers, between the soldiers and the officers, has become more bitter, more irreconcilable than ever.

(...) The Cadet party represents the counter-revolution militant. On the other side, the Soviets represent the cause of the people. Between these two camps there are no groups of serious importance.... It is the *lutte finale*.

E, a respeito da obtenção da paz, Trotsky fala igualmente em termos bastante concretos, ligados à situação internacional:

The quantity of democracy we get in the peace settlement depends on the quantity of revolutionary response there is in Europe. If we create here a Government of the Soviets, that will be a powerful factor for immediate peace in Europe; for this Government will address itself directly and immediately to all peoples, over the heads of their Governments, proposing an armistice. (...)

At the end of this was I see Europe re-created, not by the diplomats, but by the proletariat. (...) Only a Federated Republic of Europe can give peace to the world". He smiled – that fine, faintly ironical smile of his. "But without the action of the European masses, these ends cannot be realized (...)"²²²

A voz de Trotsky aqui surge como o elemento mais consciente da personagem coletiva dos trabalhadores e dos soviets: em suas bandeiras saudando a Terceira Internacional nos funerais, em seus apaixonados clamores pelo fim da guerra nos

²²² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 633-634. Em 30 de outubro, subi até uma pequena e despojada sala no andar superior do Smolny, onde tinha agendado uma entrevista com Trótski. Ele estava sentado numa cadeira simples, no meio da sala, atrás de uma mesa vazia. Não precisei fazer muitas perguntas; ele falou por mais de uma hora, aceleradamente. Reproduzo aqui o essencial, com suas próprias palavras:

O governo provisório está absolutamente impotente. A burguesia controla tudo, mas esse controle está camuflado por uma coalização fictícia com os partidos *oborontsi*. Durante toda a Revolução, temos visto os camponeses se rebelarem, cansados de esperar pelas terras que lhes foram prometidas; esse mesmo desgosto é evidente entre as classes trabalhadoras no país inteiro. A burguesia não tem como manter o poder a não ser recorrendo a guerra civil (...) Os conciliadores e pacifistas, socialistas revolucionários e mencheviques perderam toda a autoridade, porque o conflito entre camponeses e proprietários rurais, entre os empregados e seus empregadores, entre soldados e oficiais tornou-se mais encarniçado, mais irreconciliável do que nunca. (...) O partido *Cadete* representa a contrarrevolução militante. Do outro lado, os soviets representam a causa do povo. Entre esses dois campos, não existe nenhum grupo com alguma real importância... É a *lutte finale*. (...) O alcance da democracia que obteremos no tratado de paz será tanto maior quanto maior for a resposta revolucionária na Europa. A criação de um poder soviético aqui constituirá um fator poderoso para o estabelecimento imediato da paz na Europa; pois esse governo se dirigirá direta e imediatamente a todos os povos, por todos os seus governos, propondo um armistício. (...)

Vejo, ao final dessa guerra, uma Europa reconstruída, não por diplomatas, mas pelo proletariado. (...) Somente uma República Federativa da Europa poderá trazer paz para o mundo. (Ele sorriu- com aquele seu sorriso aberto, levemente irônico.) Mas esses objetivos não podem ser atingidos sem a ação das massas populares européias (...) (p. 103-105).

soviets, em suas vaias contra os socialistas conciliadores e suas tergiversações, os trabalhadores e soldados expressam aquilo que o dirigente sintetiza com precisão e minúcia na entrevista a Reed. A voz do soldado que teimosamente repetia ao “heroico” estudante marxista que “há somente duas classes” e que “quem não está com uma está com outra”, não é nada mais do que a sua forma de colocar em palavras o que Trotsky aponta sobre a polarização que se aglutina em torno dos dois pólos fundamentais representando as classes – o partido Cadete e os soviets. O estudante marxista, sendo um destes representantes do “meio termo”, acaba por se alinhar a uma destas forças fundamentais – no caso, os Cadetes.

E o autor, também, apresenta ao leitor esta fala de Trotsky como uma explicação política, bem como o documento de Lenin, “Carta aos Camaradas”, para fundamentar sua própria adesão política ao bolchevismo. O que aparece pela negativa com sua ridicularização e seus questionamentos aos representantes dos conciliadores – que transparecem sua ironia mordaz – são aqui complementados pela afirmação resoluta dos dirigentes que conduzem audaciosamente a vontade política dos trabalhadores rumo ao poder. E assim é, sempre que Trotsky e Lenin se pronunciam no livro: palavras simples, diretas, que expressam o anseio dos trabalhadores. Podemos ver aqui mais um exemplo da alternância de Reed entre o plano geral e o particular – aquilo que os trabalhadores e soldados expressam com seus gritos e palavras simples, Lenin e Trotsky sintetizam teoricamente, expondo como se dá no plano geral da revolução.

Reed segue retratando os dissensos entre os bolcheviques em encontros fortuitos com os opositores à tática da insurreição, e encontrando Kameniev e Riazanov logo após a tomada do poder, transparece a hesitação e insegurança em suas reações:

“You consider it won then?”

He lifted his shoulders. “There is much to do. Horribly much. It is just beggining....”

On the landing I met Riazanov, vice-president of the Trade Unions, looking black and biting his gray beard. “It’s insane!” he shouted. “The European working class won’t move! All Russia – “He waved his hand distractedly and ran off. Riazanov and Kameniev had both

opposed the insurrection, and felt the lash of Lenin's terrible tongue....²²³

Reed capta o momento de desespero de Kameniev e Riazanov diante da tremenda tarefa que seria manter o poder e seguir em luta pela expansão mundial da revolução proletária. Não sabia ainda o autor, mas o acirramento dos ânimos dentro do Comitê Central era mais intenso do que supunha então: Kameniev e Zinoviev, desesperados com sua derrota na votação contra a insurreição, romperam com a disciplina partidária e publicaram um texto no jornal dirigido pelo escritor Maksim Gorki, o *Novaia Jizn* (*Novaya Zhizn* na transliteração de Reed), denunciando os planos insurrecionais. Frente a isto, Lenin chegou a propor sua expulsão do partido, mas foi derrotado. Isto, no entanto, não foi o fim da disputa no partido, e o livro de Reed conta mais sobre os passos que a ala direita dava para tentar se contrapor à política de Lenin e Trotsky.

Uma das expressões fundamentais desta disputa se deu nas concepções acerca da formação do novo governo soviético. As alas direitas tendiam a aceitar a proposta dos Socialistas Revolucionários de Esquerda e dos Mencheviques *Oborontsi* de formação de um governo de coalizão sem os Cadetes. Lenin e Trotsky, por outro lado, não queriam saber de nenhuma ligação com aqueles que haviam se aliado à burguesia para trair o povo. Os bolcheviques, contudo, em sua posição partidária, em nenhum momento se indispuseram a participar das negociações para a formação de um governo de coalizão que havia sido proposta pelo *Vikzhel* – o sindicato dos ferroviários. Como delegado dos bolcheviques a esta conferência foi enviado, evidentemente, Kameniev, que a ela atribuíra grande importância. Reed acompanha passo a passo as negociações, propostas e contrapropostas, e descreve o empenho de Kameniev na conferência. Em seguida, no entanto, o autor fala da seguinte maneira da posição de Trotsky sobre o assunto:

Later, at a meeting of the Petrograd Soviet, Trotsky answered a question about the formation of the new Government: "I don't know anything about

²²³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 664. "O senhor avalia que o jogo está ganhando, então?"

Ele encolheu os ombros. "Há muita coisa a fazer. Uma enormidade de coisas. Isso tudo é apenas o começo..."

No térreo, encontrei Riazanov, vice-presidente dos sindicatos, que trazia um olhar sombrio e coçava a barba grisalha. "É insano! Insano!", gritava ele. "A classe operária da Europa não vai se mexer! Toda a Rússia..." Agitou os braços num gesto de desconsolo e partiu. Riazanov e Kameniev tinham sido contrários à insurreição e haviam sentido os golpes da língua afiada de Lênin. (P. 143)

that. I am not taking part in the negotiations.... However, I don't think that they are of great importance....”²²⁴

E, depois, descreve longamente a discussão na reunião do novo Tsik acerca da liberdade de imprensa, em que as divergências entre os bolcheviques vêm a público. Ali, discute-se o decreto do Conselho dos Comissários do Povo que coloca restrições à imprensa, e uma fração dos bolcheviques se alinha aos Socialistas Revolucionários de Esquerda contra a posição da maioria bolchevique. Neste momento, Trotsky defende enfaticamente a posição bolchevique, em uma longa fala, como aponta o autor. O que é interessante é que, não tendo transcrito a sua fala na íntegra, Reed aponta o essencial da defesa bolchevique. Primeiro no que aponta Avanessov ao ler a resolução bolchevique: “The Revolution which is now being accomplished,” went on Avanessov, “has not hesitated to attack private property; and it is as private property that we must examine the question of the press....”²²⁵ E em seguida na de Trotsky:

“During civil war the right to use violence belongs only to the oppressed....”
(...)

“The attitude of Socialists on the question of freedom of the press should be the same as their attitude toward the freedom of business.... The rule of the democracy which is being established in Russia demands that the domination of the press by private property must be abolished, just as the domination of industry by private property.... The power of the Soviets should confiscate all printing plants.”²²⁶

Frente a isto, cinco membros do Comitê Central bolchevique renunciaram: Kameniev, Rykov, Milyutin, Zinoviev e Nogin. Não são fugidas de pouca importância, e

²²⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 815. Mais tarde, em uma assembléia do Soviete de Petrogrado, Trótski respondeu a uma pergunta sobre a formação do novo governo dizendo: “Não sei de nada. Não estou participando das negociações... De todo modo, não acho que elas tenham muita importância...” (P. 335).

²²⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 816. “A revolução que vendo sendo realizada”, continuou Avanessov, “não hesitou em atacar a propriedade privada; e é como propriedade privada que devemos examinar a questão da imprensa...” (P. 336).

²²⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 817. “Durante a guerra civil, o direito de usar a violência pertence apenas aos oprimidos (...)

A atitude dos socialistas em relação à liberdade de imprensa deveria ser a mesma por eles adotada quanto à liberdade de empreendimento... As regras de democracia que estamos instituindo na Rússia exigem a abolição privada da imprensa, tal como o domínio da indústria pela propriedade privada... O governo dos soviets deveria confiscar todas as gráficas” (P. 338)

com isto Reed quer deixar evidente que o partido bolchevique possui dissensos e polêmicas. A questão, como pretendemos desenvolver posteriormente, é sob que perspectiva se encara a questão da imprensa e do governo.

O exército como palco dos enfrentamentos de classe

O garçon do Comitê Executivo, um soldado

Oferecia aos bolcheviques um chá mais quente e

Pão com mais manteiga, e ao servir

Evitava olhar para eles. Então perceberam:

Simpatizava com eles e escondia isso

Dos superiores, e assim também todo o pessoal inferior

Do Smolny, guardas, mensageiros, sentinelas,

Inclinava-se visivelmente a favor deles.

E quando viram isso disseram:

“Nossa causa está ganha pela metade”.

- Brecht, “Os bolcheviques descobrem no verão de 1917, no Smolny, onde o povo estava representado: na cozinha.”

O exército, como os outros campos sociais, se polarizou cada vez mais. Ali se expressará de forma particularmente aguda o acirramento do conflito, pois a questão da paz era uma das mais sentidas pelas massas, cujas penúrias provocadas pela guerra cresciam exponencialmente. A ordem número um emitida pelos Soviete de Petrogrado foi o sinal fornecido pelos trabalhadores e soldados revolucionários para que toda a hierarquia no exército se visse questionada do dia para noite. Como aponta Orlando Figes:

A Ordem Nº1 proporcionou aos praças o orgulho de sentirem-se “cidadãos”, emparelhados aos oficiais, o que logo levou à quebra da disciplina. Embora

articulados de modo a serem dominados pelo oficialato mais jovem e pela *intelligentsia* de uniforme, os recém-surgidos comitês de soldados tornaram-se prepostos da revolução entre a arraia-miúda dos *fronts*, que organizava discussões sobre estratégia e tirava deliberações sobre quando obedecer ou não as ordens dos superiores. Alguns soldados recusavam-se a lutar por mais de oito horas diárias, tomando a si os mesmos direitos dos trabalhadores. Muitos negavam-se a saudar os oficiais e houve casos em que estes foram substituídos por outros, eleitos. A intimidação dos militares com patente era comum. O próprio Brusilov recebeu várias cartas de seus homens, com ameaças de morte cujo objetivo era evitar ordens determinando o avanço das tropas. Em maio, ao assumir o Supremo Comando e passar em revista as unidades da frente norte, onde o espírito de motim era mais intenso, o general descobriu que centenas de oficiais e que quantidade considerável cometera suicídio.²²⁷

Os soldados, provenientes em grande maioria do campesinato, e em parte do proletariado urbano, alinhavam-se cada vez mais aos bolcheviques ao ver que as promessas de paz feitas pelo governo provisório se arrastavam indefinidamente e nada mudava enquanto os soldados morriam no front. Um soldado na reunião do Soviete de Petrogrado em 30 de outubro coloca esta situação em palavras que calam fundo nos trabalhadores:

“Comrades! I bring you greetings from the place where men are digging their graves and call them trenches!”

Then arose a tal, gaunt young soldier, with flashing eyes, met with a roar of welcome. It was Chudnovsky, reported killed in the July fighting, and now risen from the dead.

“The soldier masses no longer trust their officers. Even the Army Committees, who refused to call a meeting of our Soviet, betrayed us....”²²⁸

²²⁷ FIGES, Orlando. *A Tragédia de um Povo. A Revolução Russa 1891-1924*. São Paulo: Record, 1999. P. 479.

²²⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 625. “Camaradas! Trago as saudações de um lugar onde homens cavam as próprias tumbas, que são chamadas de trincheiras!”

Ergueu-se então um jovem soldado alto e macilento, com olhos faiscantes, que foi recebido com enorme ovação. Era Tchudnovski, que fora tido como morto nos combates de julho e agora ressuscitava.

“As massas de soldados não confiam mais em seus oficiais. Até mesmo os Comitês do exército, que se recusaram a convocar uma reunião do nosso soviete, nos traiu...” (P. 93).

Reed irá apresentar ao leitor uma das personagens fundamentais do outro campo: os soldados do exército. O autor é bem sucedido, ao longo da narrativa, em demonstrar o abismo que está instaurado no exército e como – via de regra – todos os soldados aderem ao campo Bolchevique e todos os oficiais à burguesia ou aos socialistas moderados. Aqui, Reed procura demonstrar qual o estado de ânimo daqueles que estão, dia a dia, morrendo nas trincheiras para levar a guerra imperialista à frente. Isto é fundamental para que se possa compreender a grande adesão aos Bolcheviques pois a demanda de paz foi um dos motores fundamentais da revolução – foi ela que precipitou a primeira crise do governo provisório, quando o ministro Cadete Miliukov anunciou aos países aliados que manteria a Rússia na guerra logo após a votação das diretrizes de paz dos soviets: paz imediata sem anexações ou indenizações. Reed apresenta a voz clamorosa dos soldados assim:

I went across the river to the Cirque Moderne, to one of the great popular meetings which occurred all over the city, more numerous night after night. The bare, gloomy amphitheater, lit by five tiny lights hanging from a thin wire, was packed from the ring up the steep sweep of grimy benches to the very roof – soldiers, sailors, workmen, women, all listening as if their lives depended upon it. A soldier was speaking, from the Five Hundred and Forty-Eight Division, wherever and whatever that was.

“Comrades,” he cried, and there was real anguish in his drawn face and despairing gestures. “The people at the top are always calling upon us to sacrifice more, sacrifice more, while those who have everything are left unmolested.

“We are at war with Germany. Would we invite German generals to serve on our Staff? Well, we’re at war with the capitalists too, and yet we invite them into our Government....

“The soldier says, ‘Show me what I am fighting for. Is it Constantinople, or is it free Russia? Is it the democracy, or is it the capitalist plunderers? If you can prove to me that I am defending the Revolution then I’ll go out and fight without capital punishment to force me.’

“When land belong to the peasants, and the factories to the workers, and the power to the Soviets, then we’ll know we have something to fight for, and we’ll fight for it!”

In the barracks, the factories, on the street corners, endless soldier speakers, all clamoring for an end to the war, declaring that if the Government did not

make an energetic effort to get peace, the army would leave the trenches and go home.²²⁹

Reed coloca na voz de um soldado o clamor de todos, e em seguida ele mesmo afirma que este grito ressoa em cada canto onde há um soldado falando. O mesmo conflito que Reed apresenta no exército, colocando esta instituição sempre dividida entre oficiais e soldados, aparece de forma bastante semelhante entre os Cossacos. Os latifundiários Cossacos –personificados fundamentalmente por Kaledin e Kornilov – representam a face mais aguerrida da contra-revolução. É assim que Reed apresenta Kornilov no início do segundo capítulo: “In September General Kornilov marched on Petrograd to make himself military dictator of Russia. Behind him was suddenly revealed the mailed fist of the bourgeoisie, boldly attempting to crush the Revolution.”²³⁰ Reed sempre associa os indivíduos à classe à qual se vinculam.

Os cossacos figuram na maior parte do livro como um setor a ser disputado, cuja influência da burguesia é grande, mas que graças à política dos bolcheviques para dirigir-se diretamente aos cossacos pobres, acabam pendendo em grande parte para o lado revolucionário. Esta disputa entre os cossacos, uma constante no livro, se mostra

²²⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 608-609. Atravessei o rio para presenciar, no Circo Moderno, uma das grandes assembleias que se realizavam por toda a cidade, com uma participação que aumentava cada noite. O anfiteatro, despojado e escuro, iluminado apenas por cinco lâmpadas fraquinhas penduradas em um fio frágil, estava totalmente tomado por soldados, marinheiros, operários e mulheres-do chão ao teto, passando pelas fileiras de bancos imundos-, todos de ouvidos atentos, como se suas vidas dependessem daquilo. Estava com a palavra um soldado da 548ª Divisão, que ninguém sabia o que era nem onde ficava:

“Camaradas – ele gritou, e seu semblante extenuado e seus gestos desesperados de notavam uma grande angústia –, os homens lá de cima estão sempre nos pedindo sacrifícios, mais sacrifícios, enquanto aqueles que têm tudo permanecem intocados.

Estamos em guerra com a Alemanha. Convidaríamos os generais alemães a integrar o nosso Estado-Maior? Pois bem, estamos em guerra também contra os capitalistas, e, no entanto, convidamos a integrar nosso governo...

O soldado diz: “Mostre-me o motivo pelo qual estou lutando. É por Constantinopla ou por uma Rússia livre? É pela democracia ou pela pilhagem capitalista? Se vocês conseguirem me provar que estou defendendo a Revolução, então eu saio daqui e vou para a luta sem necessidade de nenhuma pena capital para me forçar a isso”

Quando a terra pertencer aos camponeses, e as fábricas aos operários, e o poder aos soviets, aí sim saberemos que temos algo pelo que lutar, e iremos lutar por isso!

Nas casernas, nas fábricas, nas esquinas, uma quantidade infindável de soldados discursava, sempre exigindo o fim da guerra e declarando que, se o governo não adotasse um esforço energético pela paz, as tropas abandonariam as fronteiras e voltariam para casa. (P.72-73).

²³⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 605. Em setembro, o general Kornikov marchou sobre Petrogrado a fim de se fazer o ditador militar da Rússia. Por trás dele revelou-se, de repente, o punho armado da burguesia, que procurava, de forma ousada, esmagar a Revolução. (P.68).

mais claramente em dois episódios, sendo um deles de grande importância militar, marcando a vitória do governo dos soviets sobre Kaledin:

The Council of People's Commissars issued a proclamation to the Cossacks, explaining what the Soviet Government was, how the propertied classes, the *chinoviki*, landlords, bankers, and their allies, the Cossack princes, landowners, and generals, were trying to destroy the Revolution, and prevent the confiscation of their wealth by the people.

On 27 November a committee of Cossacks came to Smolny to see Trotsky and Lenin. They demanded if it were true that the Soviet Government did not intend to divide the Cossack land among the peasants of Great Russia? "No," answered Trotsky. The Cossacks deliberated for a while. "Well," they asked, "does the Soviet Government intend to confiscate the estates of our great Cossack landowners and divide them among the Cossacks?" To this Lenin replied. "That," he said, "is for you to do. We shall support the working Cossacks in all their actions.... The best way to begin is to form Cossack Soviets; you will be given representation in the Tsay-ee-kah, and the it will be *your* Government, too...."

The Cossacks departed, thinking hard. Two weeks later General Kaledin received a deputation from his troops. "Will you," they asked, "promise to divide the great estates of the Cossacks landlords among the working Cossacks?"

"Only over my dead body," responded Kaledin. A month later, seeing his army melt away before his eyes, Kaledin blew out his brains. And the Cossack movement was no more....²³¹

²³¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 830. O Conselho dos Comissários do Povo publicou um manifesto dirigidos aos cossacos explicando o que era o governo soviético e como a burguesia, os *tchinovniki*, os grandes proprietários de terra, banqueiros e seus aliados, os príncipes cossacos, os senhores e generais tentavam destruir a Revolução e evitar o confisco de suas riquezas pelo povo.

Em 27 de novembro uma comissão de cossacos se dirigiu ao Smolny para falar com Trótski e Lênin, Perguntaram-lhes se era verdade que o governo soviético não pretendia dividir as terras dos cossacos entre os camponeses da grande Rússia. "Não", respondeu Trótski. Os cossacos se reuniram em separado por alguns instantes. "Bem", perguntaram, então, "pretende o governo soviético confiscar as propriedades dos grandes proprietários cossacos e dividi-las entre os cossacos trabalhadores?" Lênin respondeu: "isso cabe a vocês fazerem. Nós daremos apoio aos trabalhadores cossacos em todas as suas ações... A melhor forma de começar é constituindo soviets cossacos. Vocês terão representação no *Tsik*, e então esse governo será o governo de vocês também..."

Os cossacos partiram, bastantes pensativos. Duas semanas depois, o general Kaledin recebeu uma delegação de suas tropas. Perguntaram-lhe: "Vocês prometes dividir as terras dos grandes proprietários cossacos entre os trabalhadores cossacos?"

"Só por cima do meu cadáver" respondeu Kaledin. Um mês mais tarde vendo seu exército se esvaír diante de seus próprios olhos, kaledin estourou os miolos. E assim chegava ao fim o movimento cossaco... (p.)

A outra passagem refere-se a uma manifestação dos soviets que estava sendo convocada, e na tentativa de provocar um conflito, os generais cossacos chamaram uma procissão religiosa para os cossacos no mesmo dia. A questão foi resolvida da mesma forma: um comunicado direto do soviete de Petrogrado foi dirigido aos cossacos para que não se colocassem contra a revolução, e a procissão foi cancelada.²³²

Nestas passagens, Reed não apenas mostra como se dá o diálogo e a disputa política entre estas personagens coletivas – soviets, bolcheviques, generais cossacos, cossacos trabalhadores – mas demonstra uma questão fundamental na guerra civil: a disputa militar é a conclusão inevitável do acirramento entre as classes, mas não é o fundamental desta luta. Nas palavras do teórico militar prussiano que muito inspirou Lenin e Trotsky, Carl Von Clausewitz, “a guerra é a continuação da política por outros meios.” Assim, se no México os conflitos militares tomavam o primeiro plano narrativo, aqui as descrições de batalhas são relativamente secundárias, considerando-se que é o começo de uma guerra civil, e Reed ressalta sempre as medidas políticas que eram tomadas pelos dirigentes para conquistar posições minimizando o uso da força.

É por este meio que Reed descreve as batalhas fundamentais, sem deixar de apresentar os episódios de combates militares. Isso ocorre, por exemplo, na derrota de Kaledin e seu suicídio, que apresentamos anteriormente. Este conflito no seio do exército entre os oficiais e os soldados permeia todo o livro, mas ressaltamos dois episódios em particular que expressam de forma metonímica a disputa que se deu em cada regimento do exército entre o bloco social aglutinado em torno do Comitê de Salvação e os Soviets e o Comitê Militar Revolucionário, e a hegemonia dos soldados após a revolução de novembro. Esta disputa, que era política antes de ser militar, determinaria o vencedor da contenda. E o episódio em questão, um dos pontos de maior tensão na narrativa de Reed, é o debate do regimento de carros blindados (Bronneviki), que consistia em um setor-chave para a questão militar:

A little officer in a leather coat came running down the steps. “The garrison is turning!” he muttered in my ear. “It’s the beginning of the end of the Bolsheviki. Do you want to see the turn of the tide? Come on!” (...)

“What regiment is it?”

²³² REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 629.

“The Bronneviki....” Here was indeed serious trouble. The Bronneviki were the Armored Car troops, the key to the situation; whoever controlled the Bronneviki controlled the city. “The Commisars of the Committee for Salvation and the Duma have been talking to them. There’s a meeting on to decide....”

“Decide what? Which side they’ll fight on?”

“Oh, no. That’s not the way to do it. They’ll never fight against the Bolsheviki. They will vote to remain neutral – and then the *yunkers* and Cossacks –“²³³

Reed, acentuando a importância deste regimento, prepara o suspense ao leitor para uma cena decisiva na correlação de forças. Em quatro páginas, o autor descreve a assembleia do regimento, relatando as falas dos oradores, os argumentos dos que defendiam a neutralidade e aqueles que eram a favor de tomar partido do governo bolchevique. O primeiro a tomar a palavra e ganhar a considerável adesão do regimento é Khanjunov, que havia presidido o Congresso de Toda a Rússia dos Bronneviki.

A little, handsome figure in his leather coat with lieutenant’s shoulder-straps, he stood, pleading eloquently for neutrality.

“It is an awful thing,” he said, “for Russians to kill their Russian brothers. There must not be civil war between soldiers who stood shoulder to shoulder against the Czar, and conquered the foreign enemy in battles which will go down in history! What have we, soldiers, got to do with these squabbles of political parties? I will not say to you that the Provisional Government was a democratic Government; we want no coalition with the bourgeoisie – no. But we must have a Government of the United democracy, or Russia is lost! With

²³³ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 725. Um oficial pequeno desceu as escadas correndo. “A guarnição está virando!” murmurou a meu ouvido. “É o começo do fim dos bolcheviques. Quer assistir à virada da maré? Venha comigo” Saiu correndo em direção à Mikhailovski, e nós fomos atrás dele.

“Que regimento é esse?”

“Os Bronneviki... “Realmente era algo sério. Os bronneviki eram as tropas de carros blindados, em elemento central na situação; quem controlasse os Bronneviki controlaria a cidade. “Comissários do Comitê de Salvação e da Duma conversaram com eles. Estão reunidos para tomar uma decisão...”

“Decisão sobre o quê? Sobre qual lado lutarão?”

“Oh, não. Não é por aí. Eles jamais lutariam contra os bolcheviques. Irão decidir por ficarem neutros- e assim os *yunkers* e os cossacos...” (P. 221).

such a Government there will be no need for civil war, and the killing of brother by brother!”

This sounded reasonable – the great hall echoed eo the crash of hands and voices.²³⁴

Com esta primeira intervenção, Reed demonstra como o ambiente era desfavorável para garantir a adesão ao governo bolchevique, já que uma figura muito influente como Khanjunov argumentava de forma muito convincente – permeada por uma retórica demagógica e despolitizante de que os soldados “nada tem a ver” com as disputas políticas dos partidos – pela neutralidade. Isto acentua o clima de suspense e tensão criado pelo autor. Reed segue relatando os oradores de forma a equilibrar a disputa: um soldado do front fala que precisam da paz imediatamente, e que devem aderir a quem possa garantir isso – mas não se pronuncia abertamente sobre a disputa concreta; um Menchevique *oboronets* é repudiado ao dizer que a guerra deve prosseguir até a vitória dos aliados (“Você fala como Kerensky!”, grita um soldado); um bolchevique é mal recebido por sua fala violenta, cheia de ódio. Reed afirma que este não era o estado de espírito dos homens ali. Khanjunov fala novamente, e Reed coloca um questionamento, que não se sabe se é levantado por ele ou pelos próprios soldados presentes: “Khanjunov returned, persuasive and sympathetic. But wasn’t he an officer, and an *oboronets*, however much he talked of peace?”²³⁵ Este comentário de Reed acentua o quão demagógica são as posições de Khanjunov, que, mesmo sendo militante de um partido que defende o governo provisório, em seu desespero para conseguir e neutralidade do regimento afirma que os soldados “nada tem a ver” com estas disputas, dissimulando suas próprias convicções políticas em sua retórica.

²³⁴ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 725-726. Figura bela e graciosa com sua capa de couro com suas tiras de tenente nas ombreiras, defendia, eloquentemente, a neutralidade.

“É uma coisa terrível para os russos”, disse ele, “matar seus próprios irmãos russos. Não deve haver uma guerra civil entre soldados que estiveram ombro a ombro, juntos, contra o tsar, e que venceram os inimigos em batalhas que entrarão para a história! O que nós, soldados, devemos fazer em meio a essas disputas entre os partidos políticos? Não lhes direi que o Governo Provisório era um governo democrático; não queremos uma coalizão com a burguesia, não. Mas precisamos de um governo de união democrática, caso contrário a Rússia estará perdida! Com um governo assim, não haverá necessidade de guerra civil e da matança de irmãos perpetrada por seus próprios irmãos!” Parecia algo bastante razoável. Aplausos e aclamações ecoavam na grande sala. (P.222).

²³⁵ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 726. Khanjunov voltou a falar, persuasivo e envolvente. Mas mesmo que falasse de paz, não era ele um oficial e um *oboronets*? P. 223

O interessante nas falas que Reed aponta e que são mal recebidas, tanto por parte do menchevique que defende a continuidade da guerra como por parte do bolchevique “raivoso”, é que ali era fundamental escolher bem os argumentos, a forma de colocar a questão, pois era uma disputa acirrada entre as posições e o convencimento do regimento era decisivo. Reed procura explicitar o conflito que estava na mente de cada um deles:

Never have I seen men trying so hard to understand, to decide. They never moved, stood staring with a sort of terrible intentness at the speaker, their brows wrinkled with the effort of thought, sweat standing out on their foreheads; (...) For the moment they were lifted out of the ordinary run of common thoughts, thinking in terms of Russia, of Socialism, the world, as if it depended on them whether the Revolution were to live or die....²³⁶

A última fala é de Krylenko, representando o governo bolchevique, e Reed descreve sua extrema exaustão quando este afirma que não dorme há quatro noites. Seu anúncio de que o decreto de paz havia sido feito pelo novo governo é recebido com aplausos, e o ponto forte da argumentação de Krylenko é mostrar que não há neutralidade possível e que a divisão ali não é entre os partidos de esquerda, mas entre as classes:

“You are asked to remain neutral – to remain neutral while the *yunkers* and the Death Battalions, who are *never* neutral, shoot us down in the streets and bring back to Petrograd Kerensky – or perhaps some other of the gang. Kaledin is marching from the Don. Kerensky is coming from the front. Kornilov is raising the Tekhinski to repeat his attempt of August. All these Mensheviks and Socialist Revolutionaries who call upon you now to prevent civil war – how have they retained the power except by civil war, that civil war which has endured ever since July, and in which they constantly stood on the side of the bourgeoisie, as they do now?

“How can I persuade you, if you have made up your minds? The question is very plain. On one side are Kerensky, Kaledin, Kornilov, the Mensheviks, Socialist Revolutionaries, Cadets, Dumas, officers.... They tell us that their objects are good. On the other side are the workers, the soldiers and sailors,

²³⁶ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 726.. Eu nunca vi homens fazendo tanto esforço para entender, para decidir. Permaneciam ali imóveis, de pé, olhando com uma terrível intensidade para o orador, os cenhos franzidos no esforço de raciocinar, o suor escorrendo pela testa; (...) naquele instante, estavam distantes do curso normal dos pensamentos banais, pensando mais na Rússia, no socialismo, no mundo, como se deles dependesse a sobrevivência da Revolução... (P. 223)

the poorest peasants. The Government is in your hands. You are the másters. Great Russia belongs to you. Will you give it back?"²³⁷

E, com isto, Krylenko garantiu a adesão dos Bronneviki à revolução. Assim, Reed foi capaz de retratar nesta cena a disputa política que definiria o resultado do embate militar, da forma como aconteceu, aproximadamente, em todos os regimentos. Esta metonímia, por sua vez, faz parte de outra, representando os acontecimentos revolucionários de todo o país, como Reed indica já em seu prefácio:

Naturally, most of it [refere-se ao livro] deals with "Red Petrograd", the capital and heart of the insurrection. But the reader must realize that what took place in Petrograd was almos exactly duplicated, with greater or lesser intensity, at different intervals of time, all over Russia.²³⁸

Há outra cena em que Reed apresenta uma metonímia, mas desta vez da vitória dos soldados sobre os oficiais. A cena se passa em um Clube de Oficiais do exército. Reed descreve sua entrada no lugar:

"I am Stepan Georgevich Morovsky, at your service," said the lieutenant in perfect French. From the ornate entrance-hall a cerimonial staircase led upward, lighted by glittering lustres. On the second floor billiard-rooms, card-rooms, a library opened from the hall. We entered the dining room, a long table in the center of which sat about twenty officers in full uniform, wearing their gold and silver handles swords, the ribbons and crosses of Imperial decorations. All rose politely as I entered, and made a place for me beside the colonel, a large, impressive man with a grizzled beard. Orderliers

²³⁷ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 728. "Estão pedindo a vocês que mantenham a neutralidade – que mantenham a neutralidade enquanto os *yunkers* e os Batalhões de Morte, que nunca são neutros, atiram sobre nós nas ruas e trazem Kerenski de volta a Petrogrado – ou talvez algum outro membro da gangue. Kaledin está avançando a partir de Don. Kerenski está vindo do front. Kornilov subleva os Tekhinski a fim de repetir a tentativa de golpe feita em agosto. Todos esses mencheviques e socialistas revolucionários que agora se dirigem a vocês dizendo que é preciso evitar a guerra civil – eu pergunto: como foi que eles se mantiveram no poder senão justamente pelos instrumentos de uma guerra civil, uma guerra civil que perdurou desde julho e na qual eles sempre estiveram do lado da burguesia, como fazem agora?"

"Como posso fazer para convencer vocês, se vocês já estão decididos? A questão é muito clara. De um lado estão Kerenski, Kaledin, Kornilov, os mencheviques, os socialistas revolucionários, o *Cadete*, e os membros da Duma, os oficiais... eles nos dizem que suas intenções são boas. Do outro lado estão os operários, os soldados e os marinheiros, os camponeses pobres. O governo está nas mãos de vocês. Vocês são os senhores. A Grande Rússia pertence a vocês. Irão dá-la de volta para os antigos senhores?" (P. 225).

²³⁸ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 575. Naturalmente, grande parte dele [Os dez dias] se refere à "Petrogrado Vermelha", capital do país e coração da insurreição. Mas o leitor deve levar em consideração que o que se passava em Petrogrado se reproduzia de modo quase idêntico, com maior ou menor intensidade, com diferentes intervalos de tempo, em toda Rússia. (P.31).

were deftly serving dinner. The atmosphere was that of any officers' mess in Europe. Where was the Revolution? ²³⁹

Intrigado com tamanha semelhança com os Clubes de Oficiais de qualquer local onde não houvesse ocorrido uma revolução, Reed interroga os oficiais, perguntando-lhes se são Bolcheviques, e eles sorriem e afirmam que há apenas um oficial Bolchevique no regimento, e que a maioria dos oficiais não é: ali se encontram um Menchevique, um Socialista-Revolucionário de direita, um Cadete – sendo este o Coronel, patente mais alta. O intrigado Reed assiste enquanto eles fazem os planos militares, mas logo terá a resposta à pergunta que fez ao entrar no clube e ver tantos oficiais acomodados com seus uniformes com as decorações imperiais:

Just then the door of the room opened, and there stood the chairman of the regimental committee, with another soldier. They joined the group behind the colonel, peering at the map.

“Good,” said the colonel. “Now the Cossacks have fallen back ten kilometers in our sector. I do not think it is necessary to take up advanced positions. Gentlemen, for tonight you will hold the present line, strengthening the positions by – “

“If you please,” interrupted the chairman of the regimental committee. “The orders are to advance with all speed, and prepare to engage the Cossacks north of Gatchina in the morning. A crushing defeat is necessary. Kindly make the proper dispositions.”

There was a short silence. The colonel again turned to the map. “Very well,” he said, in a different voice. “Stepan Georgevich, you will please – “ Rapidly tracing lines with a blue pencil, he gave his orders, while a sergeant made shorthand notes. (...) The chairman of the committee studied the map with a copy of the orders before him.

²³⁹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p.791. “Sou Stepan Georgevitch Morovski, ai seu dispor”, disse o tenente em um francês perfeito. No elegante saguão de entrada, um escadaria imponente, iluminada por lustres cintilantes, levava para o andar superior. No segundo pavimento, havia salas de bilhar, salões para carteado e uma biblioteca que dava para o hall. Entramos na sala de jantar, onde, em uma longa mesa central, distribuíam-se cerca de vinte oficiais uniformizados, com espadas douradas e prateadas, medalhas e cruzeiros de condecorações imperiais. Todos se levantaram educadamente quando entrei, e um lugar foi aberto para mim ao lado do coronel, um homem de estatura privilegiada e imponente, com uma barba grisalha. O jantar era servido com elegância por alguns ordenanças. O clima lembrava o de toda reunião de oficiais na Europa. Onde estava a Revolução? (P. 306).

“All right,” he said, rising. Folding the carbono copy, he put it in his pocket. Then he signed the other, stamped it with a round seal taken from his pocket, and presented it to the colonel....

Here was the Revolution!²⁴⁰

A subordinação dos oficiais ao comitê de soldados, a forma como seus conhecimentos técnicos se subordinam às decisões políticas para o avanço da revolução, a maneira como Reed demonstra como isto se dá na prática, constituem um retrato vivo da revolução que é capaz de traduzir em fatos concretos e compreensíveis a qualquer um como os acontecimentos políticos da tomada do poder se expressavam nos regimentos e nas relações entre indivíduos. O coronel Cadete obedece as ordens do soldado: é assim que se concretiza a destruição da hierarquia no exército e a organização pelas bases do exército. É assim que se forma, na prática, a defesa militar da revolução no front, onde o conhecimento militar é indispensável.

²⁴⁰ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995. Neste instante, a porta da sala se abriu, e o presidente do comitê entrou acompanhado de um outro soldado. Juntaram-se ao grupo em torno do coronel, de olho no mapa.

“Muito bom”, disse o coronel. “No nosso setor, os cossacos recuaram dez quilômetros. Não acho necessário ocupar posições mais avançadas. Senhores nessa noite vamos manter as atuais linhas, ampliando as posições por...”

“Com sua licença”, interrompeu o presidente do comitê do regimento. “As ordens são de avançarmos com toda velocidade e preparar o cerco aos cossacos no norte de Gatchina de manhã. É preciso impor uma derrota esmagadora. Queiram adotar as medidas necessárias para isso.”

Houve um breve silêncio. O coronel se voltou para o mapa mais uma vez. “Muito bem”, disse ele com uma voz diferente. “Stepan Georgevitch, você, por favor...”. Rapidamente, traçando linhas no mapa com um lápis azul, deu as instruções, enquanto um sargento fazia anotações à mão. O sargento então se retirou, e dez minutos depois voltou com as instruções batidas à máquina, com uma cópia de papel carbono. O presidente do comitê pegou a cópia e se pôs a estudar o mapa.

“Perfeito” disse ele, erguendo o copo. Em seguida dobrou a cópia e guardou-a no bolso, assinou o original, marcado com um carimbo redondo tirado do bolso, e entregou ao coronel...

Aí estava a revolução! (P. 307).

3 CONCLUSÃO:

Um caminho para a arte de um mundo novo

Dai-nos, camaradas, uma arte nova

- nova -

que arranque a República da escória.

- Maiakóvski, “Ordem nº2 ao exército das artes”.

Esperamos ter demonstrado que entre *Insurgent Mexico*, em 1914, e *Ten Days That Shook the World*, em 1919, nasce um novo John Reed, um autor amadurecido com uma forma distinta de escrever, de olhar para seu objeto, de pensá-lo e reconstruí-lo em suas páginas. Agora, queremos pensar um pouco mais detidamente como se deu esta transformação a partir das experiências de Reed e qual seu significado histórico e social.

John Reed foi um aluno de Harvard; sua formação estética, literária, intelectual, se deu em grande parte neste meio: um lugar tradicional, formador de uma elite pertencente à classe dominante americana, carregando todo o peso desta tradição. Neste contexto, seu primeiro grande modelo, que Reed considerou um autêntico mestre, foi seu professor Charles Townsend Copeland – “Copey”, como o chamavam seus amigos. Era um representante desta importante tradição estética de Harvard, – ainda que fosse de certa forma marginalizado nesta instituição, tal como seu discípulo – que se efetivava em seus ensinamentos absorvidos avidamente pelo jovem Reed. Foi a ele que Reed dedicou *Insurgent Mexico*:

Dear Copey:

I remember you thought it strange that my first trip abroad didn't make me want to write about what I saw there. But since then I have visited a country which stimulated me to express it in words. And as I wrote these impressions of Mexico I couldn't help but think that I never would have seen what I did see had it not been for your teaching me.

I can only add my word to what so many who are writting already have told you: That to listen to you is to learn how to see the hidden beauty of the visible world; that to be your friend is to try to be intellectually honest.

So I dedicate this book to you with the understanding that you shall take as your own the parts that please you, and forgive me the rest.²⁴¹

Ainda que Copeland não fosse propriamente um conservador, a dedicatória de Reed está em consonância com o que ele aprendera com seu mentor em Harvard e também com o espírito de seu livro sobre o México: o fundamental então era viver, e fixar na sua escrita a experiência de sua vida, as cores, as impressões, as marcas disso em sua subjetividade. O fundamental era o indivíduo em sua experiência com o mundo, procurando fazer desta o mais intensa o possível. Esta visão, tributária do Romantismo em sua essência centrada no indivíduo, irá persistir por muito anos da vida de Reed, tendo talvez em *Insurgent Mexico* o ponto de sua mais alta realização na escrita do autor.

Seu outro modelo e mentor literário, Lincoln Steffens, irá reforçar esta concepção em Reed, colocando esta experiência com a Vida (sim, a vida com maiúscula) como o centro da experiência literária. Neste sentido, Steffens procurava combater em Reed qualquer tendência política, pois, a seu ver, significava “se prender”, restringir sua visão de mundo. Assim se expressa Steffens a este respeito:

“Convictions were what I was afraid of,” he later wrote. “I tried to steer him away from convictions, that he might play; that he might play with life; and see it all, love it all, live it all, tell it all; that he might be it all; but all, not any one thing. And why not? A poet is more revolutionary than a radical.”²⁴²

²⁴¹ REED, John. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995, p. 4. Caro Copey: Lembrou-me de que você achou estranho que eu não quisesse escrever sobre o que vi em minha primeira viagem ao exterior. Mas, desde então, visitei um país que me estimulou a colocar em palavras o que testemunhei. E, à medida que eu escrevia estas impressões do México, não podia deixar de pensar que jamais teria visto o que vi se não fosse pelo que você me ensinou.

Posso apenas acrescentar a minha opinião pessoal àquela já expressa a você por tantos escritores: que ouvi-lo é aprender a ver a beleza oculta do mundo visível; que ser seu amigo é tentar ser intelectualmente honesto.

Assim, dedico-lhe este livro, no entendimento de que você considerará como suas as partes que lhe agradarem e me perdoará pelo resto. (p.29).

²⁴² GELB, Barbara. *So Short a Time*. New York: W.W. Norton & Company, 1973, p.48 “Convicções eram o que eu temia”, ele escreveu mais tarde. “Eu tentei mantê-lo longe de convicções a que ele pudesse se aferrar; para que ele pudesse jogar com a vida; e ver tudo, amar tudo, viver tudo, contar tudo; que ele pudesse ser tudo; mas tudo, e não apenas uma coisa. E por que não? Um poeta é mais revolucionário do que um radical. (Tradução minha).

Esta visão expressa a consolidada divisão que existe na concepção burguesa de literatura, que separa de forma dicotômica o político do estético, a militância do fazer artístico, a expressão do subjetivo e a intervenção concreta no mundo. Outros conselhos de amigos de Reed são também exemplos desta concepção, como o comentário feito por Bobby Rogers em carta a Reed comentando seu artigo sobre a prisão em Paterson com o dirigente da IWW, Big Bill Haywood:

Cut out the quick-lunch, emotionally effective propaganda dope, such as the jail story in the *Masses*. You can either do that, or you can try to do literature without strings tied to it. The latter for the sake of art, or the first for the sake of Big Bill. You can't do both.²⁴³

A ideia de que a arte não pode estar “a serviço” de nada, que deve ser uma escrita “sem finalidade”, influência Reed tornando-se uma referência para ele, como podemos perceber neste trecho de um ensaio não publicado, denominado “Art for Art’s sake” (Arte pela Arte):

In an essay called “Art for Arts’s Sake” apparently written for the clarification of his own mind, he recorded that the men he respected, such as [Walter] Lippman and [Lincoln] Steffens, all agreed that their best work could not be published in the popular magazines. On the other hand, John Siddall, whom he liked and whose shrewdness he acknowledged, pointed out that, if a writer did not write as these magazines demanded, he had no audience. The writer, Siddall said, should be humble. Failing to recognize the full insidiousness of this defense of the *status quo*, Reed impulsively rebelled against it. “The trouble with all the American mediocrities,” he exclaimed, “is that they want individuals to all be worms and grovel on the ground.” Shelley, Nietzsche, Emerson, and Whitman had not been humble, he declared, and added Shaw, Ibsen, and Rodin to the list. As for him, he would write what he wanted to write: “A real artist goes on creating for art’s sake whether he achieves publication or not.”²⁴⁴

²⁴³ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. p.107. Acabe com a propaganda viciante, pré-fabricada e emocionalmente eficaz, tal como na história da cadeia em *The Masses*. Você pode ou fazer isto, ou você pode tentar fazer literatura sem nenhuma manipulação por trás. Esta, pelo bem da arte; aquela, pelo bem de Big Bill. Você não pode fazer ambas. (Tradução minha).

²⁴⁴ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936., p.75. Em um ensaio denominado “Arte pelo bem da Arte” aparentemente escrito para a sua própria clarificação ele lembrava que os homens que respeitava, tais como [Walter] Lippman e [Lincoln] Steffens, todos concordavam que seus melhores trabalhos não poderiam ser publicados nas revistas populares. Por outro lado, John

Assim, podemos perceber que a concepção de arte pela arte se consolida em Reed por dois caminhos distintos e, de certa forma, complementares: um deles aponta para a necessidade de se firmar como sujeito diante do mundo, como indivíduo criador que se afirma por meio de sua escrita. Ou seja, a escrita aparece para Reed primeiro como a forma do sujeito se afirmar, em consonância com o que aponta Hegel sobre a necessidade humana da arte:

The universal need for art, that is to say, is man's rational need to lift the inner and outer world into his spiritual consciousness as an object in which he recognizes again his own self. The need for this spiritual freedom he satisfies, on the one hand, within by making what is within him explicit to himself, but correspondingly by giving outward reality to this his explicit self, and thus in this duplication of himself by bringing what is in him into sight and knowledge for himself and others. This is the free rationality of man in which all acting and knowing, as well as art too, have their basis and necessary origin.²⁴⁵

A divisão do estético e do político é um processo histórico complexo que têm marcas profundas das concepções românticas, quando os artistas fizeram um movimento reativo contra a mercantilização de sua arte se refugiando numa idealização do passado e da arte como possuidora de um valor intrínseco. O segundo caminho que Reed trilhou para esta concepção está estreitamente relacionado a este movimento defensivo, quando ele foi obrigado a submeter seu trabalho artístico ao crivo ideológico, mercadológico e também político das publicações comerciais nas quais pretendia publicar seu trabalho. Na citação acima de *Art for Art's sake* este mesmo movimento reativo pode ser nitidamente percebido em Reed: pouco importa se os escritos serão publicados ou não, se serão lidos ou não – o artista cria pelo “bem da arte”.

Sidall, de quem gostava e cuja astúcia reconhecia, se um escritor não escrevesse conforme estas revistas exigiam, ele não teria audiência. O escritor, disse Sidall, deve ser humilde. Incapaz de compreender a completa falsidade desta defesa do *status quo*, Reed impulsivamente se rebelou contra ela. “O problema de todas os americanos medíocres,” ele exclamou, “é que eles querem que todos os indivíduos sejam vermes e rastejem pelo chão.” Shelley, Nietzsche, Emerson e Whitman não foram humildes, ele declarou, e adicionou Shaw, Ibsen e Rodin à lista. Quanto a ele, escreveria aquilo que desejasse escrever: “um verdadeiro artista segue criando pelo bem da arte, seja ele publicado ou não.” (Tradução minha).

²⁴⁵ HEGEL, G. W. F. The Master-Slave Dialectic; Lectures on fine art, in: *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. New York/London: W.W. Norton & Company. A necessidade universal da arte, por assim dizer, é a necessidade racional do homem de elevar seu mundo interno e externo em sua consciência espiritual como um objeto no qual ele reconheça novamente a si mesmo. A necessidade dessa liberdade espiritual é satisfeita, por um lado, fazendo o que é interno a ele explícito a ele próprio, mas, correspondentemente, dando uma realidade externa para este eu explícito, e assim, nesta duplicação dele próprio, trazendo aquilo que está dentro de si para ser visto e conhecido por ele mesmo e por outros. Essa é a racionalidade livre do homem na qual toda ação e conhecimento, bem como a arte, têm sua base e necessária origem. (Tradução minha).

Assim, se consolida a raiz das mais importantes concepções de “Literatura” e de “literário” que seguem vigentes hoje. Podemos compreender a gênese de tais concepções, vinculadas a estruturas econômicas – de estruturação das classes sociais, portanto – apenas recorrendo ao materialismo dialético, que compreende a raiz material das concepções filosóficas e artísticas (dentre as quais a noção da “estética” é uma das mais relevantes atualmente). Marx e Engels apresentam esta ideia da seguinte forma:

As representações, o modo de pensar, a comunicação espiritual entre os homens se apresentam aqui, ainda, como emanção direta da sua relação material, tal como se manifesta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores das suas representações, das suas ideias etc. – mas se trata de homens reais e ativos, condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e pelo intercâmbio a ele correspondente, inclusive suas formas mais desenvolvidas. A consciência não pode ser nunca outra coisa que o ser consciente e o ser dos homens é o processo real de sua vida. (...) Inteiramente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu.²⁴⁶

Raymond Williams e Terry Eagleton, seguindo esta concepção do materialismo dialético e aprofundando-a, são dois autores fundamentais para podermos pensar nestas categorias. A preponderância do papel político e ideológico que o conceito de estético assume para a burguesia e seu controle social sobre a produção artística é bem sintetizada por Eagleton na seguinte passagem:

Meu argumento, *lato sensu*, é de que a categoria do estético assume tal importância no pensamento moderno europeu porque falando de arte ela fala também dessas outras questões, que se encontram no centro da luta da classe média pela hegemonia política. A construção da noção moderna do estético é assim inseparável da construção das formas ideológicas dominantes da sociedade de classes moderna, e na verdade, de todo um novo formato de subjetividade apropriado a esta ordem social. É em função disso, e não de um súbito despertar de homens e mulheres para o valor superior da poesia e da pintura, que a estética assumiu este papel tão importuno na herança intelectual do presente.²⁴⁷

²⁴⁶ MARX, Karl; ENGELS, F. *Cultura, Arte e Literatura: Textos Escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p.98.

²⁴⁷ EAGLETON, Terry. *The Ideology of the Aesthetic*. Oxford: Blackwell, 1990.

Se tal noção do estético está em função da manutenção de uma ordem política e social que atenda aos interesses da burguesia, a concepção de Literatura como uma subdivisão deste se encontra, também, completamente vinculada a isto. O próprio biógrafo de Reed, Granville Hicks, chama a atenção em relação a este aspecto quando fala de Bobby Rogers, que havia aconselhado Reed a fazer literatura “sem o rabo preso” com Big Bill Haywood, mostrando que os que se pronunciavam em defesa de uma literatura “não política”, o fazem em defesa de uma concepção política também:

Reed could not foresee that Rogers, having won notoriety by advising his students at Massachusetts Institute of Technology to be snobs and marry their bosses' daughters, would do his “literature without strings tied to it” for a [William Randolph] Hearst newspaper.²⁴⁸

Assim, não podemos compreender as definições de Literatura sem entendermos o contexto histórico e social em que se produzem. Williams, traçando historicamente o percurso do uso do termo “literatura”, conclui da seguinte forma:

It is relatively difficult to see ‘literature’ as a concept. In ordinary usage it appears to be no more than a specific description, and what is described is then, as a rule, so highly valued that there is a virtually immediate and unnoticed transfer of the specific values of particular works and kinds of work to what operates as a concept but is still firmly believed to be actual and practical. (...) Thus it is common to see ‘literature’ defined as ‘full, central, immediate human experience’, usually with an associate reference to ‘minute particulars’. By contrast, ‘society’ is often seen as essentially general and abstract: the summaries and averages, rather than the direct substance, of human living (...) the abstraction of the ‘concrete’ is a perfect and virtually unbreakable circle. (...) This is a powerful and often forbidding system of abstraction, in which the concept of ‘literature’ becomes actively ideological.²⁴⁹

²⁴⁸ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. p.107. Reed não podia prever que Rogers, tendo ganhado notoriedade por aconselhar seus estudantes no *Massachusetts Institute of Technology* a serem esnobes e se casarem com as filhas de seus chefes, iria fazer a sua “literatura sem nenhuma manipulação por trás” para um jornal de [William Randolph] Hearst. (Tradução minha).

²⁴⁹ WILLIAMS, Raymond. *Literature and Marxism*. London and New York: Oxford University Press, 1977. É relativamente difícil ver a “literatura” como um conceito. No seu uso habitual parece não ser mais do que descrição específica, e aquilo descrito é então, via de regra, tão valorizado que há uma imediata e imperceptível transferência dos valores específicos de obras particulares e tipos de obras para aquilo que opera como um conceito mas ainda assim é firmemente encarado como algo prático e verdadeiro. (...) Portanto é comum encontrarmos a “literatura” definida como “experiência humana imediata, central e plena”, geralmente com uma referência associada a “detalhes minuciosos”. Em contraste, a “sociedade” é frequentemente vista como geral e abstrata: as sínteses e médias, ao invés

Esta explicação do processo ideológico que se opera no conceito de literário, em que o texto escrito é visto como “mais real que a realidade”, explica muito bem algumas das noções que Reed carrega e que lhe são pregadas por seus mentores, como a necessidade de expressar suas experiências vividas de forma intensa a partir da sua escrita, e de que o seu comprometimento com alguma causa real poderia interferir em sua experimentação do mundo e, portanto, em sua capacidade de expressar a “intensidade da vida”. É Steffens que apresenta esta dicotomia e concepção de forma mais acabada ao dizer que: “Um poeta é mais radical que um revolucionário”. Assim, o fazer literário seria uma atividade tão valorizada que estaria acima de qualquer intervenção concreta na realidade. É isto que Eagleton aponta quando, após contestar as definições mais aceitas de literatura em nossa sociedade, afirma que:

(...) podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos que vão desde *Beowulf* até Virginia Woolf, do que como as várias maneiras pelas quais as pessoas se *relacionam* com a escrita. (...) Não existe uma ‘essência’ da literatura. ‘Literatura’ talvez signifique (...) qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, seja altamente valorizada. (...) Qualquer ideia de que o estudo da literatura é o estudo de uma entidade estável e bem definida, tal como a entomologia é o estudo dos insetos, pode ser abandonada como uma quimera.²⁵⁰

Contudo, as definições tradicionais de literatura e a dicotomia entre a política e a arte que elas carregam dentro de si começam a ser questionadas pela própria experiência de vida do autor: após chegar em Nova Iorque, Reed passa a ver a pobreza que é originada pelo capitalismo e a miséria e exploração brutalizante a que estão submetidos os trabalhadores. Isto passa a ser uma fonte de inquietação para ele, em relação a qual não consegue permanecer passivo. Ou seja, foi a própria forma de criação inculcada em Reed por Copeland e Steffens – de viver e experimentar o mundo – que levou Reed a seus primeiros passos rumo à militância política. Em *Almost Thirty* (Quase Trinta), ele sintetiza este processo:

De modo geral, as ideias não significavam muito para mim por si mesmas. Eu precisava ver. Nas minhas incursões pela cidade, não podia ajudar mas

da substância direta da vida humana (...) a abstração do “concreto” é um círculo perfeito e virtualmente indestrutível. (...) Esse é um sistema de abstração poderoso e frequentemente esquecido, no qual o conceito de “literatura” se torna ativamente ideológico. (Tradução minha).

²⁵⁰ EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.12-15.

observava a feiúra da pobreza e todas as sequelas de seus males, a cruel desigualdade entre os ricos, com seus muitos carros, e os pobres, sem ter o suficiente para comer. Eu soube então, e não foi pelos livros, como os trabalhadores produzem toda a riqueza do mundo, e que esta vai para aqueles que nada fazem para merecê-la.²⁵¹

Desta experiência com a pobreza em geral, Reed irá avançar para uma vivência com a classe trabalhadora organizada, colocando de pé suas ferramentas de luta, como os sindicatos, as greves e os piquetes, vivendo a experiência que será um divisor de águas para ele da greve têxtil de Paterson e sua aproximação com a IWW. A força deste episódio fará com que Reed supere – na prática, mas não em suas concepções artísticas – pela primeira vez a barreira entre a “arte” e a “política”, com a montagem do *Paterson Strike Pageant*. Os apontamentos que Iná Camargo Costa faz a respeito da desvalorização generalizada da montagem teatral como um evento artístico não fazem mais do que reforçar em Reed a concepção que ele próprio possui sobre esta incompatibilidade. O teatro, contudo, foi a primeira forma de militância de Reed, e esta se deu combinando a intervenção artística e a política, superando seus próprios preconceitos duramente incrustados em sua mente. Mas os primeiros golpes nesta concepção conservadora e elitista de arte haviam sido dados.

O momento em que o sentimento vago de protesto social do jovem romântico passa a ganhar os contornos mais definidos de uma consciência de classe do ativista político com uma compreensão mais nítida da luta entre duas classes irreconciliavelmente antagônicas ocorreu na greve de Paterson. A partir de então se inicia um movimento lento e contínuo em que a afirmação de Reed como sujeito vai perdendo os contornos de uma afirmação do indivíduo, e ele passa a se perceber cada vez mais como parte de uma luta social e coletiva; assim, sua afirmação como sujeito não se completa na esfera individual e privada do artista, mas na esfera política e social do ativista e militante. A ideia de arte como afirmação de sua subjetividade passa a ficar em segundo plano, dando lugar a ideia da intervenção política ao lado dos trabalhadores. É esta modificação que a forja da realidade material da luta de classes passa a operar na matéria-prima maleável de sua consciência. Sua escrita se modifica no passo destas transformações.

²⁵¹ REED, John. *Eu Vi Um Novo Mundo Nascer*. São Paulo: Boitempo, 2001, p.37.

Assim, é em sua experiência com as greves, a organização e a luta da classe trabalhadora, e não na universidade ou nos livros, que Reed aprende conceitos que Marx destrincha em sua obra, como, por exemplo, nesta passagem de *O Capital*:

Hence it is self-evident that the labourer is nothing else, his whole life through, than labour-power, that therefore all his disposable time is by nature and law labour-time, to be devoted to the self-expansion of capital. Time for education, for intellectual development, for the fulfilling of social functions and for social intercourse, for the free-play of his bodily and mental activity, even the rest time of Sunday (and that in a country of Sabatarians!) – moonshine! But in its blind unrestrainable passion, it werewolf hunger for surplus-labour, capital oversteps not only the moral, but even the merely physical maximum bounds of the working-day. It usurps the time for growth, development, and healthy maintenance of the body. (...) ²⁵²

Para Reed, no entanto, ainda distante de ser um político revolucionário e ter compreensão da teoria marxista, a questão ainda surge de forma enviesada, com uma mistura de culpa cristão unindo-se ao sentimento de uma necessidade de fazer algo para contribuir para o fim da miséria e da exploração, mas sem saber o quê. Não compreende completamente nem a fonte de toda a miséria, nem as vias para sua erradicação. Estas confusões são sentimentos bastante afinados com a sua ambiguidade entre a arte e a política, que aparecem ainda a este Reed imaturo como duas práticas antagônicas. E isto fica claro em *Almost Thirty* (Quase Trinta):

Quanto a mim, não sei o que fazer para ajudar – ainda não sei. Mas sei que a minha felicidade está construída sobre a miséria de outros, que posso comer porque outros passam fome, ando vestido enquanto outros perambulam quase nus pelas cidades congeladas no inverno; e isso me faz mal, perturba minha tranquilidade, me faz escrever propaganda quando preferia atuar – embora não tanto quanto fiz um dia. ²⁵³

²⁵² MARX, Karl; ENGELS, F. *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. New York/London: W.W. Norton & Company, 2010. Dessa forma é evidente por si mesmo que o trabalhador não é nada mais durante toda a sua vida do que força de trabalho, e que portanto todo o seu tempo disponível é por natureza e por lei tempo de trabalho, a ser devotado à auto-reprodução do capital. Tempo para educação, para o desenvolvimento intelectual, para a ocupação de funções sociais e para intercâmbio social, para a livre disposição de sua atividade mental e corporal, até mesmo de descanso do sábado (e isso em um país Sabático!) – tolice! Mas em sua paixão cega e irrefreável, sua fome de lobisomem pelo mais-trabalho, o capital pisoteia não apenas a moral, mas até mesmo os limites máximos meramente físicos do dia de trabalho. Ele usurpa o tempo para crescimento, desenvolvimento e manutenção saudável do corpo. (...) (Tradução minha).

²⁵³ REED, John. *Eu Vi Um Novo Mundo Nascer*. São Paulo: Boitempo, 2001, p.39.

Por isto, se trata de uma experiência decisiva em todos os sentidos a ida de Reed à Rússia e seu testemunho, pela primeira vez, de uma experiência social capaz de apontar as respostas políticas que ele procurava para combater a exploração capitalista; isto faz com que sinta a necessidade premente de fazer parte daquilo e se tornar um agente daquela transformação em escala mundial. A angústia e a inquietação que isto causa ao autor ficam patentes neste diálogo relatado por Albert Rhys Williams quando estavam ambos em meio à revolução russa:

Reed burst into a guffaw, slapped me on the back, and wanted to know: “Do you think we’ll ever make the grade? Or are we tagged for life – the humanitarians, the diletantes?” (...) “What counts is what we do when we go home,” he said somberly. “It’s easy to be fired by things here. We’ll Wind up thinking we’re great revolutionaries. And at home?” He laughed bittlerly. “Oh, I can always put on another pageant”²⁵⁴

Este diálogo deixa claro como para Reed não se trata mais de relatar intensamente suas experiências pessoais, mas de fazer parte de um projeto coletivo de mudança social. A escrita de seu livro sobre a Rússia faz parte de uma ação política em diversos âmbitos de sua vida, de um projeto que inclui a sua luta política dentro do Partido Socialista, a fundação do Partido Comunista dos Trabalhadores (*Communist Labor Party*) e sua viagem como delegado ao Segundo Congresso da Terceira Internacional e sua participação no Comitê Executivo desta: representa a adesão de Reed ao projeto marxista e ao programa bolchevique de colocar em pé uma revolução da classe trabalhadora mundialmente. Relatar a experiência da revolução russa é criar uma arma para esta batalha. Seu livro, considerado ao ser lançado como o melhor relato sobre a revolução, tornou-se um clássico nacional na Rússia e passou a ser ensinado nas escolas. Esta adesão significa não apenas a ruptura com suas ambições literárias anteriores, mas também foi o afastamento de Reed de seus antigos mentores, ambos ferrenhos opositores dos bolcheviques.

Mas esta adesão de Reed, que o coloca como um militante revolucionário de corpo e alma, não é capaz de superar até o fim as raízes de seu pensamento estético calcado pelos valores burgueses – persiste a dicotomia entre a “arte” e o “político” –

²⁵⁴ Citado em LEHMAN, D.W. Op. Cit. P. 175. Reed explodiu em uma gargalhada, me deu um tapa nas costas e quis saber: “Você acha que nós vamos conseguir fazer algo? Ou estamos taxados para o resto da vida – os humanitários, os diletantes?” (...) “O que conta é o que vamos fazer quando formos para casa,” ele disse seriamente. “É fácil se entusiasmar com as coisas por aqui. Nós vamos ficar pensando que somos grandes revolucionários. E em nossa casa?” Ele riu amargamente. “Ah, eu sempre posso fazer outro pageant” (Tradução minha).

como apontam alguns de seus biógrafos, tal como nesta passagem de Hicks sobre um intervalo em meio às disputas políticas pela criação de um partido comunista nos EUA:

Reed pawned his watch and he and Louise went to Truro on Cape Cod for a few weeks with their Portland friends, (...) he walked over one evening to talk with Susan Glaspell and George Cram Cook. "I wish I could stay here," he said. "Maybe it will surprise you, but what I really want is to write poetry." They asked him why he didn't. "I've promised too many people," he said.

It was true: John Reed was committed. He could not turn back now; (...) It was necessary, and he had to do his share, but he longed for a time when it would be possible not merely for him but for all poets to write poetry.²⁵⁵

E, ainda de acordo com Hicks, suas conversas com Louise Bryant pouco antes de sua morte também tocavam neste assunto: "With Louise he talked about America, about the novel and the poetry he intended to write. He hoped that the active tasks of revolution could be left in other hands, that he might write, of and for the revolution of course, but write."²⁵⁶

Aqui, no entanto, fica claro que o tipo de escrita que Reed deseja fazer ainda não se libertou completamente da camisa de força dos conceitos literários burgueses, mas também não está mais completamente preso a eles – encontra-se em uma transição, uma busca que Reed desejava continuar traçando. A arte revolucionária vai de encontro a Reed durante o Congresso da Internacional Comunista:

On the steps of the old stock exchange, which had become a club for sailors, five thousand actors presented a pageant of the revolution from the Paris Commune to the world-wide triumph of the proletariat. Reed, watching it

²⁵⁵ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. P. 357. Reed penhorou seu relógio e ele e Louise foram a Truro, em Cape Cod, passar algumas semanas com seus amigos de Portland. (...) Ele foi uma noite conversar com Susan Glaspell e George Cram Cook. "Eu gostaria de poder ficar aqui," ele disse "Talvez isso surpreenda vocês, mas o que realmente quero é escrever poesia." Eles perguntaram porque ele não o fazia. "Prometi para muitas pessoas," ele disse.

Era verdade: John Reed era comprometido. Ele não podia voltar atrás agora; (...) era necessário, e ele precisava fazer sua parte, mas ele ansiava por um tempo em que seria possível não apenas para ele, mas para todos os poetas escreverem poesia. (Tradução minha).

²⁵⁶ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. p. 399. Com Louise ele conversava sobre a América, sobre o romance e a poesia que ele tencionava escrever. Ele esperava que as tarefas ativas da revolução pudessem ser deixadas em outras mãos, que ele pudesse escrever, sobre e para a revolução, é claro, mas escrever. (Tradução minha).

with the most intense excitement felt that one of his greatest dreams had come true. Here was the revolutionary art for which he had longed, since the Paterson pageant, seven years before, had given him his first glimpse of the possibilities of mass dramatic expression. “Why not write an article about it?” asked Fraina, who was sitting beside him. “An article!” Reed answered. “I’d like to write a book!” He might have written a book, tracing the winding road from Paterson to Petrograd, a book that would have summed up all that he felt about art and all that he felt about labor. It was all there, in the pageant before him, miraculously unified and terribly alive.²⁵⁷

O que ocorre, portanto, é que as noções que Reed assimilou a respeito da arte e de seu ofício como escritor durante a juventude vão erodindo de acordo com sua própria experiência na luta de classes. Eram conceitos que não mais se adequavam à própria produção do autor em seu período anterior, pois sua escrita passou a ser a expressão de necessidades sociais coletivas ligadas à luta da classe trabalhadora, e a própria subjetividade de Reed não podia mais se separar desta diretriz. A meta de vida pessoal de Reed não mais se distingue da ambição de transformar o mundo pela via revolucionária, e seu destino pessoal passa a se confundir com o destino da classe trabalhadora e da revolução social. É este sentimento que Leon Trotsky e Andre Breton procuram definir quando falam sobre uma arte revolucionária:

Consideramos que a tarefa suprema da arte em nossa época é participar consciente e ativamente da preparação da revolução. No entanto, o artista só pode servir à luta emancipadora quando está compenetrado subjetivamente de seu conteúdo social e individual, quando faz passar por seus nervos o sentido e o drama dessa luta e quando procura livremente dar uma encarnação artística a seu mundo interior.²⁵⁸

Esta forma de ver a literatura revolucionária é completamente distinta tanto da “experiência de laboratório” da Proletcult – a tentativa surgida pós-revolução

²⁵⁷ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. p. 391. Nas escadarias da antiga bolsa de valores, que havia se tornado um clube para marinheiros, cinco mil atores apresentaram um pageant sobre a revolução, da Comuna de Paris ao triunfo mundial do proletariado. Reed, assistindo a isso com grande excitação, sentiu que um de seus maiores sonhos havia se tornado realidade. Aqui estava a arte revolucionária pela qual ele havia esperado, desde que o pageant de Paterson, sete anos antes, havia lhe dado o primeiro lampejo das possibilidades dramáticas da expressão de massas. “Por que não escrever um artigo sobre isso?”, perguntou Fraina, que estava sentado ao seu lado. “Um artigo!” respondeu Reed. “Eu queria escrever um livro!” Ele poderia ter escrito um livro, remontando a longa estrada de Paterson a Petrogrado, um livro que sintetizasse tudo o que ele sentia sobre arte e sobre trabalho. Estava tudo ali, no pageant diante dele, miraculosamente unificado e terrivelmente vivo. (Tradução minha).

²⁵⁸ TROTSKY, Leon. BRETON, A. *Por uma Arte Revolucionária e Independente*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

bolchevique de criar algo que seria uma “cultura proletária”, definida essencialmente pela origem de classe de seus produtores – quanto, ainda mais, do chamado “realismo socialista” canonizado pelo stalinismo no Congresso dos Escritores da Kharkov de 1934, que nada mais é do que uma literatura de pastiche, com sentido moralizante, uma literatura burguesa moralizante “de sinal trocado”, pois ao invés de um herói burguês coloca em seu lugar um herói operário. É também muito diferente das prerrogativas apontadas pelo socialista húngaro Gyorgy Luckács, que, em uma adesão dissimulada ao realismo socialista, recorre ao grande romance realista do século XIX como modelo literário a ser emulado pelos artistas socialistas.

Trotsky, em suas considerações sobre a literatura, procura compreender esta como a expressão de necessidades sociais. Assim, considera a concepção de uma “literatura proletária” como algo completamente inviável, na medida em que uma classe demora séculos para edificar um novo tipo de cultura, e a classe operária toma o poder com o intuito de dissolver o Estado com a absorção de suas funções pela sociedade, e não para perpetuá-lo e fortalece-lo como o fizeram as classes revolucionárias anteriores.

Contudo, Trotsky compreende que a época da revolução proletária inaugura novas necessidades sociais, e que isto certamente se refletirá nas artes. É isto, a nosso ver, que ocorre na transformação estética de Reed: ao amadurecer politicamente e participar da revolução socialista, Reed apreende as necessidades políticas da classe revolucionária – o proletariado – e procura encarnar em sua nova produção literária as necessidades sociais deste momento histórico – um momento de transição entre a sociedade capitalista e a sociedade socialista. Nesta literatura, não há mais espaço para o “herói burguês”, nem mesmo o “anti-herói”, da forma como Reed retratou Villa, por exemplo. Como afirma Trotsky:

A tragédia das paixões individuais exclusivas é muito insípida para o nosso tempo. Por quê? Porque vivemos numa época de paixões sociais. A tragédia de nossa época consiste no conflito entre o indivíduo e a coletividade, ou entre duas coletividades hostis no seio de um mesmo indivíduo. Nossa época volta a ser a dos grandes objetivos. Isso é o que a caracteriza. Sua grandeza reside no esforço do homem para libertar-se das nuvens místicas ou ideológicas a fim de construir a sociedade e a si mesmo de acordo com um plano por ele elaborado. Trata-se de um empreendimento mais grandioso que o brinquedo dos antigos, próprio de sua época infantil, que o delírio dos monges medievais, que a arrogância individualista, destacando o indivíduo

da coletividade e esgotando-o depressa até precipitá-lo no abismo do pessimismo, a menos que se ajoelhe diante do boi Ápis, a pouco restaurado.²⁵⁹

Com sua morte prematura, Reed não dispôs de tempo para refletir sua prática literária como uma arma na luta de classes. Mas há uma tradição de artistas ligados à revolução que procurou não apenas efetivar esta arte revolucionária mas também teorizar sobre ela, sobre suas necessidades e sua construção. Entre estes, destacamos o russo Vladímir Maiakóvski e o alemão Bertolt Brecht.

Maiakóvski foi um dos autores cujo comprometimento político mais fez com que desafiasse o limite entre os gêneros da “literatura” e da “propaganda”, ainda que também tenha morrido de forma demasiado precoce para que pudesse sistematizar de forma conclusiva seu pensamento a respeito da criação artística, deixou contribuições valiosas nas acirradas polêmicas que travou nos debates da época. Diversas de suas contribuições pontuais e esparsas foram reunidas na tese de doutoramento de Boris Schnaiderman, posteriormente publicada sob o nome de *A Poética de Maiakóvski*. O autor e revolucionário russo, sob a pressão das necessidades concretas do trabalho de edificação da sociedade soviética, elabora sua teoria estética ao calor dos acontecimentos. Diz ele:

Os antigos dividiam a literatura em poesia e prosa. Uma e outra tinham seus cânones linguísticos. (...) A poesia e a prosa dos antigos estavam igualmente afastadas da fala prática, do jargão das ruas, da linguagem exata da ciência. Nós dissipamos a velha poeira vocabular, aproveitando apenas a tralha de ferro das velharias. Não queremos saber de nenhuma diferença entre a poesia, a prosa e a linguagem prática. Nós conhecemos um único material da palavra e aplicamos a ele a elaboração de hoje em dia. (...) **Todo este trabalho não é para nós um fim em si estético, mas um laboratório para a melhor expressão dos fatos da atualidade.** [grifado no original] Não somos criadores-sacerdotes, e sim mestres de ofício que realizam uma encomenda social.²⁶⁰

Maiakóvski considera a si e a seus companheiros como “operários da palavra”, cuja escrita se distancia completamente do ideal da “arte pela arte” dos românticos, e que influenciava Reed, e vê o seu ofício de escritor estritamente vinculado à sua função

²⁵⁹ TROTSKY, Leon. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.139.

²⁶⁰ SCHNAIDERMAN, (org.) *A Poética de Maiakóvski*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p.221-222.

social concreta. Consideramos que tal concepção da arte é extremamente pertinente para entendermos a criação literária de John Reed, cuja função social que progressivamente assume sua escrita – a de propaganda política – influencia decisivamente a forma como toma as decisões estéticas de suas obras, a forma como desafia os limites entre gêneros e, não menos, a forma como sua obra é sumamente rejeitada no cânone literário. Como sintetiza Maiakóvski: “A arte deve ligar-se estreitamente com a vida (como função intensiva desta). Fundir-se com ela ou perecer.”²⁶¹

Bastante afim a esta concepção é a discussão acerca do conceito de realismo e formalismo que Bertolt Brecht estabelece com a obra do húngaro Gyorgy Lukács. Brecht, como Maiakóvski, defendia uma arte que estivesse diretamente relacionada às questões práticas da vida, como fazia, por exemplo, com suas peças didáticas. Suas considerações acerca do conceito de realismo, em que ele ressalta a questão da afinidade com a vida real em oposição a definições de Lukács que se apegam a escritores do século XIX como modelos a serem emulados, são extremamente pertinentes para considerarmos a forma literária utilizada por Reed, a forma como ele rompe os limites do gênero do romance, do jornalismo e da propaganda, construindo uma obra de fato realista, em termos brechtianos. A obra de Reed e seu progressivo apego à explicação dos fatos históricos em suas causas sociais mais profundas, e não apenas às causas aparentes – cujo ápice se dá em *Ten Days...* – é o contrário do que Brecht critica em Lukács ao dizer que:

It is this element of capitulation, of withdrawal, of utopian idealism which still lurks in Lukács's essays and which he will undoubtedly overcome, that makes his work, which otherwise contains so much value, unsatisfactory; for it gives the impression that what concerns him is enjoyment alone, not struggle, a way of escape, rather than a march forward.²⁶²

Para o escritor alemão, o conceito de realismo ao qual se apega Lukács é inadequado para pensar as necessidades concretas do fazer artístico. O filósofo húngaro

²⁶¹ SCHNAIDERMAN, (org.) *A Poética de Maiakóvski*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 114.

²⁶² BRECHT, B. Against Georg Lukács. in: *New Left Review* 84. Disponível em: <http://newleftreview.org/1/84>. (Acessado em 20/02/2013). p. 40. É este elemento de capitulação, de retrocesso, de idealismo utópico que ainda espreita nos ensaios de Lukács, e que ele certamente irá superar, que tornam sua obra, em outros aspectos tão valorosa, insatisfatória; pois isto dá a impressão de que o que ele valoriza é meramente o entretenimento, não a luta, mas uma forma de escapar ao invés de uma marcha adiante. (Tradução minha).

toma como modelos máximos de realismo, que devem portanto ser emulados pelos autores recentes, Balzac e Tolstoi, tomando assim formas literárias que corresponderam a necessidades históricas de uma época específica e tornando-as uma fórmula estanque válida para todas as épocas e necessidades artísticas. Como explica Eagleton:

“Seja como Balzac – só que atualizado”, é a paráfrase sardônica que Brecht faz da posição do crítico húngaro. O “realismo” de Lukács é formalista porque é acadêmico e não histórico, obtido exclusivamente da esfera literária, em vez de ser sensível às condições mutáveis em que a literatura é produzida. (...) A tese do marxista húngaro, na visão brechtiana, é a de um crítico acadêmico contemplativo e não a de um artista praticante.²⁶³

Brecht, em sua defesa do realismo, procura combater a visão “contemplativa” de Lukács com uma visão dialética e não-dogmática de realismo e do que pode ser uma literatura que atenda às necessidades históricas de seu momento (fala de 1938, mas expressa necessidades históricas que são perfeitamente compatíveis com as do período em que escreveu Reed, duas décadas antes). Em suas anotações pessoais, Brecht crítica a visão de Lukács de forma mais ácida e sem meias palavras nos seguintes termos:

[Para Lukács] O escritor realista numa “era de declínio” (...) está desobrigado da necessidade de ser um materialista dialético. Tudo o que tem a fazer “é dar à realidade adequadamente percebida e vivenciada, prioridade sobre visões de mundo aceitas e preconceitos recebidos na modelagem de seu material. (...) Não há contradição entre os realistas burgueses e os realistas proletários (...) nem presumivelmente entre a burguesia e o próprio proletariado; como poderia haver, sob a bandeira da frente popular?²⁶⁴ Mais uma vez nenhum conhecimento é necessário *para dar forma a seu material*. (...) Para Lukács e sua gente a luta de classes é um demônio, um princípio vazio que confunde as ideias das pessoas, não uma coisa que de fato acontece. É parte da realidade, e tudo o que o escritor tem a fazer é pintar a realidade, pois de algum modo irá abarcá-la.²⁶⁵

²⁶³ EAGLETON. *Marxismo e Crítica Literária*. São Paulo: UNESP, 2011, p.126.

²⁶⁴ A Frente Popular era um tipo de política adotada pela Internacional Comunista a partir de 1936 que preconizava a aliança dos Partidos Comunistas e da classe operária com setores supostamente “progressistas” das burguesias nacionais. Esta política foi combatida por diversos setores tais como o Trotskismo e o próprio Brecht.

²⁶⁵ BRECHT, Bertolt. *Diário de Trabalho. Volume I (1938-1941)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.5-7.

Assim, vemos como para Brecht o critério da luta de classes é um divisor de águas para que seja possível qualquer tipo de representação realista do mundo. É o critério que vai se instalando na obra de Reed progressivamente, não estando presente em *Insurgent Mexico*, mas sendo o principal princípio condutor em *Ten Days...* Prosseguindo em sua polêmica, o autor alemão irá apontar quais são, em sua visão, as necessidades históricas que a literatura deve enfrentar e porque coloca no centro da criação do artista dois conceitos: o “popular” e o “realismo”.

The demand for a realistic style of writing can also no longer be so easily dismissed. It has acquired a certain inevitability. The ruling classes use lies oftener than before—and bigger ones. To tell the truth is clearly an ever more urgent task. Suffering has increased and with it the number of sufferers. In view of the immense suffering of the masses, concern with little difficulties or with difficulties of little groups has come to be felt contemptible.

There is only one ally against growing barbarism—the people, who suffer so greatly from it. It is only from them that one can expect anything. Therefore it is obvious that one must turn to the people, and now more necessary than ever to speak their language. Thus the terms popular art and realism become natural allies. It is in the interest of the people, of the broad working masses, to get a faithful image of life from literature, and faithful images of life are actually of service only to the people, the broad working masses, and must therefore be unconditionally comprehensible and helpful to them—in other words, popular. Nevertheless these concepts must first be thoroughly cleansed before propositions are constructed in which they are employed and merged.²⁶⁶

Procurando elucidar o que entende por estes conceitos, Brecht sintetiza:

²⁶⁶ BRECHT, B. Against Georg Lukács. in: *New Left Review* 84. Disponível em: <http://newleftreview.org/1/84>. (Acessado em 20/02/2013). p. 49. A demanda por um estilo realista de escrita também não pode mais ser tão facilmente deixada de lado. Ela adquiriu uma certa inevitabilidade. A classe dominante usa a mentira muito mais frequentemente do que antes – e mentiras maiores. Dizer a verdade é claramente uma tarefa cada vez mais urgente. O sofrimento cresceu e com ele o número de sofredores. Em vista do imenso sofrimento das massas, a preocupação com pequenas dificuldades ou com dificuldade de pequenos grupos tornou-se desprezível. Há apenas um aliado contra a barbárie crescente – o povo, que sofre enormemente com ela. É apenas dele que se pode esperar qualquer coisa. Portanto, é óbvio que deve-se se dirigir ao povo, e agora mais necessário do que nunca falar a sua língua. Assim os termos arte popular e realismo se tornam aliados naturais. É do interesse do povo, das vastas massas trabalhadoras, obter uma imagem fiel da vida na literatura, e imagens fiéis da vida estão verdadeiramente a serviço apenas do povo, das vastas massas trabalhadoras, e deve portanto ser incondicionalmente apreensível e útil a elas – em outras palavras, popular. No entanto, esses conceitos devem em primeiro lugar ser clarificados antes que sejam construídas proposições nas quais eles sejam empregados e fundidos. (Tradução minha).

Our concept of what is popular refers to a people who not only play a full part in historical development but actively usurp it, force its pace, determine its direction. We have a people in mind who make history, change the world and themselves. We have in mind a fighting people and therefore an aggressive concept of what is popular.

Popular means: intelligible to the broad masses, adopting and enriching their forms of expression / assuming their standpoint, confirming and correcting it / representing the most progressive section of the people so that it can acquire leadership, and therefore comprehensible to other sections of the people as well / relating to traditions and developing them / communicating to that portion of the people which strives for leadership the achievements of the present section that rules the nation.²⁶⁷

Quanto ao realismo, Brecht o define da seguinte forma:

Realistic means: discovering the causal complexes of society / unmasking the prevailing view of things as the view of those who rule it / writing from the standpoint of the class which offers the broadest solutions for the pressing difficulties in which human society is caught / emphasizing the element of development / making possible the concrete, and making possible abstraction from it.

These are vast precepts and they can be extended. Moreover we shall allow the artist to employ his fantasy, his originality, his humour, his invention, in following them. We shall not stick to too detailed literary models; we shall not bind the artist to too rigidly defined rules of narrative.²⁶⁸

²⁶⁷ BRECHT, B. Against Georg Lukács. in: *New Left Review* 84. Disponível em: <http://newleftreview.org/I/84>. (Acessado em 20/02/2013). p. 50. Nosso conceito do que é popular se refere a um povo que não apenas desempenha um papel ativo no desenvolvimento histórico mas também ativamente o usurpa, força-o a diante, determina sua direção. Nós temos em mente um povo que faz a história, muda o mundo e a si próprio. Nós temos em mente um povo combativo e, portanto, um conceito agressivo do que é popular. Popular significa: Inteligível às amplas massas, adotando e enriquecendo suas formas de expressão/ assumindo seus ponto de vista, confirmando-o e corrigindo-o/ representando o setor mais progressivo do povo para que este possa adquirir a liderança, e portanto, compreensível aos outros setores do povo também/ relacionando-se às tradições e as desenvolvendo/ comunicando-se àquela parcela do povo que luta pela liderança das conquistas da seção que presentemente dirige a nação. (Tradução minha).

²⁶⁸ BRECHT, B. Against Georg Lukács. in: *New Left Review* 84. Realismo significa: descobrir os complexos causais da sociedade/ desmascarar a visão prevalecente das coisas como a visão daqueles que as governam/ escrever a partir do ponto de vista da classe que oferece a mais ampla solução às dificuldade prementes nas quais a sociedade humana está aprisionada/ enfatizar o elemento do desenvolvimento/ tornar possível o concreto, e tornar possível a abstração a partir dele. Estes são preceitos vastos e eles podem ser ampliados. Para além disso nós devemos permitir ao artista empregar sua fantasia, sua originalidade, seu humor, seu engenho aos seguí-los. Nós não devemos nos apegar muito minuciosamente a modelos literários; Nós não devemos restringir o artista de forma muito rígida a regras definidas de narrativa. (Tradução minha).

Assim, de acordo com a definição de Brecht, “Our concept of realism must be wide and political, sovereign over all conventions.”²⁶⁹

A liberdade da imprensa e do artista

Desde que chega a Nova Iorque em busca de emprego e de meios para escrever e publicar, John Reed se depara com o dilema de ter que encontrar quem estivesse disposto a divulgar sua escrita. Lincoln Steffens, que já era um conhecido de seu pai, foi um dos primeiros que conseguiu lhe abrir algumas portas, mas nada que permitisse ao jovem Reed escrever aquilo que realmente gostaria; era muito mais a possibilidade de se manter financeiramente.

No início, a questão apareceu a Reed como a busca pela possibilidade de fazer arte, como demonstramos anteriormente em seu fragmento de “Art for Art’s sake”. Quando ele tenta vender a diversas revistas um conto baseado em suas andanças noturnas em Nova Iorque, “Where the heart is”, ele encontra apenas portas fechadas. Hicks apresenta a explicação:

One editor after another rejected the story. Finally one of them explained: “A magazine is bought by the year. The father of the children, counting on it past record of avoiding the treatment of sex problems, allows the magazine to come into the house and to lie carelessly on the library table. His children read it, even before he looks over himself. He counts on us to be the censor. And that is the main reason why magazines must be very careful about the point of view they present in their stories.”²⁷⁰

A questão aqui é bastante concreta: o obstáculo que se interpõe entre a produção literária de Reed e sua publicação é a propriedade privada dos meios de produção, que faz com que as publicações estejam voltadas ao lucro e submetidas às diretrizes de seus

²⁶⁹BRECHT, B. Against Georg Lukács. in: *New Left Review* 84. Nosso conceito de realismo deve ser amplo e político, soberano a todas as convenções. (Tradução minha).

²⁷⁰ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p.86. Um editor após o outro rejeitou a história. Finalmente um deles explicou: “Uma revista é assinada anualmente. O pai das crianças, contando com suas lembranças anteriores de evitar o tratamento de problemas relacionados a sexo, permite que a revista entre na casa e fique jogada descuidadamente sobre a mesa da biblioteca. Seus filhos a leem antes mesmo que ele a veja. Ele conta consoco para ser o censor. E essa a razão principal pela qual revistas devem ser muito cuidadosas em relação ao ponto de vista que apresentam em suas histórias.” (Tradução minha).

donos. Isto, no entanto, não impede que estes mesmos proprietários dos jornais, imprensas, revistas, gráficas, sejam retóricos defensores da “liberdade de imprensa”. Lenin, antes da revolução, já escrevera sobre esta defesa da liberdade de imprensa por parte da burguesia:

(...) we must say to you bourgeois individualists that your talk about absolut freedom is sheer hypocrisy. There can be no real and effective “freedom” in a society based on the power of money, in a society in which the masses of working people live in poverty and the handful of rich live like parasites. (...) One cannot live in society and be free from society. The freedom of the bourgeois writer, artist or actress is simply masked (or hypocritically masked) dependence on the money-bag, on corruption, on prostitution.²⁷¹

E, se no início de sua carreira, o maior obstáculo para a publicação de sua produção era a falta de interesse comercial em seus contos, a aproximação de Reed das posições revolucionárias trará para ele problemas cada vez maiores, levando ao paradoxo de ser o jornalista mais famoso do país e, simultaneamente, não conseguir uma publicação comercial que esteja disposta a se vincular a seu nome. Ainda nos primeiros artigos que denuncia os métodos da burguesia contra a classe operária, a reação foi bem vista por seus empregadores, como foi com seu artigo sobre a greve e o massacre de Ludlow, publicado na *Metropolitan*.

The appearance of the Ludlow article brought high praise and the satisfaction of a letter from Carl Hovey, reporting that a bookstore in Denver had cancelled its standing order for fifty *Metropolitans* as a protest against “the vile unwarranted sensational lies” and “untruthful filth” of his article.²⁷²

Contudo, isto só foi possível porque a greve em Ludlow era um conflito localizado, cujos interesses não atingiam diretamente a seus empregadores. Muito distinto foi o caso da Primeira Guerra Mundial, que colocou Reed na posição de

²⁷¹ (...) nós devemos dizer pra vocês, burgueses individualistas, que seu discurso sobre liberdade absoluta é pura hipocrisia. Não pode haver “liberdade” real e efetiva em uma sociedade baseada no poder do dinheiro, em uma sociedade na qual as massas de trabalhadores vivem na pobreza e um punhado de ricos vivem como parasitas. (...) Não se pode viver na sociedade e ser livre da sociedade. A liberdade do escritor burguês, do artista ou atriz é simplesmente uma dependência mascarada (ou hipocritamente mascarada) de um saco de dinheiro, de corrupção ou prostituição. LENIN, S\D, p.24-25. (Tradução minha).

²⁷² HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 147. A publicação do artigo de Ludlow trouxe grande consagração e a satisfação de uma carta de Carl Hovey relatando que uma livraria em Denver havia cancelado seu pedido permanente de cinquenta *Metropolitans* como um protesto contra “as mentiras vis, sensacionais e injustificadas” e “imundície mentirosa” de seu artigo (Tradução minha).

militante anti-guerra. A revista foi passando por um processo de crescente conservadorismo em sua linha editorial, contratando Theodore Roosevelt para defender em suas páginas a preparação para a guerra (o chamado “preparedness movement”). Hicks aponta também este movimento, primeiro com um editorial que mostrava sua concepção de “socialismo”:

The *Metropolitan* had begun to reconsider its radicalism. “The kind of socialism we are preaching,” said an editorial, aims to “create a feeling and a desire on the part of the prosperous to share that property with the poor and needy.”²⁷³

E, em outro editorial:

The magazine was still engaged in its strategic retreat. It boasted of the fact that, though it had endorsed Socialism, it was “almost the only periodical in America that during the last two years of business depression, and in spite of the war, has constantly increased its advertising revenue.” This, H. J. Whigham editorially stated, was a tribute to “the progressive character of the national advertiser” and “an evidence of the trend of the times.” It was also, he added, an indication of the broadening of Socialism. “Two and a half years ago the Socialist Party was still dominated in part by men of the [Bill] Haywood type. The class war was the essence of the political faith and direct action was freely advocated against political methods. ... Today the Socialist Party has tacitly removed the class war as a test of faith. ... The Socialist Party of America has finally and definitely cut loose from the advocates of brute force, and has thereby taken its place as a great civilizing and constructing body. ... Socialism is not only a great and growing force against war between nations, but, what is even more important, it is becoming the main bulwark against war between class and class.”²⁷⁴

²⁷³ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 139. O *Metropolitan* tinha começado a reconsiderar seu radicalismo. “O tipo de socialismo que estamos pregando,” dizia o editorial, “almeja criar um sentimento e um desejo por parte dos prósperos a dividir essa prosperidade com os pobres e necessitados”. (Tradução minha).

²⁷⁴ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936., p. 177. A revista ainda estava engajada em sua retirada estratégica. Ela se orgulhava do fato de que, ainda que tivesse apoiado o socialismo, ela era “quase o único periódico na América que durante os últimos dois anos de depressão comercial, e apesar da guerra, teve suas vendas de anúncios constantemente aumentadas.” Isso, H. J. Whigham afirmou em um editorial, era um tributo ao “caráter progressivo do anunciante nacional” e “uma evidência da tendência dos tempos.” Era também, ele acrescentou uma indicação da expansão do horizonte do Socialismo. “Dois anos e meio atrás o Partido Socialista ainda era dominado parcialmente por homens do tipo de [Bill] Haywood. A luta de classes era a essência de sua fé política e ação direta era livremente defendida em oposição a métodos políticos. ... Hoje o Partido Socialista tacitamente removeu a luta de classes como um teste de fé... O Partido Socialista da América finalmente e definitivamente se separou dos defensores da força bruta, e tomou portanto seu

Enquanto isso, Reed, longe de moderar suas posições para tentar manter seu emprego, pelo contrário, as radicalizava, chegando ao ponto de escrever um artigo para *The Masses* em que denunciava a vinculação da indústria bélica com o financiamento da campanha pró-guerra, e apontava o dono da *Metropolitan* como um dos responsáveis:

In “At the Throat of the Republic” he exposed the forces behind the preparedness movement. He revealed that the National Security League was dominated by the president of a munitions corporation. He named other industrials as well – in railroads, in mines, in international finance – who stood to profit from the war. In his zeal he went so far as to mention the millionaire Harry Payne Whitney, a Morgan man and the owner of the magazine which Theodore Roosevelt was helping to turn into an advocate of preparedness, the *Metropolitan*. Reed was jeopardizing his own journalistic future with this kind of writing, but that mattered less to him than carrying an antiwar message to his readers.²⁷⁵

Em 1916, quando sua situação financeira já estava seriamente comprometida, Reed reafirma mais uma vez seu compromisso com suas convicções políticas ao custo de um lucrativo trabalho: um magnata do aço desejava contratá-lo para ser o diretor publicitário de sua campanha presidencial, oferta que Reed prontamente recusou²⁷⁶; também recusa três ofertas diferentes de voltar ao México para cobrir a investida americana dirigida pelo General Pershing contra Villa²⁷⁷ pois sabia que não poderia expressar livremente sua opinião contra a expedição militar dos EUA. Por fim, quando os EUA estão às vésperas de entrar na guerra, torna-se insustentável para o *Metropolitan* ter um nome

lugar como grande corpo civilizatório e edificante. ... O Socialismo é não apenas uma grande e crescente força contra a Guerra entre nações mas, o que é ainda mais importante, está se tornando o principal baluarte contra a guerra entre classes.” (Tradução minha).

²⁷⁵ HOVEY, Tamara. *John Reed: Witness to Revolution*. Los Angeles: George Sand Books, 1975. p.147. Em “At the Throat of the Republic” ele expôs as forças por trás do movimento de prontidão para a guerra. Ele revelou que a Liga Nacional de Segurança (National Security League) era dominada pelo presidente de uma corporação de munições. Ele nomeou outros industriais também - em estradas de ferro, em minas, em finanças internacionais - que a compunham para lucrar com a guerra. Em seu zelo chegou até mesmo a mencionar o milionário Harry Payne Whitney, um homem de Morgan e proprietário da revista que Theodore Roosevelt estava ajudando a transformar em uma defensora da prontidão, o *Metropolitan*. Reed estava colocando em jogo seu próprio futuro jornalístico com esse tipo de escrita, mas isso importava menos para ele do que levar uma mensagem anti-guerra para seus leitores. (Tradução minha).

²⁷⁶ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936., p.210.

²⁷⁷ HOVEY, Tamara. *John Reed: Witness to Revolution*. Los Angeles: George Sand Books, 1975, p.149.

como o de Reed, que fazia abertamente uma campanha anti-guerra, entre o de seus colaboradores.

America's entry into the war was obviously imminent, and the editors of the *Metropolitan* (...) suggested to Reed that he devote himself to articles related to the "new situation," and they asked if he felt he could come up with something.

It was a rhetorical question, for they knew that Reed, so deeply opposed to the war, could provide no satisfactory answer. In fact, it was merely a diplomatic way of easing him out of the *Metropolitan*. During the past year he had become an increasing embarrassment with his virulent articles in the *Masses* in which he had not even hesitated to attack the *Metropolitan*. (...) Hovey [editor do *Metropolitan*] pointed out: (...) "Reed had become what he wished to be, the embodiment of rebellion against the course his country had chosen to follow. The vision that hovered before his eyes – the poet's instinctive dream of a world entirely better – could not be shared... by a publication widely read and with its feet on the ground of native soil. It was fine for Reed to hate war and say so. But the magazine could no longer be its platform; even if its editors saw with his eyes, which was not the case, it would merely mean the end. The *Metropolitan* would have been instantly, cheerfully, squelched."²⁷⁸

Toda esta trajetória ensinou a Reed, na prática, qual era a vociferada "liberdade de imprensa" vigente nos EUA: a liberdade dos capitalistas usarem a propriedade privada da imprensa para defenderem apenas seus próprios interesses, enquanto a voz dos trabalhadores não tinha outro modo de se expressar senão através de publicações pequenas, marginais, que se mantinham com trabalho voluntário, como *The Masses*.

Levando estas questões em consideração, é inevitável que pensemos também na questão da assim chamada "imparcialidade" ou "objetividade" apregoada nos meios

²⁷⁸ HOVEY, Tamara. *John Reed: Witness to Revolution*. Los Angeles: George Sand Books, 1975, p. 153-154. A entrada da América na guerra era obviamente eminente, e os editores do *Metropolitan* (...) Sugeriram a Reed que ele devotasse a artigos relacionados à "nova situação", e perguntaram a ele se poderia fazer algo assim. Era uma pergunta retórica, pois eles sabiam que Reed, tão profundamente contrário a guerra, não poderia dar uma resposta satisfatória. De fato era meramente uma forma diplomática de tirá-lo do *Metropolitan*. (...) Hovey [editor do *Metropolitan*] apontou que: (...) "Reed avia se tornado o que ele desejara ser, a incorporação da rebelião contra o curso que seu país havia escolhido seguir. A visão que pairava diante dos seus olhos - o sonho instintivo do poeta de um mundo inteiramente melhor - não podia ser compartilhada... Por uma publicação amplamente lida e com seus pés no chão de um solo nativo. Estava bem para Reed odiar a guerra e dizer isso. Mas a revista não podia mais ser sua plataforma; mesmo que os editores tivessem a mesma visão que ele, o que não era o caso, significaria meramente o fim. (Tradução minha).

jornalísticos. Não bastasse o fato evidente de que todo o relato implica em um ponto de vista, e, portanto, em uma subjetivização por parte do autor, uma perspectiva a partir da qual abordar a questão, ao colocarmos a questão da liberdade de imprensa e da arte sob o foco da propriedade – quem é o dono da imprensa, das editoras – podemos jogar por terra qualquer vestígio de “imparcialidade”, pois há um proprietário que decide o que é publicado e o que não é. Esta questão fundamental foi abordada por Reed. Vejamos, antes, como Lenin a abordava ao discutir a questão da literatura partidária:

In contradistinction to bourgeois customs, to the profit making, commercialized bourgeois press, to bourgeois literary careerism and individualism, “aristocratic anarchism” and drive for profit, the socialist proletariat must put forward the principle of *party literature*, must develop this principle and put it into practice as fully and completely as possible. What is the principle of party literature? It is not simply that, for the socialist proletariat, literature cannot be a means of enriching individuals or groups; it cannot, in fact, be an individual undertaking, independent of the common cause of the proletariat. Down with non-partisan writers! Down with literary supermen! Literature must become *part* of the common cause of the proletariat, “a cog and a screw” of one single great Social-Democratic mechanism set in motion by the entire politically-conscious vanguard of the entire working class. Literature must become a component of organized, planned and integrated Social-Democratic party work.²⁷⁹

É importante ressaltar, como Eagleton faz, que este trecho foi frequentemente mal interpretado pelo marxismo vulgar ou deliberadamente distorcido pelos detratores do materialismo dialético ou por teóricos stalinistas partidários do “realismo socialista”, como se o desejo de Lenin fosse o de restringir a liberdade artística de todos os escritores aos temas partidários ou da luta dos trabalhadores. Tal apontamento é falso,

²⁷⁹ LENIN, S/D, p. 22. Em contradição aos costumes burgueses, à imprensa burguesa comercializada, geradoras de lucros, ao carreirismo literário burguês e ao individualismo, “anarquismo aristocrático” e sede de lucro, o proletariado socialista deve colocar a frente o princípio da *literatura partidária*, deve desenvolver esse princípio e colocá-lo em prática tão plena e completamente quanto seja possível. Qual é o princípio da literatura partidária? Não é simplesmente que, para o proletariado socialista, a literatura não pode ser uma força de enriquecer indivíduos ou grupos; ela não pode, de fato, ser um empreendimento individual, independente da causa comum do proletariado. Abaixo os escritores não-partidários! Abaixo os super-homens literários! A literatura deve se tornar *parte* da causa comum do proletariado, “uma engrenagem” de um único grande mecanismo Social Democrata colocado em movimento por toda a vanguarda politicamente consciente de toda a classe trabalhadora. A literatura deve se tornar um componente do trabalho partidário Social Democrático organizado, planejado e integrado. (Tradução minha).

pois “As *observações de Lenin [...] tinham como alvo a literatura do partido*”²⁸⁰ e não toda a literatura. Isto fica evidente em um trecho a seguir, em que Lenin afirma que:

First of all we are discussing party literature and its subordination to party control. Everyone is free to write and say whatever he likes, without any restrictions. But every voluntary association (including the party) is also free to expel members who use the name of the party to advocate anti-party views. Freedom of speech and the press must be complete.²⁸¹

Assim, Lenin defende que haja uma literatura partidária que defenda os interesses da classe trabalhadora e que possa fazer frente à imprensa burguesa. É sob este aspecto que devemos encarar a forma como Reed escreve seu relato sobre a Rússia. Em sua introdução à *História da Revolução Russa*, Trotsky aborda este tema:

Um trabalho histórico só alcança plenamente a sua finalidade quando os acontecimentos se desenrolam página por página, naturalmente, e na medida em que são necessários. Será por isso indispensável intervir o que se chama “a imparcialidade” do historiador? Ninguém até hoje explicou claramente em que consiste esta imparcialidade. (...) O leitor honesto e dotado de senso crítico não sente a necessidade de uma imparcialidade falaciosa que lhe apresente a taça do espírito conciliador saturada de uma boa dose de veneno, de um resíduo de ódio reacionário, mas necessita, sim, da boa fé científica, que se apoia no estudo honesto dos fatos, na manifestação do que de racional existe no desenvolvimento deles, para exprimir suas simpatias, francas e não mascaradas. Somente assim é possível a objetividade histórica que passa a ser suficiente, porquanto verificada e comprovada não pelas boas intenções do autor – da qual, aliás, ele dá garantia – mas pela lei íntima que rege o processo histórico.²⁸²

A questão de que em uma sociedade dividida em classes não há possibilidade de uma escrita que não tome partido – direta ou indiretamente – no conflito permanente entre elas é o que baliza a posição dos revolucionários marxistas, e é a este critério que Lenin se atém ao considerar a questão da “literatura partidária”: não se trata de submeter

²⁸⁰ EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011, p.76.

²⁸¹ LENIN, S/D, p.24. Em primeiro lugar nós estamos discutindo a literatura do partido e sua subordinação ao controle do partido. Todos são livres para escrever e dizer o que quer que desejem, sem nenhuma restrição. Mas toda associação voluntária (incluindo o partido) é também livre para expusar membros que usem o nome do partido para defender posições contrárias a do partido. A liberdade de expressão e de imprensa deve ser completa. (Tradução minha).

²⁸² TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p.18.

a criatividade do indivíduo, mas, do ponto de vista de um dirigente revolucionário, pensar uma literatura (no sentido mais amplo do termo) que possa se contrapor à arma da literatura burguesa. E é neste patamar que coloca a liberdade dos autores em nossa sociedade. Defende, de forma semelhante ao que fariam Trotsky e Breton algumas décadas mais tarde, que a maior liberdade da literatura sob o capitalismo é a de uma literatura ligada à classe operária, pois se liga assim à possibilidade de libertação da humanidade:

It will be a free literature, because the idea of socialism and sympathy with the working people, and not greed or careerism, will bring ever new forces to its ranks. it will be a free literature, because it will serve, not some satiated heroine, not the bored “upper ten thousand” suffering from fatty degeneration, but the millions and tens of millions of working people – the flower of the country, its strength and its future.²⁸³

Este critério – de classe – é o que adota o partido Bolchevique ao tomar o poder, considerando a questão da liberdade de imprensa como uma abstração se for separada da situação concreta do mais intenso conflito entre as classes por meio de uma guerra civil, e que leva a alguns de seus dirigentes a abandonarem seus postos no Conselho de Comissários do Povo e no Comitê Central do partido. A plena liberdade de imprensa só pode ser obtida em uma sociedade livre de antagonismos de classe; contudo, enquanto estes perdurarem, é à maioria da população – a classe trabalhadora – que devem pertencer os meios de produção, inclusive a imprensa, as editoras, emissoras, gravadoras etc. A consciência de que a liberdade de pensamento e de expressão é algo fundamental em qualquer sociedade que lute pela liberdade é o que fez com que os decretos sobre a regulamentação da imprensa editados pelo Conselho dos Comissários do Povo deixassem muito claro o caráter provisório de qualquer tipo de controle. Como afirma Trotsky: “The victory over our adversaries is not yet achieved, and the newspapers are arms in their hands. In these conditions, the closing of the newspapers is a legitimate measure of defense....”²⁸⁴

²⁸³ LENIN, S\D, p.25. Será uma literatura livre, porque a ideia do socialismo e a simpatia à classe trabalhadora, e não a ganância ou carreirismo, trarão sempre novas forças para suas fileiras. Será uma literatura livre porque ela servirá não ao alguma heroína saciada, não aos entediados “dez mil superiores” sofrendo de degeneração obesa, mas aos milhões e dezenas de milhões de trabalhadores – a fina flor do país, sua força e seu futuro. (Tradução minha).

²⁸⁴ REED, *The Collected Works of John Reed*. P. 817.

Uma obra perigosa

*Os grandes revolucionários foram sempre perseguidos durante a vida;
a sua doutrina foi sempre alvo do ódio mais feroz, das mais furiosas
campanhas de mentiras e difamação por parte das classes dominantes.
Mas, depois da sua morte, tenta-se convertê-los em ídolos inofensivos,
canonizá-los por assim dizer, (...) enquanto se castra a substância
do seu ensinamento revolucionário, embotando-lhe o gume, aviltando-o.*

- Lenin, *O Estado e a Revolução*.

Even the kept press that he hated praised John Reed now that he was dead.

– Granville Hicks, *John Reed: The Making of a Revolutionary*.

Uma mentira repetida mil vezes torna-se uma verdade.

- Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista.

Não demorou até que os EUA percebessem que John Reed era um “cidadão perigoso” para a manutenção da “ordem” no país. Sua primeira prisão, em 1913, ao lado dos grevistas de Paterson, foi um dos fatores que permitiu à greve ganhar repercussão que a mídia procurava evitar. Sua montagem do Pageant foi um evento histórico, mas o prejuízo financeiro que teve não ajudou a concretizar o objetivo de financiar a greve, que acabou por ser derrotada.

As suas próximas complicações jurídicas estariam relacionadas à campanha anti-guerra, que, no entanto, ficou restrita às páginas da revista relativamente pouco lida *Masses*. Reed ainda não havia encontrado as armas com as quais poderia lutar seriamente contra seus inimigos. Hicks aponta sua inquietação quanto a isto, querendo que *Masses* pudesse se tornar mais contundente:

Reed was beginning to feel that the time for so much insistence on sprightliness and variety was passing. He wanted the *Masses*, without losing any of its gay effrontery, to be capable of striking heavy blows that the enemy would feel. He had no objection to colorful sketches, satirical comments, love poems, or anything else that was alive, courageous, and honest, but he saw that there was serious business at hand, and he believed it should be handled seriously.²⁸⁵

Mas foi apenas na revolução russa e com os Bolcheviques – que sabiam definitivamente levar a sério a sua luta contra a burguesia – que Reed aprendeu a fazer um barulho que incomodaria a burguesia. A fundação do *Communist Labor Party* era o primeiro passo, ainda tortuoso, no caminho da militância, e que poderia ter sido decisivo para Reed com o tempo; mas, como a morte logo chegaria, o golpe mais incisivo que o jovem conseguiu desferir foi, sem dúvida alguma, *Ten Days That Shook the World*. Um livro cujo alcance superou as fronteiras dos EUA, que foi adotado como livro escolar no país cuja revolução relatara, e que era uma arma importante na mão dos trabalhadores de todos os países.

Quando Reed morreu de tifo em solo russo, algumas acusações aguardavam-no em solo americano, como o julgamento de *Masses* por sedição, e a perseguição ferrenha ao partido, cujos escritórios haviam sido invadidos pela polícia que já sabia que Reed estava na Rússia como delegado ao Congresso da Comintern. Um pouco de como Reed era tratado em seu país é descrito por Hicks:

Stanley Frost in the *Tribune* called him “a man to whom clever phrases are an intoxication and patient study utterly impossible,” “a soldier of fortune,” “a matinee idol.” (...)

Then there was a paper that carried an editorial entitled “One Man Who Needs the Rope.” “John Reed,” it said, “told the Senate committee investigating Bolshevism that he was a firm advocate of revolution in the United States.... If there is no law for handling a case of this kind one should be enacted speedily. If a man should be hanged for instigating another to

²⁸⁵ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 214-215. Reed estava começando a sentir que o momento de tanta insistência na jovialidade e variedade estava passando. Ele queria que a *Masses*, sem perder seu bem humorado enfrentamento, fosse capaz de assentar golpes pesados que o inimigo sentiria. Ele não tinha objeções às ilustrações coloridas, comentários satíricos, poemas de amor ou qualquer outra coisa que demonstrasse vida, bravura e honestidade, mas ele via que havia algo sério em suas mãos, e ele acreditava que era necessário lidar com isso seriamente. (tradução minha).

murder one man, he should certainly be hanged for instigating men to kill thousands of men. (...) A law should be passed at once against such utterances as those brazenly made by this man Reed, and then as soon as possible ten Thousand hangings should follow.”²⁸⁶

Contudo, o que mais incomodava Reed não eram as exigências de que fosse enforcado, mas sim a deliberada distorção, manipulação e as mentiras que era proferidas por seus inimigos, cuja potente voz alcançava o país inteiro e que Reed tentava superar. Da mesma forma que testemunhara Mencheviques, Socialistas Revolucionários e Cadetes deliberadamente mentindo sobre os feitos Bolcheviques na Rússia, agora via em seu país a imprensa e o governo fazendo um coro para ocultar da classe trabalhadora americana a verdade sobre a revolução na Rússia. Tentando romper este cerco, ganhar algum espaço para sua voz, Reed enviou uma carta ao *New York Times*, evidentemente nunca publicada:

“My one complaint against you and the other paid agents of the capitalist class, (...) is not that you oppose Bolshevism, but deliberately pervert and suppress the truth about it and about what is going on in Russia. It is all very well to state that Bolshevism means wholesale murder, socialization of women, robbery unrestrained, and then say that I stand for it. It is all very well to say that Bolsheviks are anarchists (although anarchy in Russia and America is openly opposed to the strongly centralized proletarian state built up in Russia), and then call us, who defend Bolshevism, anarchists. This of course is a very convenient method of carrying on a sinister propaganda for the benefit of those ruthless interests who plunged the world into a war which cost more than seven million lives, and who are rich with blood-money. But it is not the truth – and you know it is not the truth.” (...) “There is no money,” he said, “in speaking to working-class audiences, or writing in working-class papers, which are the only audiences and papers open to any advocacy of the truth about Soviet Russia. All persons who work for an

²⁸⁶ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 338. Stanley Frost, no *Tribune*, o qualificou como “um homem para quem as frases espertas são um vício e o estudo paciente é virtualmente impossível,” “um mercenário”, “um ídolo de matinê.” (...)

Então houve um jornal que veiculou um editorial intitulado “Um Homem que Precisa da Força”. “John Reed,” ele dizia, “disse ao comitê do Senado que investiga o Bolchevismo que ele era um firme defensor da revolução nos Estados Unidos... Se não há nenhuma lei para lidar com um caso desse tipo, deveria ser feita uma rapidamente. Se um homem deve ser enforcado por instigar outro a assassinato, ele certamente deveria ser enforcado por instigar milhares de homens a matarem outros milhares. (...) Uma lei deveria ser aprovada imediatamente contra tais declarações feiras descaradamente por este homem, Reed, e então o quanto antes deveriam ser feitos dez mil enforcamentos.” Tradução minha).

unselfish purpose for little or nothing are incomprehensible to persons who never work for nothing and can be hired to work for anything.”²⁸⁷

Reed era atacado por todos os lados por sua adesão aos Bolcheviques, com ferocidade redobrada em relação aos tempos de sua oposição à guerra. Quando, em fevereiro de 1919, foi levado a julgamento sob as acusações de desordem, agressão e saque, o Partido Socialista se recusou a apoiá-lo porque ele era “Bolchevique” e o abandonou à sua própria sorte.²⁸⁸ Todas estas perseguições, no entanto, não se justificavam pela ameaça que Reed representava na época: foi a publicação de *Ten Days...* em março, que levou Reed a se tornar, de fato, um “perigo Bolchevique” nacional e internacional. O livro, evidentemente, foi duramente criticado pela imprensa burguesa. Mas o tipo de sucesso que Reed almejava não era mais o mesmo de alguns anos atrás:

(...) from all over the country came the only kind of praise that counted. Scores of Wobblies [membros da IWW] wrote him from Leavenworth and other penitentiaries, telling him that this was the real thing. (...) A radical bookseller in Colorado packed a hundred copies from mining camp to mining camp, and sold them all. Wherever Reed spoke to radical groups, he found that *Ten Days* was regarded as a kind of handbook of revolution. What did he care if Charles Edward Russell damned it in the *New York Times*? Passed from hand to hand, and read till the pages fell apart, the book was what he had wanted it to be – a weapon. (...) it would not be easy to compute the

²⁸⁷ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 338-339. “Minha única reclamação contra vocês e outros agentes remunerados da classe capitalista, (...) não é que vocês se opõem ao Bolchevismo, mas que deliberadamente o pervertem e suprimem a verdade sobre ele e sobre o que está ocorrendo na Rússia. Está tudo muito bem em dizer que Bolchevismo significa matança indiscriminada, socialização das mulheres, roubos irrestritos e então dizer que eu defendo isso. Está muito bem dizer que os Bolcheviques são anarquistas (ainda que a anarquia na Rússia e na América seja abertamente oposta ao estado proletário fortemente centralizado que se construiu na Rússia), e então chamar a nós, que defendemos o Bolchevismo, de anarquistas. Isso, é claro, é um método muito conveniente de fazer uma propaganda sinistra em benefício dos interesses implacáveis que levaram o mundo a uma guerra que custou mais de sete milhões de vidas, e que enriqueceram alguns com este dinheiro banhado em sangue. Mas isso não é a verdade – e vocês sabem que não é a verdade.” (...) “Não há nenhum ganho em dinheiro,” ele disse, “quando se fala para públicos de trabalhadores, ou se escreve em jornais de trabalhadores, que são os únicos abertos a qualquer defesa da verdade sobre a Rússia Soviética. Todas as pessoas que trabalham por um propósito altruísta recebendo pouco ou nada são incompreensíveis para as pessoas que nunca trabalham de graça e podem ser contratadas para trabalhar para qualquer coisa. (tradução minha).”

²⁸⁸ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 339.

number of persons whose interest in Communism dates from the reading of *Ten Days That Shook the World*.²⁸⁹

Seu livro era uma arma poderosa: no ano de sua publicação teve três edições nos EUA. Reed continuou sendo perseguido pela polícia, pelo governo, pelos socialistas “moderados” de seu país; até o dia em que morreu. Então, as táticas se dividiram: houve os que continuaram difamando Reed; mas houve os que tentaram “canonizá-lo”, nas palavras de Lenin. E, não sendo possível ocultar uma obra cuja repercussão tenha sido tão grande quanto a que teve *Ten Days*, esta foi a principal tática adotada por seus inimigos – neutralizá-la como arma revolucionária.

Estes, assim como quando estava vivo, eram os que desejavam esconder a verdade sobre a revolução; a começar pelos que desejavam usurpá-la: a burocracia stalinista. Quando Reed morre, Louise Bryiant cede os direitos autorais de *Ten Days* ao Partido Comunista inglês, que o publica em 1926. O processo de burocratização do estado soviético – desencadeado pelo isolamento da revolução na Rússia após a derrota de importantes processos revolucionários, como os da Alemanha em 1919 e 1923, e que impõe à Rússia um profundo refluxo político na classe trabalhadora e uma grande miséria material – se consolida com bastante peso após a morte de Lenin em 1924. Neste momento, virtualmente todas as posições estão asseguradas pela camarilha de arrivistas e burocratas sob a liderança de Joseph Stalin. A partir daí, um processo de “expurgo” de membros partidários e de “revisão” historiográfica começa a ser efetivado. O livro de Reed, uma arma na mão dos trabalhadores, é também um perigo para os burocratas. Sua publicação é banida da URSS em 1930, após onze edições esgotadas, e, quando é permitida novamente, apenas em 1957, passa a ser acompanhado de um posfácio “explicativo”.

Toda a “explicação” deste posfácio consiste em tentar desdizer tudo o que o livro de Reed atesta, procurando reafirmar as falsificações históricas do stalinismo. Elas

²⁸⁹ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936, p. 341. (...) de todo o país veio o único reconhecimento que importava. Dezenas de Wooblies [membros da IWW] escreviam para ele de Leavenworth e outras penitenciárias dizendo que aquilo era o que importava. (...) Um vendedor de livros radical em Colorado empacotou cem cópias e andou de um a outro campo de mineração, e vendeu todos. Onde quer que Reed falasse a grupos radicais, ele descobria que *Dez dias* era reconhecido como um tipo de manual da revolução. O que importava se Charles Edward Russell o amaldiçoava no *New York Times*? Passado de mão em mão, e lido até que as páginas caíssem, o livro era o que ele queria que fosse – uma arma. (...) não seria fácil calcular o número de pessoas cujo interesse pelo comunismo remonta à sua leitura de *Dez dias que abalaram o mundo*. (tradução minha).

têm um alvo preciso: Leon Trotsky. A burocracia stalinista foi responsável pelo assassinato de praticamente todos os membros do Comitê Central à época da revolução, excetuando Alexandra Kolontai que manteve-se resignada ao posto de embaixadora na Itália. Trotsky, tendo sido quem organizou a oposição mais contundente ao stalinismo desde 1923, passou a ser o principal alvo da campanha de calúnias e difamações empregada pela burocracia, até que esta conseguisse assassiná-lo do outro lado do mundo, no México, em 1940.

Contudo, falsificar o papel histórico de Trotsky no relato de Reed constitui uma difícil tarefa: ele é provavelmente o bolchevique que mais aparece no livro, cumprindo um papel dirigente nas mais distintas tarefas e representando o personagem mais próximo de Lenin. Para tentar “desdizer” tudo o que o livro diz, este posfácio falsifica fatos, procura colocar Trotsky ao lado dos dirigentes que se opuseram à insurreição, procura destituí-lo do papel político-militar fundamental que ocupou na articulação do Comitê Militar Revolucionário como presidente do Soviete de Petrogrado. Para isto, o posfácio procura mesclar falsificações escancaradas, como esta: “Lênin denunciava os que – e Trótski estava entre eles – eram ‘pela espera do Congresso dos Sovietes, contra a tomada imediata do poder’”²⁹⁰, a citações fora de lugar que “comprovam” a teoria “derrotista” de Trotsky sobre a inviabilidade do socialismo em um só país. Os malabarismos que os escritores do posfácio tentam fazer para distorcer tudo o que as páginas de Reed atestam com precisão, chega a ser cômico. Procurando garantir que Reed não o fez por mal (afinal, era impossível acusá-lo de “trotskismo” como faziam a qualquer opositor, já que Reed havia morrido antes que se inventasse tal “acusação”), o posfácio afirma que:

Em virtude das condições em que John Reed teve que trabalhar para recolher e interpretar documentos destinados ao seu livro, não pôde estudar de forma suficientemente concreta e verídica a atividade dos centros bolcheviques do partido durante a preparação da insurreição e durante a própria insurreição, pois essa atividade do Partido Bolchevique e de Lenin, até a vitória da insurreição, foi clandestina. Essa a razão pela qual é natural que a luta encarniçada travada por Lenin e seus companheiros contra os capitulacionistas e contra a linha tática de Trótski não se reflita suficientemente no livro de Reed, e essa a razão por que ele não pôde discernir as contradições que se manifestavam nas intervenções de Trótski

²⁹⁰ REED, *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro, S/D. p. 18.

nos primeiros dias da Revolução de Outubro. (...) Tais insuficiências, bem como outras imprecisões que existem no livro de John Reed, entretanto, têm apenas um caráter parcial, e não influem na apreciação da obra, considerada um documento literário notável pelo seu valor, expondo a verdade sobre a grande Revolução Socialista de Outubro.²⁹¹

Basta, no entanto, que se leia o próprio livro de Reed para que todas estas confusões que forçosamente se tentou fazer se dissipem. É interessante notar que o livro só volta a ser editado quatro anos após a morte de Stalin, quando o novo secretário geral do partido, Nikita Krushev, sem mudar em absolutamente nada a postura burocrática de seu antecessor, tenta desvencilhar-se de sua imagem colocando a público os crimes de Stálin. Antes, seria impossível publicar o livro, pois mesmo com todos este palavrório não se poderia ocultar que o nome de Stalin aparece apenas uma duas vezes no livro: na lista de Comissários do Povo – em que ele ocupou o lugar de Comissário do Povo para as nacionalidades – e na assinatura de um decreto de seu comissariado. Além do próprio livro de Reed, o melhor documento para desmentir sem complicações a longa embromação falsificadora deste posfácio é o prefácio assinado pelo próprio Lenin, que em um curto e simples parágrafo assina embaixo do relato de Reed sem lhe fazer absolutamente nenhuma correção e recomendando sua leitura para todos os trabalhadores do mundo. No Brasil, infelizmente, a Editora Círculo do Livro não apenas publicou o livro com a o posfácio como introdução, como também retirou de sua edição as quase cem páginas de apêndices agregadas por Reed. Apenas recentemente, com as edições da Ediouro e da Penguin, pode-se ter uma edição integral do livro. Ainda assim – não sabemos por qual motivo – mantiveram as notas (p. 97 e p. 126 na edição americana; p. 143 e p. 184 na edição brasileira) agregadas pelo Partido Comunista Britânico sobre uma suposta “inexatidão” da posição de Kamenev e da posição de Lenin sobre o governo – ambas contém informações falsas ditadas pelos interesses da burocracia soviética. A edição que consultamos para as citações, da Modern Library, não contém a primeira nota, mas a segunda, sim (p. 695). As notas ainda fazem referência a um livro chamado “The Errors of Trotskyism”, o qual, como já afirmamos, sequer existia quando Reed estava vivo.

As falsificações e deturpações referentes a Reed e sua obra feitas nos países ditos “democráticos”, no entanto, são muito superiores pois são mais sutis do que as

²⁹¹REED, *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro, S/D, p. 22.

grosseiras mentiras dos stalinistas de segunda colheita. Quando a Penguin Books decide publicar o livro em 1964, a introdução que encomendou a A. J. P. Taylor é submetida ao Partido Comunista britânico, que ainda estava em posse dos direitos autorais. Completamente censurada, a editora decide publicar o livro sem introdução alguma. Apenas recentemente, quando os direitos autorais expiraram, a introdução de A. J. P. Taylor foi publicada, acompanhada de nota explicativa quanto à sua censura prévia. Esta introdução é, tal como a do Partido Comunista da Britânico, elogiosa ao livro de Reed; diferente daquela, no entanto, contém uma série de informações verdadeiras e complementares ao que se encontra no livro, como, por exemplo, a de que o Comitê Central do Partido Bolchevique, após a revolução em março e antes da chegada de Lenin em abril, defendeu o apoio ao governo provisório. O nome de Stalin é destacado por Taylor nesta política, o que por si só já explica a censura imposta à sua introdução.

Às muitas informações precisas que Taylor oferece ao leitor, no entanto, se agregam falsificações importantes, cuja credibilidade é aumentada justamente por serem acompanhadas de informações facilmente verificáveis. A primeira delas é quanto a um suposto isolamento permanente de Lenin no Comitê Central em sua defesa da insurreição, ou seja, uma excessiva simplificação da luta política que se desenvolveu. Se é fato que havia um setor obstinadamente resistente à tomada do poder por um golpe de força, mesmo quando a situação já mostrava que os Bolcheviques eram uma força política hegemônica não apenas entre o proletariado e a guarda das principais cidades, mas mesmo entre os principais regimentos, é, contudo, falso e omite diversas informações relevantes o que afirma Taylor na seguinte passagem:

On 28 September the central committee of the Bolshevik party met. Lenin, still in Finland, sent a 'Letter from Afar'. He wrote: 'We should at once begin the practical details of a second revolution'. The Bolshevik leaders, who lately boasted of their revolutionary prowess – Trotsky, Stalin, Zinoviev, Buharin – were horrified. They resolve unanimously that every copy of Lenin's letter should be destroyed. One survived by chance.²⁹²

²⁹² REED, John. *Ten Days That Shook the World*. London: Penguin, 1977. Em 28 de setembro, o comitê central do partido bolchevique se reuniu. Lênin, ainda na Finlândia, enviou uma “Carta de Afar”. Ele dizia: “Deveríamos de uma vez por todas começar a planejar os detalhes práticos de uma segunda revolução”. Os dirigentes bolcheviques, que tempos depois ostentariam sua intrepidez revolucionária – Trótski, Stalin, Zinoviev, Burkarin – mostraram-se horrorizados com isso. Decidiram por unanimidade, destruir todas as cartas de Lênin. Por sorte, uma delas sobreviveu. P. 18.

Trotsky, que conta em detalhes os movimentos que Lenin fez no sentido de combater a oposição interna do partido à política de efetivar imediatamente a insurreição, descreve não apenas esta reunião (a qual, Taylor não explica, ocorreu durante a Conferência Democrática que foi responsável por constituir a última versão do governo provisório de coligação entre Mencheviques, Socialistas Revolucionários e Cadetes), mas também como se originou a versão na qual Taylor se baseia a partir de um relato de Bukharin de 1921:

Da palavra, é necessário passar aos atos. Na Conferência democrática nosso partido, agora, tem realmente o seu Congresso e esse Congresso deve resolver (queira ou não) o destino da Revolução. “Só é possível conceber uma única solução: a insurreição armada.” Nessa primeira carta sobre o levante, Lenine só apõe uma reserva. “A questão está colocada não quanto ao ‘dia’ do levante, mas quanto ao ‘momento’, no sentido limitado do termo. Isso só pode ser decidido através da palavra de quantos estão em contato direto com os operários e soldados, com as massas.” Entretanto, dois ou três dias mais tarde (as cartas não eram datadas, via de regra, não por esquecimento mas devido às razões conspirativas), Lenine, sob a impressão evidente da decomposição da Conferência democrática, insiste na necessidade de passagem imediata para a ação e formula, ao mesmo tempo, um plano prático.

(...) A questão da data não está mais na dependência da “palavra em comum de quantos mantenham contato com as massas”. Lenine propõe agir imediatamente: sair com um ultimato do teatro Alexandra [onde ocorria a Conferência] para a ele voltar à frente das massas armadas. (...)

Se a insurreição porém, derivava, irresistivelmente, da nova coligação [entre Cadetes, Mencheviques e SR], Lenine, pela rapidez da manobra, tomou de imprevisito até mesmo as cúpulas do seu partido. Agrupar, segundo sua carta, a fração bolchevista à Conferência, mesmo “sem procurar número”, era evidentemente impossível. O estado de espírito da fração era tal que, por setenta votos contra cinquenta, negou o boicote do Pré-Parlamento, isto é, o primeiro passo para a insurreição. Mesmo no Comitê Central o plano de Lenine não encontrou apoio. Quatro anos mais tarde, numa reunião consagrada às recordações, Bukharin, com os exageros e as pilhérias que o caracterizavam, narrou, de maneira certa, no fundo, o seguinte episódio: “A carta de Lenine foi escrita com excesso de violência e ameaçava-nos com todas as espécies de castigos! Ficamos estomagados. Ninguém, até então, colocara a questão com tanta violência... Inicialmente ficamos todos em

dúvida. Depois de consultarmos-nos, decidimos. Foi talvez o único caso na história do partido que o Comitê Central resolveu, por unanimidade, queimar a carta de Lenine... (...)

Devido a certas considerações de razão conspirativa, a incineração de muitas cópias da carta perigosa foi realmente decidida não por unanimidade mas por seis votos contra quatro e seis abstenções. Um exemplar, felizmente para a história, foi conservado. O que há de verdade no que disse Bukharin é o fato de todos os membros do Comitê Central embora por motivos diversos, terem, vetado a proposta: uns, porque se opunham, de um modo geral, à insurreição, outros, por acharem que o momento em que se realizava a Conferência era o menos favorável, o restante, porque hesitava e se mantinha na expectativa.²⁹³

A extensão desta citação se justifica para esclarecer a confusão deliberadamente criada por Taylor na sua apresentação dos fatos. Ele cita Trotsky como sendo o único dirigente da revolução que escreveu sua história e, nitidamente, apoia-se nesta para apontar datas e fatos com precisão (o que leva a que o Partido Comunista Britânico levante uma série de objeções quanto a seus “erros trotskistas”). Contudo, ao citar a primeira carta de Lenin sobre o levante, coloca Trotsky junto a Zinoviev e Kamenev como “horrorizado”. A intenção de Taylor aqui é, nitidamente, ao simplificar a complexa disputa que se desenvolve entre os dois pólos do Comitê Central acerca da questão da insurreição – à direita, Kamenev e Zinoviev, resolutos adversários da insurreição; à esquerda, Lenin, que lutava para que se efetivasse imediatamente – aproximar as posições de Trotsky, Stalin e Kamenev, quando estas são completamente distintas. Aqui, se cria uma névoa sobre os fatos que prepara, principalmente, a tentativa de minar a credibilidade de Reed e, colateralmente, também de Trotsky e do partido Bolchevique.

Taylor aponta um erro factual do autor: “Reed describes yet another meeting at Smolny on 3 November, with Lenin fixing the rising for 7 November, when the second All-Russian Congress of Soviets was to meet. For once, Reed’s imagination carried him away. There was no such meeting.”²⁹⁴ De fato, tal reunião não ocorreu; da mesma forma, a reunião do dia 23 de setembro descrita por Reed não se deu da forma como é

²⁹³ TROTSKY. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977. P. 814-815.

²⁹⁴ REED, John. *Ten Days That Shook the World*. London: Penguin, 1977. P. xiv. Reed relata uma outra reunião no Smolny, em 3 de novembro, em que Lênin fixava o dia 7 de Novembro para a ação, data em que estava marcada a realização do II Congresso Pan-Russo dos Sovietes. Nesse caso, a imaginação de Reed levou-o longe demais. Essa reunião de 3 de novembro, nunca existiu. P. 19

apresentada no livro – ele mistura esta reunião, que ocorreu com doze membros dentre os vinte e um que compunham o Comitê Central, com a reunião que ocorreu no dia 29 “com os representantes das principais seções de militantes da capital” ²⁹⁵. Evidentemente Reed não tinha como ter acesso às reuniões internas do Comitê Central Bolchevique, o que o leva às imprecisões factuais. Contudo, a essência do debate político que se desenvolvia no seio do partido se mostra irrepreensível: na reunião de 23 de setembro descrita por Reed, teria sido um dirigente regional operário do partido que teria apoiado Lenin na decisão da insurreição, e, apoiando-se neste elemento de base, teria sido possível ao dirigente convencer o hesitante Comitê Central. Foi este o tom do movimento político que se desenvolveu ao longo de setembro e outubro. Como sintetiza Trotsky:

Por mais considerável que tenha sido, nos últimos anos, o trabalho destinado a dissimular tais fatos, independentemente dos arquivos secretos, inacessíveis atualmente ao estudioso, existem, nos jornais da época, nas memórias, nas revistas históricas, grande número de testemunhos que provam o quanto o próprio aparelho do partido, o mais revolucionário, opôs, nas vésperas da insurreição, uma grande força de resistência. É que na burocracia instala-se, inevitavelmente, o espírito conservador. O aparelho só pode exercer a função revolucionária enquanto permanece como um instrumento a serviço do partido, quer dizer, subordinado a uma ideia e controlado pela massa. ²⁹⁶

O operário que se rebela contra o Comitê Central representa aqui, como diversos indivíduos nas páginas de Reed, uma metonímia de sua classe, das bases do partido Bolchevique cujo desejo é superar o obstáculo que vê no governo provisório em relação às suas demandas.

Quanto à reunião que Reed descreve no dia 3 de novembro, na qual Lenin defende um dia para a insurreição, ela, ainda que não tenha ocorrido, é também a representação de um ponto nevrálgico do conflito que se desenvolvia: muitos dos dirigentes concordavam formalmente com a resolução sobre a insurreição com o intuito de postergá-la indefinidamente, como aponta Trotsky. Ele dá, entre outros, o exemplo de Kalinin:

²⁹⁵ TROTSKY. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p. 834.

²⁹⁶ TROTSKY. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977, p. 831.

Numa sessão do Comitê de Petrogrado, no dia 15 [28 de outubro – calendário ocidental], Kalinin dizia: “A resolução do Comitê Central é a melhor de quantas ele já adotou... Chegamos, praticamente, à insurreição armada. Quando, porém, será isso possível? Talvez dentro de um ano – não se sabe.” Um “acordo” desse tipo, com o Comitê Central, um dos mais característicos para Kalinin, não era peculiar apenas a ele. Inúmeros foram os que aderiram à resolução a fim de se garantirem na luta que empreenderiam contra o levante.²⁹⁷

Assim, Reed descreve essas cenas não da maneira como ocorreram – pois não tinha como saber os detalhes das reuniões –, mas sem deixar de apreender a essência de seu desenvolvimento político. Isto era a sua forma de compor, como denota este diálogo com seu parceiro Boardman Robinson, que ilustrou seu livro *The War in Eastern Europe* (A Guerra dos Bálcãs):

He wrote down his impressions in his room in the Athenée Palace Hotel, while Robinson worked in the adjoining room at his sketches. At intervals they would examine each other's work. Often Robinson would say, “But it didn't happen that way.” Reed would explode. Crying, “What the hell difference does it make?” he would seize one of Robinson's sketches. “She didn't have a bundle as big as that,” he would say; or, “He didn't have a full beard.” Robinson would explain that he wasn't interested in photographic accuracy; he was trying to give the right impression. “Exactly,” Reed would shout in triumph; “that is just what I am trying to do”²⁹⁸

Podemos afirmar que, neste aspecto, mais uma vez Reed está em contato com a definição Brechtiana de realismo: ele desmascara a dinâmica dos acontecimentos, suas relações causais e o ponto de vista da classe cuja perspectiva pode apontar a uma solução progressista dos conflitos em jogo. O oposto é o que faz Taylor: procurando camuflar-se por trás de uma suposta correção factual do relato de Reed, ele obscurece os

²⁹⁷ TROTSKY. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977. P. 829.

²⁹⁸ HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936. p.196-197. Ele escreveu suas impressões em seu quarto no Athenée Palace Hotel, enquanto Robinson trabalhava em seus desenhos no quarto adjacente. De tempos em tempos eles examinavam o trabalho um do outro. Frequentemente Robinson dizia “Mas não aconteceu desse jeito.” Reed explodia. Gritando, “E que maldita diferença faz?” Ele pegava um dos desenhos de Robinson. “Ela não tinha um pacote tão grande” ele dizia; ou “Ele não tinha uma barba tão cheia.” Robinson explicava que ele não estava interessado na precisão fotográfica; ele estava tentando passar a impressão correta. “Exatamente,” Reed exclamava triunfalmente; “É exatamente isso que eu estou tentando fazer” (Tradução minha).

conflitos políticos corretamente apontados por Reed, procurando fazer valer uma visão liberal e de uma democracia formal, segundo a qual “He [Lenin] was pressing all the time for an immediate seizure of power in the name of the Bolshevik party, not of the Soviet

ts.”, e também de que “The plans were being made by the military revolutionary committee, three obscure men who did not stand high in the party.”²⁹⁹. Ambas as indicações são falsas, e visam legitimar a historiografia liberal que procura separar os soviets dos bolcheviques. As próprias palavras de Reed são o suficiente para demonstrar a falsidade de tais assertivas.

Taylor afirma ainda que:

7 November is the central point of Reed’s narrative. Himself tense and excited, he did not perhaps stress enough the small scale of the dramatic events he recounted. This was not a rising of the masses as the March revolution and the July days had been. It was a conflict between two small groups, neither of which had much taste for fighting.³⁰⁰

E, em seguida, agrega:

No sooner was the power in Soviet hands than it was taken away again. Lenin’s list of Commissars was read out and the delegates were informed that this was the Soviet government. They duly applauded. There was nothing else they could do. In this way Lenin seized power for the Bolshevik party after all, but from the Soviet Congress, not from Kerensky.³⁰¹

²⁹⁹ REED, John. *Ten Days That Shook the World*. London: Penguin, 1977, p. xiv. “Ele (Lênin) pressionava, a todo tempo, pela tomada imediata do poder em nome do partido bolchevique, e não dos soviets” Os planos (...) eram elaborados pelo comitê militar revolucionário, composto por três homens obscuros que não ocupavam posições de destaque no partido. P. 19

³⁰⁰ REED, John. *Ten Days That Shook the World*. London: Penguin, 1977, p. xvi. O dia 7 de novembro constitui o ponto central da narrativa de Reed. Demasiadamente agitado e tenso, ele talvez não tenha percebido o quão diminuta era a dimensão dos dramáticos eventos que relatava. Não se tratava, ali, de um levante de massas, como na revolução de março ou nas jornadas de julho. Tratava-se de um conflito entre dois pequenos grupos, nenhum deles com muita inclinação para luta. P. 21-22.

³⁰¹ REED, John. *Ten Days That Shook the World*. London: Penguin, 1977, p. xvii. mal chegara a suas mãos, esse mesmo poder lhes era novamente retirado: leu-se a lista de nomes dos comissários feita por Lênin, e os delegados foram informados de que aquele seria o governo soviético. Obedientemente, aplaudiram. Não podiam fazer outra coisa. Dessa forma, Lênin transferiu o poder para o partido bolchevique, mas não para as mãos de Kerenski, e, sim, do Congresso dos Soviets. P. 23

Assim, por mais que formalmente se louve a obra de Reed na introdução de A. J. P. Taylor, fica clara sua intenção: não se poderia publicar a obra de Reed sem “corrigí-la” em seus aspectos fundamentais, ou seja, sem tentar desfazer toda a demonstração de que foi a fusão entre a evolução à esquerda dos soviets a partir de sua experiência concreta com a direção de Mencheviques e SRs de março a novembro ao programa e a atuação do partido Bolchevique, que permitiu a tomada do poder em novembro pela democracia operária dos soviets. Dois personagens coletivos que representavam os interesses de uma mesma classe – a classe trabalhadora. Não houve nenhuma “conspiração de personagens incógnitos”, como diz Taylor: o Comitê Militar Revolucionário era um órgão criado e dirigido pelo Soviete de Petrogrado, subordinado a ele politicamente e que respondia permanentemente a seu presidente eleito: Trotsky. Nem tampouco os Bolcheviques “roubaram o poder dos soviets”: as páginas de Reed demonstram nitidamente como se deu a transição do poder, e a ruptura com o Congresso dos Soviets efetivada, uma após a outra, por todas as frações daqueles que Reed chamou de socialistas “moderados”.

Contudo, Taylor não foi o único a tentar esterilizar o potencial revolucionário da obra de Reed em seu próprio país. Aliás, foi talvez o mais ameno nesta tentativa, pois foi criada um verdadeiro mito em torno de Reed a respeito de um suposto arrependimento de sua adesão ao comunismo. Esta versão, apesar de seus muitos adeptos, é incapaz de se sustentar senão pela sua exaustiva repetição que tenta a todo custo apagar todas as provas de sua inconsistência. Consideramos a biografia de John Reed e Louise Bryant escrita por Barbara Gelb, *So Short a Time* (1973), como um referente desta grosseira falsificação histórica. Rosenstone, também biógrafo de Reed, descreveu o livro de Gelb como “Chatty and uncritical, it is dreadfully weak on the historical background, ignores many manuscript sources, and is marred by factual errors.”³⁰²

Os dois últimos capítulos de Gelb são dedicados praticamente inteiros a consolidar o mito do arrependimento de Reed. Sua principal fonte são os relatos de Benjamin Gitlow, um militante comunista contemporâneo a Reed que posteriormente (à época em que forneceu esta “fonte bibliográfica”) tornou-se um raivoso conservador e

³⁰² ROSENSTONE, Robert, op. cit., p. 413. Verborrágico e acrítico, terrivelmente fraco em relação ao pano de fundo histórico, ignora muitas fontes manuscritas e é marcado por erros factuais. (tradução minha).

passou seus últimos anos como um informante pago a serviço do governo americano³⁰³; Gelb também recorre a depoimentos de Angelica Balabanoff e Max Eastman, outros dois militantes que tornaram ferrenhos opositores dos bolcheviques, do marxismo e da URSS. Por fim, há uma última fonte cuja credibilidade é colocada em questão pela própria autora: Emma Goldman, amiga anarquista de Reed que apoiou circunstancialmente a revolução e, após chegar à Rússia ao ser extraditada dos EUA por oposição à guerra, se desilude com o regime bolchevique – claramente bastante distinto de suas posições anarquistas. Para todas estas pessoas, difundir o mito de um John Reed amargurado e arrependido é um ato de militância política contra tudo o que os Bolcheviques – e o próprio Reed – defenderam. Além disso, contam a seu favor a grande vantagem de que Reed, morto de tifo, nunca pode desmentir suas histórias mirabolantes.

Cabe dizer que a biografia de Gelb faz de tudo para reduzir a história de Reed e Bryant a uma trágica história de amor aos moldes de um romance de folhetim. Veremos que será também uma precursora e fará escola nesta tentativa. Seus dois últimos capítulos são o coroamento de uma tentativa de separar, permanentemente, Reed em um homem angustiado por uma divisão: fazer arte ou fazer política. Como esperamos ter demonstrado até aqui, a questão colocada desta forma é uma forma de contradizer o caminho que o próprio Reed traçou em sua curta e intensa carreira literária, contrapondo-se na prática aos seus próprios preconceitos infundidos vigorosamente por todos os seus mentores intelectuais.

Gelb inicia seu relato apoiada em Gitlow procurando transmitir ao leitor a ideia de que o apoio de Reed ao regime bolchevique era superficial graças a um suposto conhecimento escasso e superficial por parte dele quanto à teoria marxista e – incrivelmente – do próprio bolchevismo:

According to Gitlow's later, sober evaluation, Reed was unaware how little his idealistic conception had in common with Bolshevism. "He thought he could build a Bolshevik organization by simple frank discussion without political pressure and regimentation," Gitlow wrote, "thus displaying his ignorance of the essence of Bolshevik organization. He had been too busy watching the stirring events of the Bolshevik Revolution and had no time left to study the form of Bolshevik organization and how it works. When he did

³⁰³ GARDNER, Virginia. *"Friend and Lover". The Life of Louise Bryant*. New York: Horizon Press, 1982, p. 305.

learn how ignorant he had been it was too late. Essentially an artist, Reed refused to reduce life to mechanistic theoretical equations of the Marxists. His heart beat in unison with the heartbeats and aspirations of humanity and he saw and felt with compassion the suffering of the hungry and lowly of the earth.”³⁰⁴

Aqui está presente toda a essência da argumentação desta posição: a tentativa de transformar a adesão militante de Reed ao programa e a estratégia Bolchevique em um vago sentimento cristão de compaixão pelos pobres e sofredores; uma separação dicotômica entre a sensibilidade de um artista que vê a poesia da vida e a incompreensão de uma teoria política marxista supostamente árida e mecânica, que ignora por completo os sentimentos humanos e as necessidades dos indivíduos. Ironicamente, a tentativa é de construir um espantalho de Reed que seja ainda mais ingênuo do que o jovem de vinte e seis anos que escreveu sobre as batalhas de Pancho Villa. Reed, para que se justifique sua adesão ao bolchevismo, deve ser apresentado ao público como um completo ignorante a respeito de sua política – ele, que a relatou magistralmente pela primeira vez ao mundo inteiro.

Gelb se alia a Gitlow no patético do tom profético a respeito do “destino trágico” do “inocente” Reed: “Reed’s innocence, however, was the quality that ultimately undid him. He was doomed from the moment he set foot in Russia.”³⁰⁵ Em seguida, Gelb irá iniciar uma narrativa especulativa e sem nenhum tipo de embasamento concreto que atribui a Reed sentimentos de angústia e desilusão ao autor quando este enfrenta supostas divergências com os bolcheviques. Gelb vai ao ponto de atribuir aos próprios dirigentes do partido a intenção de manipular Reed e impedir seu retorno aos EUA, contribuindo para que este seja preso na Finlândia. Estas conclusões ela deriva, é claro, da imaginação de Gitlow:

³⁰⁴ GELB, Barbara. *So Short a Time*. New York: W. W. Norton & Company Inc., 1973. P. 243. De acordo com a avaliação sóbria feita mais tarde por Gitlow, Reed não estava ciente do quão pouco sua concepção idealista tinha em comum com o Bolchevismo. “Ele achou que poderia construir uma organização Bolchevique por meio de simples discussão franca, sem pressão política e arregimentação,” Gitlow escreveu, “assim, demonstrando ignorância em relação à essência da organização Bolchevique. Ele estivera muito ocupado observando os agitados eventos da Revolução Bolchevique e não tivera tempo para estudar a forma de organização Bolchevique e como ela funcionava. Quando ele compreendeu o quão ignorante havia sido, era tarde demais. Essencialmente um artista, Reed se recusava a reduzir a vida às equações teóricas mecânicas dos Marxistas. Seu coramunidade e ele via e sentia compaixão com o sofrimento dos famintos e excluídos da terra.” (tradução minha).

³⁰⁵ Idem, p. 251. A inocência de Reed, no entanto, foi a qualidade que o destruiu. Ele estava condenado a partir do momento que colocou seus pés na Rússia. (tradução minha).

According to Gitlow, Reed was merely puzzled by his two failures to get out of Russia. “Each time,” Gitlow wrote, “he blamed himself and concluded that he was slipping in his technique of crossing hostile borders. Never did he suspect that perhaps Zinoviev and the Comintern shared some of the responsibility for his failure. (...)”³⁰⁶

A “prova” de Gelb para a traição dos bolcheviques em relação a Reed é um relato de que seu guia o teria entregue às autoridades finlandesas – isso apesar de terem entregue a ele uma grande quantia em dinheiro e diamantes, além de literatura de propaganda e o prefácio de Lenin ao seu livro. Este relato é feito por... Gitlow:

On March 15, before the ship could sail, a search party boarded and Reed was discovered and arrested. He later found out, according to Gitlow, that a Russian sailor, selected by Zinoviev as Reed’s ostensible guide and protector, had betrayed him. Zinoviev apparently preferred to have Reed temporarily detained in Finland, rather than jailed indefinitely in the United States.³⁰⁷

Reed permanece preso na Finlândia por cerca de três meses, sendo liberado em 2 de junho após o governo bolchevique – aquele mesmo que, segundo Gitlow e Gelb, traía Reed – efetivar uma troca de prisioneiros, obtendo Reed com a libertação de dois cientistas finlandeses que haviam sido presos na Rússia por atividades contrarrevolucionárias. De acordo com Hicks: “Lenin was reported as saying he would gladly turn over a whole college faculty if he could get Reed released.”³⁰⁸ Esta informação, Gelb toma o cuidado de omitir, mas se sente bastante à vontade para qualificar como “paranoia de Reed” a informação que ele obtém de seus encarceradores de que estaria sendo mantido preso por ordem do governo americano.³⁰⁹

³⁰⁶ Idem, p. 255. De acordo com Gitlow, Reed estava meramente intrigado com o fracasso de suas duas tentativas em sair da Rússia. “A cada vez”, Gitlow escreveu, “ele culpava a si mesmo e concluía que estava perdendo sua técnica para cruzar fronteiras hostis. Ele nunca suspeitou que talvez Zinoviev e a Comintern pudessem ter alguma responsabilidade nisso”. (tradução minha).

³⁰⁷ Idem, p. 256. Em 15 de março, antes que o navio pudesse partir, um destacamento de busca entrou a bordo e descobriu e prendeu Reed. Mais tarde ele descobriu, de acordo com Gitlow, que um marinheiro russo, selecionado por Zinoviev como pretense guia e protetor, havia o traído. Aparentemente Zinoviev preferia ter Reed temporariamente detido na Finlândia do que encarcerado indefinidamente nos EUA. (tradução minha).

³⁰⁸ HICKS, op. cit., p. 385. Foi dito que Lenin afirmou que alegremente trocava uma faculdade inteira se pudesse libertar Reed. (tradução minha).

³⁰⁹ GELB, op. cit., p.261. Nenhum dos demais biógrafos de Reed que consultamos faz algum tipo de alusão à uma possível “paranoia” de Reed quanto à possibilidade de que sua prisão fosse em comum acordo com o governo dos EUA.

Após o retorno de Reed a Moscou quando é liberado, a teoria de Gitlow e Gelb ganha novas proporções: “Benjamin Gitlow, however, has written that Reed began to be disillusioned about the Bolshevik regime on his return to Moscow.”³¹⁰ E neste ponto Gelb adenda às suas fontes os relatos de Angelica Balabanoff, que, segundo ela mesma, seria a única pessoa na qual Reed confiava (e a partir disso justificaria que ela revelasse opiniões críticas ao governo soviético expressas por Reed das quais não se encontram vestígios em qualquer outro lugar).³¹¹ Esta inexplicável confiança é a única coisa que poderia justificar que na página seguinte a própria Gelb mostre que a carta que Reed envia a sua companheira Louise diga que “It is beautiful here now, and everything is going so well.”³¹² Rosenstone e Hicks são inclusive mais precisos ao relatar as impressões de Reed, citando seu artigo na *Liberator* (a nova revista dirigida por Eastman após o fechamento de *Masses* pela censura) que mostra que Reed não fechava os olhos para as dificuldades que enfrentava o país e seu novo governo: “This does not mean that all is well with Soviet Russia, that the people do not hunger, that there is not misery and disease and desperate, endless struggle.”³¹³ Mas ambos são fiéis em demonstrar que o artigo de Reed é profundamente otimista em relação ao potencial do governo soviético e ao futuro do país:

“And the children! This is a country for children, primarily. In every city, in every village, the children have their own public dining-rooms, where the food is better, and there is more of it, than for grown-ups. Only the Red Army is fed so well. The children pay nothing for their food; they are clothed free of charge by the cities; for them are the schools, the children’s colonies – land-owners’ mansions scattered over the face of Russia; for them are the theatres and concerts – the immense, gorgeous state theatres crowded with children from orchestra to gallery. In their honor Tsarskoe Syelo – the Tsar’s Village, the village of palaces – has been rechristened Dietskoe Syelo, the

³¹⁰ Idem, p. 267. Benjamin Gitlow, no entanto, escreveu que Reed começou a se desiludir com o regime Bolchevique quando retornou a Moscou. (tradução minha).

³¹¹ Idem, *ibidem*.

³¹² Idem, p. 269. Está lindo aqui agora e tudo está indo tão bem. (tradução minha).

³¹³ HICKS, op. cit., p. 388; ROSENSTONE, op. cit., p. 371. Isso não significa que está tudo bem na Rússia Soviética, que as pessoas não passam fome, que não há miséria, doença e uma luta desesperada e sem fim. (tradução minha).

Children's Village; a hundred thousand of them spend the summer there, in relays. The streets are full of happy children.”³¹⁴

E Rosenstone cita também: “In spite of all that has happened, the Revolution lives, burns with a steady flame, licks at the dry inflammable framework of the European capitalist society.”³¹⁵ A despeito destas palavras, Gelb toma como verdade o relato de Gitlow e Balabanoff que afirmam que Reed estava desiludido.

Reed, em seguida, de forma bastante distinta do que se poderia esperar de alguém “desiludido”, participar de forma bastante ativa do segundo Congresso da III Internacional – a Comintern – tomando parte na organização do congresso, recebendo delegações estrangeiras e conversando com delegados americanos anarco-sindicalistas que não eram adeptos do bolchevismo por horas a fio, até convencê-los da necessidade do bolchevismo.³¹⁶ Reed chegou a traduzir para eles palavra a palavra do “Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo”, escrito por Lenin para o congresso mas ainda sem versão em inglês.³¹⁷ Participou em duas comissões indicadas pelo congresso: a de minorias nacionais e a de atividades sindicais. Por fim, Reed tomou lugar no novo Comitê Executivo da Comintern.³¹⁸

Por três semanas após o congresso, Reed se ocupou ativamente nas reuniões do Comitê Executivo e desenvolveu uma intensa luta política contra Zinoviev e Radek acerca de suas posições sobre o movimento sindical nos EUA. A questão fundamental era sua visão divergente sobre a participação dos comunistas na American Federation of Labor (AFL – uma central sindical completamente controlada pela burocracia sindical atrelada aos interesses dos patrões) e sua grande simpatia pela IWW. Em agosto, Reed

³¹⁴ HICKS, op. cit., p.388. parcialmente também em Rosenstone. “E as crianças, este é um país para as crianças, em primeiro lugar. Em cada cidade, em cada vila, as crianças tem seus próprios restaurantes públicos, nos quais a comida é melhor e em maior quantidade do que para os adultos. Só o Exército Vermelho é tão bem alimentado. As crianças não pagam nada por sua comida; elas são vestidas gratuitamente pelos municípios; para elas são as escolas, as colônias infantis – mansões de latifundiários espalhadas por toda a Rússia.; para elas são os teatros e os concertos – os imensos e belos teatros estatais cheios de crianças da orquestra às galerias. Em sua honra Tsarskoye Syelo – a Vila do Tzar, a vila dos palácios – foi rebatizada Dietskoye Syelo, a Vila das Crianças; cem mil delas passam o verão lá, em turnos. As ruas estão cheias de crianças felizes. (tradução minha).

³¹⁵ ROSENSTONE, op. cit., p. 371. Apeas de tudo o que aconteceu, a Revolução vivce, queima sua chama constante, atingindo a moldura seca e inflamável da sociedade capitalista europeia. (tradução minha).

³¹⁶ ROSENSTONE, op. cit., p. 372.

³¹⁷ HICKS, op. cit. p. 389.

³¹⁸ HICKS, op. cit. p. 394.

iria viajar para Baku para o Congresso das Nações Orientais, mesmo ao custo de atrasar seu reencontro com Louise, que estava neste momento a caminho da Rússia. Em relação a todos estes acontecimentos, Gelb apresenta uma visão intencionalmente parcial e distorcida para tentar fomentar sua teoria da desilusão de Reed: a respeito de suas divergências em relação às questões sindicais, por exemplo, Hicks apresenta a opinião do próprio Reed em relatório a seus camaradas nos EUA:

“After a long and bitter fight,” he reported to his comrades at home, “the executive committee made several amendments to their theses, which, although far from satisfactory to the objecting delegates, still made it possible for Communists in America to work for revolutionary industrial unionism and for the destruction of the reactionary American Federation of Labor.” The revised theses did recognize the dual unionism might in some circumstances be necessary, and they recommended the supporting of such revolutionary unions as already existed, but they required Communists to join the regular trade unions and not to leave them unless they were forced to do so. Reed predicted that the next congress would adopt a different policy.³¹⁹

Sobre esta questão, Gelb a sintetiza da seguinte forma: “(...) Reed was elected to the Executive Committee of the Comintern, where, for another three weeks, he continued, unsuccessfully, to press his views of the trade union question.”³²⁰ Apresentamos esta discussão apenas como exemplo de que a autora procura reduzir e simplificar as questões de forma a construir uma imagem bastante manipulada de que Reed estava progressivamente convencido de que não havia nenhum espaço para a democracia no interior da Internacional ou do Partido Bolchevique. Gelb sintetiza isso nas palavras de Balabanoff: “Baku would be a repetition, on a smaller scale, of the Moscow Congress,” she wrote, “and he had already made up his mind that he had nothing in common with the Comintern.”³²¹ Ou seja, de um lado temos um documento

³¹⁹ HICKS, op. cit., p. 395. “Após uma luta longa e acirrada,” ele escreveu aos seus camaradas em casa, “o comitê executivo fez diversas modificações em suas teses, as quais, ainda que longe de satisfazer os delegados opositores, ainda torna possível para os comunistas nos Estados Unidos trabalharem por um sindicalismo industrial revolucionário e pela destruição da reacionária AFL.” As teses revisadas reconheciam que o sindicalismo dual poderia ser necessário em algumas circunstâncias e recomendavam apoiar os sindicatos revolucionários que já existiam, mas elas exigiam que os comunistas se juntassem aos sindicatos tradicionais e não os deixassem a não ser que fossem obrigados a isso. Reed previu que o próximo congresso adotaria uma política diferente. (tradução minha).

³²⁰ GELB, op. cit., p. 271. Reed foi eleito para o Comitê Executivo da Comintern, no qual, por três semanas ele pressionou de forma contínua e sem sucesso por sua visão na questão dos sindicatos. (tradução minha).

³²¹ Idem, p. 273. “Baku seria uma repetição em menor escala do Congresso em Moscou,” ela escreveu, “e ele já havia decidido que não tinha nada em comum com a Comintern.” (tradução minha).

citado por Hicks, escrito de próprio punho por Reed, afirmando que havia conquistado posições no Comitê Executivo e planejando seguir a disputa até o próximo congresso; de outro, temos um depoimento indireto de Balabanoff – ela mesma destituída de seu posto de secretária da Comintern por haver se recusado a participar de um congresso na Turquia³²² - colocando na boca de Reed as palavras de sua própria desilusão. Gelb, não por acaso, toma as palavras de Balabanoff como uma fonte mais fidedigna do que as do próprio Reed.

A versão de Gelb chega ao caricato em sua descrição da viagem do Comitê Executivo para Baku:

The armored train, passing through towns and villages whose inhabitants were starving, was supplied with an ostentatious display of rich food and rare wines. When the train entered the Caucasus, it was boarded by beautiful young prostitutes, bought by the Bolshevik leaders for an unabashed orgy. Reed was appalled, not by the flagrant lust displayed by his travelling companions, but by their cynical and hypocritical employment of the capitalist system of barter.³²³

Quanto a estas orgias, existentes apenas na imaginação de Gelb e de qualquer detrator vulgar dos bolcheviques, a autora simplesmente não cita qualquer tipo de fonte para sua informação. São, no entanto, “informações” provenientes de Gitlow, como podemos ver a partir do excelente levantamento feito por Virginia Gardner a respeito da farsa da “desilusão” de Reed no apêndice de sua biografia de Louise Bryant. Como aponta Gardner, em seu livro *The Whole of Their Lives*, de 1948, Gitlow atribui diversas falsificações semelhante às suas conversas com Louise Bryant, como é o caso desta:

Gitlow (...) in direct quotes claims Bryant revealed that Reed was shocked when “old Mohammedan women boarded the train followed by beautiful Caucasian girls. Some of them were barely fourteen years old. The old women disrobed the girls before the eyes of the delegates. The nude beauties stood before the gaping eyes of those who called themselves communists....

³²² Idem, p. 268.

³²³ Idem, p. 275. O trem blindado, passando por cidades e vilas cujos habitantes estavam morrendo de fome, estava suprido ostensivamente com comida farta e vinhos raros. Quando o trem entrou no Cáucaso, entraram nele jovens e belas prostitutas, pagas pelos líderes Bolcheviques para uma descarada orgia. Reed ficou estarrecido, não pela flagrante luxúria exibida mostrada por seus companheiros de viagem, mas pelo sua forma cínica e hipócrita de utilizarem as formas capitalistas de barganha. (Tradução minha).

What followed turned out to be an orgy of drunken lasciviousness in which Radek was the central figure”³²⁴

Gardner diz que outra biografia de Reed de 1967, *The Lost Revolutionary*, cita esta passagem integralmente. Mas, em suas páginas, os fatos que Gelb relata contradizem sua própria versão. Além de transcrever uma pequena parte de seu discurso entusiasta aos delegados de Baku, o qual a autora classifica como “typical radical-evangelist style”,³²⁵ ela afirma que, após o retorno de Reed a Moscou, ele vai com Louise visitar Lenin, Trotsky, Kamenev e chegava a trabalhar vinte horas por dia.³²⁶ Atitudes no mínimo extravagantes para alguém que não tinha mais “nada em comum” com a Comintern. Em seguida, Gelb cita uma conversa de Reed com Louise sobre sua desilusão. Esta é a única citação de algum momento em que Reed teria falado a sua companheira mais íntima sobre sua desilusão; não por coincidência, esta conversa nunca foi relatada diretamente por Louise, assim como nenhuma outra em que Reed falasse de sua “desilusão”. A conversa íntima entre Reed e Louise foi obtida por Gelb a partir do relato de... Gitlow!

Reed also told Louise of his disenchantment; (...) “Jack noticed how power and the lust for power affected the Bolshevik leaders,” Louise later told Benjamin Gitlow. “After his return from Baku he spent a lot of time talking about his experiences and disappointments. He was terribly afraid of having made a serious mistake in his interpretation of na historical event for which he would be held accountable before the judgement of history. (...) He blamed himself for becoming a political; he was not cut out for one.”³²⁷

Gelb segue nesta linha, apoiando-se sempre nos relatos indiretos de pessoas que se desiludiram com o comunismo e o bolchevismo, e que através de suas palavras – e

³²⁴ GARDNER, op. cit., p. 305. Gitlow (...) em citações diretas alega que Bryant revelou que Reed havia ficado chocado quando “velhas mulheres Mohammed embarcaram no trem seguidas por belas garotas caucasianas. Algumas delas mal tinham catorze anos. As mulheres velhas desnudaram as garotas diante dos olhos dos delegados. As beldades nuas permaneceram diante dos olhos escancarados daqueles que se diziam comunistas... O que se seguiu foi uma orgia de devassidão embriagada na qual Radek foi a figura central.” (Tradução minha).

³²⁵ Idem, p. 274. Estilo tipicamente radical-evangélico.

³²⁶ Idem, p. 276.

³²⁷ Idem, p. 276. Reed também falou a Louise de sua desilusão; (...) “Jack notou o quanto o poder e a ambição haviam afetado os líderes Bolcheviques,” disse Louise mais tarde a Benjamin Gitlow. “Depois de seu retorno de Baku ele passou muito tempo falando sobre suas experiências e decepções. Ele estava com muito medo de ter cometido um sério erro em sua interpretação de um evento histórico pelo qual ele seria julgado responsável diante dos olhos da história. (...) Ele se culpava por haver se tornado um político; ele não era moldado para isso.” (tradução minha).

nunca as de Reed – são capazes de afirmar profeticamente que se Reed não tivesse morrido de tifo ele teria certamente seguido um caminho exatamente igual ao deles e se tornado um ferrenho opositor da revolução, do regime soviético, do comunismo. Não há nenhum fato que esteja do lado desta versão “futurológica” da vida de Reed, mas para eles é fundamental tentar criar esta versão. Gardner demonstra em sua investigação bibliográfica desta versão como todos os apoiadores desta versão se contradizem por diversas vezes.

A biografia de Gelb, contudo, está longe de ser a versão mais célebre da teoria do arrependimento de Reed. Em 1981 a sociedade americana premiou o filme “Reds”, de Warren Beatty, por seu esforço de levar ao grande público tal teoria, indicando o filme em nove categorias e concedendo-lhe três Oscars por consagrar nas telas a estapafúrdia versão de Gelb, Gitlow, Eastman, Balabanoff e Goldman. Tal como o livro de Gelb, o centro do filme é o romance entre Reed e Bryant – o que mais se poderia esperar de um *blockbuster* com o tema da revolução russa? A última meia hora do filme é dedicada a consagrar tal versão. O filme é a tal ponto anticomunista que até mesmo o republicano Ronald Reagan, então presidente, convidou Reed para assistirem juntos na Casa Branca³²⁸. O filme, tentando talvez tornar mais factível a versão do arrependimento de Reed, não a coloca em sua boca, mas em suas atitudes de reserva e atritos com o regime, representado no filme por Zinoviev, presidente da Comintern.

Curiosamente, um dos diversos testemunhos de contemporâneos a Reed inclusos no filme fala justamente sobre a teoria do arrependimento do autor: “some of these intellectuals spread rumors that he’d changed his mind afterwards, just to show that he’d come to his senses. It’s preposterous.”³²⁹ O filme adenda seus próprios fatos inventados à teoria: que os discursos de Reed teriam sido traduzidos erroneamente de forma propositada por Zinoviev, por exemplo, fazendo com que o discurso de Reed que falava em “guerra de classes” em Baku fosse alterado para “guerra santa”.

Desenvolvemos aqui todas estas tentativas, vindas de distintas fontes e feitas de formas variadas, de tentar subverter a defesa de Reed da revolução bolchevique, para

³²⁸ http://www.imdb.com/title/tt0082979/trivia?ref=tt_trv_trv

³²⁹ REDS, 1981. 2:50. Alguns desses intelectuais espalharam rumores de que ele havia se arrependido depois, apenas para mostrar que ele teria “caído em si.”. É absurdo. (tradução minha).

ilustrar fundamentalmente duas questões: em primeiro lugar, que estas tentativas têm um ponto essencial, que é o de procurar separar em Reed o “artista” do “político”. Como afirmou Hicks, quando Reed morreu, “There were many who talked about wasted talent, and some whose pat phrases concealed relief.”³³⁰ Assim, de acordo com tais versões, Reed desperdiçou seu talento com um assunto que não era digno de sua grandeza: a defesa da revolução bolchevique. A segunda questão é demonstrar que, tamanho esforço é empregado para criar um mito que subverta o intento de Reed, não deixa de ser um tributo “ao avesso” à sua obra: mostra que ela é vigorosa, convincente, e que é necessário combatê-la e falsificar a posição de seu autor, pois não é possível apenas ignorá-la.

O sentido da obra de Reed é justamente o oposto do que procuram lhe atribuir seus detratores: onde eles procuram separar o artístico do político, o mérito de Reed foi fundi-los. Sua obra foi o resultado de uma vida vivida em um momento histórico de transição entre duas épocas, e a sua realização foi um tipo de literatura novo, capaz de superar a divisão consagrada entre a propaganda política e a literatura. Se, conforme afirma Theodor Adorno, a “forma é conteúdo social sedimentado”, Reed, em *Ten Days...* foi o autor capaz de sedimentar o conteúdo social da revolução bolchevique em uma forma nova de narrar, de escrever, e a tentativa de separar a sua posição política de sua criação artística consiste numa operação ideológica que procura tirar de sua obra aquilo que ela possui de mais artístico, que é, simultaneamente, o que ela possui de mais político. A tentativa é de convencer o leitor de Reed, grosso modo, do seguinte raciocínio: “Eis aqui um grande artista, desfrute sua obra, contanto que não se leve a sério seu conteúdo; aproveite suas belas descrições, mas não dê ouvidos a suas apreciações políticas; veja a riqueza e as cores com as quais é capaz de construir suas personagens, mas saiba que ele era ingênuo e não compreendia a causa que defendeu ardorosamente em suas páginas.”

Reed não foi um homem “dividido” entre a arte e a política. Ele foi alguém que viveu em sua época de guerras e revoluções, e cuja experiência de vida levou-o a desejar fazer de sua escrita uma ferramenta a serviço da emancipação humana, que em sua visão se expressava na luta da classe trabalhadora internacionalmente. Desde sua

³³⁰ HICKS, op. cit., p. 401. Havia muitos que falavam de talento desperdiçado, e alguns cujas frases de consolo escondiam o alívio. (tradução minha).

montagem do pageant de Paterson, em 1913, mostrou que sua disposição era a de avançar – como o fez nos anos seguintes – no caminho de elaborar uma síntese artístico-política capaz de expressar esta luta. Viveu e deu a vida em nome de sua arte, e fez sua arte em nome da revolução socialista. Sua vida, tragicamente ceifada tão prematuramente, interrompeu a evolução de uma obra autenticamente revolucionária, que era a expressão artística de uma nova época da humanidade. Todas as derrotas e dificuldades posteriores foram incapazes de apagar a marca que aquele momento deixou como herança para as futuras gerações na luta pela emancipação humana, e a literatura de Reed permanece viva como uma das mais importantes contribuições artístico-políticas desta época, como um legado a ser apropriado pelas novas gerações no caminho de uma nova arte em um mundo novo.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2003.

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A Revolução Mexicana*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.

BRECHT, Bertolt. *Diário de Trabalho. Volume I (1938-1941)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. Against Georg Lukács. in: *New Left Review* 84. 1974. Disponível em: <http://newleftreview.org/I/84> (Acessado em: 20/02/2013).

_____. *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora 34, 2000.

BRYANT, Louise. *Six Red Months in Russia*. Portland: Powell's Press, 2002.

CANNON, James P. *A história do trotskismo norte-americano*. Brasília/ São Paulo: Centelha Cultural/ Iskra, 2013.

CHEUSE, Alan. *The Bohemians*. Cambridge: Apple-wood Books Inc., 1982.

COSTA, Iná Camargo. *Panorama do Rio Vermelho*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

DEARBORNE, Mary V. *Queen of Bohemia. The Life of Louise Bryant*. Boston/ New York: Houghton Mifflin Company, 1996.

DENNING, Michael. *The Cultural Front*. London: Verso, 1996.

EAGLETON, Terry. *Literary Criticism: An Introduction*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.

_____. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *The Ideology of the Aesthetic*. Oxford: Blackwell, 1990.

_____. *Marxismo e Crítica Literária*. São Paulo: UNESP, 2011.

FIGES, Orlando. *A Tragédia de um Povo. A Revolução Russa. 1891-1924*. São Paulo: Record, 1999.

GARDNER, Virginia. "Friend and Lover". *The life of Louise Bryant*. New York: Horizon Press, 1982.

GELB, Barbara. *So Short a Time*. New York: W.W. Norton & Company, 1973.

HEGEL, G. W. F. The Master-Slave Dialectic; Lectures on Fine Art, in: *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. New York/London: W.W. Norton & Company, 2010.

HICKS, Granville; STUART, John. *John Reed: The Making of a Revolutionary*. New York: The Macmillan Company, 1936.

HOVEY, Tamara. *John Reed: Witness to Revolution*. Los Angeles: George Sand Books, 1975.

INTERNET MOVIE DATA BASE.

LENIN, V.I. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. *Lenin on Literature and Art*. Wildside Press LLC, 2008. Disponível em:
http://books.google.com.br/books?id=7fFTstZGccQC&printsec=frontcover&source=gb_s_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. (Acessado em: 10/12/2012).

LEHMAN, Daniel W. *John Reed & the Writing of Revolution*. Athens: Ohio University Press, 2002.

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34 / Duas Cidades, 2000.

MARX, K. O Método da Economia Política, in: *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Disponível em:
<http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/concriteconpoli/introducao.htm>.
 (Acessado em: 05/10/2012).

_____. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. Lisboa: 1973, Editorial Estampa.

_____. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, F. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. Disponível em:
<http://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/cap1.htm>
 (Acessado em: 15/12/2012).

_____. *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. New York/London: W.W. Norton & Company, 2010.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. *Poemas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

OPRINARI, Pablo L. et al. *México en Llamas (1910-1917). Interpretaciones marxistas de la Revolución*. México: Armas de la Crítica, 2010.

REDS. Produção, direção e roteiro de Warren Beatty. 1981.

REED, John. *A Filha da Revolução*. São Paulo: Conrad, 2000.

_____. *Eu vi um novo mundo nascer*. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. *Ten days that shook the world*. New York: Penguin, 2010.

_____. *México Insurgente*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. Os Sovietes em Ação, in: *A Revolução de Outubro*. São Paulo: Iskra/Boitempo, 2007.

_____. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro, S/D.

_____. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

_____. *Dez Dias que Abalaram o Mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. *The Collected Works of John Reed*. New York: Modern Library, 1995.

_____. WILSON, James C. (org) *John Reed for The Masses*. Jefferson: McFarland & Company, 1987.

ROSENSTONE, Robert A. *Romantic Revolutionary. A Biography of John Reed*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

SCHNAIDERMAN, Boris (org.) *A Poética de Maiakóvski*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

SERGE, Victor. *O Ano I da Revolução Russa*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SHEA, George William. *Spoiled Silk. The Red Mayor & The Great Paterson Textile Strike*. New York: Fordham University Press, 2001.

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *Escritos Filosóficos*. Buenos Aires: CEIP León Trotsky, 2004.

_____. *O que é a Revolução Permanente? Teses Fundamentais*. 1930.
Disponível em: <http://www.ler-qi.org/O-que-e-a-revolucao-permanente> (Acessado em 01/07/2013).

_____. *Minha Vida*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

_____. *La Teoría de la Revolución Permanente*. Buenos Aires: Ediciones IPS, 2011.

_____. BRETON, A. *Por uma Arte Revolucionária e Independente*. São Paulo, Paz e Terra, 1985.

WIKIPEDIA.

WILLIAMS, Raymond. *Literature and Marxism*. London and New York: Oxford University Press, 1977.

YOUTUBE.

ZIZEK, Slavoj. *Às Portas da Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2005.